



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RIZAILDE TRINDADE LAURENTINO

**A MINHA PEDAGOGIA LIBERTADORA: educação, trabalho e negritude
(1966-2023)**

Recife

2023

RIZAILDE TRINDADE LAURENTINO

**A MINHA PEDAGOGIA LIBERTADORA: educação, trabalho e negritude
(1966-2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza

Recife
2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Anaíse de Santana Santos, CRB-4/2329

L383m Laurentino, Rizailde Trindade.
A minha pedagogia libertadora: educação, trabalho e negritude (1966-2023). / Rizailde Trindade Laurentino. – Recife, 2023.
214 f.: il.

Orientador: Edilson Fernandes de Souza.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.
Programa de Pós-graduação em Educação, 2023.
Inclui Referências.

1. Autobiografia- história. 2. Memória autobiográfica. 3. Mulher negra.
4. Educação. I. Souza, Edilson Fernandes de. (Orientador). II. Título.

370 (23. ed.) UFPE (CE2023-060)

RIZAILDE TRINDADE LAURENTINO

**A MINHA PEDAGOGIA LIBERTADORA: educação, trabalho e negritude
(1966-2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em : 16/02/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Aurenéia Maria de Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. José Vieira da Cruz (Examinador Externo)
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Tereza Luíza de França (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Recife
2023

Comemoração Boda de Diamante de Severino Trindade & Iracema Augusta



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Dedico este trabalho aos meus pais que perseveraram para proporcionar nesta trajetória uma boa educação, o que hoje reconheço ajudou a contar minha própria história.

Ao longo da narração argumento sobre a família unida, alegre e festeira, assim sendo, a cena revela a Boda de Diamante do casal: Severino Trindade Ramos e Iracema Augusta Trindade, o que significa (60) sessenta anos de convivência envolvidos por muito contentamento, uma comemoração mais que justa pela reciprocidade que houve entre os dois, ao mesmo tempo evidencia as palavras proferidas nesta contação de história. O momento revela recordação e representa fortalecimento aos legados deixados por eles à família Trindade.

AGRADECIMENTOS

Com este trabalho percebo que tenho traçado um percurso cheio de entrelinhas e venho ultrapassando um obstáculo aqui, ou ali, e o mais interessante neste sentido, é que sinto que não estou sozinha perante toda esta caminhada. Sinto que em todos os momentos deste percurso, estive amparada por alguns anjos, entre eles, o nosso Jesus. Por isso, o meu primeiro agradecimento a Ele que me sustentou e me fez chegar até aqui com este resultado positivo. Obrigada Senhor!

Um agradecimento caloroso aos meus pais: Cema e Nino, pela dedicação e pela educação que sonharam para mim deixando legados por base. (*In memoriam*)

Agradeço às escolas públicas por onde tive o privilégio de estudar: Grupo Escolar Rotary, Escola de 1º Grau Rosa de Magalhães Melo e a todos os professores pelos quais fui contemplada com seus ensinamentos.

À Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, pela oportunidade de tornar-me parte desta honrosa instituição em dose dupla, na posição de servidora e de uma discente privilegiada em deixar um pedacinho de mim, blindada pela narração de minha própria história.

Calorosa e sincera gratidão ao pesquisador, professor, Dr. José Vieira da Cruz, por ter lançado a ideia de desenvolver um trabalho autobiográfico, mediante ressignificação do tema do projeto anterior. O que de início me preocupei por não ter o que falar sobre mim, e neste momento poder celebrar com o digníssimo a satisfação e a oportunidade de estar realizando um estudo que poderá vir a se transformar num documento científico por acatar a sua brilhante sugestão.

Agradeço carinhosamente à pesquisadora, Dra. Aurenéia Maria de Oliveira, quando ao final do semestre ao realizar a apresentação do projeto, mencionei algumas dificuldades em consolidar fontes. Ela fez algumas argumentações, parabenizou-me e sugeriu também a possibilidade de ressignificação para um estudo autobiográfico.

Confesso, naquele momento tive medo e alegria pela consonância na percepção dos mestres. Essa voz veio fortalecer a minha decisão por esta dissertação. Um estudo que tem sido muito significativo para o meu crescimento em todos os sentidos. Obrigada professora!

Afetuosamente, em especial agradeço ao meu orientador, professor titular, Dr. Edilson Fernandes de Souza, o orientador das paixões por ter acatado sem pestanejar a proposta de ressignificação do tema sugerido pelos professores. Gratidão por sua amizade,

companheirismo, confiança, credibilidade e parceria ao longo do tempo que mediante o seu olhar crítico, acreditou e me fez convite para garimparmos juntos, partilhando dedicação, dificuldades e sucessos no desempenho dos projetos: Saber Esportivo no rádio e no Programa Cabeça de Área na TV em minhas andanças nesta instituição. Obrigada amigo!

Vale destacar, que no piscar de olhos nesse passo a passo, já se passaram mais de dez anos. E entre erros e acertos chego a me superar obtendo resultados a contento, mesmo ainda não sendo docente, graças ao crédito que em mim depositou! Agradeço pelas sábias sugestões norteadoras que ajudaram na composição desta autobiografia através desta narração duma história de vida, e que por este processo, hoje vou poder partilhar com os futuros leitores.

Agradeço a atenção, disponibilidade, sensibilidade e amabilidade do professor Dr. Henrique Gerson Khol Tchê, por termos trilhados e vivenciados bons momentos com a sua participação e dedicação enquanto parceiro no Programa Cabeça de Área. Agradeço ainda pelas homenagens vindas carinhosamente através de menções a mim oferecidas.

Minha alegria e gratidão em ter como amigo e parceiro, o professor Dr. José Luís Simões, que em muito colaborou conosco durante boa temporada fazendo uso de sua criatividade e bom humor nas crônicas esportivas, fortalecendo em conteúdos as tardes dos sábados do Programa Cabeça de Área.

Gratidão e carinho especial à professora, Dra. Tereza Luiza de França, por termos cruzado em alguns momentos neste Campus e me deu oportunidade e satisfação de desenvolver alguns trabalhos juntas. Onde pude perceber toda sua energia e criatividade, enquanto minha passagem pelo NEFD. Agradeço a sensibilidade e privilégio pela bela homenagem a mim ofertada no dia 08 de março de 2020, dia Internacional da Mulher.

Agradeço de coração a todos os amigos que colaboraram para minha inserção neste curso de mestrado, torcendo, corrigindo textos, sugerindo, estudando juntos e que na hora “D”, não me deixaram desistir:

Com muito carinho agradeço à professora, doutoranda: Tulane Souza, pela amabilidade e disponibilidade, presteza em participar da maratona que enfrentamos nas quartas-feiras à tarde e sábados pela manhã no CE, e à noite na casa de Rubi Cipriano para transferir seus conhecimentos e troca de informações que me ajudaram a crescer em saberes e atingir meu alvo.

Agradeço imensamente a Rubi Cipriano pela gentileza e compreensão por ter nos cedido o espaço de sua sala de jantar, que serviu como local de nossos estudos e aprendizados preparatórios para a prova.

Gratidão à parceira Natália pelo carinho, atenção e amabilidade no momento em que mais precisei, quando levada pelo desânimo pensei em desistir, você deu o grito de alerta e não me deixou retroceder. Muito obrigada!

Grata à parceira Elícia pela preocupação, disponibilidade ao pegar a minha mão, me impulsionar a enxergar que aquele era o momento certo, hora de seguir em busca de possibilidades para ingresso no curso de mestrado, e assim decidi realizar minha inscrição, obtendo sucesso. Muito obrigada!

Agradeço de coração ao meu amigo, irmão, parceiro, Flavio Soares pela disponibilidade, amabilidade, solidariedade, comprometimento, responsabilidade pelas idas e vindas dentro e fora desta universidade, e com esmero deu o seu melhor em dedicação nos projetos em que juntos desenvolvemos: O Programa Caminhos do Turismo, O Saber Esportivo: A Sua Conexão com o Esporte e o Programa Cabeça de Área, onde a qualquer hora sabia que podia contar com o seu apoio e sua presença quando necessário, enquanto câmara nesta trajetória. Muito obrigada!

Gratidão a todos os colegas do Núcleo de Educação Física Desporto-NEFD que me receberam, me apoiaram em toda minha jornada enquanto integrante daquela diretoria, pela atenção e amabilidade: Eduardo, Laudielcio, Leonardo, Camila, professor Luizinho e Marcio Eustáquio (*In memoriam*).

Agradeço grandemente a todos os discentes que fizeram parte do NEFD mediados pelos projetos de extensão, onde juntos conseguimos realizar os nossos programas de rádio e TV, sem vocês nada poderia acontecer.

Agradeço aos meus amigos da Segurança UFPE pela força da nossa amizade e no cumprimento de nossa função levar a sensação de bem-estar a toda comunidade acadêmica desta instituição, bem como, agradeço àqueles que me incentivaram e que também torceram por mim para que eu enveredasse por este caminho e obtivesse resultado positivo.

Minha gratidão e carinho à amiga Camila pela paciência e disponibilidade por se tornar em alguns momentos, leitora deste texto deixando suas impressões.

Agradeço carinhosamente às queridas filhas, meus amores: Palloma e Ítala pela paciência, preocupação e carinho, quando geralmente nas madrugadas por tantas vezes pediam para que eu apagasse a luz e fosse dormir. Agradeço pela partilha quando eu brigava com a net e chamava para me ajudar, bem como, para releitura de texto quando eu não me sentia confortável com o que escrevia.

Não posso deixar de agradecer àqueles que direta e indiretamente colaboraram comigo durante o percurso do Programa Cabeça de Área, meu abraço especial a todos os

alunos que fizeram parte dessa produção, desde aos que chegaram aos primeiros momentos e aos que estiveram conosco no final. Assim seguem os meus agradecimentos a todos os colaboradores e simpatizantes do programa:

Nilton Anjeiras Lins, do Centro de Artes e Comunicação, 2005, pela disponibilidade, coleguismo, quando nos recebeu de braços abertos e nos ajudou nas edições dos primeiros programas, momentos bem importantes para nós. Minha gratidão carinhosa;

Rinaldo Souza de Oliveira, pela gentileza, um dos grandes parceiros anônimos, em que muito colaborou comigo nas quintas-feiras, dia do fechamento do programa, onde por muitas vezes ficávamos até as vinte, vinte e uma horas da noite, trazendo lanche para sua esposa que era bolsista do projeto, bem como pelas colaborações nas idas e vindas em seu próprio carro para nos ajudar. Gratidão.

Agradeço a todos os amigos (as) que carinhosamente se disponibilizaram em me fazer um mimo, através de seus comentários sobre mim, através de suas mensagens. Algo que venho encarando como uma leitura bem importante e significativa em meu viver. Obrigada.

Com muito carinho agradeço aos alunos que fizeram parte do grande encontro no Programa Cabeça de Área, gratidão especial a todos os colegas da TVU, que de uma forma ou de outra se tornaram nossos grandes colaboradores e parceiros.

Gratidão à Banca cercada pelas experiências dos pesquisadores e de seus olhares sobre este estudo, não há outro gesto a não ser agradecer e dizer que a partir deste registro me sinto lisonjeada em fazer parte deste experimento e ao mesmo tempo ter aceitado esta grande empreitada.

Grata pelas sugestões norteadoras que me ajudaram e guiaram a composição desta autobiografia através desta narração de história, e que por este processo, hoje vou poder partilhar com os futuros leitores.

Por fim, gratidão ao amigo Jaelcio pela atenção, bondade, disponibilidade, carinho e colaboração na confecção deste trabalho.

Ó! Deus, abençoe esta pesquisa, a minha família e amigos.

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” (Freire, 1987, p.52).

RESUMO

Esta dissertação tem origem no Núcleo de Pesquisa Identidades e Memórias, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco, e está subordinada ao tema: *A Minha Pedagogia Libertadora: Educação, Trabalho e Negritude (1966-2023)*, se trata de um estudo autobiográfico que investigo e pretendo responder: Qual a percepção que tenho da minha história de vida mediante a busca das memórias e vivências educacionais entre 1966 a 2023? A esta indagação apresento como objetivo Geral: Descrever o cenário educacional durante o meu itinerário entre a escola, a vida profissional e acadêmica, no período de 1966 a 2023; e Específicos: 1) Contribuir com os estudos auto (biográficos) no campo educacional; 2) Identificar as minhas experiências sociais, profissionais e no âmbito escolar; 3) Elaborar mapeamento a partir de um *corpus* documental que envolve fontes iconográficas, fontes orais e a autonarrativa proveniente das minhas próprias memórias. Assim, desponta a trajetória de luta enquanto mulher negra, ao desenvolver trabalhos em diferentes setores sociais, construiu sua vida, passando por constantes discriminações étnico-raciais e dificuldades sofridas pela negritude. Sendo assim, considero o trajeto educacional e profissional, bem como a temporalidade definida entre 1966 a 2023, que corresponde desde os primeiros passos na instituição educacional à elaboração da defesa deste estudo, cumprindo a análise dessa trajetória a partir de autores como: Freire (1987 e 1989), Thompson, (1998), Montenegro (2010 e 2013), Passeggi (2016), entre outros Marques e Satriano (2017) e Souza (2020), sendo este quem trata do constructo do eu fonte, elemento fundamental para a narrativa de si. Enquanto resultado, o estudo enseja sincronia para afirmação e conquista do desenvolvimento pessoal, acadêmico, profissional, na expectativa de impactar na vida de outras mulheres, em especial as autodeclaradas negras e periféricas, incentivando-as ao conhecimento e reflexão a cerca da pedagogia libertadora, visando na tomada de decisão quanto a gerar um documento sobre pesquisa científica.

Palavras-chave: trajetória de vida; autobiografia; mulher negra; educação; memórias.

ABSTRACT

This dissertation originates from the Identities and Memories Research Nucleus, of the Graduate Program in Education, at the Federal University of Pernambuco, and is subordinated to the theme *My Liberating Pedagogy: Education, Work and Negritude (1966-2023)*, by being an autobiographical study, it attempts to answer the following question: What is my perception of my life story through the search for memories and educational experiences between 1966 and 2023? To answer this question, I present three objectives, namely: 1) Contribute to (auto) biographical studies in the educational field; 2) Describe and analyze the educational scenario during my itinerary between school, professional and academic life, from 1966 to 2023; and 3) Identify and analyze my social, professional and school experiences, based on a documentary corpus that involves iconographic sources, oral sources, as well as self-narrative from my own memories. Thus, I expose and analyze my trajectory of struggle as a black woman, who, through education and work in different social sectors, built her life, going through the constant ethnic-racial discrimination and difficulties suffered by blackness. However, considering my educational and professional trajectory, as well as the temporality defined between 1966 and 2023, which corresponds to my first entry as a student in an educational institution and the flow of the defense of this research, I make an analysis of this trajectory from authors such as: *Freire (1987 and 1989), Thompson, (1998), Montenegro (2010 and 2013), Passeggi (2016), among others Marques and Satriano (2017) and Souza (2020)*, this being who deals with the construct of the I source, fundamental element for the self-narrative. As a result, the study leads to a synchrony for the affirmation and conquest of personal, academic, professional development and, perhaps, impact on the lives of other self-declared black and peripheral women, but who, invested with a liberating pedagogy, can elaborate a document like this research instrument scientific.

Keywords: life trajectory; autobiography; black woman; education; memories.

RESUMEN

Esta disertación tiene su origen en el Centro de Investigación Identidades y Memorias, del Programa de Posgrado en Educación, de la Universidad Federal de Pernambuco, y está subordinada al tema: Mi Pedagogía Liberadora: Educación, Trabajo y Negritud (1966-2023), si trata de un estudio autobiográfico que indago y pretendo responder: ¿Cuál es la percepción que tengo de mi historia de vida a través de la búsqueda de recuerdos y experiencias educativas entre 1966 y 2023? A esta indagación presento los Objetivos Generales: Describir el escenario educativo durante mi itinerario entre la vida escolar, profesional y académica, en el período de 1966 a 2023; y Específicos: 1) Contribuir a los autoestudios (biográficos) en el campo educativo; 2) Identificar mis experiencias sociales, profesionales y escolares; 3) Elaborar mapeos a partir de un corpus documental que involucra fuentes iconográficas, fuentes orales y la autonarrativa proveniente de mis propios recuerdos. Así, la trayectoria de lucha como mujer negra, al desarrollar trabajo en diferentes sectores sociales, construyó su vida, atravesando constantes discriminaciones étnico-raciales y dificultades sufridas por la negritud. Por tanto, considero la trayectoria educativa y profesional, así como la temporalidad definida entre 1966 y 2023, que corresponde desde los primeros pasos en la institución educativa hasta la elaboración de la defensa de este estudio, cumpliendo con el análisis de dicha trayectoria de autores como: Freire (1987 y 1989), Thompson, (1998), Montenegro (2010 y 2013), Passeggi (2016), entre otros Marques y Satriano (2017) y Souza (2020), siendo este quien se ocupa del constructo del Fuente yo, elemento fundamental para la propia narración. Como resultado, el estudio conlleva sincronía para la afirmación y conquista del desarrollo personal, académico, profesional, en la expectativa de impactar en la vida de otras mujeres, en especial de las autodeclaradas negras y periféricas, incentivándolas al conocimiento y reflexión sobre libertad pedagogía, con el objetivo de la toma de decisiones en cuanto a la generación de un documento sobre la investigación científica.

Palabras clave: trayectoria de vida; autobiografía; mujer de color; educación; recuerdos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Declaração de aprovação no Curso de Mestrado em Educação, 2020.....	57
Figura 2 - Fotografia com minha irmã e uma amiga durante a construção do asfalto no Alto do Pascoal, 1978.....	80
Figura 3 - Edital do Concurso Agente de Vigilância, 1984.....	84
Figura 4 - Lista Aprovados no Concurso, 1985.....	86
Figura 5 - Documento de Admissão UFPE, 1985.....	87
Figura 6 – Entrega de Certificado do Curso de Defesa Pessoal pelo Prof. Byung Kua Lee prof. do Centro de Ciências Médicas - Depto de Educação Física, Universidade Federal de Pernambuco, NEFD, 1989.....	88
Figura 7 - Fotografia com colegas da segurança, NEFD, 1989.....	89
Figura 8 - Fotografia com colegas de Trabalho, SSI, 2018.....	92
Figura 9 – Fotografia com colegas de Trabalho, Central de Comunicação SSI, 2023.....	92
Figura 10 - Comemoração de final de ano, SSI – Superintendência de Segurança Institucional, 2019.....	93
Figura 11 - Momento de descontração- almoço com alguns amigos – SSI – Superintendência de Segurança Institucional 2019.....	93
Figura 12 - Reunião solene pela aposentadoria das amigas: Adelma e Morgana, na sala da Diretoria de Gestão em Segurança, DGOS-2022.....	94
Figura 13 - Encontro de confraternização fim de ano, Restaurante em Olinda. 2019.....	94
Figura 14 - Diploma de Bacharel em Relações Públicas, 1990.....	96
Figura 15 - Fotografia da entrega do anel na Formatura em Relações Públicas, 1989.....	97
Figura 16 - Abaixo Assinado Curso de Especialização, 2001.....	99
Figura 17 - Declaração de aprovação no Curso de Mestrado em Educação, 2020.....	101
Figura 18 – Viagem em família - Salvador BA. 2022.....	113
Figura 19 - Fotografia Descontração na Praia de Guarajuba –BA, 2022.....	114
Figura 20 - Fotografia Descontração no Pelorinho–BA, 2022.....	114
Figura 21 – Fotografia com parte da família no encontro dos Domingos, 2021.....	115
Figura 22 - Viagem com família para Comemoração do Dia das Mães, Bahia, 2022.....	115
Figura 23 - Ítala & Palloma, minhas bênçãos, comemoração Dia das Mães, 2023.....	116
Figura 24 – Fotografia parte da família em frente a Igreja do Bonfim, Bahia, 2022.....	118
Figura 25 - Novo cenário do Programa Cabeça de Área, 2015.....	131

Figura 26 – Capa CD, Programa Saber Esportivo, 2005.....	135
Figura 27 - Referente ao Programa Cabeça de Área, 2005.....	143
Figura 28 - Primeira apostila do Curso de Locução Rádio e TV.....	151
Figura 29 – Declaração Curso de Produção de Programas Radiofônicos, 2007.....	161
Figura 30 - Card de homenagem recebida no Dia Internacional da Mulher, 2021.....	167
Figura 31 - Comemoração de meu aniversário com colegas de trabalho, Centro de Ciências Jurídicas – CCJ.....	183
Figura 32 – Fotografia na escadaria do CCJ com colegas do trabalho, 1995.....	184
Figura 33 - Comemoração de aniversário, 2019.....	184
Figura 34 - Bilhete do aluno Yusuke. NUSP, 2006.....	185
Figura 35 – Homenagem do prof. Henrique Khol, do Centro de Ciências Médicas – Depto de Educação Física, Universidade Federal de Pernambuco ao reconhecimento do trabalho realizado pelo Programa Cabeça de Área, na TV Universitária, Canal 11, 2011.....	185
Figura 36 – Reconhecimento no desempenho do Programa Cabeça de Área, pelos profs. Roberto Santana e Mestre Josiel Trajano da Escola Amigo do Taekwondo, na 4ª Copa Jaboatão Open Taekwondo, 2012.....	186

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Revisão de conteúdos Teóricos Metodológicos: Tese, livros. e artigos.....	46
Quadro 2 - Representação do construto autobiográfico.....	50
Quadro 3 - Tentativas ao Curso de Mestrado.....	60
Quadro 4 - Trajetória de Vínculos Empregatícios.....	83
Quadro 5 - Movimentação de atividades no Campus UFPE.....	132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
SSI	Superintendência de Segurança Institucional
CCJ	Centro de Ciências Jurídicas
NUTVR	Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias
NUSP	Núcleo de Saúde Pública
NEFD	Núcleo de Educação Física e Desportos
CAC	Centro de Artes e Comunicação
CE	Centro de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 CONSTRUÇÃO TEÓRICA METODOLÓGICA.....	28
2.1 Procedimentos Metodológicos.....	47
3 A VOZ DO PASSADO E DO MEU PRESENTE.....	53
3.1 Em busca do documento.....	77
3.2 Em busca do primeiro emprego.....	78
4 A MINHA PEDAGOGIA OPRIMIDA.....	105
4.1 O trajeto à vacaria!.....	109
4.2 O que vem a ser família?.....	111
4.3 Vivências Negritudianas.....	127
4.4 Movimento entre o Mundo Epistêmico e o Empírico.....	128
4.5 Cabeça de Área: Uma Experiência Epistêmica ou Empírica?.....	137
4.6 Minha Paixão pelo Rádio.....	148
4.7 O que aprendi com os Programas de Rádios.....	159
5 MINHA PEDAGOGIA LIBERTADORA	164
5.1 Em meu mundo.....	169
5.2 Aprendendo a Me Dizer.....	172
5.3 A Importância da Existência de um Documento.....	175
5.4 O Que Esse Trabalho Representa Para Mim?.....	177
6 ENQUETE: COMO VOCÊ ME VÊ?.....	187
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	209
REFERÊNCIAS.....	211

1 INTRODUÇÃO

A decisão por elaborar esta dissertação de mestrado se deve a ressignificação do tema. Primeiramente, iria discorrer sobre: A História do Programa Campanha de Alfabetização da Rádio Universitária - AM da UFPE, Recife PE, 1960 a 1963, mas por falta de fontes necessárias e satisfatórias à concretização do estudo, houve sugestões dos professores: Dr. José Vieira Cruz e Dra. Aurenéia Maria de Oliveira, à produção autobiográfica, a qual compete o título: A Minha Pedagogia Libertadora: Educação, Trabalho e Negritude.

Considerando as dificuldades enfrentadas em minha trajetória de vida, como mulher negra, que vem da região periférica do Alto do Pascoal, a primeira filha da família a ingressar no curso superior, hoje servidora e mestrandia em educação do Centro de Educação - CE, da Universidade Federal de Pernambuco, lutando pelo meu espaço.

No início fiquei meio atordoada ao pensar, por algum tempo a me questionar. O que tenho a dizer? Foi o que pensei! Mas, aos poucos fui me encontrando com o assunto e começando a admitir que pelo menos, sabia que tinha um texto que falava da minha paixão pelo rádio. A interação com minha família, a conquista de alguns amigos, e alguns progressos que consegui realizar, inclusive a minha inserção no mestrado.

Neste emaranhado de pensamentos entre dúvidas e convicções percebo que poderia atingir um público específico, contemplar a mulher negra que a todo tempo encontra-se encoberta, principalmente a que circula pela região periférica, a que enfrenta muito mais preconceitos perante a sociedade: o racismo, mediante as discriminações sofridas em seus vários aspectos e a desigualdade social a partir do setor econômico, pela falta de assistências básicas, como: saúde, educação, moradia digna, direito a trabalho, e direitos humanos tão evidentes nos dias atuais. Mesmo envolvida por tantas interrogações resolvi por me tornar uma grande garimpeira, de acordo com Michel de Certeau (1982), me propondo a atualizar o objeto de estudo de uma trajetória de vida priorizando a busca da memória e de fontes documentais, através de fotos, declarações, ofícios, certificados, e fontes orais na confecção do mesmo.

O período escolhido para esta narração compreende os anos de 1966 a 2023, que exhibe o recorte temporal de minha trajetória de vida. Pela tomada de decisão de vir a publicitar eminentemente, dados significativos desde a infância aos dias atuais. O que designa o marco inicial do trajeto escolar entre o percurso da primeira à quarta série, no Grupo Escolar Rotary, situado no Alto do Pascoal, no bairro de Água Fria, no período de

1966 a 1970, na sequência o primeiro grau na Escola de 1º Grau Rosa de Magalhães Melo, no Alto do Deodato, bairro de Beberibe, entre 1971 a 1975, ambos na cidade do Recife. E quanto ao segundo grau, segui o curso técnico vindo a concluir na Escola Técnica de Contabilidade da Encruzilhada, no período de 1976 a 1980 visando melhor posição na área de trabalho. Apesar disso, adianto nunca ter atuado nessa área. Hoje, uma escola extinta.

Por um bom tempo, distanciei-me dos estudos, mas devido a necessidade de capacitação no mercado de trabalho, percebi que era hora de prosseguir no caminho de retomada escolar. Minha primeira tentativa ao vestibular foi na área de ciências humanas no curso de Psicologia pela UFPE, não obtive êxito e relaxei vindo a tentar vestibular novamente por incentivos de um colega de trabalho. Nessa retomada segui alguns conselhos, fui me preparando e tentei mais uma vez, obtendo sucesso.

No ano de 1989 fui contemplada com aprovação na Escola Superior de Relações Públicas do Recife, no bairro da Madalena - Recife, PE. A partir daí surgem os primeiros passos na área de Comunicação Social, com o bacharelado em Relações Públicas. Segui feliz, mesmo no enfrentamento de muitas dificuldades por morar distante da faculdade, no bairro de Maranguape II, um dos bairros da cidade de Paulista, bem distante da cidade de Recife. O percurso entre casa, trabalho e faculdade era de duas horas de ônibus, aproximadamente.

A minha rotina diária tinha início às quatro da manhã para ingressar no primeiro ônibus no percurso ao trabalho. Lembrando bem, no trajeto entre minha casa e a parada de ônibus sempre fui acompanhada por meu pai. Já o retorno para casa era mais tranquilo, sempre entre onze horas e meia noite, diariamente. Porém, mantendo-me firme nos meus propósitos, enfrentava essa maratona naturalmente, tinha consciência desse trâmite, entendia que iguais a mim outras mulheres também passavam pelo mesmo sacrifício. Finalmente deu tudo certo e consegui concluir o curso com sucesso. Foi difícil, pois não há vitórias sem luta! Chega a hora de minha formatura, o momento do grande evento.

Todos ficaram muito felizes com a minha conclusão de curso. Seu Nino ficou envaidecido como paraninfo da primeira e única filha na família Trindade a se formar num curso superior. Naquela ocasião, motivado por muito orgulho e envolto por grande satisfação, era visível em sua expressão a emoção que invadia aquele coração, o que deixava transparecer em seu semblante durante toda solenidade de colação de grau. Hoje, recordo muito de toda força da ação refletida ao colocar aquele anel de formatura, era visível o seu corpo trêmulo, tomado por tamanha emoção e felicidade. Neste instante, sinto

como foi gratificante eu poder proporcionar esse lindo contentamento a meus pais, dos quais me recordo com alegria e gratidão pelos esforços e torcida.

Foram muitas emoções: antes, durante e após a formatura, sensações que não só invadiram o meu coração, mas evidentemente, o íntimo de meu pai, não só naquela oportunidade, naquele momento do evento, mas vindo a se propagar por alguns dias. Ele disse para mim: “Minha filha, que coisa mais linda”! Esse evento foi por demais importante e marcante para nós. Não tive como não deixar rolar lágrimas dos olhos e senti tanta felicidade por mim e por eles.

Nesta volta ao passado sinto que neste evento chego a realizar uma vontade minha, porém, muito mais um sonho dos meus pais: Nino e Cema, que se sentiam muito envaidecidos e felizes. Neste momento de narração de dessa história, tão importante na minha caminhada conto com uma fluidez de interessantes e ricas lembranças que surgem do baú de memórias carregadas de bastantes emoções.

Confesso que nesta ocasião não consigo fazer esta retrospectiva sem me emocionar com essa volta ao túnel do tempo e poder reviver um dos momentos mais felizes, mais bonitos, tão puro e real que ficou registrado em minha mente e conseqüentemente na memória de meus genitores e de toda família Trindade.

E por acaso hoje, às cinco horas da manhã, do dia 09 de dezembro de 2021, ao realizar essa volta no tempo é que sinto e lamento de não ter celebrado com muito mais ênfase aquele grande momento, naquele período. E que, conseqüentemente, está contribuindo para narração deste grande acontecimento, pois se não houvesse a formação, não teria como expor esse passado tão lindo e relevante para mim, assim como foi significativo para Cema e Nino, os meus pais!

Para tanto, por este e outros episódios me alio ao pensamento de Paul Thompson, em seu livro, *A voz do Passado- História Oral (1982)*. Ao defender que o passado está bem presente no nosso dia a dia, porque a memória não morre, está viva em nossa história. Diante essa grande verdade, eu tomo posse dessas palavras de Thompson (1982) porque acredito que este estudo chegou para deixar marcas, não só em mim, mas na turminha mais jovem, que queiram ou não terão um pequeno quadro a vir a se espelhar. O que na verdade, já enxergo resultados, o que me deixa muito feliz!

E nesta certeza de que a memória não morre, após esses momentos maravilhosos como se sabe, o tempo é quem se encarrega de guardar dados bons e ruins, trago também nesse interim lembranças tristes do que ocorreu há alguns anos após a formatura ao sair em busca de capacitação no ano de 2001, pensei enfrentar a Pós-graduação, como bolsista da

instituição. Fui contemplada com a bolsa de estudo, bem aceita no curso e pela turma maravilhosa que me acolheu no Centro de Artes e Comunicação. Até então, para mim, tudo ia caminhando bem, seguindo de vento em polpa.

Porém, perante uma das aulas noturnas, fui surpreendida ao ser convidada a sair da sala de aula por inadimplência da bolsa. O que veio a gerar certo tumulto, uma movimentação e insatisfação dos colegas que ficaram sabendo e fizeram um abaixo assinado pela minha volta ao curso. Para mim um momento desolador sendo envolvida por muitas emoções, vergonha e tristeza. Aquele convite chegou como um balde de água fria, o que me fez perder o entusiasmo por aquele aprendizado.

Mesmo passando por esse momento indesejável, não sei por que guardar esse documento que retrata o meu constrangimento naquela sala de aula, naquele interim. No entanto, neste caso indago o porquê de ter guardado esse documento que nem lembrava mais, que ainda existia, mas de todo modo, talvez sem posse dele, viesse a relatar esse acontecimento desolador.

Semana após o ocorrido fui convidada pela secretaria do curso a retornar a sala de aula. Voltei, mas não com o mesmo entusiasmo e prossegui até o último dia, sendo amparada pela turma que se sensibilizou com o acontecido.

Mesmo diante do transtorno sempre levo a sério algo em que me proponho a realizar, sigo firme e forte, cumprindo a carga horária do curso até o seu momento final. Houve o encontro de conclusão, a direção do curso ofereceu uma solenidade, cumprindo-se todo um processo cerimonial, abertura e entrega dos certificados.

Em dado momento, chamaram o meu nome, e aquele instante não poderia ser de outra forma, com a oportunidade de agradecer aos amigos. Ao me levantar, todos aplaudiram fortemente. O orador pronunciou algo que nem cheguei a entender direito, mas estive sensível quando em bom tom, ele revela: Rizailde Trindade, você é a homenageada pela turma!

Meus amigos aplaudiram no momento de muita alegria. Uma homenagem realmente inesperada e belíssima, linda por demais! Percebi que os olhares se voltaram em minha direção, o que me causou grande comoção.

Iniciei agradecendo, falando baixinho, quase que sem voz embargada por tanta emoção, devido a todo aquele carinho, não pude conter entre uma fala e outra, as lágrimas que me faziam calar e tomavam conta de mim, fui invadida por grande emoção e pensar que consegui transportá-las ao coração dos que ali se encontravam.

Fui levada por um instante de tão grande comoção e que, de repente percebi que alguns até lagrimejaram comigo em nome do amor e do querer fazer o bem, minuto em que emanaram muitas felicidades.

Uma noite de muita luz. Por um instante até me senti estrela. Ah! Como está sendo importante esta busca da memória para mim e a possibilidade de recuperar essas lembranças que me fazem agora compreender como fui bem quista naquela sala de aula, e tudo isso hoje tanto me regozija e me faz perceber tanto carinho a mim dispensado.

Relembrar que além de todo cenário de acontecimentos, não posso deixar de mencionar a presença de minha filha Palloma, que naquela ocasião me acompanhava, pois decidi levá-la comigo pra não voltar sozinha para casa. No entanto, consegui proporcionar a ela o imprevisto daquele deslumbre que não só me marcou, mas com certeza creio que plantei uma sementinha no coração dela.

Partindo desse conceito, surge uma nova perspectiva que me oportuniza a desenvolver o estudo. Uma reflexão que me permite voltar ao passado e ter uma visão diferente de mundo e acreditando realmente que a busca pela memória é capaz de ressignificar história.

Assim sendo, esse reencontro inocentemente vem a contribuir com a minha narrativa de vida, a partir dos ensinamentos de Paul Thompson (1982), ao afirmar que o passado caminha lado a lado conosco. E este cenário vem a constatar isto. O significado para o autor, que é fundamental o envolvimento da história oral com o que acontece ao nosso redor no cotidiano.

E no que se refere ao dia a dia, é importante ressaltar um tempo de retração em que passamos reservados por um grande período de confinamento em 2020, devido a COVID-19, o universo emudeceu envolvido por dolorosas tristezas e alto nível de angústias, levadas pelas constantes e numerosas perdas de entes queridos, muitas vezes mais de uma pessoa da mesma família perdiam suas vidas.

Foram mortes contadas por minutos, tendo como referência cenas repetidas e refletidas por muita dor, excessivos choros e exaustivos sofrimentos entre familiares: pais, filhos, irmãos, avós, tios, maridos e esposas, enfim, momento de extrema solidão. Não havia velório no sepultamento, por prevenção apenas cinco pessoas da família participavam do último adeus, de acordo com regimento médico do país. O período foi desolador, não apenas pelo isolamento hospitalar, enquanto diagnosticado com o vírus, mas também pela reclusão familiar, por melhor dizer, afastamento social, pelo cuidado de

se manter imune, pela separação dos membros da própria casa, o que ocasionou muitos problemas psicológicos, como depressão e outros sintomas à saúde das pessoas.

Foram inúmeras desestabilizações: social, econômica e cultural nos diversos setores. Transformações em vários aspectos, novidades em todos os processos de ensino, principalmente na educação. Devido ao período pandêmico, entrelaçado por tantas mudanças e inovações num trajeto de novos desafios, compreendido como um período que gerou novas formas de vida e experiências por todo planeta. Instigando as pessoas em busca de criatividade e reinvenção, eis um momento que podemos considerar de grandes metamorfoses em todo o mundo.

Na educação, especificamente, houve grande processo de transformação e inovação em todos os segmentos, em todo o universo; na Universidade Federal de Pernambuco não foi diferente. Foram dias de muitas novidades tristes e angustiantes, o vírus Covid-19 foi avassalador, no primeiro ano 2020 chegou com muito poder, abalou o mundo e deixou muitas pessoas desanimadas, enlutadas pela grande perda de seus entes queridos. Em decorrência do alto índice de mortandade, as pessoas ficaram emocionalmente abaladas pela depressão e por outros sintomas psicológicos afetados por esse enfrentamento tão difícil, principalmente no período de 2020 a 2021.

No entanto, o ano de 2022 vem sendo mais ameno, as pessoas adultas se vacinaram contra o vírus em quatro momentos e as crianças têm sido vacinadas nos postos de saúde e em diversos locais, inclusive em alguns colégios estaduais e particulares, mediante planos incentivadores de algumas prefeituras, como de mutirão com entregas de certificados.

As autoridades vêm se mobilizando para a diminuição do índice do vírus que conseguiu interferir nas salas de aulas e transformar o cenário da educação, induzindo professores e alunos a tomarem novas atitudes e novas formas de se conduzirem nessa grande metamorfose.

E no tocante à transformação, enveredo para esta importante construção autobiográfica, acreditando que a educação é libertadora nos seus vários aspectos nos quais me apoio nos ensinamentos do professor Paulo Freire (1987). Para ele: “O homem se faz homem ao dizer a sua própria palavra e torna-se visível”.

Neste sentido afirmo que visibilidade é o que venho procurando. E tomo por base o Método Eu fonte nos procedimentos de Souza (2020), e estimulada por Thompson (1982), quando acredita que “se deve contar com a inspiração do dono da informação, no qual o narrador se propõe em apresentar ao universo do saber particularidades de vivências de sua trajetória apoiado pela sua memória”. Considerando que a intimidade com a memória

significa o encontro consigo pela busca do seu EU, que pode ser entendido como visitação às suas minúcias, sejam lá onde elas estejam guardadas dentro de si. Tudo isto é lindo demais para mim!

Por isso creio que a memória traz à tona lembranças de fatos que sucederam e se deparam com encontros e desencontros despertados entre o tempo e o espaço de modo específico a realizar um retrospecto nas vivências que ficaram recolhidas, mas a qualquer momento chegam a florescer.

Para tanto é nesse despertar da memória considerada fantástica que EU me envolvi e decidi ser narradora de mim, guiada pelo passo a passo que um pesquisador necessita para realizar a narrativa de sua própria história.

Partindo desse contexto este estudo não acontece de modo aleatório, surge do princípio de que nenhuma fonte será igual, por esse motivo me revisto com a pesquisa que insinua um grande combate dentre as informações de si, na busca da memória e informações traçadas pelo tempo e o espaço na trajetória de vivências por meio de uma narrativa que chega para ressignificar a minha vida.

Um processo de ressignificação não só do tema, e de minha história, onde começo a me reconhecer através das ideias do professor Paul Thompson (1982), quando revela que: a história oral diferente do pensamento conservador contempla as classes subalternas, os esquecidos, os isolados, revelando-se como momento de reconstrução autêntico do passado.

Neste panorama começo a entender que a história oral assume uma função radical em prol da mensagem social comum a todos. Prima em colocar os oprimidos em evidência, lança novas áreas de estudos que poderão me ajudar expor minhas experiências educacionais e de trabalho e meus impactos sobre família e a comunidade. Thompson (1982).

Ao reconhecer as novas possibilidades de propostas quanto à exposição de experiências e de conhecer algo novo, proponho-me em transformar a minha história e minha identidade, deixando de ser invisível para assumir um lugar no mundo. Ressalto a relevância desta pesquisa para mim e consequentemente pela percepção da necessidade de produção de documentos que fortaleçam a memória através da história.

Uma história que precisa da investigação do passado, que traz a narrativa de si, e que de acordo com Verner Guinn (1982), representa um momento em que **Eu vou “aprender a me dizer”** e criar condições para narração das próprias experiências, quando decido escolher a produção autobiográfica.

E a partir da valorização autobiográfica e do “aprender a me dizer,” que considero o processo que requer dedicação, esforço, tranquilidade e essencialmente, o uso da subjetividade neste encontro com o meu melhor lugar de fala, na oportunidade de expor a história, intitulada: *A Minha Pedagogia Libertadora: Educação, Trabalho e Negritude-1966 a 2023*.

Uma história que chega com o propósito de constatar a necessidade do fortalecimento de produção científica fazendo uso da fonte de si para si, o que de acordo com Thompson (1982), essa fonte pode ser usada em várias perspectivas, uma técnica que deve ser utilizada de várias formas para obtenção de um resultado transformando-se em um documento.

Considerando este processo enfatizo a importância da história oral demonstrada como a fonte pode unir-se aos recursos investigativos através de: pessoas e suas entrevistas, a sua fala, vivência e a sua memória. Lembrando que sem memória não há história, pois o historiador precisa do texto escrito e de documentação.

Por estes aspectos me ateno aos ensinamentos de Souza (2020) permeada pela obra: *A Luz do Candeeiro e o Constructo do “Eu” Fonte: Educação pela Arte, Ciência e Política*, que traz a esse universo a autobiografia como fonte transformadora num contexto de abrangência e potencialidades mediante estudo preenchido por cunho inovador.

Partindo desse entendimento há um questionamento que requer no caso saber: Qual a percepção que tenho da minha história de vida, mediante a busca da memória e vivências educacionais entre 1966 a 2023? Para responder a essa questão, apresento como objetivo geral: Descrever o cenário educacional durante o meu itinerário entre a escola, a vida profissional e acadêmica, no período de 1966 a 2023; na sequência, os objetivos específicos chegam para: 1) - Contribuir com os estudos (auto)biográficos no campo educacional; 2) Identificar as experiências sociais, profissionais e no âmbito escolar; 3) Elaborar mapeamento a partir de um *corpus* documental que envolve fontes iconográficas, fontes orais, bem como, autonarrativa proveniente das próprias memórias.

Enfatizo academicamente que o estudo se justifica por estar entre uma das primeiras pesquisas autobiográficas do Núcleo de Pesquisa Identidades e Memórias do Centro de Educação – CE, da UFPE, por apresentar nova proposta para produção científica com base nas ideias do pesquisador Souza (2020). Fazer uso do método de gravação oral Eu fonte, com perspectiva de vir a criar algo novo que se transformará em documento.

Colaborar com o Banco de Dados de Teses e Dissertações da Biblioteca do Centro de Educação-CE da UFPE, considerando-se que ao realizar visita ao arquivo local não identifiquei trabalhos referente à autobiografia.

No que diz respeito à justificativa pessoal, a tomada de decisão pelo objeto de pesquisa, através da autobiografia, no enfrentamento da exposição de tornar público meu trajeto de vida, a partir da ressignificação do tema, A minha pedagogia libertadora: educação, trabalho e negritude, o que em muito me inquietou por pensar não ter o que falar de mim!

Realizar narrativa dentro da verdade no uso da memória e da subjetividade; Ser servidora da Universidade Federal de Pernambuco, ter oportunidade de me movimentar entre diversos e interessantes setores dessa conceituada instituição, nos quais adquiri algumas experiências sendo impulsionada a transferir saberes e transformá-los em índices na contextualização do presente estudo;

Ter a pretensão de representar e incentivar as mulheres negras a saírem do casulo que há mais de quinhentos anos vêm sendo encobertas pelo sistema, Dussel (1942);

Quero externar que a partir dessa decisão sinto-me privilegiada por tirar proveito deste estudo e poder partilhar estas vivências com pessoas que igual a mim, enfrentam ou encontram-se na mesma sintonia que eu, onde me vejo perante a sociedade através do estudo autobiográfico e ao mesmo tempo representada na situação e no lugar do outro, principalmente das mulheres negras que se encontram encobertas pelo sistema governamental;

Minha expectativa de que este estudo científico possa vir a concretizar o desejo em dar visibilidade não só a este pleito, mas ao sujeito marginalizado pelo preconceito, pelo racismo e discriminação pela cor, o negro operário, periférico, esquecido, mas principalmente, as mulheres negras que ainda se encontram às margens da sociedade invisibilizadas pelo sistema cruel que ao longo do tempo tem negado a oportunidade de seu ingresso na academia. Dussel (1949).

Por esses termos, considero o pensamento de Roger (1982), que em sua obra: História do Mundo Ocidental aponta que antes de ser escritor o pesquisador é herdeiro de um passado em busca de conhecimento. Os autores são construtores no seu tempo, dessa forma o autor impulsiona o pesquisador à produção.

Uma produção que conseqüentemente é levada pela poderosa memória que induz as mentes a flutuarem por longas viagens contempladas pelo troféu do imaginário. Nesta

sintonia retomo as palavras de Roger (1982), quando verbaliza que uma obra se envolve com vários segmentos, sendo escrita por várias mãos.

Por estas afirmativas do pesquisador, vale considerar as evoluções das reflexões e elaborações fundamentadas pelos diversos pensadores, vindo a contribuir com o desenvolvimento deste estudo que acredita no narrador enquanto fonte e que através da contação de história se consolida também pelo encontro de outras vozes que interagem com esta pesquisa autobiográfica desencadeada em quatro capítulos.

A partir dessa perspectiva, destaco o ano de 2020, como um marco importantíssimo e de muito significado para esta mulher negra, oriunda da região periférica. Hoje, no Curso de Mestrado em Educação no CE/UFPE, visando conquistar o meu espaço nesta instituição. Um momento inigualável pela grande busca geradora de muitas expectativas que com certeza deixará marcas, por conseguinte espero sensibilizar outras pessoas, em especial as mulheres negras que ainda se encontram invisibilizadas, assim como me sinto hoje, ainda persistindo na labuta para encontrar meu lugar.

Paralelamente nesta narrativa, enfatizo também que o ano de 2020 foi impactante, para todos nós brasileiros por se tratar de um período em que coincidentemente o Brasil e o mundo passam por uma experiência antes nunca vista. Momento em que o mundo parou. Por conta do novo coronavírus, COVID-19, um tipo de vírus nunca antes identificado em seres humanos, segundo informação da Associação Mundial da Saúde (ASM), em 31 de dezembro, 2019.

Bem como, ainda no ano de 2020 dentre tantas desestabilizações tivemos que enfrentar momentos delicados em diversos setores entre eles a educação e a economia vindo a refletir em todas as camadas sociais essencialmente a classe menos favorecida que até o momento encontra-se fragilizada sem perspectiva à atual problemática, o cotidiano assolava toda nação em desigualdade e desconforto ao cidadão.

Considerando-se momentos de instabilidades na educação nacional teve que se reinventar utilizando ferramentas tecnológicas e consequentemente propagação do ensino à distância na tentativa de evitar um colapso as instituições de ensino. Além de agravar a crise econômica alastrando a pobreza e a miséria em todo território. Apesar do processo desolador à educação, a academia e acadêmicos resistiram a todas as ações negativas enfrentadas.

Mediante esta conotação, vale expressar que o estudo tem como proposta a concepção da “educação libertadora” de acordo com Paulo Freire, transformadora, a partir do poder de opinião, reflexão do que acontece no cotidiano.

2 CONSTRUÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar neste contexto uma construção teórico metodológica, que traz como base alguns pensadores engajados no estudo que conflui a refletir a identidade através da memória.

A presente pesquisa parte de uma historiografia associado a educação como “prática de liberdade” que assimila o meu desenvolvimento pessoal, social e acadêmico, intercalando o diálogo com os seguintes pesquisadores: Paulo Freire, para nos ajudar a compreender a educação como práxis, em particular, a partir da obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), Paul Thompson em: *A Voz do Passado - História Oral* (1982), no qual ele propõe visibilidades aos excluídos, já Conceição Passeggi em *Narrativas da Experiência na Pesquisa-Formação: Do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico* (2016), explana os caminhos sistêmicos da biografia no entanto; Edilson Souza em *A luz do Candeeiro* (2020), aguça novos pesquisadores e traz um cenário inovador através da tese autobiográfica a partir da exploração do “eu” Fonte, no uso dos procedimentos de gravações de áudios.

Mediante o exposto, ao me revelar protagonista do objeto de estudo estou convicta de que nesta conjuntura preciso, imprescindivelmente, do entrelace de uma gama de dados e de conhecimentos de pensadores para contemplar este processo autobiográfico.

Assim, neste percurso, proponho trazer informações condizentes com a realidade que traçam minha trajetória de vida, no caso, a fonte que possui duas características: A primeira é a de provocar a busca de memórias autobiográficas, a segunda o exercício de relembrar e dar voz a entrevista de si um exercício, que não é apenas uma narrativa porque se faz necessário o uso, cuidados e procedimentos técnicos.

Nesse sentido, atenho-me aos saberes do pesquisador, Edilson Fernandes de Souza, que se propõe em divulgar dados inovadores e desta feita, transversalmente por meio da pesquisa denominada: *Tese Autobiográfica. Os Procedimentos para o Construto do “Eu” Fonte*, uma obra organizada e publicada em (2020).

Trata-se de uma narração minuciosa, em que o autor discorre sobre os procedimentos metodológicos de uma tese para efeito de promoção de carreira de professor titular, que assim sendo, decidiu acender “*A luz do candeeiro no constructo do eu fonte para propagar a educação através da arte, ciência e política*” (2020).

Chamo a atenção que se trata de um tema que por se só denota a sua peculiaridade ao apresentar como proposta um cenário investigativo da vida pessoal e profissional de

Souza (2020). Este estudo parte de sua primeira trajetória escolar ao mais alto nível de formação na Universidade Federal de Pernambuco, bem como, relata dados pessoais que preencheram e moveram suas lembranças e emoções na captação de seus documentos que refletiram nas ideias dentro e fora da academia. O pesquisador Souza (2020), em suas observações, traz ao evento o que chama de entrada e terminologia, quando se refere a um mapeamento de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

Neste sentido, chego a perceber nesta história muita determinação e criatividade. Souza (2020), portanto, foge do método tradicional e prima por novos caminhos para descrever sobre suas estratégias no decorrer de seu estudo autobiográfico sobre, “eu” fonte.

O pesquisador trabalhou em prol de sua promoção de carreira de professor titular a partir de seus próprios pensamentos em sua trajetória funcional na Universidade Federal de Pernambuco. O pesquisador amplia sua percepção organizacional enquanto fonte, numa demanda que inspira determinada temporalidade autobiográfica. A este respeito é válido ressaltar as observações de Franklin (2009), quando aponta que os indivíduos passam a escrever a autobiografia a partir de certo tempo na instituição ou em processo de aposentadoria.

Por esse prisma, Souza (2019), ativa a sua memória por meio de um retrospecto mental para alimentar a sua tese preocupando-se em demonstrar a sua competência em reunir dados e explorá-los numa importante exposição. E nessa exposição, o pesquisador se propõe esclarecer dados pessoais e profissionais, onde denota narrativa do docente inseridas no convívio institucional e que podem construir um espaço de liberdade para tratar desde os assuntos mais difíceis aos mais comuns, numa crítica sobre sua própria vida.

E assim, dando ênfase em sua pesquisa científica, Souza (2019), indica que “o estudo da tese autobiográfica, surge a partir de um conjunto de procedimentos, na busca da memória num processo de aglutinação da própria percepção que ele tem de sua trajetória”. Neste contexto, a determinação e o comprometimento na pesquisa visam colaborar com estudos de futuros pesquisadores que pretendam buscar a memória e fontes de si.

Souza (2020) reforça que a autobiografia pode ser uma construção política na medida em que você decide o que quer conectar a história de sua trajetória, em outras palavras, o que pretende influenciar a partir dos registros da sua fala. E nessa jogada de conexões, entre uma e outra tomada de decisão e entre um ou outro posicionamento político, foram se construindo e reconstruindo cenas carregadas de imagens, cheiros e

gostos, personificando e atribuindo sentido dito e o interditado simultaneamente. Estes gestos retratam um misto de habilidades próprio do referido pesquisador.

Assim sendo, diante de tantos atributos elencados me deixo ser levada pelos ensinamentos do professor Souza (2019), quando propõe novos caminhos para a trajetória autobiográfica ao se utilizar do procedimento de gravações de áudios, um dos itens muito importantes para construir o eu fonte. Portanto, no pensamento de me tornar uma contadora de história surge a inspiração pelo estudo que se estabelece no encontro face a face do pesquisador e da fonte, na fala de si, na contação de minha própria história.

Para tanto, é a partir desta perspectiva que busco ampliar saberes sobre a biografia e autobiografia que de acordo com o Verner Guinn (1982), estarão contribuindo com valiosas informações sobre determinadas pessoas, não veio como verdade, porém há a necessidade de entender a fonte como documento, como narrativa, dependendo de quem esteja produzindo.

Portanto, na pretensão de realizar a narração de minha trajetória me envolvo nesse cenário crendo que a **educação** é um bem que eleva o ser humano e me alio à evolução dessa educação ao me deparar com o professor Paulo Freire (1987) que se preocupou com a consciência do homem, defendendo a ideia de que “O homem consciente, é um homem de visão e que pode guiar seus próprios caminhos”. Em sua “Pedagogia do Oprimido”, ele revela que: “O homem deve ter seus próprios pensamentos e expressar suas ações, pois a falta da liberdade é quem torna o homem prisioneiro de si mesmo hoje, ou em qualquer tempo pela falta da tão preciosa e esperada educação”. Paulo Freire (1987, p.23).

Diante dessa reflexão, deixar claro que a educação brasileira é marcada por desníveis geradores da grande desigualdade social, o que vem dificultando o seu desenvolvimento. Para reforçar esse entendimento, sabe-se que é a partir da educação que a pessoa pode dar os seus primeiros passos com dignidade e segurança e que, de acordo com Paulo Freire (1987), “O homem sem leitura é um homem sem visão de mundo”. Desse modo, pode-se afirmar que é a partir das primeiras letras, das primeiras sílabas que o homem começa a enxergar o mundo e vislumbrá-lo de muitas maneiras e ainda declara, que a “educação liberta”!

Por esse motivo é que se faz entender que as diferentes formas de comunicar possibilitam ao homem interagir com o seu ambiente de várias formas, além de não permitir que o homem venha a cair no isolamento, de acordo com esta observação Freire (1987), afirma que “o isolamento é a negação do homem, é o fechamento da consciência, uma vez que a consciência é aberta!”.

Assim sendo, a partir dessa conscientização quero levar em conta a abertura também percebida no pensamento de Paul Thompson (1982), quando se preocupa em dar visibilidade aos excluídos, aos sujeitos esquecidos, os que estão à margem da sociedade, tão carentes da significativa educação.

Levada por esse raciocínio entendo que a História Oral vem elucidar os argumentos de Thompson (1982), quando a proposta do estudo é enveredar pela técnica da entrevista realizada na perspectiva de que a história de vida estabeleça um campo de resgate de memórias mediante acontecimentos que constituem a fonte, a partir de um universo diversificado representado por relato de situações nas narrativas de experiências.

E no que se refere a experiências o professor Thompson, em sua obra: *A voz do Passado- História Oral* (1982), ainda declara que “o passado está bem próximo de nós e indaga que o dia a dia não deixa a memória morrer”. Sendo assim, trago ao cenário o pensamento de que nas minhas idas e vindas consegui realizar movimentações importantes nesta academia que podem vir a somar como interessantes lembranças. O que me leva a compreender que nossa história permanece viva!

Neste sentido, Thompson (1982), apresenta em seus feitos e discussões, ensinamentos práticos e técnicos que significam e ressignificam questionam que a fonte nos vários cenários faz parte de uma técnica que pode ser usada de diferentes maneiras e propõe a este universo um resultado que vem a se transformar em documento.

Importante realçar que em sua oralidade, o pesquisador propaga na sequência que por meio da história oral a comunidade pode contar a sua própria história envolvida por vários segmentos: contada, através de entrevistas, do rádio, da encenação teatral ou gravada. Destaca que diversos países aderiram a essa prática, a exemplo da Suécia, Polônia, Grã-Bretanha, entre outros países.

Então, partindo desse complexo interativo tão salutar, vale uma melhor compreensão sobre as propostas que apresentam em alguns dados significativos sobre esse universo a seguir:

A Suécia (1978) organizou um evento cujo tema foi: *Escreva Onde Você Vive*. Um incentivo aos trabalhadores a escreverem sobre o seu local de trabalho, a partir do seu ponto de vista (fontes documentais, orais).

Já a Polônia (1945), investiu nas histórias de vida das pessoas, estimulando as memórias autobiográficas escritas, lançou o concurso de memórias organizado por jornais, rádios nacionais, locais e todas as cidades, o que contabilizou mais de mil pessoas inscritas e como incentivo, os melhores trabalhos eram publicados nos folhetins em forma de livros;

No entanto, a Grã-Bretanha (1985), incentivou alguns grupos da cooperativa a gravar a sua própria história. Os moradores se reuniam para gravar, transcrever, confeccionar seus feitos depois de concluído os trabalhos eram distribuídos através de fitas em hospitais. Uma produção que enaltece a autoestima das pessoas que se envolvem nesse processo e as produzem bem como, a alegria de quem as recebem e se sentem agraciados. Os enunciados vêm dar ênfase ao trabalho que se encontra em andamento e precisa ser embasado por apoio de conhecimentos de pesquisadores que fizeram seus experimentos nessa área e apresentam resultados positivos e convincentes.

Deste modo, nesse grande encontro sou incentivada por estes importantes argumentos, confiante que será possível interagir com ensinamentos valiosos, assim como, sou acompanhada neste caminho e conduzida lado a lado pela a luz do candeeiro no Construto do eu Fonte na composição do objeto de estudo para propagar a educação.

Nesta perspectiva, o estudo se reveste de conteúdos que agregam valores, contemplados pelos conhecimentos na sequência a seguir: A Espiral do Tempo como Dispositivo de Análise para Narrativas (Auto) Biográficas Trajetórias de Vida; História Oral: Narrativa Autobiográfica do Próprio Pesquisador como Fonte e Ferramenta de Pesquisa; Considerações Teóricas Conceituais sobre Arquivos Pessoais; Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos; Memória e Liminalidade entre Discursos Biográficos da História, do Jornalismo e da Literatura; A Pesquisa Biográfica ou a Construção Compartilhada de um Saber Singular; Narrativas da Experiência na Pesquisa-Formação: Do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico; e Tese Autobiográfica: Os Procedimentos para o Construto do Eu Fonte, que se encontra no contexto teórico metodológico.

Partindo desse princípio, é interessante salientar que são nas entrelinhas do cotidiano que se justificam os acontecimentos da trajetória de uma vida e, por conseguinte de dados que se acumulam e se ressignificam mediante as diversas percepções e o entendimento de pesquisadores do que vem a ser memória, narração, história de si mesmo, contido na sequência deste estudo.

E nesta junção de diversos pensadores que se fortalecem saberes numa interação de obras desenvolvidas por categóricas narrações, venho a destacar os significativos enunciados, dando início ao trabalho elaborado pelas autoras: Cláudia Rodrigues, Carmo Arcenio e Patrícia Basto de Azevedo, movem neste horizonte, a publicação da obra elaborada em (2021), destacada através de uma narrativa do saber permeada por um experimento inovador que se utiliza de mecanismos para uma análise representada por

gráficos mediante o tempo e o espaço, no uso da narrativa para contação de história de vida.

A investigação das pesquisadoras defende a memória e traz forma para o seu entendimento a partir de conhecimentos organizados, traçados por um perfil cronológico, percebido por si mesmo destacado entre a memória individual e coletiva a integração com os vários campos das ciências, entre eles: o da medicina e psicologia.

Percebe-se evidencia no quadro organizacional o que pode dar ênfase ao estudo em curso.

Para tal, a grandeza da forma artística usada por Arcenio e Azevedo (2021), no construto da representação gráfica com respeito ao individual e ao fluxo de cada pessoa, destaca em cada cronótopo, uma ação coletiva entre o tempo e espaço do outro, em sintonia com a reflexão simultânea que acontece na construção de vínculos no entorno com outros vínculos: familiares afetivos laborais e socioculturais.

Por esse prisma, vale realçar a criatividade das pesquisadoras, quanto a inspiração ao produto de forma Espiral, no qual oferece identificação representativa com ampla visão panorâmica do que foi pesquisado, vindo a facilitar o olhar e a compreensão do leitor. Bem como, reconhecer o processo onde as autoras demonstram várias funções e denominações da memória e de sua evolução na pesquisa, destaca a memória individual dando-lhe visibilidade a linguagem em especial e a linguagem através da escrita (2021).

Uma escrita que traz o melhor da memória mediante a compreensão de si mesmo, entre vivência e trajetória de vida. Tendo em vista que a memória individual é subjetiva, afetiva e flexível, mediante a subjetividade ligada a memória que tem por base as narrativas autobiográficas.

Neste sentido, observar o que as pesquisadoras anunciam quando se referem a autobiografia, afirmam que existe a escrita do outro e que direta ou indiretamente há vestígio da vida de outros sujeitos em vários aspectos, inclusive, entre o tempo e o espaço, agregando valores ou não nesse âmbito.

Por conseguinte, considerar a percepção de Pollak (1992), quando indaga que a memória é algo extraordinário, individual e íntima de cada pessoa. Neste embate, Halbwachs (1990), declara que a memória é coletiva, se constrói e reconstrói em meio a vivências entre grupos sociais e na sociedade.

Ainda sobre esse aspecto, as pesquisadoras consideram que a memória não é plenamente individual, agrega emoções e sintomas da sociedade coletiva. Para elas, a memória coletiva não estabelece limites, pois ela não é única.

Assim, para crescimento deste embate as pesquisadoras trazem alguns estudiosos à fazer parte das análises, entre eles, Bakhtin (1998, p.211), que vem aguçar o espaço quanto ao conceito do Cronótopo, defende que se trata de uma reflexão sobre a interação entre o tempo e o espaço na produção de literatura ainda deixa claro, a mistura entre temporais e espaciais envolvidos por um todo.

O que significa dizer que a construção espiral é inesgotável, cada pesquisador escolhe o que lhe seja peculiar, cria sua própria espiral, ainda que de modo artesanal. No entanto, Arcenio e Azevedo (2021), utilizaram a leitura para representar o tempo numa experiência preenchida por muitos movimentos, entrosamentos e pluralidade.

Assim sendo, vale evidenciar que o trabalho elaborado pelos autores, chega para demonstrar que o tempo era infinito e que a metodologia colabora com a análise de narrativas e entrevistas de natureza autobiográfica. As autoras revelam ainda que a organização é um dos fatores essenciais na pesquisa, a partir da ilustração que propõe visão ampla de todos os ângulos.

Neste estudo, as autoras, desenvolveram um processo que chega para demonstrar graficamente toda uma trajetória de vida por meio da narrativa, um registro que deixa em cada participante sua própria marca, o seu estado interior, visado entre presente e passado o que colaborou para o universo investigativo.

Ainda nestes tramites, a narrativa pode ser entendida como uma exposição de fatos, mediante texto descritivo sobre todo e quaisquer temas, a partir de um conto, história, notícias de jornal, histórias em quadrinhos, romances, novelas, entre elas, as autobiografias.

E nessa cadência neste encontro as pesquisadoras, chegam para dá continuidade a este contexto e apresentam o assunto que discorre sobre reflexão de um estudo com o propósito de descobrir se a revisão bibliográfica do seu próprio pesquisador pode ser considerada válida e viável no campo das Ciências Humanas e Sociais. Ainda afirmam que essa prática se fortalece no Brasil, nos anos 1990 e faz crescer esse tipo de produção na área da educação, foca a pesquisa e o professor, que se torna produtor e ator de sua própria história.

Por estes termos, frisar que por algum tempo a escrita não era utilizada nos relatos escritos, prevalecia, o uso da oralidade e diferentemente deste estágio, as autoras apresentam uma nobre pesquisa sobre a subjetividade humana contida na narrativa autobiográfica com expectativas de análises narrativas como ferramenta metodológica,

sendo o sujeito o foco que se insere numa única pessoa, Marques, Satriano e Cecília (2017).

Consequentemente, em resposta as suas indagações, as professoras, afirmam que a narrativa não é a descrição fiel dos fatos, mas a forma mental que o produtor cria para contar a sua história. Sendo assim, busca respaldo sobre o assunto e conta com o pensamento de alguns especialistas.

Neste caso, de acordo com Camasnie (2007), e Cunha (2009), a narrativa se amplia como um novo construto da expressão de si e da realidade entre o texto verbal e não verbal, trata-se de um enredo que mostra o mundo interno do narrador e a sua interação com o mundo. Afirmam ainda, que a narrativa autobiográfica se forma por vários ‘eus’ e os outros, no construto em si mesmo, há uma mistura que se atualiza com o tempo para o inesperado entre a leitura e releitura de si. No entanto, Hutto (2012), diz que nas narrativas artísticas o narrador se aproxima mais de si mesmo, das emoções e reflete sobre elas.

Mediante o fluxo dessas reflexões, Fonte (2006), indaga que a narrativa se utiliza de diferentes níveis de análises de leituras e releituras de si e do mundo, numa construção que acontece entre os vários aspectos e se ressignificam através de um contexto interpessoal, compreendido entre o social e emocional que estão em constantes mudanças.

Para tanto, vale exaltar nesse complexo de significados, onde Benjamim (1994) traz a narrativa a esse universo analisando de modo artesanal, sem sofisticação na comunicação, para ele, a narrativa representa uma relação sem compromisso com a fidelidade em seu relato, declara ainda que apresenta a realidade de cada produtor e enfatiza que o mesmo se encontra preenchido por suas narrativas e assevera como única, cada narração.

Ainda nesta sequência, Ferrarotti (1983), em suas contribuições identifica o duplo processo entre interior e exterior numa peculiaridade da subjetividade humana, traz à tona a relação histórica social do indivíduo e enfatiza que não segue regra quanto o diálogo e sofrem muitas influências. Atenta às mudanças do narrador que descobre a sua realidade a modifica e a faz a sua tradução mediante o seu entendimento sobre o seu contexto interior; o que vem a gerar ressignificação nesse universo.

Perante a grandeza dessa prática na pesquisa, Bruner (1997), revela que a narração não está presa apenas a um relato, mas justificada pela produção textual e reforça que se trata de um processo que propõe a realização de um grande cenário preenchido por um conjunto de escolhas representado por uma nova posição na vida do narrador.

Deste modo, realço o relato das autoras, quando se referem ao destaque significativo hoje na Europa, que valoriza a subjetividade e distingue a posição do sujeito dentro das ciências humanas, que consegue visibilidade nas áreas da antropologia, sociologia, história, filosofia, educação e psicologia e chega a afirmar que essa prática se fortalece no Brasil, nos anos 1990, e faz crescer esse tipo de produção na área da educação, focaliza a pesquisa e o professor que se torna produtor e ator de sua própria história, Marques e Satriano (2017).

Perante esses termos, vale pontuar os registros das pesquisadoras quando indagam que as produções narrativas não estão apenas presas as construções internas, vão mais além, presentes nos textos da humanidade a exemplo: nas danças, músicas, artes visuais, moda, além da fala do narrador, o que vem a se caracterizar como um estilo desse produtor, Marques e Satriano (2017).

É imprescindível considerar o olhar das autoras quando trazem a psicologia cultural para asseverar que a narrativa não conta com a fidelidade da descrição, mas surge de uma construção da tela mental do próprio narrador e nesse construto interage com o singular e o universal, onde se abstrai o sentido atribuído.

Assim, levo em conta nesta narração, a questão do sentimento através do estado emocional do pensador, quanto as suas certezas, incertezas, dúvidas e contradições de suas vivências, mediante significados e ressignificações.

Neste sentido, ressalto a pesquisa envolvida por todo esse aparato com a narrativa que elege como uma das mais importantes peças nesse cenário: a memória, o pivô de toda busca de lembranças inteiradas com a trajetória de vida e da contação de histórias que podem ser preenchidas pelos vários campos do saber, entre eles a literatura e a psicologia, vindo a contribuir com a análise desse estudo.

Para as pesquisadoras, a obra indica o perfil da pesquisa no âmbito da educação, mostra que as revisões literárias se encontram em destaque na área da saúde, em especial a área da psicologia clínica, tanto na área da formação quanto na área funcional. Vale reforçar o estudo que contribui com processo narrativo, mediante a subjetividade do narrador no universo dos saberes, Marques e Satriano (2017).

E no passo a passo da informação, são nessas idas e vindas em busca fatos peculiares na contação de histórias que se percebe a necessidade de fortalecer este universo científico, e ao mesmo tempo consolidar conhecimentos e mantê-lo em lugar seguro e de fácil acesso, de modo a contemplar futuras consultas. Levando-se em conta o seu arquivamento, em especial o arquivo pessoal.

A perspectiva no momento sobre arquivo pessoal demonstra a importância de ampliação sobre o assunto elaborado pelos autores: Augusto César Luiz Brito, Analaura Corradi, e dando continuidade ao espaço que traz como proposta, reflexões sobre o que vem a ser um arquivo pessoal, público e privado, bem como, descobrir o que motiva uma pessoa a formar um arquivo pessoal, história dos “arquivos pessoais” enquanto, interesse de preservação e de estudo, com destaque para a “escrita de si”.

E no aquecimento deste estudo, Brito e Corradi (2017), revelam que mesmo se tratando de um documento importante para sociedade, por algum tempo o arquivo pessoal foi desqualificado pelo Estado, um registro que marcou a década de (1970). Foi um período em que apenas documentos oficiais eram reconhecidos como verdadeiras fontes de história: os arquivos de personalidades, de políticos ou grandes heróis tinham memórias preservadas. Porém, entre as décadas de (1990) a (2000), o arquivo pessoal torna-se institucional.

Considerando o empenho dos pesquisadores em reunir versões de estudiosos para agregar valores à pesquisa que se baseia em Assis (2009. p.14), ao revelar que o arquivo pessoal se trata de um escrito que fala de si e não denota documento administrativo, o que nos leva a entender que não era uma prioridade da instituição. No entanto, Brito e Corradi (2017), deixam evidente a desatenção no tratamento pela biblioteconomia, sem preocupação contextual, tal como, não se considerou a atenção que um devido acervo orgânico merece.

Por esse trâmite, levar em conta a ideia de Camargo e Goulart (2007), quando se propôs a dizer que o arquivo pessoal é como um processo construtivo e indissociável, considerando-se suas mútuas articulações quando se reconhecem seus nexos com as atividades que a geraram. Assim sendo, Brito e Corradi (2017), nos fazem perceber que houve evolução na valorização dos arquivos pessoais e bem como dos arquivos enquanto fonte e ressalta que paralelamente, aconteceu o avanço da historiografia, exatamente na segunda metade do século XX.

De acordo com Assis (2009), representa um período de renovação da prática historiográfica, desenvolvimento da nova história cultural, o que implica na redefinição e crescimento do conceito de documento. As mudanças chegam à representar a “redescoberta” do indivíduo no avanço de fazer história, no aumento do número de fontes nesta linha, o incremento da criação da micro história e da história cultural. Segundo, entendimento de Souza (2012), o que ajudou na efetivação do arquivo pessoal.

No entanto, sobre o assunto Mckemmish (2013), vem reforçar que um arquivo não significa apenas reunir documentos, mas há um impulso natural de escritores em guardar os registros conforme sua explanação, afirma que sociologia e a escrita reflexiva reconhecem as forças sociais promotoras dos registros pessoais. Para o autor, não existe narrativa sem uma história de vida contada pela própria pessoa para outros. Enfatiza que só o arquivo pessoal comprova esses dados e que as fontes legitimam a história de si, há questão indetentária envolto a psicologia que se encontra na individualidade e subjetividade de cada pessoa.

Essa individualidade declara a riqueza desse registro na pesquisa que demonstra argumentos decorrentes dos pensamentos e feitos abordados pelos autores, sobre a história dos arquivos pessoais; diferença entre os arquivos pessoais e públicos, tipos de documentos e a reflexões sobre motivos levam uma pessoa preservar um acervo particular destacando a “escrita de si”.

E sobre a escrita de si, vale seguir na reflexão da interação entre uma narrativa e outra que prossegue no propósito de lembrar que ao longo do tempo passamos por vários processos, e do século XVIII aos dias atuais destacam-se questões sobre a autobiografia que vem se aprimorando e ganha espaço no ambiente da narração de história de si, mediante construção e desconstrução de dados sobre o sujeito que decide a refletir em busca da memória à melhor maneira de resgate de informação para contemplar a sua fala. Calligaris (1998).

Contudo, instigada pela dinâmica compreendida nestes dados sobre o estudo organizado pelo professor Cantardo Calligaris (1998), que traz em seu contexto a obra que teve publicação no mesmo período em que o autor recorre às vozes históricas e consegue reforço para suprir um panorama de diários íntimos e autobiografias que de forma emblemática se propõe em transferir seus escritos e partilhar com sociedade contemporânea.

Trata-se de um estudo em que se percebe a perseverança de um historiador que avança na busca da narração de história de vida, seja pela intimidade com o diário íntimo ou pelo ato autobiográfico, mas a partir da necessidade desse pesquisador rastrear respostas baseadas em verdade e encontrar por propostas viáveis a esse propósito.

Interessante frisar, que o autor expõe dois parágrafos distintos que se referem ao mesmo assunto, porém com significados diferentes: Primeiro, traz dados factuais sobre as características de um diário com retóricas que se distanciam em seu contexto, e no segundo momento: denota a sinceridade e a verdade, impõe superioridade onde à fala constrói

autoridade dos fatos. E nessas idas e vindas realizadas pelo pesquisador, nota-se o esforço na maratona de leituras e recolhimento de conteúdo para fortalecer o conhecimento nessa área.

Um conhecimento que envereda em meio a antropologia e a modernidade ocidental, em que Calligaris (1998), vislumbra a verdade do indivíduo no âmbito da fala e da escrita e com a conotação textual, aponta a autoridade e intimidade do autor com a sua própria escrita, e acredita na sinceridade e autenticidade do texto, mesmo que essa verdade seja factual.

Desse modo, o autor se propõe em trabalhar a sinceridade e demonstra o seu potencial quanto a veracidade dos fatos, confessa ainda que a escrita autobiográfica é a descrição de um diário, são documentos relevantes em nossa cultura.

No seu estudo científico o pesquisador, demonstra peculiaridades sobre o gênero autobiográfico e interage com ideias de outros pensadores: Georges Gusdort (1948-1951-1956). Afirma que o ato autobiográfico é um gênero histórico, deve ser datado e culturalmente oferece mais de uma possibilidade de escrever sobre a sua história de vida, diz que a produção autobiográfica ainda é concebida em termos restritos.

No entanto, de acordo com Verner Guinn (1982), a narrativa de si representa o momento em que o sujeito moderno aprende a se dizer criando condições para contar suas próprias experiências, fazendo escolha pela produção autobiográfica sem dificuldade de retorno ao assunto que teve seu início no século XVII, vivenciado como um período envolvido por grande introspecção.

E sobre esta questão introspectiva, Calligaris (1989), destaca que o universalismo traz à tona a ideia do individualismo nas filosofias Alexandrinas e o diário íntimo de Marcos Aurélio e as confissões de Santo Agostinho. Pois em seu entendimento, para que a biografia seja um gênero, é necessário que as vidas vividas, narradas ou não, sejam histórias, quando cada vida se organiza como narração mesmo que jamais seja contada ou escrita para outras pessoas.

Por este prisma, levar em conta a posição do pesquisador, quando menciona que o romance moderno chega com a biografia e autobiografia, que estes gêneros escrito ou vivido e até mesmo o diário, buscam arquivos de narrativas onde o romance se acumula como patrimônio de todos. E assegura que vivemos nossa vida como romances onde reciprocamente se encontra na literatura modelos para a nossa vida.

Por esse entendimento pode se considerar a pesquisa que traz em seu contexto uma trajetória entre afirmações e contradições, onde Calligaris (1989) se insere na contação da

história e designa versões sobre a verdade do ato autobiográfico e concorda com Lacan (...) quando diz que: a verdade está em uma linha ficcional, por compreender que esse ficcionalizar significa a própria vida de forma ocidental moderna, capaz de orientá-la.

Para tanto, na exposição dois parágrafos distintos que se referem ao mesmo assunto enfatiza que existe na autobiografia a sinceridade e em sua compreensão a verdade do sujeito mudou, o ato autobiográfico, muda para um cenário onde a visão da verdade se concentra na imagem que se vive no e pelo olhar dos outros. Portanto, nessa contação de história de vida existe uma espécie de teatro de memória, mediante uma contagem cronológica.

Nas entrelinhas nessa contagem cronológica é interessante enfatizar a memória como um dos índices importantes da nossa história, consegue dar nome e direcionar nossos passos em meio a nossa trajetória e, assim, contribuir com o diagnóstico de nossa identidade, a exemplo: Santo Agostinho (2010), faz alusão a memória demonstrando quão importante para nós ela é. Nos leva a oportunidades de reviver o passado, reafirmar lembranças de vivências que ficaram para trás onde se encontra a resistência de não perder a identidade nem cair no esquecimento.

Então, mediante ao incentivo a identidade é válido interagir com os aparatos que estão guardados no passado e dar evolução na continuidade do estudo que traz à reflexão o envolvimento dos vários gêneros textuais diante um compartilhamento que agrega valores nessa área do conhecimento, em especial as pesquisas biográficas e autobiográficas elaboradas pelos professores: Juracy Ignes Assmann Saraiva, Cláudia Schemes e Denize Castilhos de Araújo (2011).

Nesse exaltar de memória, Saraiva (2011), chama a atenção para a necessidade de entrosamento entre narrador e ouvinte, denota a falta de narrativas nos dias atuais, ressalta que é no passado que se resgatam impressões que garantem a possibilidade da interação com a história humana que deve ser permeada com a sociedade.

Ainda nesse trâmite, as alegam sobre preservação da identidade e memória, traz ao cenário, ação interdisciplinar que norteia e revela as áreas das ciências humanas. Frisam que a relação entre realidade e ficção que permeiam a contação de história de vida, interage com o biografismo, crendo no teor desse gênero textual que se encarrega em renovar a realidade refletida sobre os limites entre as narrativas: Histórica, Literária e Jornalística.

De acordo com Saraiva (2011), a história biográfica por longo período foi privilégio de poucos, a narrativa de vida atendia apenas aos ilustres, com aval da historiografia oficial. Conseguiu excluir pesquisadores fora dessa área e de atenção das

correntes tradicionais. Chegou a gerar insatisfação aos mesmos, pelas imposições e superaram os imprevistos renovando-se na busca do passado juntos aos sujeitos e a própria biografia.

Por esse prisma, saber que a biografia é entendida como história de um indivíduo regido por outro, que revela vida do biografado e de seus atos com os fatos históricos, realiza registro com base documental, dados pessoais e das proximidades do pesquisado. Enquanto que a autobiografia, em sua construção narrativa cabe ao seu narrador, não exige método investigativo, sendo predominante a ficção.

Ainda de acordo com a autora, em todas as modalidades textuais existe sempre uma história a ser contada, neste sentido percebe-se a importância da pesquisa, tendo em vista a necessidade de produção de documentos que venham a fortalecer a memória.

Saraiva (2011), destaca que essa contação de história é demonstrada nas manifestações do biografismo, a partir da era cristã e desde a história de Roma até a literatura atual, traz marcas de produções do século XVIII, com o apoio do individualismo e sua concepção no mundo. Para ela, são com as mudanças pós-modernas que cresce o interesse pela busca individual e da presença do sujeito na história, com olhares para a subjetividade.

E no que se refere ao século XIX, chega para esse o universo o reconhecimento do romance como eixo motivador da vida humana e suas relações coletivas, levando o homem a vir refletir sobre sua condição. Neste contexto, salientar que foi com o desmonte do discurso da razão que a biografia e a autobiografia ganham novos sentidos sobre fatos e sujeitos. Momento que se conseguiu evoluir no processo de análise, o que propõe a verdade estrutural, objetiva e neutra, Saraiva (2011).

Essa neutralidade envolve a mudança que vem a fortalecer narrativas de história de vidas e práticas sociais reveladas de forma heterogêneas, conforme cada vivência e suas verdades em diferentes abordagens. A pesquisadora revela que nessa construção biográfica pode acontecer controversa. Indaga ainda que nessa diversidade dos gêneros textuais, envolto a categoria da história direcionada a biografia e autobiografia que traz como relevante a memória, que volta no tempo trazendo lembranças de história de vida aliada as produções no universo narrativo entre: Literatura, da História e do Jornalismo. Saraiva, (2011).

Portanto, neste contexto o século XVIII, chega à tona o gênero narrativo para o âmbito da biografia da história, porém não exclui problemas com o historiador em sua escrita. O que para Schmidt (2000), os historiadores fazem uso de diversas abordagens e

tratam sobre trajetórias individuais, não se trata de uma simples pessoa, mas de sua representação enquanto indivíduo que traz em si a característica de um grupo que se transforma em personagem na literatura.

Levando-se em conta que uma vida não pode ser entendida apenas pela sua singularidade, por isso, deve ser contextualizado por sua relação exterior com o tempo que viveu, não apenas como um autônomo colocado no espaço já formado. Schmidt (2000).

Porém, entender que o estudo que traz em seu universo concepções importantes que permeiam o contexto dialógico e narrativo, entre o gênero biográfico que se entrelaça com a história, a literatura e o jornalismo que contribuem nas composições romanescas ou não, saber que a memória consegue interagir com base na realidade ou ficção. Mas que interage com os vários pensadores e suas brilhantes imaginações que valorizam o reduto da criação e reconstrução de uma história.

Nesta reconstrução vale reconhecer que a educação é o elo pelo qual somos permeados por conhecimentos e informações em diferentes segmentos, bem como levados a refletir sobre diversos saberes motivados a explorar vivências através da memória e ressignificar a história no convívio social.

E na continuidade a essa exploração e reflexão ao convívio social, que interajo com apoio de Christine Delory-Momberger (2016), que chega e recorre ao grupo das ciências humanas para partilhar sobre esses saberes. E assim, seguindo a evolução dessa partilha de informações vamos contar com mais um embasamento teórico que se trata de um estudo minucioso e crítico sobre os princípios das hipóteses e dos resultados da ciência para fundamentar o processo da pesquisa biográfica.

É importante enfatizar que nesta experiência, a pesquisadora se fundamenta para descobrir o que a pesquisa biográfica investiga. E como esse saber se constrói? Primeiramente, confirma que a especialidade e a centralidade do fato biográfico nos processos de individualização e de socialização acontecem por interrogar o campo de conhecimento descrevendo operações e noções centrais mediadas pela atividade biográfica, biografização e biograficidade, afirma que se relacionam entre si e se compõe de um resultado.

No entanto, quanto à segunda indagação, Delory-Momberger (2016), deixa claro que essa construção se encontra nas fontes, em especial nas narrações individuais que não se constroem de outra parte e sim, a partir de articulações entre a pesquisa biográfica e pesquisa em educação. Revela ainda ser de fácil entendimento o campo de conhecimento

da pesquisa biográfica, pois se trata do processo construtivo, individual na construção de si de subjetivação.

Observa-se nesse panorama de experiências que para realizar uma produção científica há toda uma expectativa em seu processo. A professora dispõe de meios para fazer acontecer a contação de histórias em seus diversos aspectos e roteiros, de acordo com cada narrador.

Segundo a autora, a pesquisa acontece partilhada com outras correntes científicas, como as do saber que ela mesma procura, diz respeito ao biográfico, enquanto a dimensão constitutiva da gênese no campo da investigação, da psicologia social, mas essencialmente, em seus estudos.

De acordo com a pesquisadora, diferentemente de outros estudos científicos, a pesquisa biográfica vislumbra dimensões do tempo, mediante o processo construtivo individual, um estudo onde acontece abordagem de si para si, com as relações que lhes cercam na trajetória da sua vida, da sua história. Delory Momberger, (2016 p.137).

Bem pertinente lembrar que no estudo de si, o tempo representa a extensão da experiência humana, no qual o indivíduo se ressignifica no circuito do seu habitat. Esse tempo faz parte da construção que fundamenta a narrativa e permeia toda uma trajetória existencial, onde o ser humano dá forma ao seu viver, situa a história singular do eu ser.

Dessa maneira, vale trazer para o espaço a atividade biográfica que denota a dimensão social quanto a compreensão do eu e de sua estrutura colaborativa de si com o meio social. O que se identifica por meio da construção autoreferencial. Neste sentido, Alfred Schütz (1981), faz relação com a sua história e experiências mediante elaboração cumulativa, construindo-se de dentro pra fora integrada as experiências tornando-se um grande enredo numa trama de vida. Delory-Momberger, (2016 p.137.138).

Considerando a ideia da autora, é necessário lançar um olhar à pesquisa biográfica, que reflita agir e no pensar humano numa perspectiva orientada e articulada no tempo que se organiza e constrói experiências na lógica de uma razão narrativa. Numa dimensão de elaboração comunicativa que se integra com a experiência e permite o fazer da trama narrativa seu modo de apreensão e inteligibilidade da vida. Delory-Momberger (2016).

E nesse pensamento do prosseguir na dimensão de elaboração na área da inteligibilidade e dinamismo é que acontece a realização de encontro com os vários pensadores nos diversos segmentos entre percepções peculiares e reflexões que se identificam ou se diferem por meio de abordagens que agregam conhecimentos e

contemplam este estudo que se propõe em confluir valores com finalidade de acelerar o processo autobiográfico.

Assim sendo, ainda na perspectiva de evoluir nesse crescimento teórico, Passeggi (2016), colabora com informações importantes sobre os sujeitos: epistêmico e o empírico. Explana como se dá a formação ao longo da vida, denota que o século XVI, chega marcado pela ciência moderna e a divisão entre o sujeito do conhecimento e o sujeito biográfico: a pessoa que pode ser identificada como autobiográfica, que conhece a si mesmo e faz reflexões sobre sua própria natureza, independente de teorias.

No endosso de suas próprias palavras, a autora adere à reflexão de Souza Santos (2002), quando relata: “a ciência moderna consagrou o homem epistêmico expulsando o homem empírico, mesmo sendo importante para a ciência, obtendo crescimentos significativos na pesquisa científica”. Com esse pensamento vem colaborando na ampliação das várias áreas do saber, inclusive a educação.

Porém, a proposta no século XVI, era levar o sujeito empírico a ser esquecido, apesar de sua relevância para as ciências sociais e humanas. Pois se revela como um sujeito pensante que deixa transparecer suas emoções, consegue refletir sobre si mesmo e sobre as próprias ciências.

Assim sendo, a pesquisadora considera provocante o raciocínio que de um lado vem colaborar com a produção da história ocidental, acredita na divisão entre sujeito epistêmico, (do conhecimento) e o sujeito biográfico (da experiência empírica), ao mesmo tempo possibilita a união dos dois conhecimentos nas narrativas da experiência considerada como prática pedagógica na perspectiva da pesquisa-formação. O que para Suasseire (2006), significa a impossibilidade desse isolamento entre os dois ramos. Para ele, não se deve separar um do outro. Passeggi (2016).

Desta forma, a professora traz informações sobre formação de professores enquanto adultos em formação e “não alunos em formação”, ainda são poucas, o que vem gerar muitas expectativas sobre a pesquisa educacional. Mesmo sabendo-se que a universidade desenvolve atividades com adultos. Para a autora ou se prioriza a relação estatutária “professor-aluno” como vem se realizando na escola ou se priorizam os conteúdos disciplinares, com tendência a deixar invisível a relação fundada na cooperação entre profissionais ou futuro profissionais da educação em permanente formação.

Sabidamente, Passeggi (2016), faz confronto aos ensinamentos de Paulo Freire (1987), quando se refere à formação de adultos. Pois no caso, Freire buscou entender a condição em que o adulto se encontrava para poder ajudá-lo. Em paralelo, mudar para que o

orientando entendesse sua condição de analfabeto para receber o ensinamento do aprendizado a partir de seu raciocínio, se superar e libertar da condição opressora e assim se emancipar. Quanto a esta questão, Freire, primou em orientar a percepção de educadores na formação continuada que aconteceu fora do Brasil, por meio de um dos primeiros movimentos das histórias de vida em formação na década de 1980 na Europa e no Canadá.

Alguns estudiosos do Brasil, inclusive António Nevoa (1995), se preocuparam com o adulto em formação e fizeram parte do movimento das histórias de vida em formação para entender como os alunos adultos em formação procedem e a partir de suas experiências o que podiam fazer com elas. Como seriam transferidas as suas vivências, daí surgem o recurso das narrativas da experiência profissional ou existencial e aos fatos pessoais vivenciados. (Mediante a narrativa de si).

Ainda nesse processo sobre a narrativa de si, o ano 2000 vem consolidar o movimento biográfico internacional, que de acordo com PASSEGGI (2016, p. 70). Revela que:

Especificamente no Brasil tem crescido com percepção específica epistemológica das narrativas de si como prática de formação geradora de outra forma de produzir conhecimento em Educação adotando um posicionamento crítico sem desconsiderar as aprendizagens disciplinares centra-se no sujeito da formação e não apenas na formação em si mesma, abstraída de quem forma. (PASSEGGI, 2016, p. 70).

Importante lembrar que sobre esta temática, a professora Passeggi, acredita em um repensar sobre teorização da narrativa de si, demarcando como um procedimento próprio da educação diferente do seu uso em outras ciências humanas. Nessa sequência, a autora assevera que as carreiras acontecem entre altos e baixos, erros e acertos, mediante a projeção de um projeto em cenas, como uma colcha de retalhos revestida de conhecimentos que se processam ao longo do tempo na trajetória de vida de cada sujeito. Neste contexto, Freire (1992), anuncia que a experiência adquirida fortalece a proposta da pesquisa em formação.

Perante todo o processo reflexivo enunciado pela Passeggi percebemos que a formação não se processa apenas ao longo do tempo na trajetória de vida de cada sujeito, não só está em nosso dia a dia ao longo de nossa história, mas está em cada um de nós, desde que estejamos abertos a busca do saber, dispostos a arregaçar as mangas e pôr a mão

na massa, consciente para errar e acertar, a aceitar crítica ou elogio entre um experimento e outro, ao qual decidiu escolher e que lhe possibilite a teste.

Mediante o exposto, a pesquisadora explica não ser um processo fácil, pois se trata de um jogo de paciência e dedicação diante do aprender a aprender e o repassar cheio de significados com base nos feitos do sujeito empírico, por assim dizer: é a busca do conhecimento em movimento constante, com perspectivas de poder chegar a resultados positivos.

Quadro 1- Revisão de conteúdos Teóricos Metodológicos: Tese, livros. e artigos.

Revisão teóricos metodológicos			
Tipo de Obra	Obra	Autor (s)	Data
Tese	Autobiográfica: Os Procedimentos para o Construto do Eu Fonte, que se encontra na introdução.	Edilson Fernandes de Souza.	2020
Artigo	A Espiral do Tempo como Dispositivo de Análise para Narrativas (Auto) Biográficas Trajetórias de Vida.	Cláudia Rodrigues do Carmo Arcenio, e Patrícia Batista de Azevedo.	2021
Artigo	História Oral: Narrativa Autobiográfica do Próprio Pesquisador como Fonte e Ferramenta de Pesquisa.	Valéria Marques e Cecília Satriano.	2017
Artigo	Considerações Teóricas Conceituais sobre Arquivos Pessoais; Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos.	Augusto César Luiz Brito, Ana Laura Carradi.	2017
Artigo	Memória e Liminaridade entre Discursos Biográficos da História, do Jornalismo e da Literatura.	Uracy Ignes Assmann Saraiva, Claudia Schemes e Denize Castilhos de Araújo.	2011
Artigo	A Pesquisa Biográfica ou a Construção Compartilhada de um Saber Singular.	Christiane Delory Momberger.	2016
Artigo	Narrativas da Experiência na Pesquisa-Formação: Do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico.	Maria da Conceição Passeggi.	2016
Artigo	A Memória Evanescente	Leandro Carnal, Flávia Galli e Flávia Galli Tatsch	2004
Livro	Testemunha Ocular: O Olhar de Peter Burke para a cultura material através das imagens.	Peter Burke	2017
Livro	A Voz do Passado -História Oral.	Paul Thompsom	1989
Livro	Pedagogia do Oprimido.	Paulo Freire	1987
Livro	O Ato de Ler em Três Artigos que se Completam.	Paulo Freire	1989
Livro	O Encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade.	Enrique Dussel	1942

O resultado dessa demonstração retrata sequência da leitura de livros, teses, artigos que contemplam o estudo mediado pela memória, biografia e autobiografia.

Assim sendo, dando continuidade à evolução deste processo, trago ao cenário dados argumentativos que se justificam na composição do procedimento a seguir que se trata do diagrama do construto autobiográfico, conforme sequência.

2.1 Procedimentos Metodológicos

No que se refere ao procedimento metodológico: A pesquisa parte de um estudo qualitativo, uma vez que se preocupa com as questões de relações sociais; Trabalhar o Constructo do Eu fonte com base na história oral, na qual, busco as lembranças guardadas na memória para responder a autobiografia; no uso de procedimentos elaborados entre as narrativas orais e escritas a partir da fala do produtor através de relato escrito.

A produção autobiográfica acontece mediante o processo da autonarrativa que estabelece a gravação da fala do próprio narrador, em ordem cronológica, evidenciada por experiências vivenciadas e as devidas transcrições. Um processo que requer disciplina, sequência e organização.

Acontece com base em Souza (2020), a partir do Método autobiográfico EU fonte, trata-se de um método inovador e criativo para colaborar com avanço de estudos nesse segmento, no qual proponho expor esses procedimentos cogitando os enfoques na ação narrativa através de uma investigação científica.

Vale salientar que de acordo com Souza (2020) uma narração requer procedimentos peculiares quanto à composição das fontes sendo necessárias demarcações quanto ao ciclo de vida na perspectiva de descobrir o meu desenvolvimento. Para tanto, o estudo se enquadra neste método na criação de quadros que nortearão os acontecimentos primordiais através da concretização das devidas gravações.

Neste estudo, conto com apoio de outras fontes da área autobiográfica através de: certificados, ofícios, declarações, cartas, bilhetes, recortes de jornais, vídeos, folhetos, fotos, entre outros meios que farão parte deste complexo com perspectivas de vir a respaldar a pesquisa.

No entanto, no que refere à História Documental: trago como base, Peter Burke (2017), com vistas na necessidade de registro de documentos escritos oficiais, bem como, fazer uso de imagens complementando fatos em anúncios de jornais, livros, artigos, cadernos, atas através de órgãos públicos, Secretaria de Educação, Ministério da Educação, que venham a subsidiar o estudo.

Por esses termos, consideramos o pensamento de Roger (1982), que em sua obra: *História do Mundo Ocidental* aponta que antes de ser escritor o pesquisador é herdeiro de um passado em busca de conhecimento. Os autores são construtores no tempo, dessa forma o autor impulsiona o pesquisador à produção.

Uma produção que consequentemente é levada pela poderosa memória que induz as mentes a flutuarem por longas viagens contempladas pelo troféu do imaginário. Nesta sintonia retomo as palavras de Roger (1982), quando verbaliza que uma obra se envolve com vários segmentos, sendo escrita por várias mãos.

Por estas afirmativas do pesquisador, vale considerar as evoluções das reflexões e elaborações fundamentadas pelos diversos pensadores, vindo a contribuir com o desenvolvimento deste estudo que acredita no narrador enquanto fonte e que através da contação de história se consolida também pelo encontro de outras vozes que interagem com este estudo autobiográfico desencadeado em quatro capítulos.

A partir dessa perspectiva, destaco o ano de 2020, como um marco importantíssimo e de muito significado para esta mulher negra, da região periférica. E hoje, no Curso de Mestrado em Educação no CE/UFPE, visando conquistar o espaço nesta instituição. Um momento inigualável pela grande busca geradora de muitas expectativas que com certeza deixará marcas, por conseguinte espero sensibilizar outras pessoas, em especial as mulheres negras que ainda se encontram invisibilizadas, assim como me sinto hoje, ainda persistindo na labuta para encontrar meu lugar.

Paralelamente nesta narrativa, enfatizo também que o ano de 2020 foi impactante, para todos nós brasileiros por se tratar de um período em que coincidentemente o Brasil e o mundo passam por uma experiência antes nunca vista. Momento em que o mundo parou. Por conta do novo coronavírus, COVID-19, um tipo de vírus nunca antes identificado em seres humanos, segundo informação da Associação Mundial da Saúde (ASM), em 31 de dezembro, 2019.

Bem como, ainda no ano de 2020 dentre tantas desestabilizações tivemos que enfrentar momentos delicados em diversos setores entre eles a educação e a economia vindo a refletir em todas as camadas sociais essencialmente a classe menos favorecida que até o momento encontra-se fragilizada sem perspectiva à atual problemática, o cotidiano assolava toda nação em desigualdade e desconforto ao cidadão.

Considerando-se momentos de instabilidades na educação nacional teve que se reinventarem, utilizando ferramentas tecnológicas e consequentemente propagação do ensino à distância na tentativa de evitar um colapso as instituições de ensino. Além de

agravar a crise econômica alastrando a pobreza e a miséria em todo território. Apesar do processo desolador à educação, a academia e acadêmicos resistiram a todas as ações negativas enfrentadas.

Mediante esta conotação, vale expressar que o estudo tem como proposta a concepção da “educação libertadora” de acordo com Paulo Freire, transformadora, a partir do poder de opinião, reflexão do que acontece no cotidiano.

Nesta sequência sigo o método autonarrativa. Significa dizer que se trata da metodologia de dados sobre o que vem à memória do narrador na tentativa de uma ordem sincrônica e cronológica, passo a ser uma pesquisadora, narradora, preenchida, imbuída por motivações, emoções e interpretação, de acordo com Souza (2020).

Desta forma, resolvi desmembrar as informações a partir de um pequeno cronograma de gravações, de acordo com os acontecimentos ocorridos. Assim, o meu encontro com gravação de minhas memórias têm início a partir de vivências. Um conjunto de dados, penso meio desconexo que acontece entre as leituras, observações das fotos, local aonde eu nasci, dados sobre meus pais, primeiras lembranças sobre a educação doméstica.

Após anos luz, em busca de meu certificado de conclusão do primário. Um processo que ainda não conseguir resolver. Em minhas andanças, mesmo de posse da ficha dezoito, estive no Colégio Rosa de Magalhães para buscar informações sobre a quarta série, e ao mesmo tempo algum registro sobre minha participação no Programa Meu Colégio é o Maior, veiculado pela TV Universitária, mas não obtive resposta satisfatória.

Fiz algumas contextualizações. Trouxe à tona, a época da faculdade; o primeiro emprego no enfrentamento do racismo; mas, tive vivências positivas em outras empresas. Concurso para Universidade UFPE; a minha movimentação por vários setores na instituição. Alcancei alguns feitos, aonde cheguei a ser até professora, e reviver tudo isto, tem sido gratificante demais para mim. Tentativas para o Curso do Mestrado; minha aprovação, e assim, por este contexto, penso que consigo contar um pouco de minha história de vida.

Nesse intuito, os elementos usados no meu construto autobiográfico, para efeito de síntese, foram definidos de acordo com a composição a seguir:

Quadro 2 - Representação do construto autobiográfico

Construto Autobiográfico	
Realizei no primeiro momento:	Apresentação do que entendi como essência do percurso de minha vida, com perspectiva de uma investigação científica, que acontece através do processo narrativo com foco no objeto que me propus em apresentar;
Posteriormente, fiz:	A seleção e organização de materiais. Todos os dados importantes relacionados ao que condiz com a minha história;
Na sequência, utilizei:	O Método da autonarrativa, momento de encontro com a memória, Mediada pelo diálogo entre passado e presente, engajado à gravação e consequente, a as devidas transcrições;
E na continuidade do processo, usei:	A Periodização retrata marcos importantes dos acontecimentos referentes às fazes do ciclo de vida; Acontece no processo de explanação onde gravação e interpretação se completam.

Para tanto, esse diagrama se justifica pela demonstração mediante o trajeto por onde caminhei no enfrentamento de alguns tropeços e dificuldades na realização de todo esse universo, e mesmo crendo que a minha rotina não seja tão diferente de outras mulheres, sigo avançando nesta trilha.

Na qual neste momento vivencio o percurso que tem início um pouco mais cedo aos dias normais, de quando não estou estudando, onde sou guiada aos sinais que demonstram o amanhecer: no ouvir ao longe o cacarejar do galo, o canto dos pássaros, do assovio dos ventos, ao embalar as árvores e balançar a vidraça da varanda, que de relance me defronto com o pôr do sol, que sinaliza que é hora de parar, porque as tarefas do cotidiano me chamam. Mesmo assim, consigo encaminhar os escritos referentes ao constructo de minha autobiografia.

No processo da autonarrativa, percebo que se trata de uma informação em que uso de atributos diferenciados, em um momento apenas faço narração e em outra instância realizo gravação e transcrevo, e nesta descrição observei que no desencadear da leitura, posso identificar que aqui, ali, encontrei algumas palavras ou frases soltas e até desconexas.

Mas, nada que esteja fora do contexto. Algo que chega a ser até interessante, e que na empolgação tive a impressão ter gravado tudo certo, mas de repente, deparei-me com uma fala repetida, frases completas, ou por vezes incompletas. Entendo como pausa que pode acontecer na jornada, faz parte do processo, natural que até aconteça, mesmo por conta do próprio gravador. Enfim, nada que não se consiga alinhar.

Após a transcrição: É importante considerar a devida impressão de todo processo transcrito, onde será necessário início de uma leitura e releitura por várias vezes; foi assim que consegui perceber as minúcias nas entrelinhas chegando ao consenso de significados.

Na sequência, vale separar os transcritos por assuntos, realizando um recorte textual, desta feita, destacando o desenvolver dos dados trabalhados em minhas vivências, no construto de minha autobiografia que se trata de um processo composto por várias ações: educacionais, sociais e institucionais.

Portanto, faço uso do Método do Construto Eu Fonte, para criação desta minha construção narrativa embasada ao pensamento de Souza (2020) quando ele profere que: “Cada indivíduo constrói uma representação de seu tempo e espaços vividos cumulativamente por meio de episódios de curtos, longos ou por apenas um dia”. (SOUZA, 2020, p.365).

Por este prisma, o meu construto enquanto fonte hoje, até onde consigo voltar ao tempo e até onde a minha memória pôde alcançar, surge da concepção da minha descoberta como uma pessoa proativa. Visto que, antes deste encontro com a autobiografia, havia um desconhecimento de mim mesma.

Mesmo envolvida por um arsenal de documentos institucionais comprobatórios para algumas ocasiões, e até para outras nem tão significantes, mas me sinto abastecida de registros, além de meu relacionamento com outros membros de minha convivência e com a sociedade, eu não me via em nenhum dos feitos. Mas, mesmo assim creio que há um pouco de mim em todo desencadear desta história, inserido no contexto que virá na sequência.

Quero frisar, que mesmo aceitando que tardei em gravar, há um dado importante em que percebo neste instante, que traz em si um diferencial, algo bem peculiar no momento de concentração entre mim, a narração, gravação e transcrição, que me faz sentir a força de muito mais intimidade com o texto e um aprofundamento com o método autobiográfico, consequentemente, com a construção de minha própria história enquanto fonte, neste estudo.

Este procedimento traz ao meu entender, a reaproximação entre mim e o contexto de todo o conjunto de ações preenchidas por esse traquejo que se renova no momento desta minha descoberta. Posso declarar que estou de posse de um sentimento ímpar, de uma suavidade em mim.

E no que se refere a tempo, nesse instante, ao olhar para o lado direito de minha janela, sinto que daqui mais um pouco, os afazeres domésticos me chamam, pois já são quatro horas e dezoito minutos do amanhecer. O bem-te-vi acordou e o galo já cacarejou.

E assim, a minha intimidade com o meu objeto acontece, a partir da reconstrução do meu construto autobiográfico, por meio da leitura e releitura do que reservei como transcrito, enquanto minúcias do que consegui gravar.

Foi na volta à memória, mediante o transcrito, que me encontrei com a minha realidade, onde consigo ter minha intimidade textual. O que considero o reencontro comigo mesma, a partir da leitura dessa transcrição que se caracteriza como a minha descoberta.

Penso que neste momento, entendo o porquê da resistência do não querer gravar antes. Quando o meu orientador há mais de um ano me instigava, comece a gravar. Já gravou, já gravou? E eu protelava “esta tal gravação”. Mas, agora descobri que ao realizar uma atividade próxima da outra, reforço a percepção entre os dois momentos que se completam em uma real reconstrução.

Sendo protagonista deste construto, atribuo como resultado argumentos adquiridos pela memória nas liberações de minhas informações, onde me constituo como depositário revelando alguns feitos, que eu não conseguia enxergar. Mas espero cumprir a contento o que entendo como conclusivo e por um momento essa voz chegue a sensibilizar o leitor pelo que traz esta trajetória.

Uma trajetória sofrida, não desfalecida, alimentada pela garra, à força do aprender, o querer fazer e partilhar. Não sendo fácil enfrentar a batalha travada nos diversos campos do saber. Neste sentido, Souza (2020), revela que no dia a dia somos dispersos, mas com a consciência de fatos, posso reunir em um só lugar dados dispersos e me constituir em uma unidade me transformando no eu Fonte.

Como fonte neste estudo, me vejo em diversos setores em vários feitos retratados pelo meu empenho e convicção no senso do uso da pesquisa ao consolidar uma prática. O que para Souza (2020), através deste construto eu fonte, venho a ter visibilidade. Sendo assim, creio que através da minha “pedagogia libertadora”, busquei a teoria epistêmica visando corrigir os deslizes e a experiência empírica na perspectiva de colocar algo em prática com êxito.

Neste processo, consegui realizar gravação e transcrição do texto com aproximadamente quinze laudas. Após a leitura decidi redistribuir e encaixar os assuntos transcritos em seus devidos contextos, de acordo com o capítulo ao qual corresponda.

Desta maneira, esse capítulo representa o meu envolvimento com vários autores que me fortaleceram em conhecimentos com base em um dos procedimentos que realizei neste trajeto, ao fazer uso das madrugadas quando inspirada a ler ou escrever. Porém declaro, insisti neste estudo que mesmo fatigada gosto de fazer e que se tornou prazeroso e

eletrizante. Pois se trata de uma construção que de forma minuciosa trouxe-me a oportunidade de visibilidade, vez, voz, e hoje me reconheço, me vejo e me digo: É algo muito especial.

3 A VOZ DO PASSADO E DO MEU PRESENTE

Este capítulo tem como finalidade delinear neste relato o que vem a significar as andanças no percurso educacional, social e especialmente, em sua amplitude em uma das mais respeitadas instituição de ensino, a Universidade Federal de Pernambuco.

Considerando-se que a elaboração desta dissertação de mestrado surge a partir da ressignificação de tema, de início a vontade de aprofundar conhecimentos sobre o Programa Campanha de Alfabetização da Rádio Universitária- AM em Recife-PE, 1960 a 1963, mas por falta de fontes satisfatórias e necessárias para concretização do estudo. Ao ler o projeto o co-orientador, professor José Vieira da Cruz, da Faculdade Federal de Sergipe, percebeu o impasse e sugeriu à opção autobiográfica, o que no momento deixou-me sem palavras, por não saber o que falar. Mesmo assim, pediu para que eu pensasse na possibilidade, e fiquei a refletir.

Semanas após, ao expor o projeto em sala de aula no final da disciplina Identidades e Memórias, ministrada pela professora Aurenéa Maria de Oliveira, docente desta instituição, apontei as deficiências sobre fontes para compor o estudo. O texto agradou aos amigos e a mestra que atribuiu elogio e ao mesmo tempo atentou à observação, e ao final da aula propôs entre outros temas, a autobiografia, mesmo sem saber que eu havia recebido proposta anterior neste sentido. A sugestão sobre estudo autobiográfico me assustou, fez tremer, mas ao mesmo tempo fortaleceu a primeira proposta vinda pelo professor Vieira.

Meio que insegura informei ao meu orientador, professor Edilson Fernandes, para falar sobre a segunda opção quanto à autobiografia, o mestre aceitou de bom grado, no entanto, pela minha indecisão, pediu que eu pensasse, fiquei para dar uma resposta posteriormente.

Decidi aceitar a mudança do tema, sugerido pelos professores. O de enfrentar o desafio da autobiografia, um gênero literário que propõe a narrativa de minha própria história de vida. Na sequência, surge temática intitulada, “A Minha Pedagogia Libertadora”: educação, trabalho e negritude, que no desencadear os escritos através da

memória, fomentar narrativa com dados significativos que ajudaram nortear a jornada que de início estive insegura, mas adianto que por esse itinerário, estou me descobrindo.

Para tanto, cumpre esclarecer desde já que no meu entendimento sobre a “pedagogia libertadora”, está pautado nas ideias de Freire, quando ele discute que a “educação é libertadora” em contraposição a educação oprimida. Assim sendo, venho superado algumas situações vexatórias dentro e fora da instituição compreendidas como opressoras. Porém, hoje me reconheço como cidadã de direito porque descobri o meu lugar de fala. E desde então, com afinco enfatizei as leituras para o novo desafio que mesmo descrente de mim, ousei em utilizar o método eu fonte, com base em Souza (2020), que traz ao universo acadêmico contexto inovador.

No desenvolver deste segundo capítulo trago para o contexto a educação como “prática da liberdade” a partir do desenvolvimento social, acadêmico tomando por base o pensamento do professor Freire (1987, p.70), ao afirmar que a “educação liberta”: acontece contrária a prática de dominação que implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como, também a negação do mesmo como realidade ausente do mundo.

E no reconhecimento dessa libertação, este conteúdo tende seguir passo a passo as interações envolvidas pelas essências de uma boa conversa que move o desencadear entre a narradora, o tempo e o espaço num entrosamento com a memória que libera o dispositivo que reluz na lembrança os vários e significativos registros de sua trajetória. Entre eles, o de trazer para esse universo a dinâmica de iniciação escolar vivenciada da primeira à quarta série, numa sequência aos dias atuais, no social, profissional para esta narrativa.

Na certeza que posso contar com o recurso do campo da memória indago, quem sou? Logo imagino o que jamais antes pensei em saber. E quase que de súbito a resposta chega à tona: “Sou uma mulher negra”, “mãe, irmã, tia, e amiga”, vinda da região periférica. Que pelas lutas junto com os movimentos políticos sociais, busco espaços e dignidade humana. Não sou exaltada, porém me faz bem colaborar no exaltar pessoas, como pessoa do bem.

Por esse trâmite, consagro alguns argumentos para o crescimento deste estudo, aqui destaco a voz de Passeggi (2016), que chega para fortalecer este processo quando afirma: “antes de desenvolver uma narrativa, o sujeito deve se conhecer primeiro, e a partir dessa consciência ele descobrirá o mundo, seus feitos e suas experiências”.

Neste contexto, encorajada pela escritora, entendo pela afirmação o que chega de forma positiva como chamada de atenção, para um despertar: você faz parte deste

universo! Envoltos pelo diálogo e reflexão em suas andanças e vivências, será não ter nada mesmo dizer sobre si? Passeggi (2016) foi assim que me fez entender.

Em resumo, o estímulo aos poucos é percebido como um indutor que vai me capacitando para reconhecer ao ensinamento de Paulo Freire (1987), quando salienta em sua obra, *Pedagogia do Oprimido* que o conhecimento acontece através da palavra e do que nos rodeiam, falamos do que vemos em nosso redor através da observação.

Uma observação que faz lembrar que desde a infância tenho a percepção de que na vida se enfrenta dificuldades. Mesmo pelas experiências que vivi e com algumas adversidades que tive que confrontar muitas vezes até sem o discernimento do que de fato acontecia. Sinto-me corajosa, desafiadora e entre idas e vindas, em meio a tantos sins e tantos não em meu percurso venho conseguindo ultrapassar severamente os obstáculos.

Alguns obstáculos que no desvendar desta narração, busco a memória, a poderosa aliada, esperando ser contemplada pelo troféu da imaginação com o resplendor da lembrança que segue numa imersão ao túnel do tempo guardada por cada indivíduo quase que imperceptível, mas com facilidade de logo a encontrá-la e transformá-la em fonte que venha abastecer este estudo mediante meus traços e retraços.

Dito isto, reconheço o estudo fazendo valer o pensamento de Saraiva (2011), quando assevera que em todas as modalidades textuais haverá uma história a ser contada, por esse prisma entendo a importância deste estudo, tendo em vista a necessidade de produção de documentos que venha a fortalecer a memória.

E no fortalecer da memória, constato que nesta contação de história, não importa qual o principal objetivo da minha vida em relação à pesquisa. O porquê fazer o mestrado e vir a obter méritos ou não, nem lacre vultoso em salário, o que não deixa de ser significativo, mas que para mim não é o fator principal neste trajeto.

Por outro lado, primo pelo propósito de querer descobrir algo novo e diferente, como na perspectiva do primeiro estudo onde busquei entender o processo do Programa Campanha de Alfabetização da rádio universitária AM, da UFPE, sob a direção de Paulo Freire na década de 1960.

Mediante o instante sensível, emocionada faço essa narração, buscando na memória todo itinerário percorrido no enfrentamento das dificuldades e de alguns contratempos ao longo dessa trajetória para alcançar um lugar nesta conceituada instituição, diante paulatina batalha tive que enfrentar, onde foi necessário prevalecer a força, o ânimo, a insistência, o empenho, dedicação, mas sobretudo a perseverança.

Onde precisei realizar um percurso caminhando sempre forte nessa busca, mas, houve um momento que desmoronei e por um tempo perdi o entusiasmo e até pensei em desistir, e pela primeira vez, levada pelo desânimo, por crer que minhas forças haviam acabado, por motivo de ter perdido a prova mesmo estando no recinto, um período muito difícil para mim.

Mas fui fortalecida pelo incentivo das guerreiras, Elícia e Natália que igual a mim também lutavam e me fizeram tomar uma dose de vigor quando me senti sem forças e não me deixaram retroceder e me fizeram enxergar que aquele momento era mágico, o tempo certo de prosseguir para alcançar o alvo, após tanta luta e tanto sacrifício, as várias idas e vindas pelo Campus tentando ingressar no curso de mestrado e me encontrar com o novo universo.

Chego a refletir, mesmo sendo “filha” dessa importante instituição, demorei a chegar nessa posição de discente. No entanto, tenho a impressão de que o chamado pela academia ainda se encontra discreto, mas creio em políticas voltadas para o crescimento dessa área do saber para os seus servidores, que penso muitas vezes se sentem acuados, inibidos para uma tomada de decisão, mesmo estando em “sua própria casa”.

Aproximei-me do Centro de Educação- CE, primeiramente, na posição de aluna ouvinte, na sequência como aluna especial, passei momentos de apreensões envoltos às expectativas pela conjuntura da rotina acadêmica, leituras que antecipavam as provas e a compreensão e entendimento acerca dos conceitos teóricos.

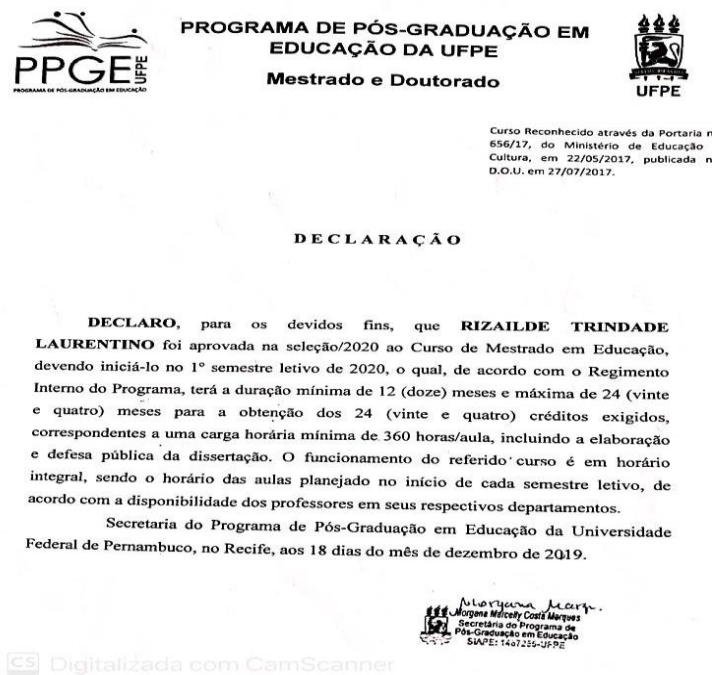
Enfim, consegui participar do grupo de estudo, mas em nível avançado de leituras e aquém de minha realidade naquele período, no caso, o meu esforço foi muito maior, era feroz o passo a passo em meio àquela equipe, lógico, que por muitas vezes me sentia “um peixe fora d’água” na sala de aula. Considerando os vários anos fora da área de ensino e do distanciamento com os livros e o cenário acadêmico.

Mesmo assim, aceitei o aconselhamento das amigas que colaboraram para que hoje eu esteja narrando este fato aqui. Todo incentivo, nas aulas extras, as leituras, as trocas de ideias, as palavras de energia das meninas e de uma força superior me preencheu e me fez repensar, que na vida estamos em constante guerra, onde é necessário enfrentar as lutas cotidianas, não perder oportunidades e seguir confiante na vitória.

Busquei reerguer a armadura para o bom combate, e assim enveredei na prática das leituras que seriam interessantes para resgatar o que por alguns meses haviam ficado para trás. Decidi por nova candidatura, mais uma vez na seleção de mestrado, consegui

aprovação nesse desafio e consequentemente, o ingresso no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

Figura 1 - Declaração Aprovação no Curso de Mestrado em Educação, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esta declaração de aprovação no curso de mestrado vem representar um importante documento que revela a minha vontade, a minha força, em querer participar desse trâmite, que mesmo tendo passado por tantos contratempos consegui galgar o meu lugar neste espaço.

Desse modo, hoje privilegiada de ter conseguido esta aprovação e fazer parte deste universo acadêmico. Enfatizando um momento de muitas mudanças, inclusive, um período pandêmico, crucial para toda sociedade, e para a educação não foi diferente, momento de muitas transformações.

E quando se fala em transformações, esta declaração não significa apenas e simplesmente um papel que traz em si algo escrito, se trata de um documento com teor de muitos significados valorativos onde impera toda uma gama de anseios, perspectiva de mudanças em toda uma trajetória. O que de acordo com Peter Burke (2010), em seu livro Testemunha Ocular, relata que em todas as narrativas visuais, as imagens têm e conta uma

história. Por isso, com muita leveza, desperto para o grau de satisfação e responsabilidade que esta declaração traz em si.

Às vezes cheguei a pensar um ato que para alguns acontece tão fácil e para outros, assim como eu, que sofri enfrentando algumas dificuldades. É! Mas a vida é bela, continua! É apenas mais um processo em minha caminhada pela frente, entre tantos que já enfrentei e estou conseguindo ultrapassar com êxito.

Mesmo que árduo, mas sabendo que é preciso ser valente para alcançar a meta, ainda nesse caminhar deparando-me com obstáculos, mas crendo sempre no final feliz. Assim, diante de todas as circunstâncias, me sinto regozijada por saber que alguns colegas que me acompanharam nas andanças desse processo, também torcem por mim.

Mediante esta trajetória, quero levar em conta a expressão de alguns amigos que se sentem representados, pela determinação, coragem e enfrentamento da responsabilidade de todo o seguimento a ser encarado, antes e durante todo percurso acadêmico até a finalização desse pleito.

Confesso que para mim não tem sido fácil. Sinto-me numa batalha onde todo o dia enfrenta um leão, porém procuro respirar, buscar a calma, manter o equilíbrio, tentando achar a estratégia correta para driblar o felino.

De início, chegar à sala de aula, era temeroso, um universo em que na minha primeira impressão, **que todos eram “gigantes em sabedorias”, menos eu.** Aquele círculo de diálogo, que de início íamo-nos conhecendo, muito me impactava, me deixando cada vez mais inibida. Meu coração disparava, eu respirava fundo, valia tudo para não falar, pois naquele momento me senti fora daquele contexto.

No entanto, é importante salientar que o tempo é sábio e com ele fui tentando me encontrar, sabendo-se que em alguns aspectos, ainda não por completo, procurei me respaldar na direção de leituras, na pesquisa e prestando atenção também nas falas dos participantes dos grupos em que tive a rica oportunidade de socializar saberes.

Posso declarar que o próprio tempo se encarrega de demonstrar que a ideia da palavra, **“sábio”** foi apenas imaginária, percebi que no processo do saber, cada autor tem o seu conhecimento, a sua forma de expressar e trazer ao âmbito do ensino o seu melhor desempenho para apresentar suas experiências a partir de suas peculiaridades. Na perspectiva desse entendimento, me convencer de que a informação é comum a todos e a educação é plural, como verbaliza o mestre Paulo Freire.

Portanto, não quero com esse argumento desmerecer méritos de nenhum dos colegas, discentes ou docentes, ao contrário, apenas incutir em mim mesma que cada ser se

impõe em suas competências e potencialidades de maneira que melhor lhe convém, e nessas circunstâncias confrontar o bom combate de conseguir identificar a minha capacidade e por esse seguimento repassar para alguns amigos que venham a pensar igual a mim e que não tiveram ainda a oportunidade de verbalizar seus medos e anseios.

Partindo desse pensamento, me concilio com os ensinamentos de Paula Sibília (2008, p.72), quando chega para estimular o bom ânimo, considerando a indicação sobre a autoestima no significado a seguir:

Show do eu. A intimidade como espetáculo, onde as pessoas se tornam protagonistas de suas próprias histórias (reais ou ficcionais) e passam a viver dessas histórias. E mais, diz que não basta “ser”, é preciso “saber ser” em constante metamorfose, transformando-se, adequando-se, continuamente. Mediante a proposta Dosse (2009), ao desafio biográfico o sujeito encontra-se na idade hermenêutica: a idade da reflexividade e da pluralidade das identidades em suas histórias rompem com a linearidade dos fatos na narração. (Sibília, 2008. p72).

No enfrentamento dessa dose de ânimo e no desencadear dessa narrativa, tomo como posse o protagonismo dessa história levada pela liberdade de me adequar a essa metamorfose. Assim, sendo induzida por estes estímulos não posso deixar de contar a: **trajetória da apresentação do projeto ao ser aprovada.**

Quando na ocasião, comecei a sofrer de véspera, na noite anterior uma ansiedade e sem dormir direito me acordei por várias vezes só em pensar que ao amanhecer seria o grande dia de falar. Levando-se em conta que sou dorminhoca, durmo com facilidade, no entanto, naquele momento foi cruel. Cheguei cedo ao local, na fila de espera o coração foi a mil, bateu um ressecamento bucal, eu bebia água e nada acontecia.

Chega o momento árduo, fui chamada pelo meu nome. Preparei-me e adentrei a sala composta por três professores, dar-se início a uma sabatina que para mim significou quase que interminável. Sentia todo corpo tremer, a boca secar e a voz desaparecer, mas tinha que superar tudo isso.

Porém, comecei a responder baixinho e devagar a arguição, pedindo socorro a Deus, fui respirando, tentando disfarçar todo nervosismo, aos poucos enfrentando o momento bem interessante para mim, como pessoa e como nova aluna, fui me ambientando, me recompondo e vencendo aquele estado emocional.

Mas, a partir de determinado momento em que me sentia mais calma e minha voz mais firme, disparei a falar o mais rápido possível dentro do que entendia em bom tom, respondi as perguntas que me foram solicitadas, argumentando sobre o projeto que ora apresentava, pois por outro lado eu sabia quanto era importante aquele encontro, o que representava para mim.

Já do meio para o final me senti mais à vontade concluindo a fala sobre o meu objeto de estudo, até cheguei a soltar um sorriso de agradecimento e fiquei no aguardo do resultado que chegaria dias após. Em meio a tantas expectativas chega o resultado de aprovação daquela entrevista. Motivo de muita alegria pelo pleito. Nasce mais uma nova etapa em minha vida. Destarte, o que me leva a descrever neste momento através desta narrativa, um pedacinho da minha pequena ou grande contação de história.

Quadro 3 - Tentativas ao Curso de Mestrado

Tentativas ao Curso de Mestrado			
Data	Preparação	Motivação	Resultado
2013	Leituras compassadas, busca de entrosamento com os teóricos.	Ser aluna especial na disciplina: Teoria e História da Educação II, melhor entrosamento com a turma.	Reprovada por falta da cópia do comprovante de quitação eleitoral.
2014	Melhorias através de leituras, .integração com grupo de leituras.	Neste percurso fui aluna ouvinte, avancei nas atividades de sala.	Reprovada por falta de assinatura do secretário do setor em um dos documentos.
2017	Inovei, mudança na disciplina, com novos conteúdos e curso.	Ser aluna especial na disciplina: Direitos Humanos no CAC.	Reprovada
2018	Preparação intensiva, leituras, escritas e revisões teóricas.	Retomada as aulas movida por muito afinco, ações, aulas e encontros nos finais de semana.	Reprovada por engano no horário de prova.
2019	Revisão teórica e escrita. Envolvida por muitas leituras e escritas	Retomada movida por muito empenho, superar o ano perdido.	Aprovada.

Refleti pelo sim ou não relatar este quadro, após ponderação perceber como positivo, e que nem tudo foi negativo diante das tentativas sem sucessos. Nesta narração demonstro luta e perseverança, considerando as tentativas ao ingresso no curso de mestrado em educação desta instituição.

Pensei em fracasso, mas logo volto atrás e denoto como garra e entusiasmo na busca de realizar de sonhos, sinônimo de vitória, de não se deixar vencer por quaisquer circunstâncias. Entendo como incentivo aos que por acaso venham enfrentar sabores, assim como consegui ultrapassar.

Agora de posse de uma declaração que me autoriza a entrada à sala de aula como discente, livre de mais uma inscrição interrompida e de algumas tentativas sem êxito. Sinto que será interessante, antes de dar início de fato a esta investigação, é inevitável não constar neste relato de algumas tentativas frustrantes marcadas pelas várias vezes em que me escrevi neste curso e fui reprovada.

Para elencar sobre esta façanha me ateno aos estímulos de Guinn Vernner (1982) ao lembrar que, é na busca do meu passado que posso narrar minhas próprias experiências.

Experiências estas que chegam ao interim em que retrato nesta narração sobre um contexto infelizmente negativo, que vem relembrar e anunciar registros de alguns momentos que relatam primeiramente, a desatenção e a falta de sensibilidade no cuidado de uma boa revisão quanto aos documentos a serem apresentados na hora da inscrição do curso de mestrado.

Um momento em que pode ser vislumbrado até mesmo como cômico, mas, no entanto, chamo a atenção de que ao meu entender entristecedor, chego a denominar como a saga de reprovações encarada por seis tentativas, não pela falta somente de embasamento, mas por ter acontecido alguns imprevistos desagradáveis.

2012 - Primeiramente a vontade de ingressar no curso de mestrado começa há algum tempo, cheguei à sala de aula como aluna ouvinte. Minha primeira tentativa evoluiu de forma descontraída, participando até como teste, almejando aprovação, mas pelo despreparo não gerei muitas expectativas, mesmo assim, tive uma nota aplausível, 5,7.

2013 - Decidi fazer minha inscrição, após enfrentar a sala de aula como aluna especial, na disciplina de Teoria e História da Educação, desta vez mais embasada, decidi me inscrever pela segunda vez e enfrentar o concurso. Porém, por falta da cópia do comprovante de quitação eleitoral, eu fui **reprovada**, mesmo o meu projeto sendo aprovado;

2014 - Na sequência, não perdi o ânimo e muita animada, neste ano participei das aulas como aluna ouvinte e com mais um pouco de conteúdo na bagagem, procurei cumprir todo trâmite exigido, apresentação do projeto e tudo o mais, pensei ter resolvido todo protocolo necessário. Mas, fui surpreendida ao receber o resultado de **reprovação**

pela secretaria da pós-graduação do curso ao detectar que o verso de uma das páginas de um documento não foi autenticado, uma falha para mim lamentável;

2017 - Entre os anos de 2015 e 2016 não me ative às tentativas do concurso, decidi dar um tempo a mim mesma, não me afastei dos estudos, mas me envolvi com outros afazeres, outras responsabilidades que não eram poucas. Após essa parada, enveredei em 2017, para o lado dos direitos humanos, me inscrevi como aluna especial do curso, onde obtive conhecimentos bastante significativos o que veio agregar em meu estudo em educação, e assim me isentei ao concurso nesse ano;

2018 - Portanto, já neste ano, retomo com afinco o estudo no CE, juntamente com o grupo que também se preparava para a prova, foram muitas leituras e escritas, revisões teóricas com as essenciais orientações da grande parceira, professora Tulane, que muito colaborou nesse processo. Senti-me confiante e tranquila para o enfrentamento do exame naquele período.

Cheguei cedo ao local, me dirigi à biblioteca do Centro, inculquei que a prova seria às quinze horas, e aos quinze minutos antes desse horário me dirigi à sala onde pensei em fazer a prova, no entanto, ao chegar à entrada do corredor me deparo com o professor André Ferreira, que logo me pergunta: Rizo o que fazes por aqui? Vim fazer a prova professor. Minha filha, já começou há uma hora.

Naquele instante, meu mundo caiu, imediatamente perdi toda graça, me despedi e sem chão, sai cabisbaixa tomada por uma grande tristeza. Ao chegar a casa, guardei todos os pertences de leituras e escritos perdendo todo interesse pelo estudo.

2019- Porém, durante todo esse ano, não conseguia fazer nada, nem lia, nem escrevia. Aquele acontecimento me deixou triste, desanimada e bastante envergonhada diante de todos. Pois, queira ou não você ainda passa a ser julgada. Até que chega novamente o período de inscrição e de repente, o telefone toca e me deparo com a voz da amiga Natália, que sabia de todo impasse, perguntando se eu iria me inscrever no curso. Eu logo respondi que não.

Ao passar mais uma semana, ela liga novamente, incentivando a me inscrever e eu resistindo. Mais uma vez o telefone toca e agora na última semana de inscrição, onde a mesma insistiu e me incentivou a levar para o CE aquela pasta que se encontrava guardada com meus documentos e projeto. Após tantos chamados e tanta atenção, eu decidir me encontrar com ela e a amiga Elícia, que me aguardavam para realizar a minha inscrição.

Elas resolveram todo processo de inscrição e eu apenas assinei, onde tudo ocorreu a contento. Sou muito grata por isso. A partir daquele momento, retomo ao estudo

necessário, que por um tempo ficou esquecido, o que foi importante para uma boa prova e obtenção um resultado positivo e possivelmente, o meu ingresso no curso de mestrado.

O ano de 2020 traz a oportunidade de reflexão em meu viver, desta feita, para narração de minha própria trajetória de vida. Contemplo minha oportunidade e torço pelos colegas que ainda não conseguiram alcançar o seu ingresso na academia, na qual, com muita luta cheguei a conseguir e ao mesmo tempo, busco entender a particularidade que cada amigo, o qual traz consigo, seja na família, no trabalho, pelo esforço físico, ou por sentirem-se fora da faixa etária para esse fim, pelo medo da batalha entre si e a etapa que terão que enfrentar pela frente.

A realidade é cruel, vejo como uma verdadeira guerra. A falta de motivação o que muitas vezes leva o “filho da academia” ao desânimo e infelizmente, não se sentir parte desse importante patrimônio social. Porém, absorvo a sensibilidade da autora Paula Sibília (2008), ao transferir em seu enunciado o sentimento de autoestima e força para quem se propõe a traçar um projeto ou fazer a narração de sua história.

Chocalhada pelo incentivo de Sibília (2008), e de outros pesquisadores, o meu pensamento hoje é o de realizar um grande show através de registro retrospecto de dados pessoais que fluíram ou deixaram de fluir e/ou por ventura venha a se concretizar nos dias vindouros, minhas perspectivas experienciais, o meu conhecimento, o meu saber, minhas emoções e contradições, minhas vontades, meus afetos e desafetos, meus medos e virtudes, minha marca, minha vida que é importante para mim e para o mundo.

Mas não apenas isso, ao assumir a característica de mulher negra vinda da periferia, quero deixar registro científico para as mulheres, em especial as negras para a prosperidade, para a academia.

Partindo da arte da escrita sobre si, tendo como um conceito essencial a narração de minha própria história, de onde vem a surgir “a criação”, “a invenção” e a “produção”, entendida como neologismo, uma prática criada segundo Passeggi (2011), no século XX, e chega com as ciências sociais e traz ao homem possibilidades de construir e constituir-se a si mesmo.

É nesta sintonia que tomo como inspiração a pesquisadora, quando expõe que o processo de conhecimento do mundo está embasado na prática diária, onde professores e alunos caminham juntos. Salienta que: “as pesquisas têm crescido e o campo da educação faz uso de várias linguagens, pensamentos e ação social” Passeggi, (2011).

Mediante percepção de linguagem que acontece quando eu falo para me entender com o outro, assim a narrativa chega para estruturar o pensamento realizando parâmetros

linguísticos entre diversas áreas como: psicologia, antropologia, sociologia, antropologia e até fisiológica, um setor fundamental que vem a enaltecer o ser humano. Passeggi (2021).

Essa reflexão me leva ao senso de que é importante interagir com algumas áreas do saber no entendimento de que são nos registros do processo diário em que se argumentam os acontecimentos da trajetória de uma vida e consequentemente dados que se acumulam e se transformam para uma contação de história.

Para tanto, me fortaleço e considero essa transformação nos argumentos de Passeggi (2021) quando relata que: “Todos nós somos cientistas, fazemos ciência”. A professora chama a atenção de que é preciso trabalhar com novos paradigmas e ainda ressalta que ao narrar o ser humano, você está criando teoria, evidencia que essa teoria tem seu início a partir da narração desde a infância.

Sendo assim, é na voz do passado que busco uma página que chega preenchida por significados e ressignificações, que traz um momento de mudanças no objeto de estudo que ganha uma nova dinâmica no trabalho e que agrega desafio em meio a vivências onde pretendo me superar, primando pelo processo de uma narração de uma trajetória de vida através da Minha Pedagogia Libertadora: Educação, Trabalho e Negritude.

Desta feita, na perspectiva de trazer ao cenário a fala de si para si o que possibilita o falar e o ouvir simultâneos numa troca de informações de saberes referentes ao seu próprio narrador. Entendo a relevância da pesquisa, tendo em vista a necessidade de produção de documentos autobiográficos que venham contribuir com o estímulo de acesso a nossa memória através da história. Thompson (1998).

Com esse intuito, me convenço pelo estímulo ao presente estudo que tem como objetivo nessa busca de memória trazer minúcias de toda uma trajetória, e do passo a passo dessa mulher negra e periférica, pela ânsia de sua afirmação na sociedade.

Em breve script, quem é Rizo?

Sou pernambucana, nasci na cidade de Recife, na região periférica do Alto do Pascoal, do bairro de Água Fria. Nesse momento, em breve script anuncio dados sobre a minha história de vida, nessa narração tentar dizer quem SOU.

Eu sou Rizailde Trindade. No dia a dia comumente, Rizo, mas sou Rizinho, Sorrizo, Rizomar, Rizonete, Rizoleta, Rizozal, Zal, entre outros, são as várias maneiras que carinhosamente em tom de brincadeira entre a família e amigos em algum momento gostam de chamar e eu até gosto do brinquedo, me sinto amada e enfrento com naturalidade.

Severino Trindade e Iracema Augusta, meus genitores, entre dez irmãos, a única a enfrentar uma faculdade. E hoje, honradamente mestranda da Universidade Federal de Pernambuco. Meus pais sempre primaram pela minha educação, desde a infância sou orientada pela regra do bem viver.

Respeitar pai e mãe, meus irmãos, as pessoas mais velhas. É falar baixo, pedir com licença quando uma pessoa estiver conversando, quando eu me reportar a uma pessoa para pedir algo, por favor, agradecer, ajudar a todos. É ter empatia pelo outro, se não pode ajudar, não prejudique. Então, uma das coisas que meus pais sempre ensinaram, não só para mim, mas para todos os meus irmãos. É assim que procuro viver até agora.

Na minha casa, eles sempre se preocupavam conosco, principalmente sobre educação básica: sempre falavam, não gritem “levanta os pés”, não arrastar o chinelo dentro de casa e principalmente, Fale baixo! Sempre dizia isso, porque fazia parte de nossa educação. Assim, acredito que nós tivemos bastantes informações que se refletem aos dias atuais.

Quanto a amizade entre os irmãos, primavam para que sempre estivéssemos unidos, um pelo outro, sempre se respeitando, o mais novo respeitando o mais velho, e assim, a gente foi seguindo por esse entendimento do respeito ao outro, um dos princípios do respeito às pessoas como um todo.

Cema e Nino, cursaram apenas o primário, os dois eram pessoas formidáveis, queridos por mim, pelos meus irmãos e também pela vizinhança, bem quistos. Pela forma como eles se portavam diante da proximidade, era bem solícitos, “gente do bem”. Uma boa educação doméstica, padrão de qualidade, alinhada ao ensino escolar.

Ele gostava de ler livros, um bom apreciador da música, da dança, gostava de ouvir o rádio, mas na realidade ele primava pela nossa educação, gostava de nos ensinar a tabuada, fazia continhas para nós irmos aprendendo a somar e subtrair, nos ensinava as primeiras letrinhas, minha mãe juntamente com ele. E assim, nessa trajetória todos conseguimos avançar antes de irmos pra escola realmente.

Mãe de Palloma e Ítala, as bênçãos que Jesus me deu. Duas filhas lindas e inteligentes que eu amo de paixão. Para as duas tive a preocupação de repassar o legado deixado por seus avós, padrão de educação doméstica que recebi levado pelo amor, respeito, solidariedade, ordem e responsabilidade. Bem como, lutei com afinco para proporcionar no contexto escolar uma educação de qualidade.

Hoje ao olhar para traz e fazer um retrospecto à memória, consigo enxergar um retorno do que plantei. Acredito que valeu a pena o meu empenho e a disponibilidade ao

me dividir entre as atividades da casa, o acompanhamento nos estudos delas, a minha passagem na graduação e as tarefas de trabalho. Consegui formar as duas, tenho uma Advogada e uma Engenheira de Segurança de Trabalho e de Produção. Lógico, que para chegar até aqui não foi fácil, enfrentei bastantes obstáculos, além do desgaste físico que aos poucos vou controlando.

Gosto de sorrir, pois sinto que o sorriso erradia alegria ao ambiente e faz bem a alma, faz bem a mim mesma e às pessoas que me cercam, muitas vezes penso, se posso sorrir, porque chorar? A vida é tão bela e creio muito nisso! A alegria em mim, é mal de raiz, sou simples, amiga e tranquila, observadora, criativa, curiosa, sincera, um tanto vaidosa, desafiadora e compromissada, em dados momentos reservada.

Também gosto de juntar pessoas, de festa, de dançar e de brilho, gosto de música, de gargalhar, mesmo sabendo que às vezes o meu sorriso já chegou a incomodar. Sou do bem, gosto de ajudar e ser solidária.

Amo a natureza em tudo no universo, o que Deus criou, ao amanhecer o ouvir o canto dos pássaros, gosto do mar e a sua imensidão. Admirar o pôr do sol é algo deslumbrante e sentir a brisa é fascinante. Contemplar as estrelas quando em vez, amo a lua cheia, é linda demais pra mim, as nuvens que a calda manhã percebo em um cenário diferente, nas cores, nos desenhos, o universo é perfeito.

A minha infância foi preenchida por uma gama de muita energia e bastante dinâmica, um período em que as crianças aproveitavam o tempo livre para se envolver com várias atividades e comigo não foi diferente. Brincava de boneca, fazia cozinheiro, pulava o garrafão, pega e corda.

O bambolê então. Era uma verdadeira festa, o Jogo de dominó, que a cada final da rodada gerava aquela algazarra entre o vencedor e o que perdeu, o Jogo de damas, o Pega pegou, o jogo também de pedras. À noite, geralmente brincava de roda, e cantei muito aquelas musiquinhas que hoje já não se ouvem mais. E ainda brincava de passar o anel, toda essa movimentação na rua em que morei, na realidade na calçada da minha casa junto aos coleguinhas, primos, primas.

Mesmo vindo da região periférica, encarando dificuldades pelo enfrentamento de toda falta de estrutura, tive o privilégio de pertencer a uma família saudável e feliz. Dona Cema, era de riso fácil e gostava de se preocupar com as pessoas que estavam ao seu redor, independente se família ou amigos, “os compadres da vida”. Seu Nino, também não ficava atrás, muito solícito e alegre, era um casal abençoado, mesmo tendo aprontado “algumas

prendas” em dados momentos, mas nada que viesse atrapalhar a comemoração de Bodas de Ouro do casal. O que vem a consolidar toda minha trajetória nessa família maravilhosa.

O chefe da casa gostava de ler e se sentia importante em carregar um exemplar do Jornal do Comércio nas mãos, quando ia e voltava da oficina de móveis onde trabalhava, era marceneiro de profissão. “Cá pra nós,” eu sentia no ar, um pouco de vaidade nesse manejar do jornal, sobretudo uma ação benéfica para ele e incentivadora para nós filhos.

Mas, como dá pra se ter uma noção, uma família séria, de respeito. Nasci num lar saudável, o lar de Cema e Nino, que tiveram boa educação e repassaram tudo de bom que conseguiram adquirir para mim e meus irmãos. Era um casal alegre, solícito, de bem com a vida, acredito mesmo que não tendo tudo tiveram a riqueza de ter dez filhos, entre eles eu, que ora faço essa contação de história, um dos momentos importantes da minha vida.

Na infância, havia tempo pra tudo, muita responsabilidade mesmo antes dos dez anos, eu já acordava às cinco da manhã para ajudar a fazer o café. Minha mãe chamava a gente para mexer um angu ou uma papa, raspar um coco, peneirar uma massa de mandioca para fazer cuscuz, tapioca, ou até mesmo, descascar inhame, cortar batata, ficar ajudando de alguma forma na cozinha. Pois se tratava de muita gente, o que significava uma boa porção de comida e sozinha não dava conta.

Ah! Vale lembrar que ainda nas atividades matinais, existia a visita à vacaria, bem cedo, uma caminhada de um bairro para outro em busca do leite. Outras vezes, a compra do pão na padaria, algumas vezes o pão dormido, porque é saudável e mais barato, então a gente comprava maior quantidade. Ressalto, que durante a semana comprava o pão dormido, mas aos sábados meu pai trazia pão novo, e “suspiros” para nós, o que sempre se tornava numa grande festa.

Dona Cema, era a dona do lar despendia a sua energia na dinâmica diária e apesar de toda responsabilidade conosco, encontrava tempo para costurar, bordar à mão e na máquina de costura, usava bastidores para fazer alguns pontos, entre eles, lembro o rechilier. Cozinhava e fazia boas comidas no dia a dia, inventava bolos e doces e fazia muitas paneladas.

Dentre as habilidades de minha mãe, também destaco as comidas gostosas que gostava de fazer sempre em quantidade, porque o número de crianças era grande, nada sofisticado, tudo simples, cheio de amor. Era comida com sustância. O mocotó de boi, por exemplo, também conhecido como “mão de vaca” é uma fonte de energia tanto para criança como para adulto.

O mocotó, também foi uma das partes do boi enfeitadas pelos senhores de engenho, consumidas pelos escravos, uma das refeições mais saudáveis e nutritivas do mundo. Meu pai comprava no sábado, para comermos no almoço com o pirão ou algumas vezes no café da manhã do domingo, com pão ou com farinha, como meu pai mais gostava e pensava no preço que era mais barato e alimentava bem a todos. O caldo de mocotó é uma delícia! Até hoje gosto muito.

O peixe ao molho de coco, a galinha de capoeira ou matriz eram consumidos aos domingos era mais chique! A galinha, por exemplo: Sempre que minha mãe fazia, geralmente ofertava a uma comadre, principalmente se estivesse de resguardo, ela fazia o pirão e mandava levar na casa da comadre que pariu, para ajudar na recuperação.

E não só isso, pedia que eu ou uma de minhas irmãs ajudasse na arrumação da casa, lavasse pratos e algumas roupinhas do bebê ou se tivesse para ou passar no ferro. Tudo isso, sem direito de aceitar nenhuma prenda, que se caso aceitasse ela mandava devolver os “miúdos”. O que hoje sinto como muita severidade e um tanto desnecessário.

Minha mãe ainda sabia preparar uma rabada, a língua do boi, fígado, entre outras partes que meu pai comprava por serem partes de sabores especiais, mas, também havia a questão do preço, sempre mais barato, porque não eram partes tão valorizadas no mercado. Atualmente, não existe isso, todas as partes do boi são caras.

A criatividade de dona Cema na cozinha, não parava por aí. Mesmo que simples, fazia um caldeirão de angu ou xerém, dividia em duas formas: salgado e doce para o café da manhã ou jantar. Estava sempre se reinventando, fazia bolo de mandioca e gostava de caprichar no bolo Manuê, historicamente, aquele enrolado na folha da bananeira, fazia em quantidade tanto para o consumo, quanto para vender muitas vezes. Lembrando a cocada de coco. Tenho que reconhecer que ela era muito dinâmica e criativa, tudo isso para garantir o seu “trocado”.

E quando em vez, se arriscava em ser empreendedora, palavra que não se conhecia antes. Para incrementar as despesas da casa, criava um leitãozinho e vendia sempre no mês de junho ou dezembro, meses que designava para comprar algumas vestimentas para nós ou para outros fins. Saía sempre criando algo novo para ter o seu dinheiro nas mãos. Assim, como ela gostava de dizer. E entre um período e outro, estava sempre atenta para o que queria realizar.

Pela criatividade, nos períodos festivos de carnaval, São João, Natal, Ano novo, sempre se transformavam em uma grande festa. Desta feita, não só em família, mas numa

festa comum a todos da rua, principalmente, no período carnavalesco, porque confeccionávamos colares acessórios que vendíamos no carnaval.

Nas semanas que antecedia o carnaval, a frente de minha casa se tornava numa verdadeira festa, quando mãe se decidia a fazer colares de papel crepom para vender, visando complementar a renda familiar. A produção acontecia todas as noites com o voluntariado dos vizinhos na confecção das peças, compostas por papel crepom, em várias cores, uma agulha e linha, alinhavado no centro do papel, depois um giro e ficava redondinho e pronto. Assim, fabricamos muitos colares que até hoje são vistos no mercado como adereço para foliões recifenses.

Além dessa prática, minha mãe ainda se propunha em costurar bonés que também eram bastante usados no período carnavalesco. Vale salientar que toda a produção era vendida pelos meus irmãos, com muita alegria no centro da cidade do Recife, mas especificamente, no Mercado de São José.

E nesse trabalhar de memória, o que chega agora em minha mente é majestoso. Vale apenas lembrar, que por estar sempre envolvida pelas habilidades manuais e artesanais de dona Cema, certo dia, bem próximo ao carnaval, decidi ir ao salão de beleza de Divone, por sinal, uma cabelereira muito conhecida pelas mulheres negras, tenho certeza que se algumas dessas mulheres chegarem a ler este episódio, logo vão identificá-la.

Pois bem, este salão, rendeu um trajeto entre o alto do Pascoal e o Alto José do Pinho, ao passar por determinado trecho da avenida percebi um aglomerado de pessoas parecido com o que acontecia em frente da minha casa, na minha adolescência. Fiquei na expectativa de observar o que se passava. Então, logo diminui os passos e fui caminhando lentamente para entender o que acontecia naquele local.

Pude perceber que se tratava da confecção de um trabalho artesanal e que para realizar a aquela produção usaram plástico lino lene alto relevo em forma de florezinhas, chapéu de palha, contas em pérolas, agulha e linha na mão das pessoas.

Fiz o procedimento em meu cabelo e na volta, fiquei bem mais atenta para compreender o passo a passo daquela produção. Primeiro recortavam as florezinhas do plástico, depois com a agulha aplicavam junto com a pérola no chapéu de palha. Dando início a partir da aba ao centro do chapéu. Chegando a casa, fui falar com dona Cema sobre a nova descoberta. E desta vez, perguntei, vamos tentar fazer?

De imediato respondeu, vamos! Fui à cidade, comprei a quantia para experimento e o resultado foi surpreendente, um chapéu lindo, todo coberto de flores e pérolas. Então,

mostrei ao meu irmão Dinho, que era integrante da Escola de Samba Galeria do Ritmo, para apresentar a novidade aos diretores da Escola, e assim fez, e ao oferecer o produto logo foi aprovado, transformando-se em um dos adereços a compor uma das alas da escola. Momento feliz para dona Cema, pelo reconhecimento do trabalho e consequentemente, o retorno financeiro.

Como já venho comentando, a alegria já iniciava antes mesmo do carnaval, na confecção dos colares, isso era uma festa para as crianças, adolescentes e adultos, todos se reuniam em frente da minha casa. Minha mãe era bem animada, chegou até a criar um tipo, “troça carnavalesca”, O Urso 94.

Pensou num momento de divertimento para as crianças, o socializar em família. Um brinquedo, só para animação da meninada, que penso devem ter gostado muito. E assim, meus irmãos e os coleguinhas saíam pelas ruas vizinhas animando o carnaval, embalados pela criatividade de dona Cema, que até chegou a criar uma música para a criançada foliã: O Urso 94.

“Lá vem o urso 94”, a dezena que sempre dá.

Nós somos o ursinho, do alto do Pascoal;

Lá vem o urso, lá vem o urso alegrar.

Nós somos o ursinho, do Alto do Pascoal...

Esta volta ao passado, demonstra a grandiosidade de dona Cema, era sensacional. Então, até uma música criou, de tão criativa, animada e sensível que era, e por gostar da folia se preocupava em trazer alegria à meninada da rua e irmãos. Mas, só que essa animação não para por aqui.

O São João era uma festa que não só se restringia à minha casa, mas uma animação conjunta com os vizinhos da rua. Na véspera de São João, a expectativa era geral, porque se começava a ornamentar a rua uma noite antes, criança, adolescentes, adultos, cortando e colando bandeiras. Fazia-se, uma cota antes para a compra dos preparativos: corda, cordão, papel, plástico, cola e outros itens para ornamentação, na expectativa de deixar a rua bonita.

Todos trabalhavam crianças e adolescentes pegar folhas de coqueiro, pé de bananeira, comum em quase todos os quintais, pés de mamão, tudo isso para ornamentar a nossa rua. Cada um arrumava a frente de sua casa, a bananeira, o mamão, as folhas de coqueiro trançadas, visando deixar em clima de roça.

A união de todos se transformava num grande momento do arraial. Por essa iniciativa, considero o pensamento de Souza (2020), ao dizer que traz em seu contexto a fala e o discurso de si, bem como, a relação entre grupos sociais que fazem parte de uma sociedade.

Neste sentido, fica claro o motivo de toda essa movimentação, porque era um momento de todos, momento festivo em que cada um queria ver sua rua bonita, alguns colocavam balões nas janelas, outros, nas portas ou terraços, o que teve como finalidade terminar tudo belo.

Assim sendo, todo processo, era movido de grande aglomeração, a minha casa sempre muito movimentada. Seu Nino, era marceneiro caprichava no visual da entrada da rua, produziu uma grande estrela, chegou a fazer um grande painel de entrada da rua com compensado coberto de plástico, lâmpada, então, realmente era uma grande alegoria, sem contar com as músicas na noite de São João, aquela fogueira e grande confraternização.

Aquela confraternização também se transformava na confirmação de compadres e comadres, que tanto acontecia no passado, onde nessa troca de amizade nascia um laço entre amigos, crescia um elo de mais união, mais amizade, e tudo acontecia dentro de muita harmonia.

Mas, para que a festa se fortalecesse era importante ter o melhor: a comida. Cada um caprichava na sua canjica, pamonha, seu bolo de mandioca ou pé de moleque. E era só alegria, com música, animação, quadrilha matuta improvisada e milho assado. Vale lembrar que o brinquedo vai passando por gerações, os mais jovens vão assumindo novos rumos, assim, o meu irmão caçula, inserido por todas essas questões festivas, criou uma quadrilha e se tornou o comandante da brincadeira.

Portanto, todo esse caminhar de socialização, de acordo com Souza (2020), chega a confirmar que enquanto grupo o saber circula em determinado ambiente criando suas próprias vivências, produto e processo de várias ações e acontecimentos cumulativos, carregados de emoções, numa trajetória mediada por várias relações históricas e sociais, são sentimentos que aprendemos a desenvolver uns com os outros.

Então, neste sentido, fica claro o envolvimento das famílias sempre comungando de muitas festas. Sendo assim, na adolescência dancei muito, muitas quadrilhas e na fase adulta fiz parte do grupo de jovens da igreja, participei de vários passeios e piqueniques, um bom momento de entrosamento, tanto com a igreja e a rapaziada.

Na fase adulta, aproveitei bem alguns momentos junto aos meus irmãos e amigos, fui a muitos shows de Renato e Seus Blue Caps, Os Viveres, Pholhas, entre outros

cantores, nos Clubes: Santa Cruz, Náutico e Sport, bem como, os encontros ditos “Assustados”, uma forma de comemorar aniversários com a finalidade de nos divertir. Tive e tenho uma vida bem alegre.

Importante ressaltar que, todas as reuniões que aconteceram em frente de casa significam legados deixados por Cema e Nino, os bons ensinamentos para todas as famílias que daqueles encontros participaram.

E no que diz respeito àquelas reuniões inocentes, ressalto que deixaram aprendizados que remetem ao professor Paulo Freire (1987), quando diz que a educação nasce em comunhão entre o diálogo e a reflexão. Enquanto Brandão (2007) revela que a educação está em toda parte, daqueles encontros pude aproveitar muitos aprendizados. Por estes termos, nesse desenvolvimento autobiográfico ao ler e reler o texto que me aprimora cada vez mais do que leio e enfatizo ideias, do que digo neste contexto.

Neste sentido, de acordo Marques (2017), “É através da autobiografia que encontro o melhor lugar de fala”. Hoje consigo entender o quanto este trabalho é gratificante, retrata momento de renovação, descobertas e reencontro comigo mesma, onde me sinto feliz.

Feliz por encontrar e conseguir dialogar com alguns autores como: Passeggi (2016), quando enfatiza que: “Antes de desenvolver uma narrativa o sujeito tem que se conhecer primeiro e com essa consciência, descubro o mundo, meus feitos e experiências”. Enquanto, Paula Sibília (2008), me revela: “Que preciso fazer marketing de mim”. Cheguei a me animar pela força, pois até então, eu não me via. Como poderia falar de mim?

A partir das leituras me animei e hoje tenho uma nova visão sobre o assunto, agora já me vejo, me entendo e consigo me dizer, o que antes não acontecia por achar não ter realizado nenhum feito. Hoje percebo que realizei alguns dados. Eu sou vigilante na instituição UFPE, e a minha primeira movimentação aconteceu para o Núcleo de TV e Rádios Universitárias - Canal 11-UFPE. O que só me fez bem.

Na Rádio Universitária fui discotecária, apresentadora e produtora de programas; convidada por profissionais a fazer participação em programas, mesmo assim, não me dava conta disso. Mas, Guinn (1982), chega e fala que este é o lugar onde aprendo dizer. Hoje estou feliz por estar narrando esses fatos, porque se não fosse por esse estudo, não estaria me conhecendo nem tampouco me dizendo.

Portanto, mediante todos esses aspectos de desconhecimentos por mim enfrentados, neste estudo proponho homenagear as mulheres negras que estão invisibilizadas, as que

estão em situação parecida com a minha, enquanto não me reconhecia. Assim, percebo existem várias mulheres negras que se encontram escondidas.

Encontram-se escondidas por não se veem, não acreditarem em si, presas a si mesmas. Presa aos instigantes preconceitos e tanto racismo existentes em nosso meio que deixam sequelas, deixam marcas negativas. E eu quero passar um momento positivo, mostrar que é possível que elas possam até sentir dificuldades, mas existem possibilidades de mudanças, assim como eu estou mudando.

Hoje, envolvida por este estudo, reflexiva e diversa, vejo o mundo por outro aspecto, assim como o professor Paulo Freire (1987), ensina ao dizer: “É através da educação que você pode enxergar o mundo de outras formas”. Desse modo, consigo me ver diferente crendo que outras pessoas venham ao enxergar também o mundo de outro jeito, acreditando em si e que tudo é possível. Que a educação transforma, assim como eu estou me transformando.

Sendo assim, a renovação é uma das características neste estudo, no qual desejo transferir para outras pessoas, essencialmente, as mulheres negras que se encontram presas ao casulo. Considerando-se que se trata de uma investigação de trajetória de vida.

E academicamente, por estar entre pesquisas autobiográficas do Núcleo de Pesquisa e Identidades e Memórias do Centro de Educação da UFPE, um estudo que propõe apresentar algo novo, um documento científico através da própria contação de história.

Quando ao relatar dados sobre o meu caminho escolar me estímulo a uma volta no tempo, aos poucos vou percebendo que o tempo passou tão rápido e que eu nem me dei conta que estou a traçar a faixa da boa idade. Até envaidecida, gratificada por não ter desistido e conseguir desenvolver este trabalho que ora me faz tanto bem. Poder deixar algum legado como incentivo para os jovens e para àqueles que acham que é tarde para começar. Deixo claro, a educação não tem idade!

Mas, nesse retorno ao passado, chega como relâmpago à minha mente lembranças de minha professora de alfabetização, dona Alice, que me ajudou a ler as primeiras letras. O tempo vai passando, as responsabilidades com as tarefas escolares vão aumentando. Mesmo envolvida por tantos afazeres, minha mãe reservava um espaço para ensinar a leitura da cartilha de A, B, C, e da bela tabuada. Foram eles, meus pais que me ensinaram as quatro operações, todas com a prova dos nove através da tabuada que jamais esqueci.

Ao expressar uma atividade que se percebe que mesmo com tanta tecnologia, encontra-se em desuso. Dona Cema e seu Nino, ajudavam nas atividades, leituras nas

cartilhas e o delicioso ditado, que mediante cada erro se pagava prenda de reescrever cinco a dez vezes a palavra errada e com a querida tabuada, não era diferente, por repetidas vezes as contas que ora se estava trabalhando, soma, multiplicação subtração ou divisão e assim, segui para a primeira série.

O meu primeiro encontro com a escola, relembro, foi com o Grupo Escolar Rotary, do Alto do Pascoal, foi em 1966, se estendendo a 1970, obtive também tive oportunidade de um ensino de qualidade, com as queridas professoras: na primeira série, Susana, depois Laurisa, na terceira série a professora Carmelita e na quarta série a professora Nadir, cada uma com a sua peculiaridade.

A professora Susana era delicada, no entanto, a professora Laurisa, deixava transparecer a sua altivez, gostava de partilhar conosco na sala alguns bolinhos, enquanto a professora Carmelita era mais séria, muito focada em suas atividades, já a professora Nadir autoritária, falante, preenchia a turma, ela quem nos preparou para o primeiro grau.

A professora Nadir, alegre, dinâmica, passava muitas informações, bastantes atividades, sempre trazia novidades, preocupada com novo ciclo, considerando o período de preparação. Possuía uma escola no bairro de Arruda, local onde morava, inclusive, nos convidava a participar de eventos na escola, fiz parte do São João e outras atividades. Um convívio bastante salutar e proveitoso.

Na quarta série, em 1970, encontrei a professora Nadir do Nascimento Patriarca, ativa, muita energia, dinâmica, empenhada com o ensino do grupo. Preocupava-se em atualizar a turma porque estávamos em preparação para seleção da admissão ao Ginásio, era bastante atenciosa. Gostava de festa e nos convidava a fazer parte dos festejos do seu próprio colégio, no bairro de Arruda e eu amava participar dos eventos. Foi um período muito agradável.

Fiz um retorno ao passado e chega à mente momentos muito interessantes do pátio da Escola Rotary, por exemplo: organizado em suas laterais, preenchido por pedrinhas de paralelepípedos, um escorrego ao lado do pé de coquinho, no qual quando a campainha tocava avisando a hora do recreio eu corria para lá, onde gostava de brincar. Mas não, antes de tomar o lanche que era servido na cantina. Eu sempre gostei de um leite quentinho, às vezes repetia, gostava da sopa, mas dentre todos os lanches, era do pastel que eu mais gostava, sempre servido às sextas-feiras.

Vale lembrar ainda que na escola, geralmente pela manhã antes da entrada para sala de aula, era comum a formação de filas no pátio, para hasteamento da bandeira, onde cantávamos o hino Nacional, o hino de Pernambuco, entre outros, de acordo com a data

comemorativa, também diariamente havia o momento de oração. Tudo isso sob a responsabilidade da diretora Adalgiza, uma figura amiga, amável, querida, enérgica quando necessário e respeitada por todos.

Dou início ao primeiro grau no Colégio Rosa de Magalhaes Melo, entre 1971 e 1975, todas as etapas do curso foram compostas por uma equipe de primeira ordem, a professora Gicélia à frente do Português, exercia com maestria seu papel, nos levava ao entusiasmo pela didática realizada na classe.

Em sala de aula, realizava leituras silenciosas ou em voz alta, conseguia interagir muito bem com os alunos e através das práticas pedagógicas que trazia para sala. Momentos inovadores, fez usou da radiola para ouvirmos, interpretarmos as várias canções e comentarmos sobre as mesmas. Trabalhou a poesia como incentivo à redação, entre outras atividades visando aprimorar o conhecimento da turma.

Dona Lalinha querida, a professora de inglês, professor José Carlos, o bonitão ensinava francês; professor Rômulo de matemática, excelente, também muito bem quisto, estes são apenas alguns nomes da competente equipe notável do colégio Rosa. Nas entrelinhas, venho a perceber como foram ricas todas as aulas que obtive. Bem como, reforçar a competência de cada profissional que se doou com muita dedicação.

Gratidão a todos por eu ter sido tão bem preparada por essa equipe tão especial. Foram relíquias do meu primeiro grau, que me deixaram realmente legados para os dias vindouros, para outros momentos, assim como tem sido até agora.

Dona Terezinha Miranda era a nossa diretora, merece o respeito e consideração, uma pessoa especial, apaixonada pela escola, cuidadosamente conduziu o bom andamento de seu alunado e por muitos anos esteve à frente da direção, no uso de toda experiência e esmero.

Na escola sempre trabalhávamos em equipe; bom envolvimento com os colegas formidáveis, uma turma divertida, apesar de eu ficar mais recuada. Na hora do recreio preferia me afastar um pouco, não ficar correndo pelo pátio, temia cair. Mas, minha passagem pelo Rosa de Magalhaes foi maravilhosa.

Tenho lembrança que a coordenadora na época era Eliete Santiago, muito querida por todos pela sua amabilidade. Hoje, professora do Centro de Educação- CE. Essa volta à memória é bastante interessante, pois muita coisa vem à tona. Lembro que ela ficava na rampa e corredores sempre colocando os alunos para dentro das salas, geralmente após a hora do recreio: “vamos para sala”, para mim, tem sido salutar essa volta repleta de boas lembranças.

Este retorno à memória me faz lembrar que fiz parte também de uma gincana no Programa Meu Colégio é o Maior, que aconteceu na TV Universitária, sob o comando do apresentador José Maria; por algum tempo esse programa se desenvolveu com a participação de vários colégios, tanto estaduais quanto particulares e me lembro, fui convidada a participar dessa gincana na TV pela professora Lalinha. Cheguei a comentar com a professora Luciana, do Colégio Rosa, mas ela diz que não tem documentos sobre este evento.

Mesmo assim, conversei com Marcos Guimarães, cinegrafista da TV Universitária (TVU - canal 11), e ele concordou que realmente existiu e para isto tenho que ter documento confirmando essa participação. Na escola sei que não consigo, mas, estou tentando em outros meios. Torcendo encontrar algo que me reporte ao programa, ficarei feliz, gostaria de rever essa apresentação. Assim, com este assunto consagro a minha passagem pelo Rosa de Magalhães, que tem me ajudado a preparar-me para vida.

O meu segundo grau se deu quando ingressei na rede privada, na Escola Técnica da Encruzilhada, no Curso Técnico em Contabilidade, na perspectiva de conseguir um emprego. O que veio trazer novos conhecimentos e interações, mas na verdade não segui por esta área. Hoje o colégio foi extinto.

Mediante esses aprendizados, a partir da observação vou construindo o meu campo de ação. O momento me propõe voltar ao tempo e entender como a educação familiar foi e tem sido importante para mim. Como muito bem o professor Paulo Freire (1987) menciona, que o aprender também está no observar.

E por este prisma, agora compreendo que minha mãe estava sempre se movimentando e ao mesmo tempo sem saber nos levando a nos movimentar também, algo que nem me dava conta da relevância desses ensinamentos e de todos os feitos no meu caminhar, da infância à adolescência, e até nos dias atuais.

No entanto é algo que fica enraizado e neste instante, atento para esses saberes corriqueiros e ricos. Que a partir dessa narração começo a entender o impulso do querer movimentar-me dentro da instituição e de buscar por novos saberes. Essa volta à memória, sobre tudo isso tem sido algo lindo e rico, deslumbrante demais pra mim. Essa contação de história tem me proporcionado um bem enorme, entendida como uma grande batalha.

3.1 Em busca do documento

Após todos esses anos distante do Grupo Escolar me preparei para uma visitação à escola em fevereiro de 2021, em busca de meu boletim primário que infelizmente até hoje não tenho, e nem consta na minha ficha dezoito. Foi grande o impacto, bastante a decepção ao chegar ao recinto, senti tristeza ao observar tantas mudanças, quanta diferença do grupo em que eu estudei.

Após tantas lembranças boas da escola Rotary, algo me impactou ao retornar pela primeira vez à escola. Levei um choque, devido tantas mudanças, quase não reconheci a minha escola, estruturalmente não é a mesma. Não existe mais aquela entrada linda da qual falei anteriormente.

Agora a entrada principal mudou, se transformou em lateral, exerce a função de entrada e saída de veículos, eu fiquei pasma, considerando-se o aspecto visual negativo naquele momento. Penso que esta impressão foi porque fui pensando na escola do passado, por isso o choque por tantas mudanças.

Pensei em visitar a sala de aula onde eu cursei a quarta série, tirar fotos na escadaria da entrada, pensava naquele pé de coco próximo ao escorrego, então eu formatei tudo mentalmente, mas nada do que imaginei aconteceu.

Não contive minha curiosidade, fui à sala em que cursei a quarta série saber o que lá acontecia; hoje funciona como sala de reunião de professores, tudo muito diferente. Mas, após tantos anos, comum acontecer transformações e já estou me contentando com isso.

Antes de chegar ao colégio marquei horário com o atual diretor da escola, que me recebeu muito bem, porém por ter passado por uma reforma, o arquivo estava fora de ordem e naquele dia foi impossível investir na procura do documento.

Diante esse aguçar de memória vem à lembrança a preocupação da diretora Adalgiza, com o desenvolvimento do seu alunado e uma das didáticas pedagógicas na escola era incentivar o aluno a se manter com boas notas perante os dois semestres. E na festa de encerramento anual o aluno que obtivesse as maiores notas seria eleito o melhor aluno da escola.

Importante recordar que por dois anos estive nesse pódio. Conversei com o atual diretor Raniere, se ainda havia este propósito na escola e ele respondeu que sim, permanece realizando esse incentivo, para mim uma ação bastante salutar. Esse documento eu não tenho, mas gostaria muito de tê-lo.

Perguntei para ele a possibilidade de uma declaração sobre o assunto, ele disse que sim, também pedi fotos, caso haja algo referente ao evento, ele disse que sim. Mesmo que não haja minha foto, mas de outras pessoas no evento já me dou por satisfeita.

Marquei outra data e cheguei a procurar o documento nos arquivos junto com o diretor, infelizmente não encontrei. Não desisti, remarquei o encontro. Ao chegar ao local ele não estava e falei com o vice-diretor que atenciosamente logo me atendeu, repassei o porquê estar ali, ele me propôs ajuda chegando à conclusão que eu deveria me dirigir a Escola Rosa de Magalhães.

Assim, entrei em contato com a secretaria do Colégio Rosa de Magalhães, fiz visita à escola, não obtendo resposta positiva. Voltei a falar com o diretor do Rotary que confirmou não encontrar registro, pediu para procurar a GRE Zona Norte. Segui à risca, telefonei, fui atendida pela servidora Vera Ilário, que me pediu para procurar a servidora do Rosa Magalhães enfatizando que a resposta estava ali.

De volta à escola, a professora me respondeu: “Só posso dar uma cópia da ata provisória” na escola havia uma xérox. Eu concordei, quero apenas um documento que venha me respaldar uma declaração do curso primário na escola Rotary e agora estou no aguardo do documento, porém nada atrapalhou a minha sequência escolar.

3.2 Em busca do primeiro emprego

Todo tempo durante minha adolescência entre os quatorzes e quinze anos eu sentia muita vontade de trabalhar, porém minha mãe sempre dizia: não! Vá estudar. E assim, enquanto esse tempo não chegava, antes de interagir com o mercado de trabalho exerci a função de manicure por algum tempo em minha própria casa, depois em domicílios, de segunda a sexta feira e nos finais de semana em casa sempre pela manhã até às dezoito horas.

Enfim, após várias procuras, mesmo a contragosto de dona Cema surge a oportunidade do primeiro emprego, primeira empresa a assinar minha carteira profissional em 1976, foi Lojas Brasileiras (Lobras), no bairro da Encruzilhada- Recife, uma empresa bastante conhecida pelos recifenses.

Vale socializar que infelizmente, após tanto esforço, foi o local onde sofri o primeiro preconceito ao tentar me submeter a uma vaga nessa loja. Algo que naquele período não me dava conta que o imperialismo ali operava e só agora, ao longo desse tempo, entendo que fui vítima do racismo e do preconceito.

Mesmo que as políticas governamentais indiquem que não há racismo e preconceito, as evidências denotam o contrário, pois se trata de uma prática que visivelmente se encontra arraigada em nosso cotidiano. A impressão que tenho sobre o preconceito e discriminação é que continua não sendo visto como problemas sociais e que não precisa de uma atenção especial, assim como nos informa (CHADAREVIAN, 2012).

Fui barrada por três vezes ao tentar me inscrever nessa empresa, o gerente galego, sempre dizia: “encerraram as inscrições”, mas, nesse terceiro encontro eu o enfrentei quando ele argumentou: “você tem que fazer uma prova de português e matemática agora”.

Neste contexto, fica notável a atitude do gerente ao querer me intimidar, negar a vaga de trabalho na empresa, onde hoje tenho a clareza da questão do ser branco e negro, considerando o pensamento eugenista marcado pela soberba e superioridade do branco sobre negros, índios e mestiços. Apesar da junção e organização dos negros em suas denúncias sobre discriminação e preconceito nas várias áreas da sociedade, desde o século XIX é perceptível a prevalência de certas atitudes na contemporaneidade. (SCHWARCZ, 1993).

Mesmo sendo alvo dessa ação, não me intimidei com a autoridade do gestor. Eu categoricamente respondi: isto não é problema para mim. Ele me olhou firmemente, se espantou com a minha altivez e logo decidiu liberar o teste pedindo a sua secretária que me entregasse o envelope com as referidas provas.

Pensei: aquele momento era fatal para mim; com muita calma subi as escadas que davam acesso ao escritório, me recolhi no cantinho da sala e de pronto, rapidamente eu tive competência de responder e ser aprovada com nota 10 (dez) naquele teste.

Com esse resultado nas mãos, ele não teria como me negar mais nada. Entregou-me o passaporte para o exame admissional. Mesmo assim, nessa tarde não fui à clínica. A amiga que procurava emprego comigo e que também se inscreveu, foi reprovada. E eu preferi ajudá-la. Já que ela poderia realizar o mesmo teste no dia seguinte.

Decidi ajudá-la e dediquei aquela tarde a ela, resolvi desenvolver vários problemas de matemática, até ela se sentir segura na resposta no outro dia. E assim, fez o novo teste, sendo aprovada também; conclui o exame admissional, vindo a encontrá-la posteriormente já como funcionária.

Mediante o contexto, não sou eu que digo, e sim, o professor Paulo Freire (1987) que registrou: “a educação liberta”. E assim, devido minha capacitação naquele momento, superei o bloqueio, tornando-me funcionária por um ano e um mês naquela Empresa, Lojas Brasileiras -Lobras. De onde pedi demissão um ano após.

1977- Logo, ingressei no Sindicato dos Bancários, na recepção da Escola Nossa Senhora da Conceição, localizada no bairro da Madalena, Recife. Nesta empresa, desde a minha chegada até o meu pedido de demissão, sempre fui bem acolhida, jamais percebi nuances de desrespeitos quanto ao preconceito. Ao contrário, consegui contrair um bom relacionamento com todos os integrantes e consegui fazer amigos, entre eles, a conquista da amizade da amiga Eulália.

Figura 2 - Fotografia com minha irmã e uma amiga durante a construção do asfalto no Alto do Pascoal, 1978.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esta imagem retrata uma lembrança que a memória oportunamente me traz através da foto e faz recordar um dos momentos interessantes do cotidiano, em que revela indícios de inovação no bairro da minha infância, os primeiros paralelepípedos que chegavam para construção do asfalto. A cena retrata um registro em que me encontrava sentada nestas pedras, ao lado de minha irmã Leu e a amiga de trabalho Eulália, que veio almoçar comigo no domingo.

A amiga Eulália morava em Ouro Preto, Olinda e foi uma das incentivadoras naquele período para que eu mudasse de local. O que na realidade após há alguns anos veio a acontecer. Por este cenário vale salientar como foi importante este retorno à memória. O que Burker (2017), revela que: o registro que vem a fortalecer o poder que a imagem possui.

Portanto, por esse potencial que o pesquisador Burke chama a atenção sobre o que existe nas imagens, me ateno a esta mesma imagem a qual me transfere às lembranças da

casa de taipa em que por muito tempo moramos, um perfil comum às moradias na época. Mas, com o tempo veio a mudar, pois o tempo se encarrega das transformações, e naquele espaço não foi diferente. A evolução chega de qualquer maneira e por necessidades de avanços, chega também à conquista de uma casa nova, a “casa de alvenaria”, um resquício de muitas mudanças.

A venda da casa e saída do bairro incentivado por mim fui motivada pelas amigas de trabalho. Eulália Brandão que estimulou à saída do bairro, e Izanir da Silva, ajudou no processo de inscrição para compra da casa no Conjunto Habitacional- COHAB, um ato importante para grandes mudanças e realizações, é só gratidão pelos aconselhamentos e carinho para comigo.

Só hoje percebo quanto fui persuasiva na proposta da venda e mudança do local e que sem pestanejar meus pais confiaram em mim, desistindo da antiga casa, que logo foi vendida e seguiram para novo rumo pela minha influência. Com esta volta à memória, nem mesma entendo como consegui esta façanha. Porém, vale ressaltar que a mudança foi a melhor coisa que aconteceu para a toda família, motivo de uma nova visão de mundo para todos nós.

O interessante disso, é que mesmo sem os meus pais estarem aqui, as novidades vêm acontecendo até o momento. Sinto-me contemplada em visualizar a imagem que me levou a um retrospecto tão importante em meu viver. Mas, para que isto acontecesse tive como um grande aliado, Burke (2017), ao afirmar que em cada imagem, há uma história, por esse ângulo me reconheço em seus escritos e nesta história.

1979- Na sequência fiz parte da Concessionária - CIDAR Veículos Ltda, Av. Cruz Cabugá - Santo Amaro, Recife PE, onde ingressei mesmo sem experiência, trabalhei no setor da Tesouraria, na carteira de Contas a Pagar, por seis meses, ao completar esse período fui demitida.

Deixo claro que pela indicação da tesoureira, ainda em 1979, enveredei na Concessionária Concorde Veículos Ltda, linha Ford, uma das maiores revendas nesse ramo no Nordeste, situada no bairro Largo Passo da Pátria, no centro do Recife. Nesta empresa, trabalhei na Tesouraria, exerci a função de Contas a Pagar, porém desta vez com experiência na carteira e com competência cheguei a realizar bem minha função no setor. Sempre bem quista, fui abraçada e respeitada por todos.

Vindo a ser desligada após um período de três anos e meio aproximadamente, em 1984. Meses após fiz parte de uma empresa de Representações de Armários Embutidos,

em 1985, um dos últimos empregos antes do meu ingresso na Universidade Federal de Pernambuco.

Uma empresa onde sempre fui bem acolhida e ao mesmo tempo meu chefe me aconselhava a não fazer parte da UFPE, por que o salário era mínimo. Entendi a sua preocupação, mas mesmo assim, decidi pedir demissão e me tornar funcionária pública desta Instituição, o que me ajuda a me revelar hoje através dessa narração.

1984-Vale evidenciar que me inscrevi na UFPE, por acaso, no último dia de inscrição, tinha sido avisada por uma colega na faculdade na noite anterior, mas terminei esquecendo, saí de casa numa sexta-feira, à procura de emprego na Agência Guararapes no Edifício Jk, antigo INSS no Recife, quando encontrei uma moça que igual a mim também procurava por uma vaga de trabalho, conversamos enquanto aguardávamos na recepção, ela foi chamada e constatou não ter nada em sua área, em seguida logo fui atendida e também não havia nada para mim.

Ela aguardou pra saber o meu resultado e ao saber que foi negativo, falou ter feito inscrição para Agente de Vigilância UFPE e me entregou o edital completo de inscrição do concurso e se despediu; eu agradei e por alguns instantes fiquei em frente ao prédio do INSS a pensar o que fazer com aquele documento na mão, mas logo resolvi tomar uma atitude. Coloquei a mão na bolsa para verificar a quantia que eu tinha em dinheiro, mas para minha surpresa, apenas o valor de volta pra casa.

Porém, coincidentemente, ali também se encontrava a minha caderneta de poupança da Caixa. Respirei. Mesmo sem saber se havia saldo corri para agência que fica na Avenida Guararapes.

De pronto, coloquei o cartão na máquina e senti um alívio, pois havia um saldo de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), exatamente o valor que cobriria a taxa correspondente ao concurso, Cr\$ 4.725,00 (quatro mil cruzeiros, setecentos e vinte cinco). Fiz a retirada e depressa paguei o boleto no Banco do Brasil que fica em frente à Caixa, me preparo para pegar o ônibus, via Cidade Universitária Cardeal, o único que me deixaria exatamente no local da inscrição que encerrava às dezessete horas.

Após uma hora, cheguei ao Colégio Militar, local aonde ocorria a inscrição e me defrontei com uma multidão, parecia até uma festa. Gente pra lá e pra cá e eu fiquei no meio das pessoas tentando entender qual rumo tomaria naquele aglomerado. Aos poucos fui entendendo que algumas pessoas procuravam fazer o pagamento do boleto no Banco do Brasil da Reitoria, que era relativamente distante do local da inscrição e outras pessoas, preocupadas em enfrentar a fila para entregar o documento.

O tempo foi passando em meio a toda movimentação e de repente, em dado momento alguém, falou: atenção! O expediente encerrou. Em meio à multidão ouviu-se uma voz, por favor! Quem estiver com o boleto pago, aguarda para receber um comprovante e retorna segunda feira e quem não fez pode ir embora. Enfim, candidatei-me ao cargo de Agente de Vigilância da Universidade Federal, aprovada no processo seletivo, hoje representada como servidora.

No pensamento de fortalecer esses fatos, realizo explanação do quadro que evidencia vivências no trajeto laboral:

Quadro 4 - Trajetória de Vínculos Empregatícios

DATA	EMPRESAS	FUNÇÃO
1976/1977	Lojas Brasileiras Ltda- (Lobras)- bairro, da Encruzilhada- Recife- PE.	Caixa
1977/1979	Sindicato dos Bancários. Escola Nossa Senhora da Conceição, R. Real da Torre- bairro, da Madalena- Recife- PE.	Auxiliar de Escritório e Recepção
1979	Concessionária Cidar Veículos Ltda. Av. Cruz Cabugá - bairro Santo Amaro- Recife- PE.	Setor Tesouraria (Contas a Pagar)
1980/1983	Concessionária Concórdia Veículos Ltda. Rua Passo da Pátria- bairro de São José. Recife-PE.	Setor Tesouraria (Contas a Pagar)
1984	Representações de Armários Embutidos. Rua da Matriz, Recife.	Setor Administrativo (Aux. Escritório).
1985	Universidade Federal de Pernambuco	Setor de Segurança- (Vigilante)

A representação desse quadro vem revelar vínculos e vivências desenvolvidas nas empresas supracitadas da cidade do Recife, por onde consegui desempenhar atividades em diferentes setores. Bem como, o marco da inscrição para o concurso de Agente de vigilante, para a Universidade Federal de Pernambuco e a sequência do percurso admissional aos dias atuais.

Figura 3 - Edital do Concurso Agente de Vigilância, 1984



Scanned with CamScanner

Scanned with CamScanner

Scanned with CamScanner

CONCENTRO DE METEOROLOGIA	100	100 = 1 (linearização)
	101	100 = 8 (desvio)
	102	100 = 0 (erro)

Scanned with CamScanner

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Todo esse processo que chegou para me testar e ao mesmo tempo dar oportunidade de ingresso nesta conceituada Instituição. Este documento vem evidenciar toda trajetória exigida para quem decidiu se inscrever nesta categoria. Sabe-se que de cara, pela característica da função, alguns desistiram por entender que não seria fácil a maratona que teria que enfrentar até ser aprovado.

Porém, a partir de minha inscrição pensei logo em procurar um aliado, desta feita, o meu pai. Um dos homens que mais ficava em casa e que, com certeza eu poderia contar com sua parceria nos treinamentos dos exercícios físicos, que não foram moleza, todos foram submetidos aos testes de corrida, abdominais, flexão e barra, todo percurso de

avaliação foi cronometrado por agentes do Quartel do Derby, local onde foram realizadas as provas de esforços físicos.

Por isso não vacilei em esperar, pois pela demonstração do edital dá para perceber que não foi fácil. Assim, na primeira semana dei início aos exercícios físicos que além da prova escrita poderiam me eliminar. Fui perseverante. À noite, após chegar do trabalho, treinava abdominais e flexões e nos finais de semana corrida e barra, o que para mim foi o mais difícil. Mas, ao final deu tudo certo, consegui ser aprovada com sucesso nas duas modalidades.

Meses após as provas, saiu o resultado, eu estava trabalhando, quando um amigo me informou, aguardei pelo telegrama, mas não chegou, então resolvi saber sobre o resultado. Fui aprovada, vindo a assumir a função de Agente de Vigilância desde o ano de 1985 aos dias atuais. Aquela proposta de emprego foi tão importante, com certeza me regozijo por que posso referenciá-la e ter a honra de poder partilhar este trâmite com você leitor.

Tomei posse de admissão sob o número de registro nº 278327, conforme documento comprobatório a seguir:

Figura 4 – Lista Aprovados no Concurso, 1985

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

DE PESSOAL

ADMISÃO

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, usando da atribuição que lhe confere o artigo 33, alínea "a" do Estatuto da mesma Universidade, e tendo em vista o disposto no artigo 4º do Decreto nº 86.795, de 28 de dezembro de 1981, e a Exposição de Motivos SEPLAN-PF nº 320, de 26 de junho de 1982, publicada no D.O.U. de 28.07.82,

R E S O L V E

1 - Contratar, segundo o disposto no Decreto nº 86.241, de 30.07.81, pelo prazo de 120 (cento e vinte) dias, sob o regime de Legislação Trabalhista, para participação no Curso de Formação Profissional, e ser promovido pela Academia Nacional de Polícia, percebendo 80% (oitenta por cento), do salário mensal fixado para a Classe e Referência Inicial da Categoria Funcional de Agente de Vigilância, Código: LP-AN-1045, Classe "A" Referência RN-12, em vaga oriunda pelo Decreto nº 86.241, de 30.07.81, os candidatos abaixo relacionados, habilitados na 1ª Etapa do Concurso Público realizado para a referida Categoria Funcional:

NOME	CADASTRO
01. ADILSON ANTONIO KAVIER	277690
02. ANDRÉ JOSENEIDE MAGALHÃES E SILVA	277720
03. ALMEIDA GOMES DOS SANTOS FILHO	277908
04. ANA LÚCIA CASTANO DOS SANTOS	279416
05. ALBERTO PINTO DE LEMOS NETO	279488
06. ADEMAR CLAUDIO NACEDO PESSÔ	279718
07. ALDECI RAMOS DA SILVA	279742
08. ALINE ARAÚJO DO NASCIMENTO	279777
09. ADILMA MARIA DA SILVA FERREIRA	279807
10. ALDO SOARES FERNANDES	279831
11. AÉRCIO FERNANDO ALVES DE SOUZA	279866
12. ALFREDO JOSÉ DE OLIVEIRA BARRETO	279890
13. BRIVALDO DOS SANTOS CORREIA	279920
14. BARTOLOMEU ANTONIO RIBEIRO DE ALMEIDA JÚNIOR	279950
15. CARLOS ANTONIO DA SILVA	279980
16. CARLOS ANTONIO DE ASSIS CALVO	279904
17. CARLOS ALBERTO FERREIRA DA SILVA	279107

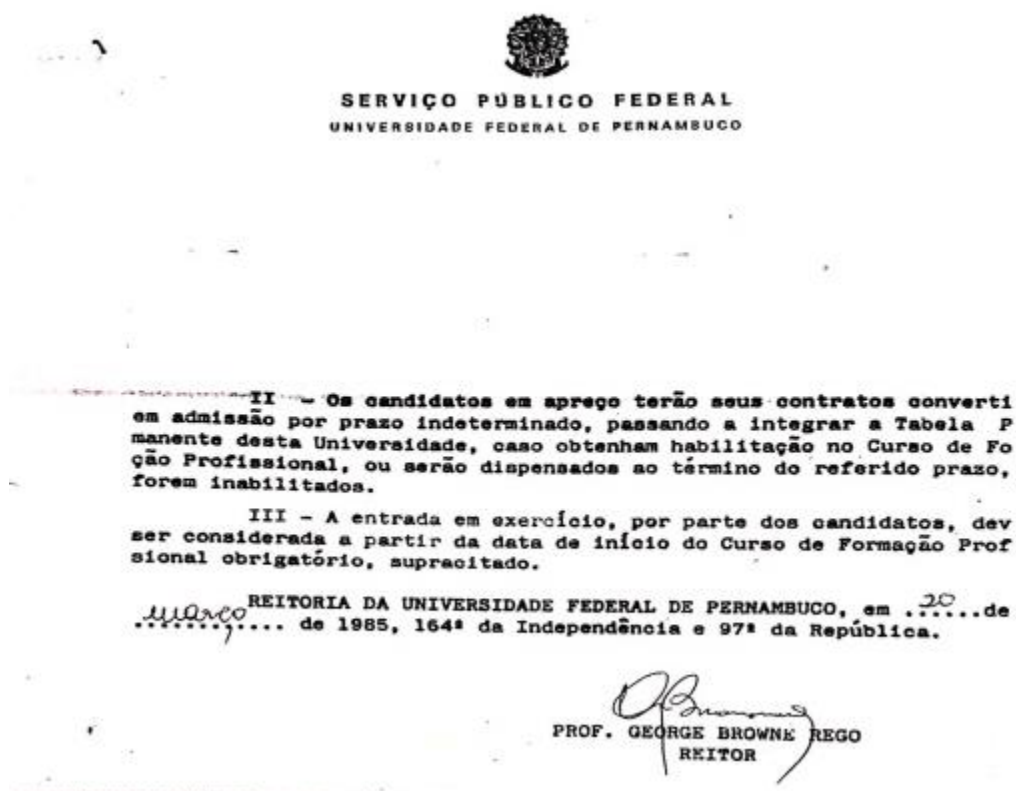
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

NOME	CADASTRO
62. JOSÉ CARLOS DA SILVA	279978
63. LIRIELSON CUSTÓDIO DE ALBUQUERQUE	279938
64. LUIZ CARLOS DE LIMA	277981
65. LUCIMEIDE DE SOUZA SANTOS	280003
66. LUCIVALDO MARIANO DA COSTA	280038
67. LUIZ WILSON TORRES GALINDO	280062
68. LEONILDO CARNEIRO DE LIMA	280097
69. MARCOS ANTONIO FERREIRA MATOSO	279084
70. MARIA FRANCISCA DA SILVA	277630
71. MARIA DE FÁTIMA PIMENTEL	277487
72. MÁRIO FRANCISCO DA SILVA	279050
73. MÉRCEO LADISLAU DE FREITAS	278173
74. MARIA DAS GRAÇAS DOS SANTOS	278262
75. MARCELO JOSÉ FERREIRA DA SILVA	280189
76. MARCELLO ARRUDA DE ARAÚJO	280151
77. ROACIR JOSÉ DA SILVA	280116
78. MARCOS ANTONIO DE SILVA	280240
79. MARIA DA CONCEIÇÃO DE MOURA PINHEIRO	280275
80. MARCONI SARMENTO DE SOUZA	280309
81. MARCOS ANTONIO SILVA DE ARRUDA	280330
82. MÁRCIO VALÉRIO DE FARIAS	280364
83. OSCAR AUSTRAGESILIO RODRIGUES LIMA NETO	277666
84. ORLANDO RAMOS DA SILVA	277220
85. GENIR TORRES KIMENES	280422
86. PAULO FERNANDO LEAL DE OLIVEIRA	279482
87. PAULO ROGERIO DE SOUZA VILLAR	280453
88. RICARDO ALEXANDRE DE AMORIM	278149
89. RICARDO JORGE DE MELO FERREIRA	280488
90. RIZAILDE TRINDADE RAMOS	278327
91. ROOSEVELT GERALDO DA SILVA	277643
92. BÉRGIO ROBERTO SANTANA DA SILVA	277429
93. SIDNEY JOSÉ DOS SANTOS	277606
94. SÔTHERES TARGINO DA SILVA	280255
95. SIMELÂNDIA ELIAS DA SILVA	280542
96. SULAMITA MARIA DA SILVA	280618
97. VAMALDO FRANCISCO DE MANDONÇA	277576
98. WASHINGTON JOSÉ BATISTA DA SILVA	277967

Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Este documento vem legitimar a posse de meu ingresso como servidora nesta Universidade Federal de Pernambuco. Após todo um processo na busca de minha inserção nesta casa, no enfrentamento do regime seletivo para a Categoria Funcional de Agente de Vigilância, de acordo com decreto de nº 56.241, de 30.07.81, tendo como requisitos prova de conhecimentos e teste físico, fui contemplada com aprovação e consequentemente, fiz jus a minha portaria admissional. Este documento vem selar o meu vínculo com a instituição. Neste sentido, vale ressaltar que em suas pesquisas, Peter Burke (2017) deixa claro que as imagens podem fornecer valiosos testemunhos, seja ela escrita ou oral, neste sentido o registro desta portaria chega para legitimar este fato.

Figura 5 - Documento de Admissão UFPE, 1985.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Portanto, considero este documento como passaporte de mais uma conquista dentre algumas tentativas que enfrentei sem êxito. Este concurso transcorreu numa perspectiva de mil vagas, foram aprovados trezentos e poucos servidores, entre eles, eu fui contemplada.

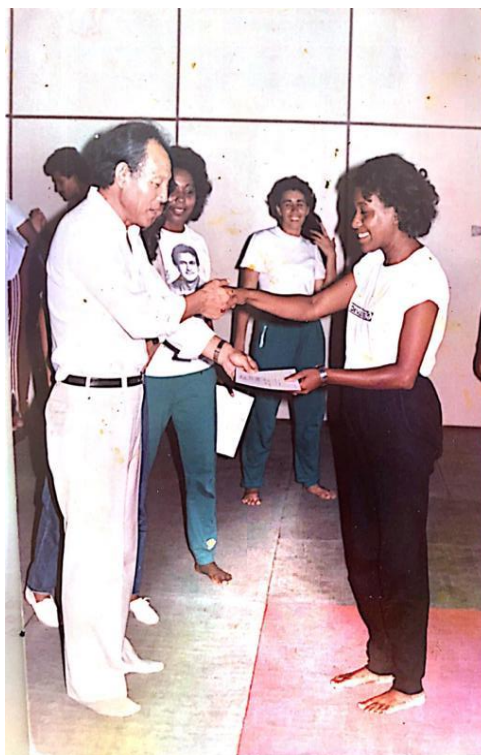
Este momento tem um grande significado, pois fico a imaginar, quantas pessoas gostariam de falar sobre sua vida e sua trajetória profissional, social, dentro de uma instituição, já que passamos maior parte de nossas vidas envolvidas por ela. Este documento vem demonstrar o prazer de estar neste espaço cumprindo com a responsabilidade que a mim compete realizar bem, juntamente com a comunidade acadêmica.

A oportunidade de passar por vários postos, durante toda minha trajetória funcional na Segurança, consegui fazer amigos e trabalhar em sintonia no uso de um bom desempenho para oferecer o bem-estar comum à comunidade acadêmica. Houve a preocupação da instituição em aprimorar com capacitação o grupo composto por mais de trezentos servidores. Foram promovidos vários eventos visando respaldar os novos seguranças, nos quais participei de seminários, oficinas e cursos. Um dos primeiros cursos

a ser oferecidos pela instituição foi o de defesa pessoal, o que nos oportunizou a ter mais mobilidade corporal, reflexos, criatividade e atenção.

Toda essa mobilidade chega no período bem oportuno para categoria e para nós que estávamos ingressando numa atividade diferenciada, foram momentos bem importantes para corpo e mente. O alongamento, exercícios de reflexão, agilidade corporal e relaxamento, ministrados pelo professor Lee, por algum tempo, nos proporcionou um bem enorme.

Figura 6 – Entrega de Certificado do Curso de Defesa Pessoal pelo Prof. Byung Kua Lee – prof. do Centro de Ciências Médicas - Depto de Educação Física, Universidade Federal de Pernambuco, NEFD, 1989.

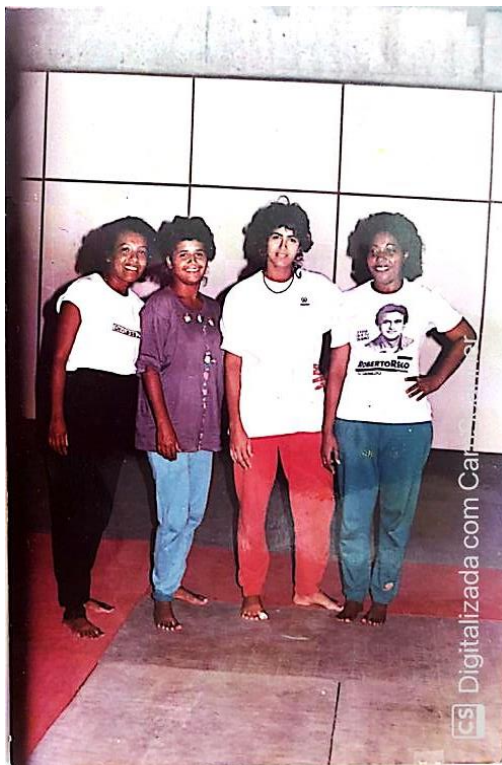


Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Na área das artes marciais, o Curso de Defesa Pessoal veio propor importante fonte de saber para todo grupo da segurança, o treinamento nos ajudou o uso das técnicas de autodefesa como alerta, na atenção, agilidade, no raciocínio lógico, bem como, na tomada de atitude, caso necessário dentro ou fora da instituição. Ter a compreensão de como agir perante um possível oponente nas mais diferentes e inesperadas situações, caso viesse a

acontecer. Este curso também proporcionou a conquista da amizade do professor Lee, que se tornou amigo de todos nós.

Figura 7 – Fotografia com colegas da segurança, NEFD, 1989



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Este momento significa uma volta ao passado bem significativo expresso neste registro que ficou marcado na ocasião em que cumprimos uma das etapas dos cursos oferecidos pela instituição. Sendo o que se apresenta nesse enfoque é o de Defesa Pessoal, oferecido em nossa trajetória ao sermos aprovadas na função de Agente de Segurança Institucional da Universidade Federal de Pernambuco. Vindo a cumprir outras modalidades de cursos a partir de uma sequência.

As fotografias em evidência mexeram com a minha memória ao trazer à tona uma das belas recordações com as novas colegas de trabalho, que juntas da direita para esquerda, apresento: Rute, Gioconda e Rose, entre outras que faziam parte do curso, mas que naquele instante não estavam presentes. Mexe com o emocional, levando-se em conta tratar-se da empolgação pela importante capacitação na época.

Vale ressaltar o cenário composto naquele momento, o que vem a calhar com as ideias de Peter Burkert (2017), ao pronunciar em seu livro: Testemunha Ocular, “que as

funções das imagens podem oferecer um rápido entendimento e compreensão diferente da forma descritiva de um texto”. No entanto, a cena que ora apresento evidencia a realidade de um fato que deixou marcas interessantes para nós e que a imagem por si denota instantes do empreendimento nessa história.

O curso de Defesa Pessoal veio e nos proporcionou aprendizados flexionais, uma ação que vem a colaborar com as atividades cotidianas quanto à agilidade corporal e mental, a descontração e engajamento entre nós, naquela sala de treinamento que ficava no final da quadra esportiva do Núcleo de Educação Física e Desportos.

Creio que o momento de nossa chegada veio trazer mais dinamismo e alegria àquele espaço que por algum tempo ficou à disposição de cursos oferecidos aos novos seguranças institucionais em vários horários, estando à frente das atividades o professor Lee. Os nossos encontros nas aulas do referido professor, não só trouxe conhecimentos corporais, mas também a oportunidade de irmos interagindo e aos poucos nos conhecendo melhor a cada dia, mediante o curso que chegou num momento oportuno.

De acordo com a sequência, enfrentamos ainda treinamento sobre primeiros socorros, ministrado pelo Corpo de Bombeiros, considero como uma das práticas imprescindíveis nessa função, onde a qualquer momento você pode ser surpreendido por algum imprevisto e poder estar apto para encarar uma situação adversa.

É importante lembrar inclusive, que a partir desse conhecimento para a categoria, consegui reanimar e ajudar minha irmã a sair de uma parada cardíaca, onde ousei em usar os procedimentos que aprendi no curso e com sucesso cheguei a acompanhá-la até o hospital vindo a ser assistida por especialistas no Hospital Agamenon Magalhães, local aonde ela trabalhava e graças a Deus está contando vitória. Penso que a capacitação sempre será bem-vinda seja qual for a modalidade.

Tive oportunidade de participar também do curso oferecido pela Academia sobre combate a incêndio, o que em minha concepção é extremamente necessário, não só para o corpo da segurança, mas para a sociedade acadêmica como um todo no Campus. É muito interessante saber que atitudes tomar no momento certo de súbito em qualquer sinistro. Saber usar oportunamente os ensinamentos, manter a calma e o conhecimento na área para designar ações de acordo com o tipo de ocorrência. Vindo a surgir novos cursos posteriormente para o nosso crescimento profissional dentro e fora deste universo.

Todos nós participamos de todos os cursos de capacitação que foram oferecidos, inclusive, o de tiro ao alvo, um curso importantíssimo para toda a categoria, naquele

período creio que a maioria era inexperiente nessa área. Acredito que como eu, boa parte do grupo nunca havia manuseado uma arma de fogo anteriormente.

Evidentemente, é importante frisar que o curso de tiro ao alvo ao meu entender foi indispensável naquela instância. O que neste sentido veio a nos respaldar e tranquilizar quanto ao uso da mesma, nas atividades do dia a dia. Sabendo-se que após algum tempo houve o comando de recolhimento das armas, fomos informados de que não precisávamos mais usá-las até os dias atuais.

Faz-se necessário mencionar que mesmo tendo a oportunidade em me movimentar por outros setores da Instituição, sempre procurei interagir com o meu gestor no Setor de Segurança e minha secretaria, decidi não me afastar muito daquele convívio e manter a amizade com os colegas que lá estavam e até os que eu encontrava pelo Campus.

Pois, o meu propósito era conhecer novos espaços e novas perspectivas de trabalho. Porém, com o pensamento de que em dado momento voltaria para o departamento de origem. Permaneço lotada no setor da segurança, hoje na Superintendência de Segurança Institucional da Universidade Federal de Pernambuco-SSI, um dos setores diretamente vinculados à reitoria. Atualmente, sou uma das integrantes do corpo da Diretoria de Fiscalização e Controle Urbano, colaborando no setor como fiscal substituta, haja vista minha participação desde 2017.

A Superintendência de Segurança Institucional -SSI- é considerada como um dos setores primordiais dentro da Instituição. Ajuda a manter tranquilidade e consequentemente, tem como responsabilidade manter a sensação de bem-estar a todos bem como, o propósito de manter bom relacionamento com a comunidade acadêmica,

Por essas andanças destaco o pensamento de Montenegro (2013), quando afirma que a memória se constrói a partir de um universo diversificado de marcas que poderão encaminhar imagens, situações, acontecimentos e narração de experiências. Mediante essa explanação do autor, entende-se como um fortalecer para esta contação de história.

Figura 8 – Fotografia com colegas de Trabalho, SSI - Superintendência de Segurança Institucional, 2018.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Figura 9 - Fotografia com colegas de Trabalho, Central de Comunicação SSI – Superintendência de Segurança Institucional, 2023



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Figura 10 - Comemoração de final de ano, SSI – Superintendência de Segurança Institucional, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

As imagens distribuídas, por si só revelam momentos importantes vivenciados na instituição. Três momentos distintos e agradáveis, tanto na prestação de serviços à comunidade acadêmica, quanto nos encontros de comemoração em que nos reunimos.

Nessa narração de história denuncio que encontrei bons amigos e que juntos partilhamos bons momentos e usufruímos de boas amizades, mesmo porque que passamos a maior parte de nosso tempo no trabalho. Sobre o assunto, de acordo com Burke (2017), a imagem pode ser intermediária e complementar ao texto. Assim sendo, temos os episódios caracterizados pelas fotos que realmente vem traduzir-se em nossa história.

Figura 11 - Momentos de descontração - almoço com alguns amigos – SSI – Superintendência de Segurança Institucional, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da Autora.

Figura 12 - Reunião solene pela aposentadoria das amigas: Adelma e Morgana, na sala da Diretoria de Gestão em Operação em Segurança, DGOS-2022.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora.

Figura 13 - Encontro de confraternização fim de ano, Restaurante em Olinda, 2019.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora.

Na realidade, as imagens demonstradas nestas fotos cumprem o papel de propagar bons acontecimentos envolvidos por momento agradáveis de interatividade junto aos amigos de trabalho. Este enlace evidencia algumas vivências. Sendo assim, professor Burke (2017), fortalece estas palavras quando revela que as imagens podem ser consideradas como extensões dos contextos sociais.

No entanto, também me respaldo na fala do pesquisador Paul Thompson (1982), quando afirma: que é na história oral, que a voz de cada pessoa é peculiar, tem característica própria e estimula a vida na história. Para o autor, o foco da própria história inclina para novos campos de investigações, anula barreiras entre professores e alunos, gerações, instituições educacionais e do mundo exterior na produção das várias histórias.

Assim sendo, me fortaleço para ressaltar que todo processo autobiográfico para o meu eu, tem sido algo inovador, aos poucos vou me surpreendendo a cada lembrança que chega e me preenche de fatos interessantes e acontecimentos que ficaram para trás, e que sem esse retrospecto, com certeza, se perderiam com o tempo.

Mas, o interessante é que o próprio tempo se encarrega de trazer as antigas lembranças que vão surgindo aos poucos, visto como um leque aberto preenchendo-me de antigos dados que se ressignificam, entendidos como novos na representação de cada episódio, de cada setor que permeia essa caminhada, vindo a contemplar a minha educação, meu trabalho e a negritude.

O processo autobiográfico me disponibiliza essa volta à memória que tem sido para mim uma experiência ímpar, fantástica. Na realidade, algo que jamais chegaria à tona, se não através deste estudo que vem desnudar informações que chegam como fonte, desenhada e redesenhada a seu tempo.

Um processo que no início visualizei através de meu olhar negativo, por pensar não ter o que falar sobre mim. Porém, no decorrer do tempo vou vasculhando o campo e já começo a entender que terei uma boa caminhada pela frente. Para tanto, me atenho nas leituras e na escrita que venho realizando, sinto que coisas novas vêm acontecendo, coisas importantes que vêm de mim.

Só a partir desse momento comigo mesma, começo a pensar quão interessante tem sido esse trajeto para essa cidadã. Chego a vislumbrar essa vivência em desdobramento numa ordem envolvida por vários episódios de forma crescente, entre encontros e desencontros, agradáveis ou não, mas sempre visto de forma satisfatória. O que me faz trazer ao este cenário um dos registros mais importantes nessa corrida da minha vida e para minha família, graduação em RRPP.

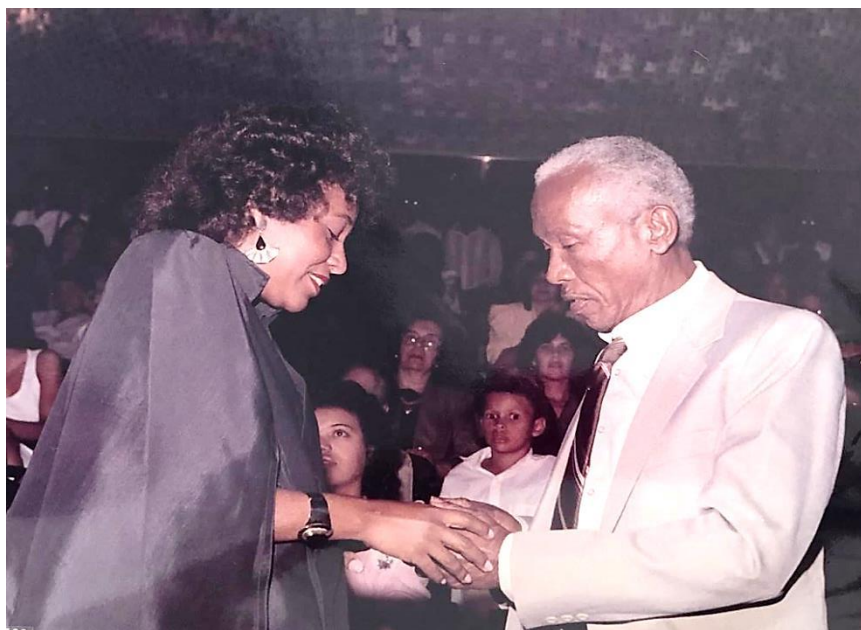
Figura 14 - Diploma de Bacharel em Relações Públicas, 1990



Fonte: Acervo pessoal da autora

Este diploma tem um significado especial, traz em seu contexto a patente de um marco em minha história. E que de acordo com Paul Thompson (1982), significa visibilidade, força, garra e determinação no caminhar desta mulher negra que tem como eixo a busca pelo conhecimento tendo como base a educação. E que se além às palavras de Paulo Freire (1987), quando revela que a educação chega para dignificar o homem. E por esse entendimento venho seguindo seus ensinamentos e caminho na ânsia da obtenção de bons resultados. Este registro corresponde apenas a um degrau que veio a me incentivar e oportunizar a seguir em busca de novos patamares, porque a educação liberta.

Figura 15 – Fotografia da entrega do anel na Formatura em Relações Públicas, 1989.



Fonte: Acervo pessoal da Autora

Esta imagem é a demonstração de um dos momentos mais importantes nesta a solenidade, o de minha colação de grau no Centro de Convenções em Olinda, estado de Pernambuco. O evento aconteceu, especificamente, nas dependências do Teatro Guararapes, na noite do dia 30 de agosto de 1989.

Fomos contemplados por uma plateia especial, o teatro encontrava-se lotado o que anunciava a participação de todos os formandos juntamente com seus familiares e amigos, um ambiente preparado para uma noite de gala, revestido por todo bom gosto e um imperioso glamour: muitas flores, tapetes vermelhos e até um telão na parede, no propósito de apresentar a foto de cada formando ao ser chamado para a entrega do anel, uma grande novidade naquele período.

A sensação era de muito bem-estar e satisfação. O ambiente veio a contribuir com todo estímulo que se construía e se vivenciava em um dos momentos mais felizes para mim, ao receber das mãos de meu pai o anel de formatura no cumprimento do curso Superior em Relações Públicas.

Só eu sei quanta importância e quantos significados aquele momento representou para mim, em especial, para seu Nino, em ser o paraninfo e o colocar o anel de formatura de sua filha em nível superior. Um instante consagrado como ímpar para nós, para essa família negra que sempre acreditou na educação!

Tenho a certeza de tanta alegria contida naquele coração, não só pela sua vaidade, mas pelo entendimento e sentimento de um processo de um dever cumprido ao longo de todo tempo, em ter cultivado a educação em nós. Meus pais sempre primaram pela área educacional.

Sinto que ali não se realizou apenas a ação do colocar o anel, porém o senso que imperou em meu pai, de que valeu a pena o incentivo, o acreditar no sonho que estava a se realizar, independe do curso, mas, na ação que se materializou em um resultado, por tratar-se da primeira e única filha da família a se formar em nível superior, o que imperou e por sinal, muito positivo. Obrigada pai! Por tudo isso ter acontecido não só por mim, mas por vocês também.

Nesta conversa, vale refletir no pensamento de Burke (2017), ao defender que: “as imagens devem ser consideradas extensões dos contextos sociais que circundam a sua produção”. Ainda segundo o pesquisador, as imagens são especialmente valiosas na construção cultural no cotidiano de pessoas comuns. Portanto, assim que nem eu, entendo como registro que podem vir à tona a qualquer momento e ativar boas lembranças e acontecimentos desde os mais simples aos mais importantes iguais a este que apresento no momento.

Ah! Esta imagem não se reporta apenas a uma simbologia momentânea o colocar deste anel, o que pode até parecer banal, porém para mim e meus pais representou um ato de grande atitude aonde chega à tona todo um arsenal da memória e traz boas dozes de minúcias relevantes, entrelaçadas pelas lembranças para realização de sonhos, e que por este trajeto o emocional falou mais alto.

Esta imagem documental revela toda uma gratidão que dedico aos meus pais por todo incentivo e apoio no cumprimento de uma das etapas mais importante de minha trajetória, enquanto mulher negra, periférica, que enfrentou muitas dificuldades perante esse percurso, mas socialmente falando cumprindo um protocolo que veio a realizar um sonho, mas especificamente dos meus pais. Sinto-me feliz por isso.

Figura 16 - Abaixo Assinado Curso de Especialização, 2001

Ao Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Mozart Neves Ramos

Nós da Turma de Pós-graduação do Curso de Especialização em Marketing e Propaganda da UFPE levamos o presente documento abaixo assinado ao Magnífico Reitor dessa Instituição de Ensino Superior, Prof.º Mozart Neves Ramos, para que seja analisado nossa reivindicação em conceder ajuda de custo integral para realização do curso supracitado da colega e funcionária desta Universidade Rizaide Trindade Laurentino, formação acadêmica em Comunicação Social/Relações Públicas, baseado nos seguintes fatos:

1. Como profissional atuante na área de Comunicação da UFPE (lotação no Núcleo de TV e Rádio da UFPE/Rádio Universitária AM) é anseio pessoal da colega em atualizar-se, melhorar e capacitar-se, visando um melhor desempenho de suas funções;
2. A colega foi aceita na seleção pra ingresso no curso, que ocorreu em fevereiro/2.001, dando entrada imediata no processo de solicitação de ajuda de custo (nº 23076001092/2001-56 de 05/02/2001), ficando na expectativa positiva, o que não ocorreu, e mesmo assim, após um longo período de quatro meses para seu indeferimento (12/04/2.001); acarretando sacrifícios físicos, financeiros e emocionais, considerando que: enquanto aguardava, a colega esteve e encontra-se freqüentando as aulas, participando dos trabalhos em equipe e tudo o mais; o curso funciona no período noturno das 19:00 às 22:00 horas, além da mesma morar a uma distância média de 25 KM da UFPE e tendo ainda que tirar cópias do material didático, uma vez que a Coordenação do curso só fornece o material mediante o devido pagamento;
3. Como funcionária pública, a colega não possui condições financeiras para realizar o curso, tendo em vista a política salarial atual imposta a classe de servidores públicos, sem reajuste há sete anos;
4. É fato e de conhecimento público a existência de um programa Nacional de Capacitação e incentivos para os servidores públicos;
5. A UFPE, como Instituição de Ensino Superior de destaque, vem incentivando e inclusive custeando cursos de Pós-graduação a um número considerável de seus servidores (ver matéria editada no Boletim Interno da UFPE, nº 037/abril/2.001 – IN CAMPUS), o que não deixa de ser louvável e não seria justo negar essa oportunidade a uma de suas funcionárias, que poderá trazer frustração e conseqüentemente desestímulo profissional, além de ser uma medida discriminativa, pois diversos funcionários dessa Instituição foram e vêm sendo beneficiados.

Diante do exposto, esperamos que essa Administração sensibilize-se e reconheça que é um direito em conceder o pleito, pedimos ainda, urgência, devido a um grande desgaste emocional.

Recife, 21 de maio de 2.001

CS Digitalizada com CamScanner

Fonte: Acervo pessoal da autora

E assim, o tempo passa e com ele novos momentos e acontecimentos, entre eles, a percepção da necessidade da capacitação, decidi procurar um curso de especialização e desta feita, em uma das melhores instituições de ensino, a Universidade Federal de Pernambuco, local onde também sou servidora e me sinto honrada em fazer parte dela.

Resolvi me inscrevi sendo aprovada como bolsista no curso e tudo caminhava maravilhosamente bem, até eu ser convidada a sair sala de aula por inadimplência da bolsa, o que veio a me surpreender deixando-me desolada e conseqüentemente desmotivada.

Não era isso que pensei para mim, mas, no entanto este documento vem retratar desconforto, vergonha e falta de atenção, sensibilidade, comprometimento, mas sobretudo, a consideração com o seu discente, porém especificamente com o seu servidor que demonstrou interesse pela busca de conhecimento para a sua capacitação e

consequentemente para o seu crescimento profissional, considerando que sou membro desta instituição de ensino, uma das maiores do Brasil, pela qual sou apaixonada. Porém, lamento ter sido alvo deste dissabor, mas sobrevivi. Fui apoiada pelos amigos de turma que se mobilizaram e resolveram através deste documento pedir a minha volta à sala de aula. Este registro documental, denominado como abaixo assinado, denota uma importante reflexão ao que chegou a demonstrar o descaso, a falta de profissionalismo, sobretudo a falta de motivação ao discente e antes de tudo ao servidor. Um símbolo que me faz voltar ao tempo e me deparar com desagradável situação.

Trata-se de um documento que vem revelar um ato impactante que marcou o desconforto, a vergonha, falta de atenção e sensibilidade pelo fato de eu ter sido convidada a sair da sala de aula que ora frequentava no curso de especialização, demonstrando interesse pela busca de capacitação para o meu conhecimento e consequentemente, para o meu crescimento profissional.

Mediante este documento é possível asseverar que fui vítima de violência emocional, indelicada, vindo ser entendido como um descabido assédio. Considerando ser discente, mas especificamente, servidora, membro desta instituição de ensino, uma das maiores do Brasil. Porém, lamentavelmente, fui o alvo deste dissabor. Mas, sobrevivi.

Vale salientar que este quadro só chegou a ter visibilidade a partir da iniciativa e indignação dos colegas de turma que resolveram tomar a atitude em se reunir e se pronunciaram através de um processo em protesto pedindo a minha volta ao curso.

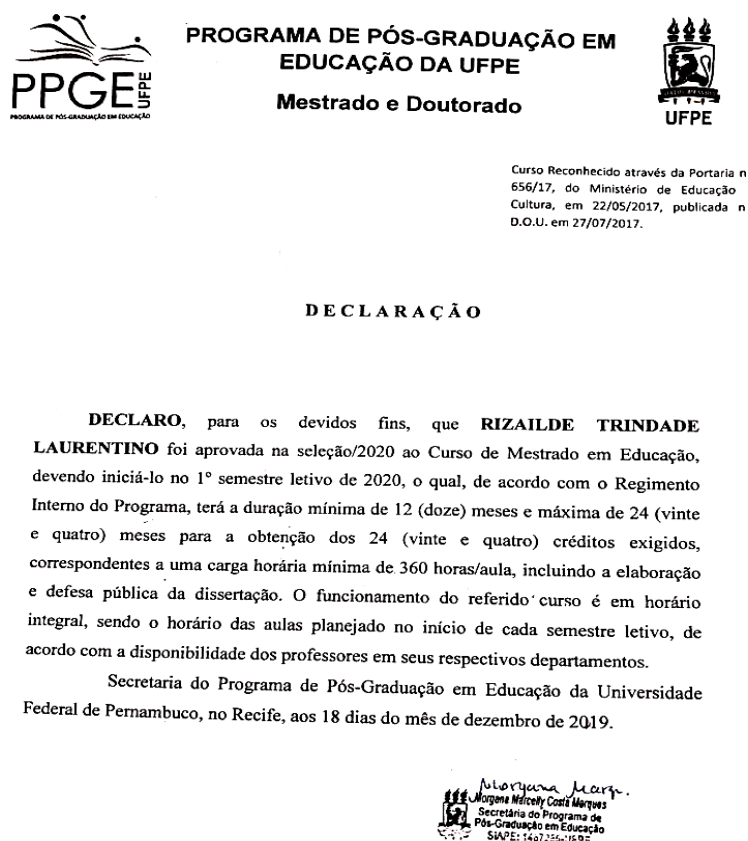
Considerando o ocorrido é conveniente anunciar que Peter Burkner (2017), em seu livro “Testemunha Ocular”, desperta para o que se refere a: “defender e ilustrar que tanto imagens, quanto textos e testemunhos orais se tornam uma forma importante de evidência histórica.” Para o autor as imagens são capazes de registrar atos de testemunho ocular. Dessa forma, este pronunciamento me reveste de um esclarecimento sobre um fato vivenciado, segundo Peter Burkner (2017, p.25).

Deste modo, entende-se a importância do registro do abaixo assinado criado pelos colegas de turma, naquele período e que até sem pensar o guardei até hoje. De acordo com o autor, é de grande valia em meio a impasses que venham a surgir e que poderá ter solução podendo vir a resolver pelo potencial do documento.

Por essa circunstância, talvez agora eu chegue a entender o porquê de ter guardado este registro, essa prova viva do ocorrido até mudar de cor, mesmo se tratando de um momento desagradável.

Mas, faz parte de vida, que está sempre em movimento. A partir dessa perspectiva, para mim, o ano de 2020 foi eleito como um marco importantíssimo e de muita significância para esta mulher negra que narra sua trajetória de vida, vinda da zona periférica, a única na família entre dez irmãos a decidir enfrentar a luta pelo seu ingresso no Curso de Mestrado em Educação no Centro de Educação - CE/UFPE, vindo a conquistar o meu espaço nesta conceituada instituição. Um momento inigualável pela grande conquista geradora de muitas expectativas que com certeza penso deixará marcas em minha vida e, por conseguinte espero sensibilizar outras pessoas, outras mulheres, em especial as mulheres negras que se encontram invisibilizadas.

Figura 17 - Declaração de aprovação no Curso de Mestrado em Educação, 2020



Fonte: Acervo particular da autora

Esta declaração se traduz no registro que veio autenticar o meu passaporte no Curso de Mestrado nesta conceituada Instituição de Ensino, principalmente, no Núcleo de Educação, para mim um dos mais importantes na academia. Este registro chega para

contemplan a minha persistência e a minha luta na busca de meus ideais, quando não me deixei travar pelas sequências de alguns obstáculos que se apresentaram em minha direção.

Este documento veio oficializar a minha determinação na busca de conhecimentos, enquanto fortalecimento de minha própria identidade. Que me envolveu com um universo de descobertas e me fez deparar com os vários pesquisadores que têm colaborado para este novo e interessante investimento que vem a contribuir para o meu crescimento educacional, social e intelectual.

Este instrumento documental chega para afirmar que é possível sim, a inserção de um número maior de mulheres numa Universidade federal. Sabendo-se que a luta não é fácil, pois a própria política governamental impõe certas dificuldades, mas de acordo com Dussel (1942), temos que “negar a negação”, numa luta feroz para alcançar a vitória. Assim sendo, tenho a consciência e firmeza que nem todos os sonhos se realizam facilmente e que não devem ficar presos apenas ao papel, mas que é necessário não se deixar abater pelas lutas que se surgem e pelos obstáculos enfrentados pelas mulheres, principalmente por mulheres negras. E eu tenho ultrapassado algumas complicações, porém concludo convicta de que tudo é possível e o importante é não desvanecer. Pois penso que posso ser um retrato vivo sobre tudo isso.

A partir desta perspectiva procuro me ater aos pensamentos de Perter Burkner (2010), quando profere que: “os documentos são fundamentais como fontes de informações a serem interpretadas, analisadas e comparadas”. Indaga ainda que: “Documentos podem ser entendidos como obras humanas que se registram de modo fragmentado, em pequenas parcelas das complexas relações coletivas”. Deste modo, esta declaração pode ser interpretada como um documento que demonstra minha vivência e persistência na busca do saber. Burke (2010, p.08).

Nesta trajetória de contação de história, sinto-me numa viagem que acontece sutilmente e me propõe a volta ao passado e vão brotando as lembranças e chegam à tona como uma chamada daquilo que se quer reviver. Acho até engraçado. Pois, tudo vai chegando de forma verdadeira, pois foi um fato e assim percebo. Vejo que muitas coisas aconteceram e eu não me dei conta de todos os fatos.

No que se refere à transformação e retorno ao consenso de assumir o sentimento dessa viagem, reconheço que consegui vencer alguns preconceitos, feliz por poder transferir essa evolução a outras pessoas, em especial a outras mulheres negras que se encontram no fundo do poço, mas que precisam apenas de uma dose de ânimo, de uma palavra que chegue aos ouvidos: Esse lugar não é o fim, há espaço esperando por você.

Reaja, você pode tudo, se dê uma chance. Você pode chegar onde quiser, creia que a educação é plural e o mundo é para todos.

Para todas as mulheres brancas, negras, ricas, pobres, e principalmente para as perseverantes, batalhadoras, que herdarão o seu espaço nesse universo. Penso que em sua subjetividade cada ser traz uma inteligência interior e que em algum momento há a necessidade de externá-la. Acredite. Assim lhe digo quem sabe se agora não é o seu momento? Momento de transformar sua história em documento.

Paralelamente, enfatizo que o ano de 2020 também foi bem impactante para mim e para todos os brasileiros, por se tratar de um período em que coincidentemente, o Brasil e o mundo passaram por uma experiência antes nunca vista! Momento em que o mundo parou. Por conta do novo coronavírus, COVID-19, um tipo de vírus nunca antes identificado em seres humanos, segundo informação da Associação Mundial da Saúde (ASM), em 31 de dezembro, 2019.

Um tempo de retração, marcado pelo confinamento, o universo emudeceu envolvido por tristezas e angústias pelas constantes e bastantes perdas de entes queridos, muitas vezes mais de uma pessoa da mesma família perdiam suas vidas. Eram mortes contadas por minutos, tendo como referência cenas repetidas e refletidas por muita dor, choros e exaustivos sofrimentos entre familiares: pais, filhos, irmãos, avós, tios, maridos e esposas, enfim, momento de extrema solidão. Não havia velório, no sepultamento apenas cinco pessoas da família participavam do último adeus.

O período foi desolador, não apenas pelo isolamento hospitalar da pessoa diagnosticada com o vírus, mas também pela reclusão familiar, melhor dizendo, pelo afastamento social, pelo cuidado de se manter imune, pela separação dos membros da própria casa e da família, o que veio a ocasionar muitos problemas psicológicos, como depressão e outros sintomas na saúde mental das pessoas.

Foram inúmeras desestabilizações: social, econômica e cultural nos diversos setores. Transformações, em vários aspectos, novidades em todos os processos, principalmente na educação. Devido ao período pandêmico, norteador por mudanças e inovações, um trajeto com novos desafios, compreendido como um momento que gerou nova forma de vida e experiências por todo planeta, instigando as pessoas à busca de criatividade e reinvenção, eis um momento que pode se considerar de grande metamorfose em todo mundo.

Na educação, especificamente, houve grande processo de transformação e inovação em todos os segmentos ou espaços sociais e na Universidade Federal de

Pernambuco não foi diferente, foram dias de muitas novidades tristes e angustiantes. O vírus Covid-19 foi avassalador, no primeiro ano chegou com muito poder, abalou o mundo e deixou muitas pessoas desanimadas, enlutadas pela grande perda de entes queridos. Em decorrência do alto índice de mortandade, as pessoas ficaram emocionalmente abaladas pela depressão e por outros sintomas psicológicos decorrentes desse difícil enfrentamento, principalmente no período de 2020 a 2021.

O ano de 2022 vem sendo mais ameno, as pessoas adultas se vacinaram contra o vírus em três momentos e as crianças têm sido vacinadas nos postos de saúde e em diversos locais, inclusive em alguns colégios, estaduais e particulares, mediante planos incentivadores de algumas prefeituras, como os de mutirão com entregas de certificados as crianças. As autoridades vêm buscando novas formas de se conduzirem nessa grande metamorfose a fim de conter a ação do vírus e seus referidos impactos.

Neste segundo capítulo, repasso um misto da trajetória envolvida por fatos que aconteceram no cotidiano, mediante várias perspectivas, sobretudo no desencadear de algumas ações na busca da memória no uso da subjetividade numa sequência entre desafios e conquistas, desde as primeiras falas, bem como os primeiros passos em berço materno, seguindo pelos aprendizados pessoais, profissionais e familiares na busca de conhecimentos considerando-se a ideia de que a “educação liberta”. Paulo Freire (1987). Visando o crescimento do estudo, o próximo capítulo traz ao cenário o reconhecimento de mim e o entendimento de que a autobiografia propõe o melhor lugar de fala.

4 A MINHA PEDAGOGIA OPRIMIDA

Este capítulo tem por objetivo descrever em breve relato, momentos de fragilidades como desconhecimento de alguns feitos, por não enxergar, não entender, nem me dizer. Mas, que a partir deste estudo passo a obter uma visão diferenciada ao realizar interessantes leituras e a partir de incentivo de pesquisadores sou inspirada por palavras fortalecedoras, convincentes, até influenciadoras, quando Marques (2017), revela que a autobiografia propõe o melhor lugar de fala ao narrador, enquanto Thompson (1982) enfatiza que devo sair do casulo, que a história oral chega para dar visibilidade, enquanto Guinn (1982) declara que neste espaço posso me dizer.

Estas palavras significativas me atraem e conduzem à busca da memória e me envolvo com diversos pensamentos através da lembrança encarregada de timbrar acontecimentos deixados pelo tempo que nortearão direto ou indiretamente uma experiência de vida que vem reverenciar uma identidade e até saber: Como cheguei a ser o que sou?

Assim, este capítulo traz ao cenário o que visa contemplar neste estudo. Valendo salientar que no contexto desta história, não importa qual o principal objetivo de vida em relação a esta pesquisa. O porquê fazer o mestrado, obter méritos ou não, nem lacre vultosos, o que não deixa de ser significativo, mas que não foi o fator principal, ou porque quero descobrir algo novo, diferente do primeiro projeto.

Um projeto que aconteceu na perspectiva de entender o programa Campanha de Alfabetização, dirigido por Paulo Freire, porém motivada à busca da ressignificação sigo à nova temática, intitulada por, “Minha Pedagogia Libertadora”: Educação, Trabalho e Negritude, o que me remete ao pronunciamento do professor Paulo Freire (1987), quando menciona que “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho.” “Os homens se libertam em comunhão”.

Para haver libertação é necessário que você tenha consciência e através de sua percepção, venha a reconhecer que vive em situação opressora. Porém, é a partir dessa percepção que o próprio oprimido se torna ativo e liberto dessa prisão. Na busca da liberdade para criar, construir e aventurar-se.

Uma libertação que para Freire, começa quando passo a ser reflexiva, pois o diálogo crítico é libertador. “Somente quando os oprimidos descobrem nitidamente o opressor se engajam na luta organizada para sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua convivência com o regime opressor”. Freire (1987, p.52).

Por esta compreensão reúno alguns predados na busca dessa aventura, e confesso que a partir da ressignificação do objeto de estudo, gerou-se uma confusão mental entre medo, insegurança e redirecionamento necessário do tema e do entrosamento com outras leituras, começo a ter visão diferenciada no que permeia esta trajetória.

Aos poucos entre leituras e escritas, começo a entender que vivencio momentos de lindas e importantes descobertas em meu viver e no que se refere à educação. No que diz respeito a esse assunto, confesso que a educação, me ajuda a chegar onde estou!

É ela que vem apoiando em meu trajeto social e em minha vida pessoal, onde começo a me descobrir e conhecer. No anseio pelo ímpeto da renovação e pelas mudanças interessantes que ora a vida proporciona tudo muito interessante, de muita significância e inovação, consequentemente espero tirar proveitos, mergulhar neste entendimento e me regozijar em descobrir como estou chegando aqui. E também por ultrapassar meus esforços, por ter enfrentado meus medos, minhas inseguranças, por saber receber elogios, e principalmente as críticas, ao ousar no enfrentamento do desconhecido.

Quanto a esta questão, Paulo Freire (1987), em sua obra, *A Pedagogia do Oprimido* diz: “que é através da codificação da palavra e do conhecimento que o homem vai se conhecendo”. Paulo Freire (1987, p. 97), Partindo desse ensinamento e representatividade que suas palavras vão se tornando evidentes e cheias de significados para mim, que estou me envolvendo e sentindo que exatamente agora começo a me conhecer. Identifico-me e me encaixo nas palavras do professor Freire, levada pelas leituras, reflexões e observações que têm sido momentos ricos e de grande aprendizado.

Mesmo em busca da “liberdade” nessa caminhada, até pensei em desistir e pela primeira vez, envolvida por grande desânimo: pensei que as forças haviam acabado. Mas, como falei antes minhas amigas não deixaram que eu desistisse e me fizeram enxergar que aquele momento era o de prosseguir, me ajudaram a fazer a inscrição após tanto sacrifício, e assim, aceitei os conselhos, as palavras de energia e partir de um novo pensamento, lembrei que na vida estamos em constante guerra, onde se faz necessário enfrentar as lutas cotidianas.

Busquei no bom combate, o resgate das leituras que seriam interessantes e coloquei em evidência, o que por alguns meses havia ficado para trás. Decidi candidatar-me à seleção, consegui aprovação nesse desafio e consequentemente, o meu ingresso no Centro de Educação- CE-UFPE, em 2020.

Mesmo que em processo árduo, porém que é preciso ser valente para alcançar o alvo, ainda nesse caminhar esperando por um final feliz. Regozijada por saber que alguns colegas que acompanharam as andanças dessa trajetória também torcem por mim.

Considero a expressão de alguns amigos que chegam para estimular pela iniciativa e coragem no enfrentamento desse estudo. Não pela falta de capacidade de ânimo que venham a ter, mas penso, por todo o processo desafiador e desgastante que o curso detém, mas pela peculiaridade em que cada pessoa traz em si.

Porém, quanto a tomada de decisão de cada um nesse sentido, talvez o cansaço, a questão da idade ou quem sabe, falta de motivação, medo de enfrentar preconceitos, pois mesmo sendo ‘filho’ da academia infelizmente, não toma pra si o sentimento de pertencimento desse universo tão importante para todos nós.

Na realidade o meu pensamento hoje, é o de realizar um registro retrospecto de dados pessoais que fluíram ou deixaram de fluir e/ou por ventura venha a se concretizar nos dias vindouros. O que penso é ter minhas experiências, o meu conhecimento, o meu saber, minhas emoções, contradições e vontades, meus afetos e desafetos, minha marca, minha vida que é importante para mim e para o mundo.

Considerando-se que são nos pergaminhos que se grafa o registro da labuta do passo a passo diário e que se argumentam os acontecimentos da trajetória de uma vida e consequentemente, de dados que se acumulam e se transformam numa história.

E neste sentido, enveredar pelo pensamento de Marc Bloch (2004), no livro *Memórias Evanescentes*, quando enfatiza que: um documento histórico será tudo que tenha a possibilidade de vislumbrar a ação humana. Sabendo-se que de acordo com Thompson (1982) a história tradicional não valorizava a história oral que chega para dar espaço a ‘história da arte’ traduzida na história da criança, na história das mulheres, na história do corpo, da dança, entre outras histórias que se apropriam da narrativa e dialogam com a antropologia e sociologia ampliando a noção desse documento. Assim, reforço minha intenção em criar algo novo e inovador.

Confesso que sobre minha identidade rascunhei algumas linhas, mas ficaram a desejar. Refletindo sobre eu mesma, percebo dificuldade em liberar fatos que há dias venho tentando transferir para o papel nessa narrativa, algo convincente sobre “minha pedagogia” que não surge nos ensinamentos de ontem, anteontem ou de hoje. Paulo Freire, em sua obra *O Ato de Ler, Em três Artigos* (1989), ensina que a pedagogia acontece no ouvir no falar e também no observar.

Para tanto, é fortalecida por essas observações que retomo aos legados de meus pais que logo cedo nos ensinaram a nos movimentar dentro e fora de casa. Assim, retorno ao passado e vejo quando vez ou outra, meu pai levava um dos irmãos para a oficina, não para trabalhar, e agora entendo o intuito de fazê-lo movimentar-se e ao mesmo tempo observar o que acontecia naquele espaço da oficina, o que vejo agora como incentivo para tomada de atitude. Um ato pensado naquele período presente, com olhar para o futuro.

Já em casa as atividades eram constantes, numa família grande sempre se tem muito que fazer. Muitos pratos, roupas pra lavar, limpeza da casa, comida enfim, inúmeras tarefas. E sobre esse quesito minha mãe tinha bastante habilidade, ao mesmo tempo em que ministrava bem o redirecionamento das tarefas para nós.

Mesmo envolvida por tantos afazeres, mãe ainda encontrava um tempo aqui, ali e me ensinava a bordar ponto cruz, ponto de crochê; cheguei a fazer toucas para enfeitar a cabeça e até uma blusa para mim. E por ela saber costurar, minha mãe me ensinou a manejar a máquina de costura e até cheguei a fazer uma saia, um vestido, mas ser costureira requer muita paciência e eu não me encontrei nesta prática.

Vale lembrar que a prática em minha casa começava muito cedo, e agora entendo o porquê, pelo número de pessoas e a boa quantidade de comida para fazer, minha mãe precisava de bastante ajuda. Por isso, ela tirava a gente da cama cedinho, chamava para ajudar na cozinha, no propósito de peneirar a massa de mandioca, para fazer papa ou cuscuz, peneirar a goma e raspar o côco, fazer tapioca, ou mesmo mexer o angu ou um xerém que ela tanto gostava de fazer.

Diante desse testemunho tenho a impressão que toda minha pedagogia teria início desde meus primeiros movimentos, mesmo que pequenina quando ouvia, falava e entendia o diálogo entre a música de ninar, as falas a me chamar e gestos de carinhos recebidos. As palavras de amor, alguns momentos também importantes, como os de atenção ou negação, até de algumas repreensões como: “Cuidado!” “Aí não!” “Você cai”. “Não mexe aí!” O primeiro balbuciar nas palavras “ma-mã e pa-pá”.

Envolvida por esse sentimento, imagino que minha identidade tem reflexo em minha formação, a partir do que eu recebia ainda no seio materno. Neste momento busco respaldos nas ações do Psicólogo Jean Piaget (1999), no artigo: As Quatro Fases de Desenvolvimento Humano, quando revela que a educação começa nos primeiros anos de vida, aonde vem a permear essa história.

Para o pesquisador Piaget (1999), as crianças podem ser estimuladas a aquisição de ensino e aprendizagem, uma prática que se dar desde bebê sendo crescente até doze anos.

Na fase de 0 a 2 anos a criança aprende testando seus movimentos e reflexos, período em que começa a perceber seus objetos e o próprio corpo, momento de interação do que está a sua volta.

Deste modo, a suposição pedagógica na pesquisa vem a se concretizar com a teoria do psicólogo Jean Piaget (1999), quando anuncia que a educação deve oferecer à criança a descoberta e a construção do conhecimento através de atividades desafiadoras, que provocam desequilíbrios e reequilíbrios sempre respeitando a sua maturação. Sendo assim, atrelo minhas impressões neste estudo, a percepção de Piaget ao declarar que as crianças passam a construir seu mundo de acordo com o que lhes são oferecidos, criando e testando suas teorias.

Em consonância ao momento conto com o endosso Passeggi (2021), ao revelar que a teoria tem início a partir da narração infantil e que a base da narração do ser humano acontece desde criança. Alega ainda, que a formação autor é ser responsável do que você diz: “se deve pensar educação com amplitude, pluralidade, mas principalmente, como algo emancipatório.” Passeggi sinaliza que “a narrativa tem função psicológica o que vem esclarecer os acontecimentos”. Para a autora, simbolicamente, o ser humano tem função social e política. Assim como todo trabalho em que é preciso impor nossas palavras.

Por este prisma, por exemplo: saliento o diálogo como aprendizado deixado pelo professor Paulo Freire (1982), ao observar na sua infância e fazer uma leitura panorâmica do que estava ao seu redor no pomar do quintal da sua casa. A partir desse contexto me reconheço na observação da minha pedagogia oprimida, no despertar do dia a dia, no aprender a aprender, com o fazer e o observar mediante uma tarefa do cotidiano quando criança que fazia parte de um dos meus afazeres.

4.1 O trajeto à vacaria!

Como já mencionei anteriormente, a movimentação em casa começava de madrugada, quando o galo cantava, logo às cinco horas da manhã. E, nós meninas, sempre tínhamos algo a fazer, a genitora era o “relógio da hora certa”. Mediante os afazeres matinais, era escolhida para realizar o trajeto à vacaria, geralmente em dias alternados.

O de pegar o leite, por exemplo, pela manhã cedo, perante um trajeto não pequeno, um dos percursos que deixou lembranças, claro!

Mesmo sem imaginar que um dia essa atividade seria narrada, no momento faço relato das observações realizadas sobre aquela área da vacaria, que ainda lembro bem todo

entorno daquele local. O estabelecimento ficava em outro bairro diferente do meu. Eu descia várias ladeiras para chegar ao bairro da Bomba do Hemetério, o espaço em que se encontrava o leite.

Foi um processo difícil, pois na maioria das vezes, quem era designada para essa missão, era eu. Que assim, tive que enfrentar um pasto preenchido por poucos capins verdes, no ambiente envolvido por poucas vacas que ali se alimentavam no pequeno curral. Mas, que o cheiro forte do estrumo, mesmo no meu caminhar estando distante sentia o exalar que marcava aquele recinto conhecido pelos vizinhos e moradores daquela área e adjacentes, como eu.

O momento na vacaria era característico, logo se ouvia o mungido das vacas, a forma como o vaqueiro manjava na ordenha do leite, o registro do pequeno número de pessoas que se faziam presentes a compra do leite. Também a questão da quantidade, me remete à matemática, quando se buscava um ou meio litro desse leite, o vaqueiro que se encarregava de tirar o leite da vaca, além do valor pelo pagamento do conteúdo.

Nesta explanação, creio que fica fácil identificar uma cena onde é possível perceber a leitura do texto e do contexto desse universo, enfatizar a característica de todo um ensinamento e aprendizado na educação não formal imbuída do aconchego familiar. Bem como, entendo este saber como uma prática que me remete a visão de mundo, segundo Paulo Freire (1989), em sua obra, “O Ato de Ler” Em três artigos que se completam.

Deste modo, vale lembrar a forma como Paulo Freire (1989), defende o seu momento enquanto criança ao observar o cenário no quintal, mesmo quando não sabia ler, voltou ao tempo e trouxe em sua tela mental uma leitura crítica, pautada entre o texto e o contexto, entre o que está escrito e o que está em sua volta, quando observava o jardim do seu quintal, descrevendo uma trajetória de sua infância.

Quanto a retornar ao passado, consigo enxergar duas expectativas: tanto através da forma de aprendizagem familiar, quanto pela leitura crítica ao observar o espaço da vacaria em minha infância, e que hoje reconheço tanta riqueza. Por estes saberes tanto agradeço a meus pais pelo uso de estratégias, que vieram a contribuir com a minha percepção de mundo e com a formação de minha identidade.

Entusiasmada por esse crescimento e as observações realizadas, considero também os ensinamentos de Brandão (2007), quando define que a educação está em toda parte, pode ser formal e não formal. Mediante este panorama, poder estimar quão importante são as formas do educar, seja na escola ou em outro espaço.

Brandão (2007) revela que a educação formal, acontece na escola, na sala de aula, com a presença do professor, tem como objetivo o ensino aprendizagem e é regida por lei.

Enquanto que a educação não formal encontra-se em todos os lugares: na rua, na igreja, na praça, em casa ou no clube e não especificamente, em sala de aula, nem necessariamente na presença do professor, pois ele não pode ser visto como principal agente. Acontece também pelo convívio social e familiar. Brandão (2007). E no que se refere à questão familiar, trago a esse quadro o meu significado sobre família.

4.2 O que vem a ser família?

No que se refere ao convívio familiar venho de um lindo aconchego que apresento como minha família linda, onde tem por lema: um por todos e todos por um. Composta por doze pessoas, meus pais e dez irmãos. Todos criados na região periférica do Alto do Pascoal, todos bem educados, bonitos e alegres. Vim de um lar humilde, mas saudável, preenchido por muitos aprendizados transmitidos por eles: Severino (Nino) e Iracema (Cema), assim conhecidos carinhosamente por todos do bairro.

Portanto, em se tratando de educação, nunca é demais ressaltar que é através dela que o homem consegue se inserir na sociedade. E de acordo com Paulo Freire (1987), a concretização do conhecimento acontece através do diálogo entre as pessoas e de forma democrática.

Neste sentido, mediante essa democracia fomos orientados pelo legado deixado por meus pais, ensinamentos proferidos de seus saberes que explanavam para nós: “Educação é dote”. Antes de fazer qualquer pedido a alguém, use, por favor. Após o pedido realizado, muito obrigado (a) “com licença,” “fale baixo”, “não arraste o chinelo, menino.” “Levante os pés” “Ajude e respeite os mais velhos.” Seja solidário, ajude as pessoas quando necessário.

E assim, tivemos uma educação elencada pelo convívio familiar, entendida como educação básica, genuína, elaborada sobre o olhar do companheirismo como primordial, sob o controle de meus pais. Esse aprendizado jamais foi por mim esquecido nem pelos meus queridos irmãos.

Hoje comungamos juntos na mesma sintonia, levados pelo amor, respeito e consideração mútua. O que fica marcado em nossas mentes é que a educação não tem preço, independe do seu grau de instrução, da sua cor de pele, do espaço de seu convívio e

de sua classe social, a educação é um bem comum a todos e nós conseguimos conquistar tanto a educação informal, pelos ensinamentos domésticos sob a orientação e ensinamentos ricos de nossos pais, como através da aprendizagem formal de muita importância sob a égide de um professor. Mesmo com toda preocupação de meus pais, nem todos enveredaram para a prática do ensino superior, mas cada qual procurou uma linha que lhe foi conveniente.

Estou eu aqui hoje, narrando história e conseqüentemente, espero deixar marcas sobre esta educação doméstica que tanto tem me fortalecido, que muito bem absorvi e transfiro para minhas duas filhas Palloma e Ítala, mesmo meus pais não estando mais aqui.

Família - representa um fator importante na sociedade e engloba vários aspectos. De acordo com o sociólogo Durkheim (1977), um dos importantes aspectos na família está nos relacionamentos das pessoas entre si, bem como, com os seus bens materiais. Segundo o pesquisador, a família Tradicional é normalmente formada pelo pai e mãe, unidos pelo matrimônio e por um ou mais filhos, compondo uma família nuclear ou elementar. Na Constituição Brasileira a família é abrangente, pois considera diversas formas de organização baseadas na relação afetiva e na convivência. Durkheim (1977).

Sabe-se que a família é o primeiro elo que temos como instituição social na qual o indivíduo obtém o seu primeiro contato. Neste sentido pode-se confirmar no pensamento de Durkheim (1977), que: “As instituições sociais são criações humanas para que aja uma verdadeira integração social, sem conflitos e com as mesmas ideologias predominantes. Refletindo-se que as instituições sociais atuam na harmonização da massa, fazendo com que todos ajam e pensem da mesma maneira, evitando-se o caos. As instituições sociais servem como mediadoras entre a vida individual e a vida privada, levando às pessoas a oportunidade de enquadrarem-se nos modos de vida e nos padrões sociais a fim de que não aja divergência entre vida individual e vida social”.

No acompanhamento sobre informes envolventes pelo autor Durkheim (1977), sobre família reforço, a minha narrativa quanto ao convívio familiar. Já que família para mim é o elo que se traduz em amizade, respeito mútuo e alegria, a família unida propõe convivência harmoniosa, e assim primamos e presamos pela cultura familiar.

Pertenço a uma família nota dez. Perante esse contexto familiar não quero puxar sardinha daqui ou dali. Nem sei dizer de quem gosto mais, desse ou daquele irmão porque eles são formidáveis, cada qual traz em si sua peculiaridade, beleza, defeitos e virtudes, lógico, que se fôssemos iguais não haveria sentido de termos a família que somos. Éramos dez, perdemos dois, hoje formamos um grupo de oito pessoas que se amam.

Pelo número de irmãos já dá pra se ter uma noção da festa quando se juntam todos. Levando-se em conta de que não precisa se reunir em datas festivas marcadas em calendário. Só no carnaval, Santo Antônio ou São João, natal ou ano novo. A junção da família faz parte de um legado deixado por nossos pais. Graças a Deus, eu tenho uma família abençoada e muito unida, tanto na alegria quanto na dor, primamos por estarmos sempre juntos fortalecidos pela mesma alegria deixada por eles.

Figura 18 – Viagem em família - Salvador BA. 2022



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Esse cartão postal fortalece o elo existente na família Trindade, enquanto traz como lema, conviver juntos em comunhão em diversos momentos e movimentos. No caso, o grupo estar reunido por sete famílias, ao decidir que o dia das mães de 2022, seria comemorado em Salvador-Bahia. E assim aconteceu, o registro evidencia o fato. Desfrutamos de muita alegria, descontração e a oportunidade de estarmos congratulando a vida numa comunhão familiar, por entendermos que cada momento é único, e isto é muito bom!

Figura 19 - Fotografia Descontração na Praia de Guarajuba –BA, 2022



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Na Praia de Guarajuba, após um gostoso banho de mar, desfrutamos da brisa baiana, com uma turma dessa, nada melhor que água de coco e algumas guloseimas, um peixinho frito por exemplo, a ninguém faz mal.

Figura 20 - Fotografia Descontração no Pelorinho–BA, 2022



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Passamos pelo Pelourinho, uma das paradas obrigatória, no momento da foto, mas principalmente, quando se trata da degustação de uma boa comidinha baiana.

Figura 21 – Fotografia com parte da família no encontro dos Domingos, 2021



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Um dos encontros do domingo que só nos faz bem. Mas esse domingo com certeza vai marcar nossa história, que maravilha!

Figura 22 - Viagem com família para Comemoração do Dia das Mães, Bahia, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Era de práxis o encontro semanal envolvido por filhos, primos, tios, irmãos e alguns amigos, foram encontros recheados de muita alegria, alimentados por muita música, dança, comidas, muita animação, um momento fraterno que tem nos ajudado a dar continuidade até hoje, não mais na casa de mãe, a casa matriarcal, mas em espaço escolhido em comum acordo por todos nós.

Figura 23 – Ítala & Palloma, minhas bênçãos, comemoração Dia das Mães, 2023.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

No fechamento do que entendo como invólucro aconchegante de família, necessário se faz trazer a tona minhas bênçãos Ítala e Palloma, que amavelmente circundam o meu viver. O nosso enlace familiar é um legado deixado por meus pais e ao longo do tempo se efetiva em nossos encontros domingueiros, em momentos especiais ou corriqueiros, porque acontece mediante o afeto, o respeito e a consideração, mas, sobretudo o amor que a tudo supera.

Assim sendo, entre momentos tristes ou alegres decidimos estar juntos procurando assegurar a melhor forma de convivência em união, porque família é uma instituição criada por Deus. Por essa compreensão, esta característica vem fortalecer o elo que sustenta a caminhada de paz traduzindo-se no cultivo da propagação de cultura familiar, à qual decretamos manter a tradição de bons hábitos e costumes construtivos em prol da nossa qualidade de vida e incentivo às novas gerações.

Agora, cá pra nós. Penso que nesse desfecho vale revelar segredinhos: meu pai, muito calmo, caladão, até não tomar a cervejinha, que logo se tornava falante, cantor, poeta e até dançarino, que na realidade foi considerado pé de ouro segundo relato de minha mãe, na realidade me ensinou a dar os primeiros passos na dança; dois prá lá, dois prá cá.

Era muito empolgado e envaidecido, dançava e fazia questão de demonstrar a cadência da música e algumas vezes ele balbuciava as suas batidas: tan, dan, tan dan, tarnran, tararan, taranran para conseguir as notas da música, lembro entre tantas, a que mais gostava era,

Doce de Coco, de Jacob do Bandolim, hoje escuto com muita emoção. Ele gostava muito de chorinho, uma música de Ivanildo do Sax, não lembro o nome da música, em casa todos nós sabemos dançar e gostamos, eles transferiram para nós o gosto pela dança.

Mas decidimos por continuarmos nos encontrando ainda semanalmente, alternando na casa de cada irmão e perpetuar o legado da união familiar, o que tem sido salutar para todos. Na maioria das vezes todos estão presentes quando nos aniversários, datas festivas e até mesmo em encontros religiosos.

O que queremos mesmo é estarmos juntos. Gostamos de celebrar a vida, o amor refletido no sentido familiar: união, bem-estar, sorrisos, alegria, gargalhadas, piadas, apelidos engraçados, abraços, dança no quintal, no terraço, no clube, casa de praia ou de eventos, até mesmo em viagens. Quanto a este requisito o espaço quem determina é o momento quando o assunto é descontração.

Nesta trajetória vale salientar que os encontros também são envolvidos por muito respeito e consideração, tendo em vista a busca do viver feliz e em harmonia, uma vez que nem todos pensam iguais, cada um tem sua peculiaridade. É assim que vêm perdurando sensacionais e inesquecíveis encontros até os dias atuais.

E nesse estica e puxa, filhos, filhas, irmãs, irmãos, tios, tias, sobrinhos, sobrinhas, cunhados, netos, sobrinhos netos e até compadre e afilhados partilham desse grande encontro familiar que sempre nos faz tanto bem. Cada encontro representa renovação de energias por querermos permanecer sempre juntos e poder emanar essa união. Amo a todos igualmente, por que cada qual traz em si o um jeito especial e eu gosto disso, de sentir o carinho na maneira de olhar, de abraçar, em cada sorriso e até das gargalhadas que surgem de uma besteira, no jeito de falar. E isso é muito bom, é maravilhoso. É assim que acontecem os encontros dos domingos dos Trindade.

Figura 24 – Fotografia parte da família em frente a Igreja do Bonfim, Bahia, 2022



Fonte: Arquivo pessoal da Autora.

Esta fotografia demonstra a satisfação de estarmos juntos. Nesta viagem a Salvador-BA, o grupo está composto por sete famílias de locais diversos e este passeio veio estreitar nossos laços familiares. Sobre a encenação do composto, Burke muito bem pode denominar por essa junção que a imagem reproduz, evidências esta é apenas mais uma, quando o assunto é reunir.

Refletindo minha história, sigo em cadeia crescente de acontecimentos em meio a uma trajetória que ganha características que ajudaram na formação da minha identidade e partindo desse princípio busco competência para dar continuidade a esta narrativa composta por um emaranhado de assuntos conexos e até desconexos visando o respeito, verdade e consideração ao leitor.

Imbuir um estudo que vislumbra a memória e a identidade requer todo desprendimento para uma contação de história de vida e nesse momento sobre a tal pedagogia oprimida dessa mulher negra que entre algumas delas, consegue se submeter ao curso de mestrado em educação e puder propagar sua fé, sua coragem e vigor, encarando dificuldades, obstáculos e discriminações.

Cogitando ensinamentos vou examinar as ciências sociais que podem se responsabilizar tanto pela educação formal quanto educação não formal. Levando-se em conta a minha trajetória permeada por tantos acontecimentos pedagógicos que ora estou a narrar.

O que até a pouco tempo não me dava conta desse fato e hoje para mim se tornou evidente e importante. Assim sendo, o retorno às leituras de Paulo Freire, entre as obras: *A Pedagogia do Oprimido* (1987), e *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam* (1989), Paul Thompson, em seu livro *A Voz do Passado, História Oral* (1982),

e Conceição Passeggi (2016), em sua obra: *A Narrativa da Experiência na Pesquisa-Formação: Do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico*, que me levam a fazer a busca pela memória e nessa volta ao passado percebo como estou envolvida nessa relação entre educação, trabalho e negritude, tanto no trajeto diário, quanto nas coisas que estão ao meu redor.

Mas que nesta perspectiva, mim inspiro em Passeggi (2021), me sensibilizo em seguir seus ensinamentos neste campo do saber, preenchida por varias possibilidades, inclusive, de acordo com a professora, sou autora quando realizo o empoderamento de minha fala. Sou levada pelas instruções da pesquisadora ao enunciar que: a narrativa chega a desenvolver mudanças de paradigmas onde as abordagens biográficas conscientizam essa alternativa metodológica que tem como objetivo colaborar com mais pesquisas em educação a partir do entendimento que a pedagogia é eclética.

E amparada por essa diversidade a professora aguça minha proposta de estudo, quando denota que: “na pesquisa ação formação, a ciência da educação é acional, portanto, a ação está sempre em movimento, intrínseco em seus fundamentos”. Menciona ainda que: “Ao narrar a sua ação em sala de aula, o sujeito estará compondo a sua própria prática, por conseguinte, demonstra o seu conhecimento, a sua compreensão naquilo que está a realizar”. Passeggi (2021).

A partir dessas ricas informações e enunciados revelados pela autora supracitada, sigo costurando entre traços e retraços essa trajetória na perspectiva de melhor entender os acontecimentos permeados pela minha movimentação no dia a dia, mediada pelas experiências realizadas nesta instituição. Passeggi (2021).

Seguindo por esse prisma, Paul Thompson (1982), em sua obra afirma que a voz do passado se encontra no nosso presente, porque a memória não morre, está presente, “viva” em nossa história. Ele diz que a história oral revela novos campos de investigações, derruba barreiras e estimulam professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Por esse entender eu começo a enxergar outros horizontes.

Thompson (1982) chega e deixa claro que a história oral instiga as pessoas a falarem sobre si independentes de quem sejam, bem como de suas respectivas idades: Jovens, adultos ou idosos, serão tratados com respeito e admiração, todas as pessoas que queiram narrar sua própria história. Para ele a história oral nasce pra dar visibilidade às pessoas que se encontram fora dos padrões econômicos exigidos, os excluídos, os que estão à margem da sociedade.

Neste aspecto, o pesquisador Thompson (1982), acredita que deve haver compreensão entre as classes sociais e gerações, ele torce para que cada produtor valorize o desempenho do outro e confirma: que a história oral contribui para formar pessoas mais completas. Garante o envolvimento das comunidades com proposta de realizar mapeamento da realidade e trazer possibilidades de resultados positivos.

Portanto, é incentivada por essas declarações que me reconheço nas ações de Paul Thompson (1982), a partir das minhas primeiras leituras, quando ele demonstra sua disponibilidade em dar visibilidades às pessoas que se encontram escondidas, em dar vez e voz aos menos favorecidos, por me sentir parte desse grupo. E que a partir desta pesquisa começo a me enxergar, me reconhecer e perceber que tudo vem sendo especial para o meu crescimento pessoal, intelectual e profissional.

Mesmo ainda indecisa, sem saber ao certo o que contar sobre mim mesma, decidi pela posição de narradora e em meio a essa prosa vou aos poucos descobrindo que palavras de criança tem força e vem a se realizar, as lembranças vão chegando devagar sendo transferidas para a cachola e logo sendo escrita. Agora, por exemplo: Em boa hora, como numa fração de segundos, como relâmpago, surgiu a lembrança de que lá traz eu pensei, e até balbuciei que ia ser escritora.

Se não me falha a memória, penso que falei exatamente assim: Um dia, eu vou ser escritora! Foi uma ideia que surgiu despreziosamente. Coisa de criança que às vezes falamos sem ter noção do que estamos dizendo: vou ser bombeiro, médico, motorista ou professor, gari ou policial eu, falei por falar, sem nenhuma certeza de nada; como ainda não tenho. São lembranças que chegam. Até entendo que voltou à tona para me animar já que estou me apresentando como protagonista da trajetória de minha própria história.

Assim, no que se refere à contação de história de vida, Passeggi (2021), declara que a base da narração do ser humano nasce na infância. Assim sendo, me contento com essas palavras e penso, quem sabe venha realmente se tornar uma realidade. Por esta circunstância, sinto como a vida é engraçada, ela nos reserva momentos que nos faz sorrir de nós mesmos. E este momento para mim é um deles. Tudo muito novo, interessante e grandioso, o que me leva a imaginar o quanto a vida tem a me revelar.

E por este aspecto, embora, enganando a mim mesma, quem sabe, mas com o Ego de superação, nunca com sentimento de inferioridade, muito pelo contrário, sempre trago comigo a sensação de que “Eu Sou Capaz”. E é com esta convicção que venho aos poucos vencendo e conquistando meu lugar ao sol, que afinal nasceu para todos. E,

é a partir dessa força que tomei coragem e estou aqui deliberando informações, acontecimentos antes nunca mencionados, não sei se por vergonha ou timidez.

Destarte, neste interim, começo a acreditar que o estudo que até pouco tempo me deixou meio atordoada por não saber o que eu teria a dizer sobre mim, veio trazer-me uma nova perspectiva, mediante leituras sobre pesquisadores que me identifiquei e que vem transferir para mim os melhores entendimentos acerca do contexto social e sobre o meu próprio eu. Neste instante, emocionada e com os olhos lagrimejantes, trago à tona relances da aula da professora Aurenea, sobre a disciplina: Pesquisa Identidades e Memórias, quando proferiu sobre o tema Eurocentrismo.

Uma aula muito importante, com certeza para a minha professora e os amigos, uma aula dentre tantas outras que havia apresentado, mas para mim houve um “Q” a mais. Mexeu com minha lembrança, inclusive, o que me fez reservar um pedacinho do texto, na expectativa de colocá-lo no início ou final da pesquisa, no entanto, já que venho falando sobre alguém, o negar e o neutralizar o outro, apresento um rascunho que fiz na sala de aula sobre a fala de Enrique Dussel (1942), em seu livro: O Encobrimento do Outro: A Origem do Mito da Modernidade, quando se refere que: Alguém escondeu alguém. Quem é esse alguém?

Coloquei-me na posição de que esse alguém poderia ser Eu e Você. Somos nós, que estamos lutando pela sobrevivência para sair da invisibilidade, onde tantos ainda estão escondidos, na busca de um espaço digno, onde a moradia, a saúde, a educação, sejam prioridades, mas principalmente a busca pela dignidade e igualdade na sociedade. Para Dussel (1942), o outro não foi encoberto por opção, mas imposto a isso por uma cultura excludente e dominadora, o que o autor atribui ao Eurocentrismo.

Por esses aspectos, necessário se faz que aja eliminação de pensamentos negativos de alguém que se atravessa em vidas com propósito opressor, é não deixar que prevaleça o retrocesso. É emanar o processo de ajuda uns aos outros e vencer as questões das invisibilidades, refletir que é hora de mudanças pela igualdade, dignidade e autonomia. O que de acordo com Dussel (1942), significa negar a negação na luta pela consciência étnico crítica visto que, a ética da liberdade é outra forma de visão de mundo.

No entanto, essa convicção de Dussel (1942) me remete aos dias atuais, aos acontecimentos que nos cercam tendo a percepção que mesmo passados mais de quinhentos anos da colonização parece que nada mudou, principalmente, no que se refere aos dias permeados por tantos descontentamentos, conflitos, descasos e desamor com o outro, o que leva a crer que continuamos encobertos e muito mais invisíveis. Existe a

necessidade de mudanças e neste sentido, é importante que esse entendimento comece a ser permeado entre nós na academia envolvendo toda uma sociedade.

Mediante reflexões e mesmo poder contar com o recurso do universo da memória, considerada como poderosa, e que faz tantas mentes flutuarem e navegarem por longas viagens e serem contempladas pelo troféu da imaginação com o resplendor da lembrança e segue numa imersão ao túnel do tempo, guardada por cada indivíduo quase que imperceptível, mas com facilidade de logo a encontrar.

Por esse incentivo, contemplo o estudo fazendo valer o pensamento de Saraiva (2011), quando assevera que em todas as modalidades textuais haverá uma história a ser contada, por esse prisma entendo a importância da pesquisa, sabendo da necessidade de produção de documentos que venha a fortalecer a memória.

Valendo salientar que mesmo prevalecendo a busca dessa memória na contação dessa história, não importa qual o principal objetivo da minha vida em relação à pesquisa. O porquê fazer o mestrado e vir a obter méritos ou não, nem lacre vultoso em salário, o que não deixa de ser significativo, mas que para mim não foi o fator principal do estudo.

Pois tenho como propósito o querer descobrir algo novo e diferente, como na perspectiva do primeiro estudo onde busquei entender o processo do Programa Campanha de Alfabetização de Paulo Freire, no período entre 1960 a 1963.

Agora neste exato momento, me envolvo com mais um grande desafio dentre outros que consegui enfrentar e com muita luta obtive sucesso, no caso, o de redirecionar a pesquisa, e desta feita, sobre a ressignificação de minha vida através da autobiografia, o que requer não só o aprofundamento no diálogo de si para si, mas na contação da história em sua subjetividade, enquanto interações coletivas, já que se entende que a memória é plural.

E nessa pluralidade e expectativa de transformação, deixar algo na perspectiva de vir contribuir com o mundo acadêmico, científico e deixar marca, pois minha vida é única, e não apenas como escrito literário, porém como registro documental para a prosperidade e fazer diferença de alguma forma na vida de outras pessoas, especificamente na vida das mulheres negras que ainda se encontram encobertas, às margens da sociedade.

Neste momento sensível, emocionada faço essa narração, buscando na memória toda trajetória percorrida no enfrentamento das dificuldades e contratempos ao longo desse percurso para galgar um lugar na academia. Nesse espaço, mediante paulatina batalha, onde se tem que prevalecer a força, o ânimo, a insistência, o empenho, a dedicação e, sobretudo a perseverança.

Por um bom período, participei de um encontro de estudos com a colaboração e atenção dispensada da amiga Tulane, a quem sou carinhosamente muito grata, que amigavelmente se propôs em disponibilizar seus ensinamentos para mim e outras pessoas do grupo, nos reunindo uma vez na semana, à tarde, no Centro de Educação, depois pelas manhãs do sábado no anexo CE e outro dia à noite na casa de uma das colegas, onde obtivemos as melhores lições baseadas nos registros de Demerval Saviani, um estudo que em muito veio a colaborar para a minha aprovação nesse pleito. Alguns rascunhos trago guardados visando a ajudar oportunamente um amigo que venha a precisar de conteúdo, caso as referências sejam as mesmas.

No entanto, infelizmente, por ironia do destino não cheguei a realizar a prova no ano de 2019. Por um lapso, mesmo estando dentro do Centro, perdi a hora, me equivoquei perdendo a oportunidade de realizar a prova mais uma vez. Pois já havia sido anos anteriores, desclassificada, por motivos banais, por falta de uma autenticação na contra capa do certificado, por falta de um simples carimbo no documento e em outro momento por falta da apresentação do comprovante eleitoral, e por duas vezes por não ter alcançado a média proposta pela instituição.

Contudo, a eliminação naquele período me deixou muito triste. Toda aquela perseverança que me levou por uma caminhada onde sempre me sentia forte, por um momento desmoronou. E por um tempo perdi o entusiasmo, até pensei em desistir e cheguei a entrar com um processo de aposentadoria, o que mais eu negava a mim mesma. Enquanto os amigos diziam que queriam, eu dizia não querer, porém pela primeira vez levada pelo desânimo, por acreditar que minhas forças haviam acabado.

Surpreendida pelo incentivo de dois anjos, que me fizeram tomar uma dose de vigor e não me deixaram retroceder e a enxergar que aquele momento era mágico, o tempo certo de prosseguir para alcançar o alvo.

Após tanta luta tanto sacrifício, as várias idas e vindas pelo Campus tentando me encontrar com o novo universo, novo contexto. Mesmo sendo filha da casa demorei bastante para chegar a essa decisão. Entendo que o chamado pela instituição sobre esse fim, ainda se encontra um tanto inibido, mas creio em políticas afirmativas voltadas para o crescimento nessa área do saber para os seus colaboradores, que muitas vezes se sentem acuados, inibidos para uma tomada de decisão, mesmo estando em sua “própria casa”.

Vale relembrar que me aproximei do Centro de Educação- CE, na posição de aluna ouvinte, na sequência como aluna especial, vivi momentos de apreensão, envolto às

expectativas pela conjuntura da rotina acadêmica, leituras que antecipavam as provas e o entendimento pelos conceitos teóricos.

Enfim, consegui juntar-me ao grupo de estudo, mas em nível avançado de leituras e aquém de minha realidade, no caso, o meu esforço foi muito maior, era feroz junto a equipe, lógico que por muitas vezes me senti longe daquela realidade da sala de aula. Considerando-se os vários anos fora da área de ensino e do distanciamento com os livros e o cenário acadêmico.

E assim, aceitei os aconselhamentos das amigas que colaboraram pra que hoje eu esteja narrando esse fato aqui. Todo incentivo, as palavras de energia, de uma força superior me preencheu e me fez repensar que na vida, estamos em constante guerra, onde é necessária enfrentar as lutas cotidianas confiante na vitória.

Busquei me reerguer, vesti da armadura ao bom combate e desta feita, no resgate das leituras que seriam interessantes para mim e coloquei em evidencia o que por alguns meses haviam ficado para trás. Decidi candidatar-me mais uma vez a seleção, consegui aprovação nesse desafio e conseqüentemente, o meu ingresso no Centro de Educação CE.

Um ato que para alguns acontece tão fácil e para outros, assim como eu, houve enfretamento de tantas dificuldades. A vida continua, é apenas mais um desafio em minha trajetória pela frente, entre tantos que já enfrentei e consegui ultrapassar.

Mesmo que árduo, mas sabendo que é preciso ser valente para alcançar o alvo, ainda nesse caminhar me deparando com obstáculos, mas creno sempre no final feliz. E mesmo diante de todas as circunstâncias, me sinto regozijada por saber que alguns colegas que me acompanharam nas andanças desse processo, também torcem por mim.

Quero levar em conta a expressão de alguns amigos que se sentem representados por mim, pela determinação e coragem, pelo enfretamento da responsabilidade de todo o processo a ser encarado, antes e durante toda a trajetória acadêmica até a finalização do pleito. Confesso, para mim não tem sido fácil!

Sinto-me numa batalha em que todo o dia enfrento um leão, mas procuro respirar, buscar a calma, manter o equilíbrio, tentando achar a estratégia correta para driblar o felino. De início, chegar à sala de aula era pra mim temerosa, um universo em que na minha primeira impressão que todos eram sábios, menos eu.

Enfrentei o círculo de diálogo que íamos aos poucos conhecendo cada personagem daquela roda que muito me impactava, me deixando cada vez mais inibida. Meu coração disparava, eu respirava fundo, valia tudo para eu não falar, por me sentir aquém daquela

realidade. É importante frisar que o tempo é sábio e com ele fui tentando me encontrar, mesmo que em alguns aspectos, ainda não por completo.

Por isso, não posso deixar de contar “apuros” enfrentados na trajetória da apresentação do projeto. Comecei a sofrer de véspera, na noite anterior, uma ansiedade, sem dormir direito, me acordei por várias vezes só em pensar que no amanhecer seria o grande dia de falar. Levando-se em conta que sou dorminhoca, durmo com facilidade, no entanto, naquela noite foi cruel. Cheguei cedo ao local, na fila de espera o coração foi a mil, bateu um ressecamento bucal, eu bebia água, e não surtia efeito, nada acontecia.

Chega o momento crucial, ouvi meu nome de longe me preparei, respirei e adentrei a sala composta por três professores, dar-se início a uma sabatina que para mim foi quase que interminável. Sentia todo corpo tremer, a boca secar e a voz desaparecer. Mesmo assim, consegui a responder baixinho e devagar a arguição, pedindo a Deus por socorro, fui respirando tentando disfarçar todo nervosismo. Aos poucos enfrentando o momento bem interessante para mim, como pessoa e como nova aluna, fui me ambientando e me recompondo vencendo aquele estado emocional.

Mas, a partir do momento em que me senti mais calma e minha voz mais firme, disparei a falar o mais rápido possível dentro do que eu consegui em bom tom, respondi as perguntas que me foram solicitadas, argumentando sobre o projeto que ora apresentava, pois por outro lado eu sabia quanto era importante aquele encontro o que representava para mim.

Já do meio para o final me senti mais à vontade concluindo a fala sobre o meu objeto de estudo, até cheguei a soltar um sorriso de agradecimento e fiquei no aguardo do resultado que chegaria dias após.

Em meio a tantas expectativas chega o resultado, desta vez positivo. Sendo motivo de muita alegria. Nasceu ali, mais uma nova etapa em minha vida. Assim sendo, o que me leva a descrever neste momento através desta narrativa, um pedacinho da minha pequena ou grande contação de história. O ano de 2021 propõe mais uma oportunidade em meu viver, desta feita, para narração de minha própria história.

Ao mesmo tempo, torcer pela a oportunidade de muitos que ainda não tiveram a chance de chegar, e vencer a luta e a bela conquista que consegui e desejo que outros colegas venham alcançar. Neste contexto, acalantar-me pela peculiaridade que cada qual traz consigo, quanto: as questões familiares, de trabalho, cansaço físico e até mesmo falta de paciência para o estudo e o pensar em estar fora de faixa etária.

Porém, entendo que para a busca de conhecimentos, não existe idade. Mas, vontade, força e determinação, o que venho buscando em todo momento, no enfrentar essa batalha entre família, trabalho e estudo.

Concordo que se trata de uma verdadeira guerra. As atividades do lar que não são fáceis, o desempenho das oito horas na jornada de trabalho, e o estudo que requer importante dedicação na busca pelo conhecimento. Que a partir desta pesquisa começo a perceber a falta de motivação aos servidores, que mesmo sendo filho dessa grandiosa instituição, infelizmente não se sente parte desse universo.

Contudo, a minha realidade, e o meu propósito hoje é o de realizar um registro retrospecto de dados pessoais que fluíram ou deixaram de fluir e/ou por ventura venha a se concretizar nos dias vindouros, minhas experiências, o meu conhecimento o meu saber, minhas emoções e contradições, minhas vontades, meus afetos e desafetos, minha marca, minha vida que é importante para mim e para o mundo. Porém, não apenas isso, quero deixar registro científico para a prosperidade para academia e além dela.

Sabendo-se que são nos pergaminhos que se grafam o registro da labuta do passo a passo diário que se argumentam os acontecimentos da trajetória de uma vida e consequentemente dados que se acumulam e se transformam para uma contação de história. E para que essa história aconteça é na voz do passado que me atenho na indicação de Thompson (1982), e busco firmar uma nova página, que chega de mansinho preenchida por significados e ressignificações, um momento de mudança no objeto de estudo que ganha uma nova dinâmica no trabalho que agrega o desafio em meio às vivências onde pretendo me superar primando pelo processo de uma narração de uma trajetória de vida.

Portanto, nesta narração quero levar em conta essa voz, que de acordo com Thompson (1982), se encontra bem presente no meu dia a dia, porque a memória não morre está viva em nossa história e ainda assegura que sem passado não existe memória e sem história não há registros de acontecimentos que reflitam sobre ensinamentos práticos e técnicos que significam e ressignificam transformam-se em documentos.

A partir desta compreensão é válido trazer ao cenário a fala de si para si o que vem a possibilitar o falar e o ouvir simultâneo, numa troca de informações de saberes referentes ao seu próprio narrador. Bem como, entender a importância da pesquisa tendo em vista a necessidade de produção documental autobiográfico que venha a contribuir com o estímulo de acesso a nossa memória através da história. Thompson (1982).

4.3 Vivências Negritudianas

E exatamente no intuito de realizar um documento, vinda de uma família composta por dez irmãos, sendo a quinta filha entre eles, a única a encarar uma graduação, sendo relevante ressaltar que todos estudaram, cursaram primeiro e segundo graus e alguns cursos técnicos. Inclusive, Nino e Cema, cursaram o primário, os dois tinham caligrafias lindas e se preocupavam com a nossa educação.

Uma educação em que percebo atualmente demonstrada até em pequenos gestos. Meu pai gostava de ler e se sentia importante em carregar um exemplar do Jornal do Comércio nas mãos, quando ia e voltava da oficina de móveis onde trabalhava, era marceneiro de profissão. Eu sentia um pouco de vaidade por parte dele, mas, sobretudo uma ação benéfica para ele e exemplar para nós, os filhos.

Para começo de assunto foi ele e minha mãe que me ensinaram as quatro operações com a prova dos nove, através da tabuada que jamais esqueci até hoje. Uma atividade que percebo que mesmo com tanta tecnologia muitos estudantes sentem certa dificuldade em desenvolver essa prova. Meus pais ajudavam nas atividades de leituras nas cartilhas e costumavam fazer o delicioso ditado, que mediante cada erro se pagava prenda de reescrever cinco a dez vezes a palavra errada e com a querida tabuada, não era diferente, por repetidas vezes as contas que ora estava se trabalhando, soma, multiplicação subtração ou divisão.

E assim, envolvida por esses estímulos segui no percurso da escola numa sequência sem interrupção; cursei o primário, no Grupo Escolar Rotary, o primeiro grau na Escola de 1º Grau Rosa de Magalhães Melo, bairro de Beberibe, o segundo grau, na Escola Técnica de Contabilidade da Encruzilhada, visando ingresso de trabalho. Mesmo assim, não enveredei nessa área. Trabalhei em outras linhas como caixa de loja, contas a pagar, departamento administrativo e hoje na UFPE. Consegui chegar à universidade; eu sou graduada como bacharel em Comunicação Social, Relações Públicas, pela Escola Superior de Relações Públicas do Recife, Especialização em Leitura e Interpretação Textual pela Universidade Federal de Pernambuco.

Nesta sequência me relaciono com o pensamento de Montenegro (2013), quando anuncia que a memória se constrói a partir de um universo diversificado de marcas que poderão encaminhar imagens, situações, acontecimentos e narração de experiências. Para tanto, é no entendimento dessa percepção que a pesquisa segue com base em minhas vivências e experiências nesse trajeto.

E no propósito do avançar nesta trajetória busco as coordenadas de Paul Thompson (1982), ao afirmar que: é na história oral que a voz de cada pessoa é peculiar, tem característica própria e estimula a vida na história. Para o autor, o foco da própria história inclina para novos campos de investigações, anula barreiras entre professores e alunos, gerações, instituições educacionais do mundo exterior e na produção das várias histórias.

E quando se trata do fortalecer da produção de histórias, Barbosa (2021), chega para declarar que é na formação da escrita de si que você se torna autor de sua atuação na vida social e cotidiana embasada por novos paradigmas, levado por um olhar diferenciado, sendo necessário um bom teor de disciplina e o entrelace com muitas referências.

Neste sentido, fica fácil perceber no pensamento de Barbosa, (2021), o seu entusiasmo quando pronuncia sobre educação em sua fala, por entender ser um campo propício para discutir a ciência sobre o ser humano, o que significa dizer, trocar a razão com o fazer histórias diferentes. Para o autor: “a razão é uma relação política” e a destaca como fascinante, segundo ele: “por que somos assim”! Joaquim Barbosa assinala que na educação há muitas misturas com todas as ações, inclusive com a autoria que se trata de uma questão política entre elas.

4.4 Movimento entre o Mundo Epistêmico e o Empírico

Por estes termos, denoto sobre minhas vivências. Que significam alguns espaços onde tive oportunidade de percorrer dentro desta instituição e me movimentar, galgando momentos que foram por demais importantes para o meu crescimento pessoal, intelectual e acadêmico, que muito me ajudou quanto a sequência profissional, sabendo-se que faço parte do quadro da Segurança Institucional da UFPE, na qual fiz o concurso e tornei-me funcionária pública. Sinto-me agradecida a Deus por isso.

Esse processo acontece porque senti necessidade de me movimentar, de fazer algo além de minhas atribuições no meu setor de segurança, na instituição e decidi buscar conhecimentos em alguns outros setores, por onde fui aceita e tive oportunidade de me tornar colaboradora e quero deixar claro, que com certeza por onde caminhei, consegui conquistar saberes, experiências bem peculiares, diferentes, importantes e significativas para o meu crescimento pessoal e que tem contribuído hoje para essa narração que tem sido tão importante para mim.

Hoje busco um olhar panorâmico retrospecto ao longo do tempo, revelador de quão importante tem sido o deslumbrar de todo o arsenal de produção que do nada chegou

devagar e aos poucos foi se apoderando me preenchendo e invadiu os meus próprios espaços, e sem querer e até querendo paulatinamente fui emergindo e assumindo o processo que veio para deixar marcas em mim. O momento é demais emocionante ao fazer uso da memória e na busca da lembrança descubro a gama de aprendizados que consegui angariar naquela trajetória no Programa Cabeça de Área. (2005-2016).

Nesta volta ao passado fico a pensar, como tudo isto aconteceu? Só agora através deste estudo compreendo e exponho meus aprendizados alimentados por um percurso de experiências, entendido neste instante que estão contidos entre os três pilares da educação: o ensino, pesquisa e extensão, uma ação onde consegui desenvolver um pouco de cada haste desse tripé, mas vale ressaltar, respaldada pelo professor Edilson Fernandes Souza, que no passo a passo sempre estive junto a mim.

Ao longo do tempo me sentia frágil, mas a partir dessa pesquisa e da nova visão de aprendizado, começo a entender e consigo descobri que por meio do Programa Cabeça de Área, posso reviver como fui forte e tudo tem sido grandioso, sinto como fui audaciosa, corajosa e esplendorosa ao enfrentar uma prática em que me envolvi e consegui ultrapassar entre todas, as minhas próprias barreiras quando venci a insegurança, incertezas e meus medos, e por que não dizer alguns olhares de incredulidades, o que em nada me fizeram retroceder.

Nesta perspectiva enfatizo porque em mim impera algo que se chama determinação, que me inclinou à mira de um alvo convicta de vir realizar um propósito, e acredito que consegui por apresentar um resultado! Peço desculpas aos leitores por essa expansão de valores, estou feliz, pois só agora me vejo e ainda com dificuldade me digo. Mesmo encorajada pelo ensinamento e das palavras de ânimo da pesquisadora Sibília (2008), quando revela que devo fazer marketing de mim mesma. Penso que eu chego lá!

Com o programa aprendi que a vida se encarrega de mostrar que o tempo é sábio, uma grande escola, e que seus ensinamentos acontecem de acordo com o que se apresenta no momento ao seu redor, o professor Paulo Freire (1987), explica muito bem sobre o assunto e me chama a atenção para esse detalhe.

Assim sendo, a trajetória com o Programa Cabeça de Área me inclinou a tornar-me exima observadora, bastante criativa e ainda exigiu que estivesse mais atenta, mesmo que vagarosa, me tornasse dinâmica, proativa para acompanhar o ritmo do aprender a aprender a lidar com diferentes públicos, a ouvir e a falar na hora certa, aprendi a partilhar, respeitar, valorizar pessoas e essencialmente, tomar decisões.

O Programa teve como lema “Não se limitar aos resultados”. Hoje, há seis anos passados, percebo também que não me limitei nessa produção e descubro ter sobressaído além das próprias expectativas! Quando destemida, decido enfrentar o que agora vejo como sequência de um norte, num passo a passo de cada vez:

- 1- Não me limitei ao perceber as primeiras dificuldades, no que fazer, quando e como realizar esse produto;
- 2- Não me limitei quando arregacei as mangas e enveredei na pesquisa em busca de solução para minhas dúvidas;
- 3- Não me limitei ao buscar embasamento para um resultado concreto, por entender que o momento era pra avançar e me superei, porque pude vivenciar o ensino a pesquisa e a extensão!
- 4- Consegui vivenciar o ensino quando ensinava e aprendia na sintonia da grande troca de informações numa sala de produção juntamente com discentes;
- 5- Convivi com a pesquisa ao me respaldar em busca de bases teóricas para fortalecer os conteúdos do programa;
- 6- Envolvi-me consequentemente, com a extensão pela colaboração de vir a produzir e publicizar um produto que ultrapassou os muros da nossa academia, e cá pra nós, de forma ampla e salutar conseguindo interagir e ter o feedback da sociedade;
- 7- Cercada por todos os conhecimentos me amparo nos dizeres da professora Passeggi (2016), ao anunciar que você é protagonista de si mesma ao contar a sua própria história. Assim começo a me sentir uma dessas.
- 8- Por estes termos, confirmo quão importante tem sido esta volta ao meu passado e poder reviver todos esses acontecimentos pela grande oportunidade de aprendizados no Programa Cabeça de Área. O que contribuiu para o meu envolvimento por alguns momentos com a experiência epistêmica, em outros a experiência empírica, de forma direta ou indiretamente. Mas, gratificada por nesta ocasião estar reconhecendo meus feitos.

Mesmo sem pensar que viria a me ajudar no contexto deste estudo que ora me faz tomar posse de tantos significados, exatamente, às 6h47 nesta manhã de domingo 16 de outubro de 2022, que chegaram para respaldar-me e mostrar os mais íntimos momentos de minha busca ao saber, mesmo que a passos lentos, assim como sei que sou.

Neste interim a imagem abaixo, categoricamente chega para contemplar esta história e ser cúmplice dos meus pronunciamentos enquanto colaboradora desse processo,

os gráficos das quadras esportivas e do pensador neste panorama simbolizam todo o desenvolvimento desse programa que em mim deixou marcas.

Figura 25 - Novo cenário do Programa Cabeça de Área, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Esta imagem vem confirmar que com o passar do tempo conseguimos crescer em conhecimentos e em novas reflexões, priorizar o que esteve ao nosso alcance para melhor atender as expectativas do nosso público, assim surge este cenário, o que significa evolução em caráter inovador. Mais uma declaração de que neste sentido também não nos limitamos.

Por este prisma, o historiador Burke (2017), adverte que toda imagem retrata uma trajetória vivências e significados. Sendo assim, as imagens podem testemunhar o que não podem ser colocado em palavras, a exemplo, a demonstração do cenário em evidência vem declarar também que mais uma vez não nos limitamos e esta bela imagem por si, contempla este universo.

Deste modo, reconhecidamente segue um pouco de mim e dos meus feitos na instituição, e hoje, muito envolvida com esta narração, através desse quadro passo a perceber que gradativamente, entre erros e acertos, consegui significativas conquistas. Vale ressaltar que nesses espaços por onde transitei, não apenas obtive, mas transferi conhecimentos, e angariei novos amigos e conquistei boas amizades nesta casa. Assim, na sequência, seguem os departamentos por onde consegui me movimentar:

Quadro 5 - Movimentação de atividades no Campus UFPE

EXPERIÊNCIAS E CONQUISTAS		
Local	Participação	Atividade
Centro de Ciências Jurídicas	Superintendência de Segurança Institucional	Agente de Segurança no Campus UFPE, contribuir com apoio e a sensação de bem estar a comunidade acadêmica. Participação na Diretoria de fiscalização e Controle Urbano;
Rádio universitária AM	Discoteca	Produção de Programas, Seleções musicais, manutenção dos discos do setor;
Rádio universitária AM	Programa Com a Palavra a Mulher	Participação no Programa da radialista Carmem Towvar. Realização Leitura do Dia;
Rádio universitária AM	Programa Assim Começou a MPB	Participação na apresentação do Programa de Carlos Gomes;
Rádio universitária AM	Programa Caminhos do Turismo	Produção e Apresentação do Programa, junto com Flávio Soares;
Núcleo de Saúde Pública- NUSP.	Vídeoteca Setor de Comunicação	Manutenção e Catalogação de vídeos; Interação com o jornal mensal do setor;
Núcleo de Educação Física e Desportos- NEFD	Programa Saber esportivo: Sua Conexão com o Esporte Amador.	Produção do programa;
Núcleo de Educação Física e Desportos- NEFD.	Programa Cabeça de Área	Direção e Produção do programa. TV Universitária, Canal 11, por 10 anos;
Centro de Treinamento- CETREINE	Curso de Produção de Programas Radiafônicos.	Instrutora no Curso de Produção de Programas Radiafônico 2007, Emprego Jovem/ parceria Prefeitura do Recife.

A representatividade deste quadro vem contemplar minha movimentação na instituição, que dei início a partir do setor da Segurança Universitária UFPE, o que me possibilitou percorrer por vários prédios ao seguir o trajeto de plantões numa jornada de 12 x 36, dentro Campus. Em 1986, fui transferida para área externa, ficando lotada no Centro de Ciências Jurídicas, (A Faculdade de Direito), situada no Parque Treze de Maio, no Centro de Recife, lá consegui comungar com uma segunda família, já que passamos a maior parte do tempo no recinto de trabalho, no caso vivenciei por um período de 10anos.

Após esses anos surgiu a vontade de mudança, pedi ao chefe transferência para o Núcleo de TV e Rádios Universitárias- UFPE, onde me apaixonei pelo rádio, cheguei e assumi um espaço como discotecária da Rádio Universitária AM, e daí despertando o olhar

para o que estava ao meu redor e me envolvendo com alguns outros saberes. Após seis anos de vivências surge a possibilidade de migrar para o Núcleo de Saúde de Pública- NUSP em 2004, mesmo o diretor pedindo para que eu ficasse mais um pouco, agradei, mas decidi enveredar por novos conhecimentos e novas convivências.

Na sequência ainda estando no NUSP, sou convidada a fazer parte do Núcleo de Educação Física – NEFD, na Assessoria de Comunicação do Departamento, no Centro de Educação - CE, no departamento de Comunicação, onde o propósito do diretor Edilson era lançar um programa esportivo no rádio, como projeto de extensão para o setor, o que me levou a um retorno paralelo ao convívio com o Núcleo de TV e Rádios Universitários Canal 11.

Para mim, excelente, pois as atividades seriam realizadas no local em que mais me identifiquei dentro da universidade. Topei enfrentar o Programa Esportivo ficando dividida entre NUSP e NEFD por algum tempo, sempre dando uma fugida do setor.

Este estudo me faz relembrar que em minha movimentação no Campus, passei por alguns setores e tenho certeza de que cada qual me proporcionou experiências bem peculiares, diferentes, importantes e ricas para o meu desenvolvimento em vários aspectos, mas principalmente, no meu conhecimento profissional, como por exemplo:

O Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias – UFPE (1999) - Foi o lugar que escolhi para minha primeira mudança e com certeza nunca me arrependi de por lá ter passado, fui designada para a Rádio Universitária AM, bairro Cidade Universitária, local pelo qual me apaixonei e que trago boas recordações, assim como falo em algum momento sobre a minha paixão pelo rádio.

O Núcleo de Saúde de Pública- NUSP (2001 a 2006) - Situado no quarto andar do Hospital das Clínicas, onde trabalhei no departamento de Comunicação, um dos setores bem atraentes dentro da Universidade. Um setor no período, bem movimentado, onde contamos sempre com equipamentos avançados devido a parceria com Japoneses que se envolviam com o social do Projeto Cidades Saudáveis - em Itambé - PE, pertencente ao setor.

Ali tive a oportunidade de uma rica troca de saberes com os colegas, bem como com alguns japoneses que se fizeram presentes nessa convivência salutar e calorosa. Uma ocasião onde pude observar melhor a cultura oriental, alguns de seus hábitos e costumes, pessoas que levam o trabalho muito a sério, muito reservados, determinados, aparentemente tímidos, muito respeitosos, também são alegres, gostam de cantar e mesmo

com a alimentação um tanto diferenciada gostam da comida brasileira, a pimenta malagueta para alguns, é um sucesso.

O NUSP, a pesar de um espaço pequeno era bastante aconchegante. Preenchido de muita amabilidade. Cheguei a desenvolver algumas atividades no período em que lá estive. Participei de vários eventos, realizei algumas entrevistas e fiz parte da pequena videoteca bastante interessante, do jornalzinho que circulava mensalmente no setor e também pelo Japão. Fiz parte de vários encontros que o Núcleo proporcionou, até participei de pequenas viagens e neste clima sempre mantive um bom relacionamento com todos.

Nesse período, mesmo lotada no Núcleo de Saúde Pública, continuei produzindo o Programa Caminhos do Turismo, exibido semanalmente pela Rádio Universitária AM, juntamente com o meu parceiro, amigo, irmão, Flávio Soares, funcionário do Núcleo de TV e Rádios Universitárias. Todo processo de produção era elaborado a duras penas, durante o dia a preocupação com a rotina do setor NUSP e à tarde tudo sobre a produção do programa e erámos, eu e ele no enfrentamento da batalha, mas fomos vitoriosos em nosso lindo projeto.

Devido ao processo de liberação de setor e movimentação no Campus, após algum tempo a diretoria de Segurança me requisitou à diretora do NUSP, professora Ronice, que relutou em não aceitar o pedido e terminei permanecendo no setor. Porém, logo após esse impasse, fui convidada a fazer parte do Núcleo de Educação Física-NEFD, pelo professor Edilson, desta feita, pensei um pouco antes de responder, mas terminei cedendo. Salientando que antes mesmo de minha ida para o NEFD, o programa esportivo já estava no ar. Momento em que estive entre o NUSP e o NEFD, paralelamente.

Decidi fazer parte da equipe do Núcleo de Educação Física e Desportos - em setembro 2006. Naquele momento, partilhar com a comunicação daquele setor. Argumentei com a diretora Ronice Franco, sobre a transferência e o porquê da mudança, ela entendeu por que conhecia a minha relação na época com a rádio e concordou tranquilamente com o trâmite que ocorreu com sucesso.

Cheguei ao Núcleo de Educação Física e fui bem acolhida por todos. Dou início a mais uma jornada. O professor Edilson, que antes participou como um dos convidados em nosso Programa Caminhos do Turismo, naquele momento tinha pressa em apresentar a nova ideia do programa.

E logo iniciamos com algumas reuniões, surge a proposta de um projeto para um programa esportivo na Rádio Universitária AM, da Universidade Federal de Pernambuco. Interagimos com o diretor da rádio, que no período era Carlos Dantas, para saber a

disponibilidade e o interesse de inserção de mais um programa esportivo na grade da emissora.

Logo a resposta veio e de forma bem positiva, com apenas uma ressalva pelo diretor Dantas, a apresentação de um pré-projeto. De relance, houve reunião para discutir e refletir sobre o perfil do programa, temas e quadros. Elaborado o projeto, foi apresentado a Carlos Dantas que se prontificou em aprovar.

Assim, surge ainda em 2005, o Programa Saber Esportivo: A Sua Conexão com o Esporte Amador, um programa interdisciplinar que conseguiu interação com várias modalidades esportivas. O programa que caiu no gosto do público por trazer uma proposta diferenciada dos programas já existentes.

Figura 26 - Capa CD, Programa Saber Esportivo, 2005



Fonte: Arquivo do acervo pessoal da autora

O Programa Saber Esportivo: A Sua Conexão com o Esporte Amador, retrata o meu terceiro empreendimento com a Rádio Universitária AM, representa uma grande evolução para mim, mediado por um dos experimentos em que me envolvi e obtive êxito, e dentre minhas lembranças em busca da memória, tenho o prazer de encontrar este registro através deste CD, onde se encontra gravado um programa esportivo ao vivo no estúdio da emissora.

Este CD vem a representar um dos registros que pensei em manter viva a memória de um passado no meu envolvimento com a rádio, o que com o passar do tempo viria a me trazer boas lembranças. Ah! Pensando bem, que não precisou de um passado tão distante, pois está a acontecer agora ao rever esta imagem.

Trata-se de um programa que se envolveu com diversas categorias esportivas e contou com a participação de seus respectivos representantes, bem como conquistou a

atenção do nosso público pela gama de informações desprendidas em forma de entretenimento, descontração e pelo conteúdo diferenciado.

Porém, infelizmente naquele período não coloquei o tema do programa na capa do CD, sendo impossível lembrar agora. Ao mesmo tempo, me sinto gratificada e reflito a importância do existir este documento, ter esta imagem para lembrar e mesmo justificar um de meus feitos na instituição, principalmente no local aonde mais gostei de estar: A Rádio Universitária.

Neste sentido, considero o pensamento de Burke ao defender em seu livro: *Testemunha Ocular* (2004), ao anunciar, que as imagens devem ser consideradas extensões dos contextos sociais que circundam a sua produção. Para o pesquisador as imagens são especialmente valiosas na construção da cultura cotidiana de pessoas comuns.

Por isso, nesta perspectiva me revisto nos ensinamentos de Burke (2017), por vir a fortalecer a ideia e desejo de guardar um registro que ora entendo poderá vir representar uma experiência empírica, que se apresenta através desta imagem tão significativa para este momento.

O programa *Saber Esportivo* foi um empreendimento que trouxe em seu conteúdo dados diferenciados para a sociedade pernambucana, veio trazer uma gama de entretenimento através do esporte. Pela leveza e a forma descontraída que acontecia entre apresentador e entrevistados, seu quadro de entrevista ao vivo, muitas vezes onde acontecia um evento, ajudou em sua dinâmica, conseqüentemente, teve boa aceitação, tanto da direção, quanto do público.

E que após três meses de sucesso no ar, o coordenador do projeto, professor Edilson Fernandes, cheio de entusiasmo me lança uma nova proposta, e desta feita, a de realizar um programa esportivo na TV Universitária-Canal 11. E me fez o primeiro convite para direção, eu recuei, disse não estar apta ainda pra tanta responsabilidade, pois eu não entendia nada sobre esportes, nem tampouco sobre essa produção de televisão, mas ele insistiu: a gente consegue. Jogou conversa pra lá e pra cá, fui vencida, vindo semanas depois a aceitar a nova proposta e a assumir o processo da produção no Projeto Cabeça de Área.

4.5 Cabeça de Área: Uma Experiência Epistêmica ou Empírica?

Ao aceitar a proposta do novo programa, pensei buscar informações sobre o processo de TV, por não ter conhecimento nem habilidade no assunto, fui sondar sobre alguns termos técnicos, sobre o espelho (script), coisa simples, mas era diferente da produção de rádio.

Lembro bem, eu ainda fazia parte do NUSP, e havia certa interação com pessoal da TVU, pensando em adquirir algumas informações, recorri a um dos colegas experientes que ora visitava o recinto, vi nessa pessoa a possibilidade de conseguir uma cópia do espelho que eu procurava.

Mas, por incrível que pareça, a resposta logo veio, curta e grossa. Ah! é muito difícil! Fiquei desolada com o retorno, pois sabia que não era um “bicho papão”. Mas, a atitude do colega me chateou, eu sabia ele podia me passar a informação e ele resolveu negar. Porém, essa negação ao mesmo que me entristeceu me fez tomar uma atitude melhor. Pensei: vou à TV, crendo logo encontrar aquela resposta, mas não consegui na primeira tentativa, mesmo estando ali exposto a olhos nus, não me atrevi em pegar sem permissão.

Pois, mesmo tendo pertencido ao Núcleo, não convivia com aquela área, naquele período tudo era novo pra mim e preferi aguardar pelo momento certo. Pensei me aproximar e me enturmar com a equipe. Daí surge uma nova ideia, o de acompanhar momentos de gravação dos programas ali realizados rotineiramente.

Decidi visitar o estúdio em horários de gravação e me dediquei a observar o processo de comando do diretor de imagem Fábio Castilho, o que para isso, eu não precisava de autorização.

Assim, passei a frequentar durante algumas tardes o desenvolvimento da movimentação da gravação na TV. Com esse empreendimento comecei a perceber que eu não só precisava apenas do script, mas entender o diálogo entre mim e o diretor de áudio. Ali também, eu estava tendo a aula presencial e “prática” de como deveria agir quando fosse realizar o nosso protótipo e a primeira gravação que viria do programa Cabeça de Área.

Cheguei a descobrir que precisaria de toda uma logística. Mas, não me intimidei e mesmo a passos lentos, enfrentei os desafios. E aquele momento para mim, até aqui foi um dos maiores embates. Mas, hoje vejo que consegui, venci e com tranquilidade transfiro para todos.

Foram momentos interessantes para mim, pois a cada dia eu ia tendo uma noção diferente de cada passo e do que eu teria que encarar. E na sequência mesmo sem nada falar sobre as minhas intensões, pois nem o diretor Fábio nem mesmo o professor Edilson, que me cedeu uma batata quente, sabia que eu estava ali na luta do aprender a aprender, buscando conhecimentos antes de gravar o primeiro programa, onde tudo era novo para nós. Mas que só agora acabam de ficar sabendo dessa façanha, nesta narração.

Por estes termos, denoto sobre minhas vivências. Que significam alguns espaços por onde tive oportunidade de percorrer dentro desta instituição e me movimentar, galgando momentos que foram por demais importantes para o meu crescimento pessoal, intelectual e acadêmico, que muito me ajudou quanto a sequência profissional, sabendo-se que faço parte do quadro da Segurança Institucional da UFPE, na qual fiz o concurso e tornei-me funcionária pública. Sinto-me agradecida a Deus por isso.

Todo esse processo aconteceu porque senti necessidade de me movimentar, de fazer algo além de minhas atribuições no meu setor de segurança na instituição, decidi buscar conhecimentos em outros setores onde fui aceita e tive oportunidade de me tornar colaboradora e quero deixar claro, que com certeza por onde caminhei, consegui conquistar saberes, experiências bem peculiares, diferentes, importantes e significativas para o meu crescimento pessoal e que tem contribuído hoje para essa narração.

Lembro bem, eu chegava à sala de gravação como expectadora, e ali ficava a observar todo processo nos comandos do diretor de imagem, a partir da primeira voz “ATENÇÃO, GRAVANDO!” Partindo das observações e dessa VOZ descobri que não seria apenas esse aprendizado, mas que eu teria que interagir com outras salas, outros comandos, com outros profissionais e me familiarizar com os vários setores e suas peculiaridades de aprendizados para compor o nosso produto.

Entre nas idas e vindas, por incrível que pareça, após três meses no enfrentamento do Programa Saber Esportivo, a Sua Conexão Com o Esporte Amador, veiculado na rádio Universitária AM, surge o Programa Cabeça de Área, Penso Logo Assisto, a partir do projeto de extensão do Núcleo de Educação Física e Desportos-NEFD/UFPE, em 2005.

Trata-se de um programa esportivo com o compromisso de levar aos estúdios do Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias - Canal -11, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, para debater a respeito das mais variadas atividades esportivas profissionais e amadores em suas interfaces, Mas principalmente, levar aos lares

pernambucanos informações, entretenimento sobre o esporte amador, sob a égide do professor Edilson Fernandes de Souza.

Hoje, a partir desta dissertação autobiográfica é que venho a perceber que naquele período não nascia apenas o Programa Cabeça de Área, mas nasceu também a fase de um processo que de acordo com a professora Passeggi (2016), pode ser considerado como experimental empírico, que de forma inconsciente e despretensiosa pude me envolver e desenvolver. E só nesta etapa em que estou aprendendo a me dizer, me alegro pelos obstáculos que tive que enfrentar e consegui êxito.

O envolvimento de todo esse processo me remete ao pensamento de Névoa (1995/2010), ao me assegurar que: “a formação é uma síntese de experiências e conhecimentos apropriados antes e durante a formação inicial e ou continuada, ele considera que desde as experiências como aluno, até aquelas vividas ao longo do exercício profissional como professor”. Para ele todo processo enfrentado tem início no estágio bem precoce, desde os primeiros momentos de escolarização.

Por esse pronunciamento, passo a me enxergar nesta cena, apoiada por esta escolarização, perante atividades realizadas no processo produtivo do Programa Cabeça de Área, que deu certo. E neste instante envolta ao estudo autobiográfico posso frisar que as pesquisas sequenciais que me envolvi em prol de avanços na prática rotineira do meu dia a dia, fizeram parte desse tipo de experimento que me inseri e paulatinamente consegui galgar espaço positivo no percurso de dez anos. (2005/2016).

Por esse aspecto, Santos (2002), confessa que: “é através dos acontecimentos contidos nas experiências que podemos nos fortalecer por meio de aprendizado na busca de resultados”. Sendo assim, me preencho nas palavras do autor, e me convenço de que nesta trajetória vivenciei momentos que também comungo com o ensino de Paulo Freire (1967), ao relatar que: “o homem é um ser plural, de relações plurais e ligações e experiências variadas com a realidade do mundo em que se insere”.

Portanto, o timbre dessas vozes ecoa e deixa claro, o porquê de meu envolvimento na sintonia dessa produção, eu só não imaginei que teria que passar por um processo um tanto custoso. Sofri muito no início, na busca de embasamentos, devido uma atividade antes nunca refletida e que eu chegaria a enfrentar e assumir sem ter a noção de que trazia em si tão grande responsabilidade.

Mesmo assim, a partir deste registro me sinto lisonjeada por ter sido escolhida em poder passar por essa grande experiência ter aceitado a grande empreitada. Agradeço a

confiança do coordenador do programa que acreditou sem pestanejar e decidiu que seria eu a passar pelos apuros que juntos enfrentamos.

Tive pela frente momentos complexos pela falta de habilidade na área de produção de televisão, diferente do processo de produção de rádio, tive que me esmerar para conseguir obter como resultado um produto e que no caso era gravar um programa semanal, o que me custou muita dedicação, exclusividade, presteza e amor dentro do que me foi proposto e do que me propus vir a realizar.

Mas, deixo claro que tudo aconteceu porque tive o respaldo do meu parceiro professor Edilson, que a todo tempo acreditou e me deixou muito à vontade, pelo que a ele serei sempre grata. Sinto que foi salutar e muito gratificante esse momento para mim e vale acrescentar que sem esta pesquisa jamais eu me enxergaria ao mesmo tempo em que não transferiria estes interessantes feitos nem a mim nem a outros. Porque antes desse estudo eu não me via.

Um programa semanal significava uma produção rebuscada, de segunda à quinta-feira. Gravação do programa no estúdio da TV na sexta-feira, com as respectivas matérias, contando impreterivelmente com a presença do apresentador, do (s) convidado (s), no respectivo espaço. Exatamente às 16h, (às dezesseis horas). Com inserção trinta minutos, na grade de programação da TV aos sábados, dividido em dois blocos, com reportagens relacionadas com o tema da semana, exibido no horário das doze e trinta às treze horas.

Todo desenrolar do programa começava a partir de uma reunião de pauta, na segunda-feira, envolvida pelo apresentador Edilson, o amigo Flávio, nosso cinegrafista, meu grande parceiro, juntos conseguimos driblar vários momentos importantes nessa trajetória, três bolsistas, e eu na direção, momento onde escolhíamos um tema, geralmente sugerido pelo nosso pauteiro, o coordenador do projeto, professor Edilson. Após decisão da pauta em consenso divisão e reflexão de desenvolvimento de matérias entre os estagiários e escolha para os respectivos entrevistados de acordo com cada tema.

Sendo necessário interagir com os possíveis convidados para as entrevistas e composição dos blocos, ligar para os possíveis entrevistados, marcar data e horário antes do encontro. Porém, era de suma importância a realização da pesquisa prévia sobre o assunto proposto e a pessoa que seria entrevistada. O programa era composto por dois blocos de quinze minutos.

Vale salientar que a chegada do programa à TV veio a transparecer certa inquietação e desconfiança geradora de bastantes tensões e desconforto entre os colegas. Tendo em vista o lançamento de um programa aonde todo processo de produção chega de modo

diferenciado, uma novidade para eles. Principalmente, por estarem acostumados com uma grande equipe de profissionais no desempenho das atividades.

Importante frisar também que antes de gravarmos o primeiro programa, fomos convidados a gravar o projeto piloto, lembro bem que não foi fácil, realizamos algumas manobras entre alguns improvisos.

Assim sendo, valer apenas trazer à tona alguns momentos de nossos bastidores: testes usados com o nosso apresentador, gravações na sala da diretoria, nosso estúdio improvisado, os testes em busca de uma forma de como dar início a este protótipo: No primeiro momento usei uma folha de cartolina representada pelo Teleprompter com alguns termos textuais, um treino para desenvolver a leitura do apresentador, mas deu certo, vindo a preencher os requisitos solicitados pela direção da TV.

Chegamos à televisão em pequeno grupo, pouca bagagem, com processo de produção diferenciado do que a equipe costumava acompanhar. De repente, chega uma equipe inexperiente, considerada amadora na concepção de produção de TV. Foi motivo de muita expectativa, não só do lado de lá, mas também muitas ansiedades e apreensão do lado de cá.

Porém, neste embate, nos mantivemos firmes, dando conta da nossa proposta, buscando respaldo em pesquisar conhecimento transferindo para esse experimento que veio a perdurar por dez anos. Um marco significativo para toda equipe, principalmente, para o nosso gestor que se sentia maravilhado pela sua criação.

Posso ressaltar que nada que o passar do tempo não venha a acalmar. Aos poucos fomos transferindo confiança, conquistando espaços e os colegas. A cada dia nos ambientando com os setores e contando com o respeito dos líderes. Pacientemente demonstrando a nossa responsabilidade, empenho e competência. No caso, usando a prudência e humildade em acatar algumas sugestões que vinham de alguns colegas do setor.

Uma dica aqui, outra ali, para mim sempre chegava e representava algo bastante significativo, quando se tratava de recursos para embasar o produto a alcançar resultado satisfatório. Tudo para levar o melhor produto em forma de conhecimento e entretenimento aos lares dos nossos expectadores pernambucanos, que aos sábados já se identificavam com o jingle do programa e todas as características.

Vale em muito este retrospecto para lembrar que entre outras atividades em que resolvi me envolver, essa foi uma das mais desafiadoras, severa e desgastante em todo meu percurso dentro da academia. Apaixonante, e ao mesmo tempo por demais sufocantes, pois

todo o processo produtivo dependia de uma boa dose de pesquisa, dedicação e exclusividade. E isso eu consegui fazer. Hoje eu sinto como tudo isso é muito salutar e gratificante para mim. Muito bom reviver lembranças em que a memória vem transferindo para compor este estudo.

De início, o desenvolvimento das matérias, captação de imagens e áudios, eram realizadas através de um dos computadores reservado em uma das salas do NEFD, meio que improvisado. No entanto, na sequência do processo, era momento da edição do programa, naquele período realizado pelo grande colaborador amigo, Nilton Angelin dos Santos, chefe do setor, no Centro de Artes e Comunicação – CAC.

A edição, ou seja, a inserção de imagens das matérias e outros áudios para uma única fita onde constavam os tempos indicando o início e final de cada matéria com as suas referidas deixas.

Assim, se consagrava a primeira etapa do fechamento da edição das matérias do programa. Essa prática acontecia sempre na sala de edição do CAC, às quintas-feiras, no período exatamente das dezessete às dezoito horas, uma das exigências de Nilton. Algum tempo após passamos a realizar as edições no próprio espaço no Núcleo de Pesquisa de Sociologia pertencente ao NEFD.

Pois, criteriosamente, era necessário traçar um perfil e lidar com vários ícones ao mesmo tempo, ter que alinhá-los dentro de um período de tempo, no caso de quatro dias especificamente, de segunda à quinta-feira para obtenção de um produto, no caso, uma fita com vinte seis minutos de imagens gravadas, com a inserção do apresentador, prevalecendo como produto final a característica de um programa gravado ao vivo. E a assim, se obtinha a fita do programa Cabeça de Área.

Quero deixar claro que o circuito não dependia só de mim, porém de toda equipe que compunha este projeto e que com satisfação e carinho desenvolviam as atividades. Toda sequência nas criações das matérias era realizada com muito esforço e alegria, pois primávamos em manter o grupo harmônico.

Para mim, ficava visível a sensação de cada aluno no querer desempenhar e demonstrar os seus feitos até vir assumir a sua função. Havia uma força, um entusiasmo entre nós que fortalecia o aprender e o querer fazer, creio que a forma como acolhíamos e direcionávamos as atividades com os alunos nos aproximava mais a cada dia, a nossa proposta era manter o entendimento e união da equipe para obter excelentes resultados. Essa resposta pode ser compreendida através do entendimento perante o momento interativo no estúdio perante a gravação dos programas em tela.

Figura 27 - Referente ao Programa Cabeça de Área, 2005



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

As imagens transmitem interatividade entre apresentador e convidados numa sintonia peculiar das informações desprendidas por cada participante nos programas. Quanto ao rico panorama, ressaltado enunciados de Burke (2017), ao declarar que: textos, testemunhos orais e imagens, pode ser uma forma importante de evidência histórica um valioso testemunho ocular. Neste sentido, o cenário condiz com as ideias do historiador, que através desse cenário demonstra suas peculiaridades.

Apesar de termos chegado na TV como amadores, a nossa equipe era única a realizar externas no período em que lá estivemos. Por essa iniciativa em desenvolver e inserir matérias no quadro do programa, recebemos algumas falácias positivas, incentivos para prosseguir com essa prática, melhor dizendo, alguns elogios por trazer mais vida, maior dinâmica ao transmitir as nossas informações.

A nova forma proporcionou ao programa mais vida e interatividade não só com o nosso público, mas entre a nossa equipe e os nossos convidados, profissionais de diversas áreas além de futebol, handebol, basquete, vôlei, ciclismo, automobilismo, motociclismo, rapel, damas, dominó, natação, le parkour, corrida, jogos escolares, hangby, entre tantas outras atividades que conseguimos convocar dando continuidade fluídica à apresentação do programa.

Todo esse processo me levou a uma sequência produtiva durante uma trajetória de dez anos, onde estive dirigindo e produzindo programas que semanalmente eram inseridos na grade de programação da emissora TV Universitária-Canal 11. Tratava-se de um projeto de extensão do Núcleo de Educação Física e Desportos. Um programa que trouxe em seu

contexto uma característica interdisciplinar, que conseguiu interagir com as várias categorias esportivas e as várias áreas do saber, como: a psicologia, sociologia, fisioterapia, ortopedia, nutrição, fisiologia, educação física, massoterapia, cardiologia, entre outras especialidades.

Por este contexto vislumbro que estive envolvida pelas características da pesquisa empírica, que de acordo com a professora Passeggi (2016), enfatiza que antes de narrar sobre si o sujeito tem que conhecer seus feitos. Assim, venho a me convencer e me enxergar através das palavras da professora que chegam para me confortar.

E neste fortalecer, relembrar que aos poucos íamos nos aproximando e adquirindo a confiança do nosso público externo e interno, no caso os nossos colegas foram se tornando mais próximos, as nossas sextas-feiras começam a ter uma conotação diferenciada, com momento em que nos sentíamos mais à vontade, envolvidos por mais apoio, interação entre conversas, risadas e calor humano.

Enfatizo que no ritmo dessa interatividade nasce também o momento de convivência do “Programa Cabeça de Área” onde os laços de relacionamentos cresceram. Nesse interim surge também uma parceria com a Pizzaria Puxinanã, uma loja próxima ao Núcleo, mais uma razão para o estreitamento no enlace entre as duas equipes.

Mais uma oportunidade de um melhor entrosamento entre nós, os encontros vieram a proporcionar maior descontração, e assim já partilhávamos de um espaço mais leve e preenchido de muita alegria, sorrisos e muitas Pizzas! O Cheiro gostoso, por si só já fazia convite aos colegas ao espaço do encontro que se tornou semanal, marcando o final do programa em todas as sextas-feiras.

E aos poucos o Programa vai ganhando espaço interagindo com diversas instituições esportivas da mais simples a mais requintada da capital pernambucana, secretarias, ministério dos esportes, e diversas instituições em sua especificidade esportiva, contou com categorias desde modalidade simples a mais glamorosa, dentro do futebol do alto escalão ao esporte de várzea, que tanto veem contribuindo para o lançamento de novos grandes atletas.

O programa se tornou interativo, leve, moderno, alegre, não se detinha apenas ao futebol profissional, mas contemplava o futebol amador entre todos os esportes, se envolvia com diferentes modalidades esportivas, tanto com as grandes competições quanto aos pequenos campeonatos. Vindo a ser reconhecido pelo público interno e pela sociedade pernambucana e áreas adjacentes.

Foi para mim um período de grande aprendizado onde tive oportunidade de me movimentar da melhor forma possível e me surpreender ao usufruir da minha própria pedagogia libertadora enquanto o uso da técnica do aprender a aprender mediante as vivências cotidianas, na perspectiva do aprimoramento enquanto fortalecimento do conhecimento empírico, como bem explica a professora, Passeggi (2016).

Em se tratando do conhecimento empírico considero a ação da pesquisadora que chega a mencionar que: “a ciência moderna consagrou o homem como sujeito epistêmico, mas expulsou-o enquanto sujeito empírico”. Mesmo assim, ele não ficou para trás, avança em meio a sua ambiência. Passeggi (2016).

Partindo dessa expectativa, sigo com o pensamento pesquisadora ao assumir que as carreiras se fazem entre as idas e vindas de cada pessoa, através de suas experiências e vivências, sendo responsáveis pelos seus desvios de rota, enquanto fracassos ou sucessos.

Diante desses enunciados me reconheço em minhas andanças nesta jornada. É fato, que um esclarecimento desse porte chegue a hora bem oportuna, para uma pessoa que não admitia ter nada a dizer sobre si e de repente se depara com o incentivo da professora Passeggi (2016), o que vem a fortalecer as práticas que “inocentemente” foram realizadas nesta instituição e vir a caracterizá-las como um trabalho de perfil empírico, o que me estimula nessa citação e já me sinto gratificada por esse trajeto.

Por conseguinte, tomo por base a ideia de Thompson (1982), ao mencionar que a história oral pode transformar conteúdos, alterar enfoques e revelar novos campos de investigação, anulando obstáculos entre professores e alunos dentro ou fora de uma academia.

Ainda sobre o assunto, Joaquim Barbosa (2021), admite a existência do autor cidadão, encarado fora do cartesianismo, (fora do processo da produção que já chega pronta). Para ele, é importante a presença de novos autores para dar conta do trabalho de pesquisa. Traz em seu entendimento, o autor cidadão como personagem criativo e ousado, que luta para ressignificar e dar conta do sujeito que atua dentro e fora da academia, sendo importante ser ator de sua atuação na vida social cotidiana.

Por estes termos me sinto contemplada pelas sugestões desses pesquisadores que vêm aquecer esta pesquisa que a cada momento cresce em especulação de defendê-la, se propagando ao longo de minha trajetória e que penso se caracteriza como experimento empírico que ora se realiza no propósito de se transformar em um documento científico.

E na continuidade deste experimento, tivemos o privilégio de contar com a participação de muitos professores e amigos da UFPE, que colaboraram em nossos quadros

de acordo com as suas especialidades, a exemplo: Um dos quadros do programa: Crônica Esportiva, contamos com a participação do professor Jose Luís Simões, tivemos apoio de colegas e autoridades dos diversos seguimentos de esportes e outras instituições e que a até por alguns meses tornaram-se apresentadores: professor Henrique Khol e o professor José Luís, vindo a substituir o apresentador, professor Edilson que por necessidade se afastou por algum tempo.

Interessante perceber nesta conversa e que só agora observo o momento da inovação para mim na troca de apresentador, um encontro novo preenchido pelos dois apresentadores que tive que interagir passando pelo processo de metodologia e confabular em uma grande troca de informação, já que se travava de inovação para os novos apresentadores.

Visto por esse prisma o projeto Programa Cabeça de Área contou com uma equipe levada sempre pelo senso do querer fazer acontecer. Os alunos faziam parte dessa constelação, brilhavam e contribuía para que o programa viesse a brilhar. Avançou no desenvolvimento da interação e convivência com muitos estudantes da área de comunicação: jornalismo, rádio e TV, Publicidade, bem como, alunos de outras áreas, vivenciado por uma troca de informações dessa Universidade e de outras faculdades. Valeu todo processo, vivência e experiência, enquanto estive engajada nesse projeto que acredito ter deixado marcas.

Após todos esses acontecimentos, mesmo lotada no Núcleo de Educação Física, havia certa familiaridade com alguns colegas do Centro de Educação-CE, local onde me encontrava em trâmite uma possível transferência para o setor de comunicação, neste processo consegui interagir muito bem com todos, inclusive com o professor Alfredo Gomes, no período diretor do Centro e chegou a me fazer convite a participar do setor.

Mas infelizmente, não houve avanço no processo de transferência por falta de um posicionamento por parte diretor Jorge do NEFD, que combinou comigo minha transferência para o CE, mas “um sem palavra” desconversou e terminei voltando ao meu setor de origem. Neste sentido, informei ao professor Alfredo que inocente cobrava e aguardava por minha chegada ao setor e que veio a se surpreender com o assunto. Procurei manter a calma diante desta questão e seguir o meu caminho como tenho feito até o presente momento.

Vale ressaltar, que em todos os setores por onde passei consegui obter aprendizado e ao mesmo tempo tive oportunidade também de repassar as ricas experiências, conquistei

muitos amigos, consegui boas amizades, mas o local que mais me identifiquei foi na rádio Universitária.

Neste interim, ao voltar no tempo é que entendo como valeu a pena ter a iniciativa na busca desses conhecimentos e compreender como tudo aconteceu e que estar a acontecer, é tão significativo e gratificante neste caminhar, todo o aprendizado que decidi correr atrás, me envolvi e consegui. Assim, pude angariar alguns dos méritos. E ainda melhor, poder partilhar esses conhecimentos com outras pessoas.

Ah! Não sei explicar, mas quando o assunto era mérito, por muito tempo me constrangia, me incomodava, era algo que muitas vezes não gostava de ouvir, nem me preocupava em pensar. Mas, a partir dessa proposta da contação de história, começo a enxergar que consegui integrar com alguns espaços interessantes na academia, os quais, hoje me revelam dados bem satisfatórios através de resultados expressivos e vejo que por menor que tenha sido a atividade, está se transformando em fato. Por este aspecto, descubro que está acontecendo um renovo quanto a minha percepção.

Preciso destacar, que nos lugares por onde andei sempre levei muito a sério, a questão da responsabilidade e em tudo que me propus a realizar, procurei dar o melhor de mim, pela satisfação de estar desenvolvendo algo novo, e pela credibilidade a mim confiada, mesmo muitas vezes sem a experiência, preocupava-me em pesquisar sobre o objeto ao qual me determinei a defender, mesmo que devagar.

Nunca me envergonhei nem me senti inferior por procurar ajuda de pessoas mais experientes, perguntando, observando dentro da simplicidade, pois tenho como lema: quando se trabalha em conjunto nos tornamos mais fortes. E assim, tem sido. Fui me respaldando de conhecimentos o que tem contribuído para que eu esteja no lugar onde me encontro permeada por muitas vivências.

Considerando-se que nada acontece por acaso, mas pelas oportunidades que surgem e devem ser encarada como esforço, dedicação e entusiasmo com esforço e vontade de fazer e pôr em prática o que se propôs em produzir e poder contar com um resultado aplausível e positivo. Mesmo que a passos lentos, como me vejo vagarosa em algumas atitudes, mas consegui desenvolver algumas ações dentro da academia e sinto-me feliz por isso, pela percepção desses envolvimento que começo a visualizar a partir dessa contação de história.

Esta nova visão me deixa enxergar que em meio às possibilidades ofertadas pela própria instituição, eu pude me movimentar de um lado para outro com legalidade, tive sonho inicialmente de trabalhar especificamente no Núcleo de TV e Rádios Universitárias,

sem expectativas se na TV ou na Rádio, no entanto, devido às oportunidades de participar de oficinas de rádio na emissora fui impulsionada para este lado.

Porém, pensando bem, contando com algumas influências vivenciadas na infância, conforme relato mais abaixo, acredito que nesse caso, novidade mesmo, sou “eu” ser contador de mim, uma ação que jamais pensei realizar através de uma narrativa de si para si, e neste momento me pego buscando lembranças de um passado não tão distante que vem a colaborar com a memória nesta pesquisa.

4.6 Minha Paixão pelo Rádio

Neste instante, este estudo retrata muito bem a educação informal envolvida pelo rádio que em outrora foi um dos meios de comunicação essenciais para a propagação e o convívio em sociedade, bem como, na minha vida desde muito tempo: Na infância, quando pela manhã minha mãe sempre preparava o café ouvindo música sendo orientada pelas belas badaladas do relógio do rádio, para meu pai não se atrasar no café e perder a hora do trabalho.

E no intervalo entre o café e o almoço o rádio não descansava. À tarde, por volta das três horas, igualmente a milhares de ouvintes, Dona Cema, minha mãe, acompanhava uma novelinha, como de costume sentava-se junto a ele, o amigo rádio e ficava atenta para ouvir cenas de mais um capítulo da novela. Na época, era considerado como um dos melhores entretenimentos para todos os ouvintes, mas em especial, todas as donas de casa.

Entre um programa e outro, à noite para meu pai era de praxe, a busca pela informação através do noticiário, A Voz do Brasil, que exatamente às dezenove horas, coloca no ar o gingo enunciativo que denota o começo de um conjunto de reportagens do programa que até hoje deixa todos os brasileiros inteirados sobre os acontecimentos do país.

Já no final de semana, para o meu pai Nino, era motivo de festa, a sintonia com o rádio aos domingos era voltada para os programas musicais a fim de alegrar o ambiente e reviver suas lembranças ao som dos chorinhos de Ivanildo do Sax de Ouro, dos sambas dos cantores: Noite Ilustrada, com o seu romantismo, o “Trem das Onze” com Os Demônios da Garoa e a canção denominada por Carinhoso, um dos clássicos interpretado por Pixinguinha. Ah! Uma das músicas que não deixava de ser ouvida por ele era “Boemia”, interpretado pelo grande cantor e compositor, Nelson Gonçalves, entre outros belos sucessos que compunha a nostalgia que se ouvia junto à família e alguns amigos.

Essas lembranças que hora vêm à memória chegam a ser refletidas e entendidas atualmente como parte de minha história através da vivência de estar sempre nos envolvendo nessa comunhão familiar, bem como, entender como legado deixado por meus pais, no admirar a música e o gostar do rádio até hoje.

E assim, foi no clima festivo que cresci e me envolvi com as ondas sonoras do rádio, bem como, por todas as peculiaridades que ele propõe e conseguiu tornar-se também uma de minhas paixões. Por apreciar ouvir e de cantar músicas recentes ou antigas. Um querer que chegou refletido na trajetória rotineira de meus pais: **Dona Cema e Seu Nino**, que além de serem ouvintes assíduos desse meio de comunicação, por muitas vezes cantarolavam pela casa várias canções e por outras vezes, assobiavam pelos corredores e pátios, melhor dizendo, varrendo a calçada da frente da casa ou varrendo o quintal.

O tempo passa e com ele algumas vivências de trabalho, por acaso, entre eles, o meu ingresso na Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, no setor de Vigilância Universitária. Como funcionária, passei por alguns setores, mas por um bom período estive na Faculdade de Direito, assumindo a segurança, junto a outros colegas de trabalho.

Quando pensei em mudar para o Núcleo de TV e Rádios Universitárias da UFPE, situado na Av. Norte, centro da cidade do Recife, decidi conversar com meu chefe imediato sobre a possibilidade de uma transferência, de pronto ele concordou.

No entanto, veio logo a discordar em seguida, me oferecendo um cargo no setor financeiro, neguei o convite porque naquele momento eu tinha um propósito, trabalhar na TV, porém sem pretensão de ingressar em algum programa, mesmo graduada em Comunicação Social (Relações Públicas), estive fora de minha área por muito tempo. De início, pensei apenas fazer parte da equipe daquele Núcleo.

Neste sentido, coincidentemente fiquei sabendo através do meu amigo segurança Eliabe Moura, que trabalhava na TV, que estava para acontecer um Curso de Locução de Rádio & TV, no final de semana entre o sábado e o domingo, uma nova notícia veio a calhar com o meu pensamento de mudança. Rapidamente me inscrevi e a partir desse momento de inscrição, já me sentia parte da primeira Oficina de Rádio, motivo de muita alegria, pois mesmo sendo da área de comunicação não havia passado por uma experiência do tipo.

Na realidade, uma vivência extraordinária, estar no prédio do Núcleo TV e Rádios, desfrutar da intimidade com as instalações que achei muito interessante: sala de produção, sala de edição, e de gravação, cenários, dois estúdios: da rádio FM, e da TV, o estúdio da rádio fica localizado na parte superior, primeiro andar, foi lá onde foram gravadas as

nossas vozes durante a oficina, um espaço pequeno, mas cheio de significados. No entanto, no estúdio A, aconteceram muitos programas interessantes, dentre eles, um programa que se tornou muito conhecido pela sociedade recifense.

O Programa “Meu Colégio é o Maior”, um dos programas educativos, apoiado pelo MEC, que conseguiu destaque com a sua proposta em divulgar conhecimentos e propagar a informação sobre os diversos saberes de forma lúdica e ao mesmo tempo educativa, gerando interação e entretenimento entre alunos e professores das várias instituições de ensino, públicas ou privadas. Guimaraes (2020).

Um programa que fez parte da grade da programação da TV Universitária e que na época se transformava numa verdadeira festa, a partir de atividades educativas que decorriam durante a sequência do programa, em especial as gincanas que davam dinamismo e geravam muitas disputas entre os participantes dos colégios. Guimaraes (2020).

Diante dessas disputas, ressalto que em dado momento uma das participantes desse programa, também era EU, como aluna representante do Colégio de 1º Grau Rosa de Magalhães Melo, do bairro de Beberibe, fui convidada correspondente da turma, pela minha professora de inglês, dona Eulália. Mas carinhosamente, pela turma era Lalinha, relutei para não participar do programa pela minha timidez, mas ela me venceu e terminei cedendo, tornando-me uma das representantes da escola.

Na realidade, esse foi um fato que eu nem lembrava mais, no entanto, mediante a busca da memória venho a confirmar que minha história com o Núcleo de Rádio e TV, vem de longas datas, começa, aqui! Ah. Que bom muito interessante esse fato. Nossa como estou gostando de relembrar tudo isso, agora.

Trata-se de um Programa que conseguiu conquistar a atenção de milhares dos recifenses na época. Esse fato tão interessante levou-me à busca da memória de um passado tão presente através das lembranças de Marcos Guimarães, um dos cinegrafistas da emissora, que confirma ter participado na função de câmera realizando gravações do belo programa que se propôs em levar conhecimentos e informações aos milhares de lares pernambucanos de uma forma diferenciada e que contou com a alegria do apresentador José Maria Marques.

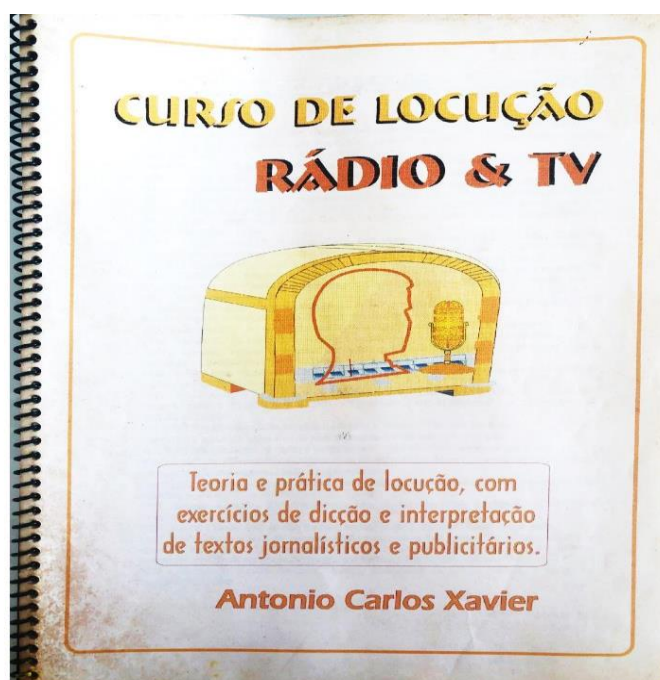
Poder expressar também que na trajetória desse Curso de Locução de Rádio & TV, tive a oportunidade de conhecer novos colegas e o instrutor do Departamento de Letras, professor Dr. Antônio Carlos Xavier, do Centro de Comunicação e Artes – CAC - UFPE, um personagem fácil de identificar como um dos admiradores do rádio transparecia em

cada gesto: no modo de falar, a empolgação de conduzir os ensinamentos durante suas explicações em sala de aula.

Alegria do professor em estar transmitindo aquelas informações sobre locução, entonação, dicção, interpretação de textos jornalísticos e publicitários, momento musical, soletração, entre outros aprendizados, o que reforça a dizer que ele também fazia parte do grupo que gosta do rádio.

Enfatizar que esse Curso foi tão significativo para mim que até hoje carinhosamente, não consegui liberar a minha primeira apostila de oficina de rádio. Pode ser bobagem, mas nem mesmo entendo esse querer guardar. Por várias vezes tentei me desfazer, quando nas varreduras, limpeza e doação de livros, rascunhos, cadernos velhos, pensando em diminuir a bagunça, reduzir o amontoado e a poeira, mesmo por que sou alérgica a ácaro e outros componentes. Mas diante de todo arsenal ainda assim, a bendita apostila não saiu do lugar, há mais de 20 anos. Penso que aquela oficina me marcou.

Figura 28 - Primeira apostila do Curso de Locução Rádio e TV



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Trazer à cena a rica lembrança dessa apostila, representada pela volta ao passado de forma bem satisfatória, significa a memória viva, por tanto bem que o curso

proporcionou e contribuiu no desencadear de tantas atividades que consegui realizar na instituição. Assim, com base nos ensinamentos de Burke (2017), vale reforçar que: textos, testemunhos orais e imagens, são formas importantes de evidenciar história.

No discorrer dessas vivências, volto as minhas raízes que me remetem ao entrosamento dos meus pais com rádio e me convenço de que esse rádio é realmente um instrumento que leva as pessoas a se apegarem e se envolverem com ele, um meio de comunicação que traz em si as suas peculiaridades e encantamentos.

Consequentemente, o curso teve um final feliz, fomos ao estúdio da rádio, cada aluno pode ouvir a sua voz e realizar uma gravação de um texto jornalístico em fita cassete, o que consagrou o momento com “chave de ouro” e a partir dessa conclusão, com certeza meus pensamentos, minhas ações, ganham novos significados.

De volta à rotina, tudo segue o seu percurso normal, tudo foi acontecendo de maneira tranquila, no entanto, com outras perspectivas. Acreditando no ditado que diz: “Quando você acredita, as coisas acontecem.” Mesmo sem você fazer esforços, nessa história foi o que aconteceu comigo.

Com a participação nesse curso consegui fazer amigos, um deles foi o André Servilskes, aluno de Jornalismo da UFPE. O tempo passou e após há alguns dias inesperadamente, ele me liga oferecendo uma vaga na Rádio AM, agradei e falei: “não posso, porque teria que ter alguém para fazer permuta comigo”.

Uns quinze dias após André volta a ligar dizendo: “Rizo, venha para Rádio AM, aqui tem lugar pra você. Já falei com o diretor Luiz Maranhão”. Mais uma vez, agradei e fiquei a matutar. Tomei a decisão, liguei para secretária da rádio, Edjane, marquei um encontro com o diretor.

Por incrível que pareça quando cheguei à Rádio na Cidade Universitária, o diretor não estava. Houve um imprevisto, ele não foi nesse dia. A secretária falou: “Vem amanhã, Rizo.” Atendi ao apelo e no outro dia estava lá. Com certeza falei com ele, expliquei que não tinha permuta ele concordou dizendo: “Vou resolver essa questão; eu ligo pra você depois”.

As coisas foram acontecendo, certo dia um amigo diz que o professor Juliano, o diretor da Faculdade de Direito, queria falar comigo, coincidentemente, horas depois nos cruzamos no corredor e logo ele me perguntou: “Rizo, você está querendo sair daqui?” Rápido respondi, sim professor. “Por quê?” Quero mudanças. Ele respondeu: “Sendo assim, tá certo, marque uma audiência com o reitor”.

Atendi ao pedido fui ao encontro com o Magnífico Reitor, porém atendida pelo Vice-Reitor, o professor Geraldo Pereira, que me recebeu muito bem. Logo expliquei a situação da permuta, ele deu o aval de liberação e a partir dali, começa uma virada de página na minha andança pela universidade, tudo tem início na emissora do Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias da UFPE, a Rádio Universitária AM, 820KHZ.

Cheguei feliz, sendo bem recebida pelo diretor e pelos colegas da rádio. Fui designada a trabalhar na discoteca, naquele período tornou-se o local mais gostoso de estar. Tornei-me discotecária da então Rádio Universitária AM da Universidade Federal de Pernambuco. Uma atividade desempenhada com muito carinho, mesmo que até alguns colegas talvez nem percebessem a satisfação de eu estar ali naquela salinha.

Para mim, um local majestoso, envolvido pelas mais belas músicas, os mais diversos ritmos com a possibilidade de poder desfrutar da infinidade dos diversos gêneros musicais, nacionais e internacionais, ser responsável por realizar seleções musicais para alguns programas da emissora e cuidar dos raríssimos discos de vinis nacionais e internacionais existentes naquelas prateleiras. Em meio àquela riqueza nenhum problema me afetava.

Certamente, dias de muito conhecimento, levando-se em conta tratar-se de uma rádio escola e contar com a presença de um diretor da área de comunicação e de muito amor à rádio. Entre uma atividade e outra, decidiu a criação de oficinas para aprimoramento de alunos e funcionários que tivessem interesse pelo assunto, fiquei meio em dúvida, depois decidi participar das oficinas.

Momento importante, eu quero frisar que dessa vez, como integrante da equipe da Rádio AM, viver momentos de muito aprendizado, interagir com alunos de várias áreas da comunicação, desfrutar de um ambiente alegre cheio de muitas ideias, troca de informações sobre os diversos saberes nos vários segmentos.

Naquela casa pequena, de poucos e básicos cômodos estive envolvida por um espaço educativo, cultural, musical que faz bem a qualquer pessoa, à mim, por exemplo fez um bem enorme, tanto ao corpo quanto à alma. Sinto-me privilegiada, pois, nem todo dia nem toda pessoa terá essa oportunidade.

Hoje ao refletir a trajetória naquele ambiente entendo como foram ricos aqueles dias preenchidos por tantas experiências. Cercada por tantos amantes do rádio, em minha tela mental, os dias de vivências passaram quase que imperceptíveis pela minha inocência na área, só após anos luz consigo entender e constatar o amor daqueles colaboradores: A começar pelo o professor Luiz Maranhão, jornalista, professor de Comunicação Social do

Centro de Artes e Comunicação- CAC/UFPE, escritor, com alguns livros publicados sobre o rádio. Um diretor dedicado, atuante, respirava rádio, chegava a se sentir dono, mas penso tudo por amor.

Dentre os amigos que conquistei, contei com a amizade de Flávio Soares, meu irmão, meu parceiro. Pessoa extraordinária, lotado na TVU, graduado em Rádio e Televisão, radialista, no interm dos programas, desenvolvia a função de técnico de Mesa de Áudio e cinegrafista, além de ser dono de uma bela voz. Meu bom parceiro até hoje, chegamos a realizar alguns projetos juntos.

Primeiramente, o Programa Brasil Turismo, fomos parceiros na apresentação, depois o Programa Saber Esportivo: A sua Conexão com o Esporte Amador, no caso eu na produção e ele na apresentação, logo após três meses da inserção do programa na Rádio Universitária AM, surge o Programa Cabeça de Área na TVU, onde trabalhamos juntos, enfrentamos uma longa batalha e fomos vencedores.

Quanto a Hugo Martins, deu-me as primeiras orientações sobre a discoteca quando ali cheguei. Para mim, memória nota dez, tipo: “guarda tudo na cachola” radialista, produtor, sonoplasta, cineasta, colecionador de discos vinis, estudioso amante do frevo e de bandas marciais, diretor do Museu do Som e Imagem, atua como sonoplasta no Espetáculo da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém desde (1970) aos dias atuais.

Produtor de sete programas na rádio FM com diversos temas e horários diferenciados atualmente. E para minha alegria, um dos colaboradores, na gravação e edição de vários programas para a alfabetização na rádio, na década de 1960, juntamente com o professor Paulo Freire.

Falando sobre os admiradores do rádio, não poderia passar despercebido mais um admirador da radio, o vice-reitor, o professor Geraldo Pereira que volta e meia dava uma passada por lá. Quando não, por ser ouvinte assíduo da emissora, algumas vezes telefonava para fazer o seu pedido musical, o já conhecido por todos nós da rádio, por quase sempre pedir a mesma música: “Babalu”. Pois é! Era fã de Núbia Lafayette, e gostava também muito da rádio, o seu propósito era ver a rádio funcionando e se preocupava com o seu andamento. O seu acesso fácil à rádio se dava pela proximidade de estar localizada por trás da reitoria.

Ainda nessas vivências tive, inclusive, a chance de participar da primeira Oficina de Rádio Teatro e da Oficina de Locução para Rádio entre os meses de setembro e outubro de 1999, desta vez, já na Rádio Universitária AM- UFPE, ministrada pela radialista Carmen Towar, uma profissional conceituada na área da comunicação, foi presidente da

Associação dos Artistas da Era de Ouro do Rádio de Pernambuco, trabalhou na Rádio Jornal do Comércio, entre outras rádios, admirada e respeitada pela sociedade do Recife, bem como, pelo nosso diretor, Luiz Maranhão, que a convidou para compor o quadro de programação da Rádio.

Nessas idas e vindas, eu revelo que as oficinas me renderam convites, primeiramente, para participar do Programa: Assim Começou a MPB, um projeto elaborado pelo estagiário Carlos Gomes, que me impulsionou a fazer a primeira parceria com ele, um programa semanal, de uma produção excepcional, preenchido pelo melhor da música popular brasileira, onde fazíamos um pequeno relato sobre a vida do cantor ou sobre a canção, no horário das dezoito às dezenove horas. Um programa especial, e com ele conseguimos conquistar um público fiel pelo perfil atribuído durante seus seis meses de duração.

Na sequência Carmem Towar, me chama para fazer uma fala em um dos quadros no seu Programa denominado por: “Com a Palavra a Mulher” um programa diferenciado, totalmente voltado para o público feminino que acontecia uma vez por semana na emissora, mas especificamente, nas quartas-feiras às quinze horas. Um programa produzido com a finalidade de atualizar a mulher sobre saúde, moda, beleza e bem-estar.

Consequentemente, a partir dessa façanha cheguei a assumir a função de produtora e até apresentadora de programas na rádio. Confesso, no início muito inibida por não gostar de minha voz, achar feia. Porém, após alguns programas os colegas diziam gostar e os ouvintes já identificavam a minha voz por meio das ondas sonora da rádio, o que foi gratificante e com certeza me deixou muito feliz e encorajada.

As oficinas de rádio seguem na expectativa de crescimento na área do saber, dessa forma consegue-se perceber o princípio da instituição quanto ao ensino, pesquisa e extensão, mediante as atividades praticadas na emissora. Vale destacar uma evolução que contou com a participação de Hugo Martins, Carmem Towar e Marcos Macena, entre outros nomes que fizeram parte desse processo do grupo de rádio - teatro da Rádio Universitária e de outros setores.

Quanto a Marcos Macena, foi um dos produtores de rádio e teatro, cidadão recifense que realizou vários trabalhos nos meios de comunicação de massa de Recife. Também atuou como instrutor na Oficina de Locução para Rádio entre os meses de novembro e dezembro de 1999 e da Oficina de Artes Cênicas em maio de 2000, repassando conhecimentos culturais à emissora, a convite do professor Maranhão.

As práticas das oficinas proporcionaram um período bem agradável a todos nós, funcionários e alunos, veio também reforçar a importância da atividade educacional através do rádio e constatar por algum tempo o acréscimo de pessoas que aderiram às oficinas, a participação de alunos e pessoas das áreas de rádio e teatro, até mesmo com a interação de pessoas da área circunvizinha. Por exemplo: a vizinha Sonia Tavares, que mora ao lado da rádio e ouvinte assídua que chegou a participar de alguns momentos oferecidos pela emissora.

As oficinas foram ricas, tanto no ensinamento quanto no aprendizado. Foram desmembradas por vários segmentos: Oficinas de locução de rádio, oficina de rádio- teatro e oficina de artes cênicas, trabalhos realizados com muita seriedade e dedicação. Os instrutores chegaram a realizar gravações de rádio- novela, obtendo bons resultados, entregas de certificados, nos quais consegui alguns.

Essa dimensão das oficinas contribuiu para que novos ensinamentos ultrapassassem os muros da Academia. Fazendo jus à proposta da instituição, que é de propagar o conhecimento, tanto na área interna, quanto na área externa, a partir de ações que se caracterizem a extensão, no caso, o envolver a comunidade com a prática na expansão do saber. O que significa dizer, a universidade abrindo novos espaços e olhares, motivo de incentivo para os participantes e instrutores.

E nessa jornada, o tempo se encarrega em traçar caminhos. Já entrosada com todos da emissora, após o aprendizado, tornei-me apresentadora do **Programa Caminhos do Turismo**, no ano de (2002/2004), junto com os amigos, Flávio Soares e Nilson Laranjeira. Em um desses programas fui abordada por um amigo que chamou a minha atenção para questão sobre a relação entre a educação e a rádio. Uma possível proposta para o mestrado, o que gerou algumas expectativas em realizar o estudo, mas eu não dei ênfase naquele período, só muito depois vim a pensar.

Confesso, nesse interim eu já estava muito envolvida pelo recinto que tanto me fazia bem. Por muitas vezes ultrapassava o meu horário normal de trabalho, porque me sentia preenchida por tudo que me cercava naquele pequeno cantinho. Um espaço discreto, simples, porém muito agradável, ali eu pude usufruir do som das melhores músicas instrumentais ou não, nos diversos segmentos através do Saxofone a ouvir os belos chorinhos a mim tão familiar e que tanto gosto, também o som das cordas do violão que transmitem canções tão apaixonantes, bem como das variadas orquestras compostas por profissionais de vários países.

Ressalto as inúmeras riquezas de ritmos musicais e culturais contida naquela sala conhecida como discoteca, mantida pelos sons da música popular brasileira, o Forró, o Samba, o Maracatu, o Violeiro, o Repentista até gênero musical infantil, entre tantos outros. Um local na época, 2009, bastante requisitado pelos alunos que transitavam no dia a dia para a aprendizagem e cumprimento experimental de seu ofício na área da comunicação.

É interessante frisar a convivência com os ouvintes, e a troca do feedback por meio das mensagens usadas no estúdio. O que resulta do entrosamento de dentro da emissora para o seu público e vice-versa. É grande o poder desse meio de comunicação em contagiar as pessoas. Por vezes, recebíamos visitas de ouvintes que se identificavam conosco e chegava para pedir músicas, fazer doação de discos, aproveitar pra sugerir a seleção musical, e até nos ofertavam com alguns mimos.

Pense no cantinho gostoso de estar. Hoje, ainda guardo um mimo de um dos ouvintes que gravou uma seleção musical com os melhores sucessos de Paulo Diniz para mim, um CD lindo em forma de carinho. São essas coisas que nos surpreendem um pequeno grande gesto que o tempo não nos deixa apagar.

O rádio é isso. O meio de comunicação que dialoga com a população, independente de cor, raça ou classe social, e se destaca pela notável peculiaridade de criar intimidade com cada ouvinte, levar em conta o carinho que o ouvinte cria por cada radialista independente da grade de programação. O que faz com que haja uma identificação do ouvinte com o comunicador, que através de sua linguagem consegue chamar a atenção e atrair seu público, apenas pelo modo de se expressar.

— Um bom dia! Olá amigo ouvinte! Boa tarde, querida dona de casa! Entre outras conotações que se propagam como elo de aproximação. O rádio também é conhecido como amigo de solitários, por preencher momentos de solidão de algumas pessoas, através da música, do noticiário, do entretenimento, ou casos e causos que ele propõe.

O rádio é fantástico, entra com facilidade nos lares, chegou a ser responsável por um período que trouxe belas histórias de amor através dos romances, chegando a emocionar ouvintes que ficavam próximos a ele, ansiosos a esperar cada capítulo da novela ou a cada vinheta para chamada do noticiário, não deixando de ser a mídia de maior audiência, mesmo com a chegada da televisão (LIMA, 2001). Revela que desde 1919, Recife já contava histórias sobre experiências radiofônicas, o que marcou a inauguração da Rádio Clube de Pernambuco.

Sendo o rádio conhecido como um propagador da informação, incentivador da inclusão social e da redução da desigualdade na área do saber. É importante destacar a Rádio Universitária AM. Uma emissora da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, sem fim lucrativo e que traz em seu histórico o vínculo de uma proposta que ousou em fazer educação utilizando o Método Paulo Freire, que possivelmente contou com apoio de alguns voluntários para essa finalidade.

Vale enfatizar que se trata de uma emissora educativa, funcionando como um laboratório para alunos da UFPE e de outras instituições, com sua programação diferenciada em seu estilo musical e propostas de programas de cunho acadêmico (JATOBÁ, 2012).

Neste sentido poder levar em conta que a década de 1960 foi muito importante para esse espaço, se tornou conhecida também pela busca comum por novos momentos e novos avanços, com registro em larga escala de informações os acontecimentos das mudanças no país e no mundo. Mudanças que vieram fortalecer o envolvimento de professores, poetas, articuladores, integrantes de movimentos populares, escritores, estudantes e funcionários da Universidade Federal de Pernambuco, em prol da divulgação da educação, especialmente a alfabetização, tendo como principal propagador o professor Paulo Freire à frente deste propósito.

Um princípio que se faz entender que as diferentes formas de comunicar possibilitam ao homem interagir com o meio de várias maneiras, além de não permitir que o homem venha a cair no isolamento, Freire (1987) afirma: “Que o isolamento é a negação do homem, é o fechamento da consciência, uma vez que a consciência é aberta.”.

Uma abertura que para Freire (1987), no livro *Pedagogia do Oprimido* consegue promover a expansão dessa consciência envolvida pela educação emancipadora aos cidadãos. A emancipação que ajuda o oprimido a sair do silêncio e potencializar o poder da palavra através da libertação humana. Embora as pessoas tivessem dificuldades no acesso à educação, Paulo Freire, conseguiu de forma simples propagar com longo alcance e eficácia a prática da alfabetização, no uso das ondas sonoras da emissora educativa do Campus Universitário, a Rádio Universitária AM da UFPE. E outros meios como a roda de diálogo, o teatro, a música, fantoches, entre outras ações.

O que vem reforçar que a educação pode ser praticada em qualquer espaço. Que resulta numa superação do indivíduo na relação professor e aluno ou como ressalta Freire (1987, p.68), “que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador”.

Sabendo que existe uma dialética entre professor e aluno, entende-se que as relações entre rádio e ouvinte também estimulam uma troca de informação que não se baseia apenas na presença do professor, mas no questionamento que o ouvinte se fazia sobre seus próprios ideais e consciência de mundo, saindo do modo tradicional de ensino para um modo revolucionário.

E o rádio com certeza faz parte desta revolução. E assim, foi um bom período de experiências na minha bela passagem pela Rádio Universitária-AM. Até decidi para minha evolução conhecer e participar da família do NUSP. Núcleo de Saúde pública, no propósito da busca e enfrentamento de galgar novas experiências e deu certo. Pois todo conhecimento para mim será sempre bem-vindo. Lembrando que mesmo no NUSP, não perdi de tudo o meu vínculo com a rádio devido o programa que estava produzindo.

4.7 O que aprendi com os Programas de Rádios

Sabendo-se que foi a partir de minha primeira oficina de rádio na TV Universitária que comecei a gostar do Rádio, admiradora já era desde a infância, fica inevitável não saber falar um pouco sobre o que aprendi após o nosso encontro. Após aquela oficina, resolvi pedir transferência do Centro de Ciência Jurídicas, conhecida (Faculdade de Direito), para a Rádio Universitária AM, no Campus Universitário, mesmo morando em Olinda, optei por essa mudança radical, e até hoje não me arrependi de lá ter saído.

De início, cheguei ao setor sem nenhuma perspectiva do que iria acontecer. Mas quando você se encontra com lugar certo, as coisas vão acontecendo até sem você perceber. Logo assumi a função de discotecária, de onde surgem os primeiros indícios de aprendizados, em meio à diversidade musical, diferentes índices musicais, novos ritmos, vocais e instrumentais, nacionais, internacionais, diferentes cantores e, a riqueza de sons e influências musicais, ali existentes.

Tudo era novo, bem entusiasmada primei em aprender com um dos amantes da rádio, o mestre Hugo Martins, que ensinou-me a manusear os discos de vinis que se encontravam expostos naquelas prateleiras, eu primei em continuar a organizar, encapar, limpar, cuidar e zelar de cada um deles. Aprendi a fazer a seleção musical requisitada por alguns apresentadores de programas, algo que posteriormente passei a realizar a partir de minhas escolhas e a característica do programa. Para mim minutos bastante satisfatório. Sem falar na movimentação que acontecia, e tudo me encantavam a cada dia.

O aprendizado não parava por aí, ao contrário, a cada dia uma novidade, solicitei e galghei o curso de informática básico, algo que pleiteei antes sem sucesso. Posteriormente, surgem as oficinas em diversos segmentos e aos poucos fui me inserindo na busca do saber e do aprender, a fazer leituras, interpretação, impostação de voz, ajudaram a escrever e a me comunicar com o público, entendo que me tornei radialista. Enquanto, produtora e apresentadora de alguns programas.

Logo, me aliei aos comandos de Carmem Towar, ao me ensinar a fazer a leitura ao vivo, no caso: ler o pensamento do dia, no seu Programa Com a Palavra a Mulher;

Na sequência, fui convidada pelo estagiário Carlos Gomes, a ser parceira na apresentação do Programa Assim Começou a MPB, onde passei a conhecer melhor um pouco da história e do bom gosto da musicalidade popular brasileira e aprendi a buscar dados sobre a vida de alguns cantores ou algumas curiosidades sobre cada música e sobre ele;

Ousei em enfrentar juntamente, com os amigos Nilson Laranjeira e Flávio Soares, a produção e apresentação do Programa Caminhos do Turismo, onde obtive muitos aprendizados quanto à interação e condução de diferentes públicos, desde o mais simples, a maior autoridade: representantes de municípios, de instituições de turismo, hoteleira, esportivas, academias; de agremiações carnavalescas, juninas, entre outros segmentos. Naquele momento, a receber o entrevistado no estúdio entre outras ações onde aprendi e tirei muitos proveitos;

Encarei o Programa Saber Esportivo a Sua Conexão Com o Esporte Amador, onde angariei conhecimentos dentro dos esporte e sua diversidade, me aprimorando no produzir e apresentar programas, bem como para lidar com bolsistas.

Os programas de rádio vieram nortear e embasar o meu cotidiano em vários aspectos. Trouxe a maturidade na oportunidade do receber muitos saberes, na ocasião de tomada de atitude, de decisões, ou improvisos, que são passivos de acontecer a qualquer momento numa eventualidade no dia a dia do radialista. Portanto, estes foram saberes que consegui adquirir com minhas andanças pela emissora.

Nesta passagem pelo rádio, também cheguei a desenvolver um papel muito importante nesta instituição, em especial uma realização pessoal, na posição de instrutora durante vinte cinco dias em sala de aula, quando na oportunidade de substituir o professor que por motivos pessoais precisou se ausentar do Curso de Produção de Programas de Radiofônicos, apesar do curto período, algo extraordinário que deixou marcas significativas e que hoje só me faz bem.

Figura 29 - Declaração Curso de Produção de Programas Radiofônicos, 2007.



Scanned with CamScanner

Fonte: Acervo pessoal da Autora

Ah! Como tem sido importante para mim, mexer com a memória e reviver tantos lembrança e acontecimentos que com o tempo ficaram para traz, e que sem este estudo autobiográfico jamais, eu teria a oportunidade de recordar sobre essa declaração, por exemplo, que representa um considerável registro através deste documento.

Este documento me remete ao meu passado com a Rádio Universitária, local onde recebi o convite da professora Adilma para substituir o professor que ora estava à frente das atividades desenvolvidas no Curso de Produção de Programas Radiofônicos, atrelado ao Projeto Emprego Jovem, que acontecia no antigo Centro de Treinamento UFPE, CETRENE, no período de 05 a 30 de março de 2007, que por motivo de força maior precisou afastar-se.

Uma proeza que aconteceu e que eu mesma nem lembrava mais. Só que este registro chega oportunamente através da visitação que fiz ao meu “arquivo fiel”. O que em muito alegrou o meu coração. Que Maravilha. Neste instante, essa volta à memória muito me alegra. Primeiro, ter aceitado o convite da professora e segundo por ter passado pela experiência de ser instrutora e ter me saído muito bem.

Este assunto vem renovar minhas perspectivas para pensamentos posteriores. Vale enfatizar que mesmo não tendo envolvimento com a prática pedagógica, resolvi enfrentar a

experiência, tive a coragem de aceitar o convite vindo a desenvolver atividades bem interessantes com alguns jovens adolescentes da comunidade do Engenho do Meio. Uma experiência ímpar. Uma ação extraordinária em que consegui me envolver com a sala de aula que modesta parte, eu consegui superar.

Neste momento, aproveito para dialogar sobre o processo que eu resolvi usar durante as aulas. Realizei um planejamento de atividades previsto para o período de duração do curso. No primeiro encontro desenvolvi dinâmica de grupo. Coloquei mensagens de boas-vindas dentro dos balões de festa e ao mesmo tempo em que o aluno estourava o balão, lia uma mensagem e se apresentava ao colega ao lado, visando que todos se cumprimentassem e se conhecessem.

Para os dias vindouros pensei estimular os alunos com a leitura de jornal, para tanto fiz trabalhos em equipe para que houvesse a interação, na sequencia eles escolhiam uma matéria do jornal, com o tema comum a todos. Demarquei um tempo para a leitura silenciosa e discussão entre eles. Posteriormente, apresentação dos mesmos a partir da explanação e percepção quanto ao entendimento.

Ao perceber o bom desempenho dos alunos, decidi leva-los para conhecer a Rádio Universitária AM, mas especificamente, o estúdio de gravação aonde eles chegaram a conhecer o espaço e saíram bem entusiasmados. Após esta visita surge uma nova ideia, de que ao final do curso a partir de uma leitura individual, cada aluno escolheria um tema do jornal, transcrevia a sua matéria e gravaria o seu texto na rádio e mais, no formato em CD personalizado.

Para isso conversei com a coordenadora do curso, ela aceitou a façanha e falei também com Maurício, o operador de áudio da rádio AM, que concordou.

Depois interagi com Léo, meu amigo do NUSP, para desenvolver o design da capa, e deu certo. Infelizmente, não tenho cópia desse empreendimento tão significativo para mim.

As gravações foram realizadas na Rádio Universitária AM, dividida por equipe de três alunos, de acordo com a disponibilidade e horário do editor que conseguiu gravar o texto de cada um dos alunos que se sentiram maravilhados. E deste modo concretizei mais uma etapa na minha caminhada dentro da instituição.

Deste modo, enveredei por um retrospecto da memória, consegui desencadear fluxos de dados que aconteceram e através das lembranças aos poucos reviso atividades realizadas pelas movimentações aos setores que contemplo nessa volta ao tempo. E assim,

começo a despertar e vislumbrar algumas criações que pela própria desvalorização desses feitos quase caíram no esquecimento.

Porém, o estudo autobiográfico despertou minha atenção em retornar ao passado onde havia vivências essenciais recolhidas, meio que despercebidas por meu descrédito e o não olhar valorativo sobre eu mesma. Mas, ao usar a tela mental vão surgindo produções que de repente reconheço e identifico os diversos segmentos da comunicação: na apresentação e produção de rádio, direção e produção de TV, entrosamento com a discoteca, videoteca, no jornal NUSP, cheguei até ser instrutora e não me dava conta disso.

A narrativa deste capítulo compõe resgate de fatos importantes, essencialmente reconstrução de um passado que por pouco ficou esquecido pelo próprio descaso e descrença em relação aos meus feitos, bem como, valorização desse campo de ação que hoje ganha uma nova compreensão desta pesquisadora.

5 MINHA PEDAGOGIA LIBERTADORA

Este capítulo tem como objetivo propagar a forma argumentativa usada desde o início do estudo até o encontro atual. Considerando-se toda projeção de vivências e experiências ao longo do tempo que não foram valorizados. Por não conseguir me ver em nenhuma das atividades desenvolvida em minha trajetória.

Só após este estudo consegui visualizar um pouco de minhas façanhas e ao mesmo tempo, em detrimento deste processo, entender que poderei vir a ajudar outras mulheres batalhadoras a se enxergarem também, deixando-se ser levadas pelo entendimento de que a “educação liberta” e através dessa educação se tornar visível.

É interessante informar que através deste estudo autobiográfico descobri de acordo com Marques (2017), que este é o meu melhor lugar de fala, considerando-se que os argumentos que permeiam esta conversa vêm a se caracterizar através de algumas minúcias no trajeto de meu circuito de vida, trilhado por inúmeros acontecimentos nem muito, nem pouco importantes, mas que acredito denotará fatos simples, que chegam para preencher lacunas que até então, eu não conhecia, nem entendia, nem tampouco me dizia.

Entre uma lembrança e o empenho trilhando na busca da memória e procuro respeitosamente trazer para este espaço o melhor de minha essência para partilhar com as melhores informações enquanto narração de história.

Assim sendo, de forma suscita delineando Minha “Pedagogia Libertadora”, pelo entendimento ser essencial compartilhar as evidências que chegam permeadas por um conjunto de ações que interagem como fontes diversificadas e retratam diversos momentos especiais demonstrados através de fotos, declarações, certificados, atividades acadêmicas e algumas homenagens recebidas dentro e fora do Campus.

Deste modo, há também o desejo de homenagear as mulheres negras que se encontra a quem da realidade acadêmica e que através desta narração eu possa vir a incentivá-las a sair do casulo. Por este clima, resolvi também saber qual impressão que os amigos têm de mim e decidi realizar a enquete: Como você me vê? Criei uma expectativa enorme para saber qual o olhar de algumas pessoas sobre mim. Como seriam as respostas ao meu respeito? Bem como, dentro do propósito deste capítulo indago e ao mesmo tempo interajo com a resposta Por que a “Pedagogia é libertadora”?

A “pedagogia é libertadora” considerando-se a premissa de que educar é um ato libertador. É libertadora no momento em que posso liberar meus sentimentos de tristeza ou alegrias, bem como os conflitos, sobretudo poder dialogar com a academia.

A pedagogia é libertadora, fora do alcance da investida da opressão, quando o sujeito entende a sua liberdade e transformação livre de aderência opressora, o que lhe possibilita a consciência de si mesmo como pessoa, um homem consciente fora de contradições. Freire (1987, p.32).

É libertadora quando acontece a partir da superação da contradição entre opressores e oprimidos, o que significa a libertação de todos. Pelo entendimento de poder expressar a todos o que as mulheres negras representam para a sociedade; força, garra e luta pelos seus ideais, ousa a partir deste conhecimento o privilégio de homenageá-las através desse estudo, chamando a atenção que é importante sair do casulo.

O que chamo de “homenagem” as mulheres negras neste trajeto, é trazer para esse universo incentivo para que reajam às dificuldades no enfrentamento da luta na busca pela educação. É imbuir esta narrativa de ações nas quais me envolvi e consegui êxito ao superar a desigualdade.

É motivá-las, a busca do ensino superior mesmo que o sistema político ainda esteja a quem da realidade de uma proposta comum a todos. Mesmo considerando-se o índice significativo de mulheres que não se inserem aos saberes universitários, é não desanimar, nem desistir de seus sonhos. Negar a negação, descruzar os braços, impor suas vontades. Mesmo tendo a consciência de que poderá se deparar com o racismo, a discriminação racial e outros preconceitos.

Dessa forma, demonstrar através desta história quanto ainda é insignificante o número da inserção de mulheres negras na universidade, em especial no mestrado. Um índice que ainda hoje representa insignificante. Mesmo sabendo que as diferenças são muitas, mas é preciso superá-las.

E mesmo no enfrentamento desse processo deve existir o entendimento de que não há vitória sem guerra. Eu tracei um alvo e estou prestes a alcançar, já cheguei até aqui e continuo na busca do momento certo de sair de minha invisibilidade, encarar a quebra do casulo, aceitar e vivenciar minha transformação.

Portanto, neste pensamento e dando ênfase a esse sentimento de conquista, de descoberta e renovação, pretendo impactar as mulheres, em especial as negras que se encontram as margens da sociedade, a entender que a educação propõe libertação através da luta e por ela, mediante uma visão plural, reflexiva e crítica. Freire. (1987 p.34).

“A pedagogia é libertadora”, pela decisão de contemplar novos caminhos que surgem a partir desse estudo em que me deparei com informações vindas de mulheres especiais dessa academia sobre o nível de grau superior tão pequeno e que muito chamou a

minha atenção. Tudo aconteceu em pleno momento do oferecimento de uma bela homenagem ao grupo de mulheres negras, inclusive eu, tive o prazer de ser uma das homenageadas. Ressalto a iniciativa de França (2021), e outros pesquisadores desta instituição em incentivar o estudo sobre a negritude, suas raízes, suas belezas, seus encantos, seus saberes, suas vivências, mas, sobretudo a dignidade de cada pessoa a partir do respeito dentro e fora da academia.

A “Pedagogia é libertadora” porque posso alertar e despertar mulheres negras que se encontram escondidas pelo sistema, mulheres, maltratadas pelo preconceito, mas penso que essa pequena ação poderá vir a incentivá-las ao ingresso na universidade, se nessa ou naquela, não importa. Mas, que elas possam estar inseridas neste universo. O que significa esperar que em breve, termos saberes mais amplos e multiplicação de mulheres negras conquistando sonhos e espaços na sociedade.

Transmitir através deste estudo, o despertar da importância de estar nesta Instituição na luta da invisibilidade marcado pelo descaso do sistema governamental que não se preocupa com essa problemática, que ao longo do tempo vem se propagando. A partir dessa proposta, espero deixar marcas que venham a fortalecer esse propósito e poder falar alto e em bom tom que a academia é plural e comum a todos.

Este estudo pode incentivar as mulheres negras na busca do entendimento de que o espaço do ensino deve ser ampliado e cabe a elas preencherem. Hoje é meu lugar, mas torcendo que amanhã seja o seu lugar também. E mesmo sabendo que sou uma gota no oceano, espero estar semeando boas sementes e poder contemplar essa germinação numa ação que possa ajudar a mulher negra a ser empoderada a se libertar da desigualdade e constante preconceito.

Considerando-se que o preconceito vem a ser no nosso dia a dia, uma opinião formada que chega por alguém de maneira precipitada e sem ponderação, um conceito que se efetiva antes mesmo de se ter conhecimentos necessários de um caso.

Foi a partir da fala da professora França (2021), que surgiu a iniciativa de me envolver e me preocupar com a busca de dados sobre as mulheres negras, no que se refere ao seu nível de educação. A ideia nasceu em um momento relevante, muito especial, quando a própria pesquisadora fazia homenagem a algumas mulheres negras batalhadoras e guerreiras, que lutam para deixar de ser invisibilizadas, inclusive também fui uma das homenageadas por França no dia Internacional da Mulher.

Após vários anos em movimentação dentro do Campus recebi a honra e a consideração de França (2021), por lançar o seu olhar e me enxergar como uma mulher de

luta, vindo a ser destacada com essa homenagem no dia Internacional da Mulher, ocorrido no dia 08 de abril de 2021, às dezoito horas, no Programa Recife Debate, convidada especial do apresentador, professor José Luís Simões e trouxe para debate o tema denominado: “A Presença da Mulher Negra na Universidade”, um tema bastante pertinente que transcorreu no vislumbre de um quadro composto por dez mulheres negras escolhidas pela professora.

Por esta homenagem dispensada, quero agradecer o carinho da professora França, pelo prestígio e reconhecimento, bem como por essa reverência acontecer num momento oportuno e interessante da minha vida, instante em que estou me descobrindo e apropriando dos novos valores.

Este quadro em forma de homenagem representa o fortalecimento de conscientização valorativa da mulher na sociedade, sinto que essa mudança está acontecendo e a cada instante, em cada nova ação de descoberta desnudo do invólucro do casulo que por tanto tempo estive refém, mas com este lindo presente e o apoio dos teóricos nos quais descubro para uma nova visão de vida e de mundo.

Figura 30 - Card de homenagem recebida no Dia Internacional da Mulher, 2021



Fonte: Acervo da profa. Tereza França– Deptº de Educação Física.

O cenário composto por estas dez mulheres maravilhosas, representa a homenagem desprendida por França do departamento de Educação Física- UFPE. Mulheres negras que fazem a diferença em nossa sociedade, cada uma em sua especificidade trabalhando para

dias melhores, em prol de um ambiente saudável, diverso e equânime baseado no respeito mútuo.

Esta foto retrata mulheres valentes e empoderadas que por esta reverência, também recebem destaque pelo que representam, fortalecimento da luta e empenho nas questões raciais, em especial ao prestígio e a iniciativa em proporcionar visibilidade a estas guerreiras que por muito tempo estiveram encobertas pelos casulos impostos pelo sistema.

Mas, que neste sentido é interessante lembrar que de acordo com Burke (2017), as imagens são especialmente valiosas construção da cultura cotidiana de pessoas comuns, sendo assim, confirmo a ideia do autor quando diz que, toda fotografia tem e conta uma história.

Por este prisma, é viável relembrar o pensamento de Thompson (1982) ao mencionar que sem memória não há história e sem registro não há documento, Este cenário jamais por mim será esquecido, pois se trata do aqui e do agora, onde as evidências acontecem por meio de dados comprobatórios, uma cortesia que chegou de forma agradável e conseguiu alimentar o meu eu e acalentou minha alma, me fez crer na capacidade de ceder, realizar, se dar, porém há o momento do receber, do se ver e se reconhecer como merecedora de méritos. A homenagem chega para vislumbrar o crédito que havia em mim, mas eu não conseguia enxergar, obrigada Tereza França por colaborar com o meu renovo.

Nesse cortejo, em seu pronunciamento, França (2021), discorre sobre o processo de dificuldades que a mulher tem enfrentado ao longo do tempo na sociedade. E no que se refere à educação, em seu discurso ressalta que apenas 10.4% de mulheres negras ingressaram na Universidade. Um percentual que muito chamou a atenção para o baixíssimo índice. Realmente, ao meu entender um número a quem da realidade, fiquei impactada com essa representação, um de indicador irrisório.

Esta reverência enaltece a ocasião em que estou na ânsia de me compreender, conhecer, me ver e me dizer. Porque até então, eu não me via, não me conhecia não me compreendia. E com todos esses NÃOS para me tão conhecidos, eu me tornava invisível e desprezava os meus próprios feitos, por incutir em minha mente que não precisava de méritos.

E neste ímpeto, me deixo levar pelo aconselhamento do pesquisador Thompson (1982), e começo a sair do casulo que me inviabilizava, ele sinaliza e me instrui deliberando que posso propagar a minha história de vida. E este ensejo vem e me fortalece para eu estar realizando esta narração, interajo também com a professora Passeggi (2016),

que tem colaborado para minha mudança e percepção de mundo. Este estudo vem nortear meus pensamentos, mexer com as minhas estruturas, e ressignificar minha identidade através da minha memória.

Mas hoje, embasada também pelos incentivos de Freire, quando traz a questão de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Mediante a percepção que na educação, eu preciso compreender a posição opressora e ultrapassá-la. Por conseguinte, me erguendo através da palavra, a partir da nova visão de vida e de mundo.

Voltar ao passado propõe grande significância na posição de mulher negra. Realmente vem mexendo com todo o meu ser, um processo que vem me preencher de forças e é de posse dessa energia o que posso incentivar outras mulheres que se encontram em posição de invisibilidade a lutar e superar as adversidades da vida.

Porém, considerando-se o pequeno índice de inserção no curso superior conquistado por mulheres negras, tive a curiosidade de buscar resposta quanto a esse resultado, decidi recorrer ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, mas infelizmente, a resposta se apresenta de forma insatisfatória, o que condiz o estudo elaborado por França (2021). A pesquisadora que batalha contra o racismo tão presente no dia a dia e revela ser importante apontar possibilidades nas lutas coletivas, nas ações afirmativas no ensino superior, afirma que é tempo de uma reparação na política histórica!

5.1 Em Meu Mundo

Assim sendo galgado o curso do mestrado, mesmo que tardio chega prestes a aposentadoria. Mas por esse motivo, ao contrário, acredito em tomar essa atitude, mediante conversas com alguns colegas de trabalho que chegaram a revelar que se sentiam sem ânimo de enfrentar essa trajetória e vez em quando recebi incentivo pra seguir na busca. Porém, na realidade decidi seguir minha intuição à vontade, o meu desejo, a minha decisão para investir no propósito que requer força e muita dedicação em busca do conhecimento.

Hoje tudo que sinto é muito especial, extraordinária renovação pessoal, intelectual e institucional. O estudo autobiográfico que de início transmitiu sensação amedrontadora, nesta conclusão deixa marcas delineada pelo sentimento de confiança, firmeza, valorização da própria identidade, conclusão do curso e a capacidade de influenciar pessoas a se transformarem, assim como sinto, fui transformada.

Deste estudo espero deixar legado.

O que eu pensava se justifica no desenvolvimento desta narrativa e regozijada pelo estudo que traz em seu contexto informações significativa sobre as andanças dentro da academia e já começo a pensar que posso a vir deixar legado.

Primeiramente, por me sentir preenchida e revigorada por estar superando e aprendendo a me dizer, e a fazer o próprio marketing, incentivada pelo pensamento de Sibília (2008), quando menciona que “as pessoas se tornam protagonistas de suas próprias histórias” assim, começo a me sentir como uma delas.

Pois, é com esse sentimento de pertencimento nesta pesquisa que percebo capacidade do envolvimento tanto com experiência epistêmica quanto com a experiência empírica, guiada pelos incentivos de Passeggi (2016), quando assegura que “as duas ações podem caminhar lado a lado”, nesse interim descubro que ao longo da passagem nesta instituição consegui movimentação e venho tentando o meu lugar neste espaço.

Agora, a partir das ideias da professora, mesmo sem o grau de professor o sujeito consegue angariar e ao mesmo tempo transferir conhecimentos. Assim sendo, reflito quanto participação em alguns eventos, ora como colaboradora, ora como instrutora, em ações que por mim passaram quase que imperceptíveis, pois não valorizava nenhum e logo após os eventos, tudo era encarado como passado e ponto. E por não enxergar nenhum dos feitos, não sentia necessidade em tornar público, mesmo já estando.

Esta pesquisa propõe mudanças, dando-me motivo de retorno ao tempo, hoje em processo de transformação, consigo enxergar especificamente as apaixonantes concepções de Souza (2020), pela criatividade, revela inovação com o método eu fonte, Paul Thompson (1982), propõe visibilidade através da história oral, Passeggi (2016), impulsiona à percepção do segmento empírico nessa caminhada acadêmica; França (2021), incentivo igualdade racial, Paulo Freire (1987), anuncia que a “educação liberta”.

Assim sendo, considero este estudo, uma grande conquista, movida por experiências elaboradas nesta instituição pelos espaços por onde me movimentei transitando por áreas do saber e consegui resultados, pondo em prática e transferindo a outrem. E assim, disperso a ofuscação da invisibilidade. Pois agora me enxergo e me digo.

Nesta expectativa, entendo o ensino de Freire (1987, p.13), quando expressa que: “O homem se faz homem, ao dizer a sua própria palavra”. Esta frase, pois me faz proferir que através dessa narrativa conto a própria história. O que propõe uma nova visão de mundo. E isso, é muito lindo.

E é, nesta intimidade que apresento este estudo e primo ousadamente por meio dele, designar estímulos a todas as mulheres negras que ainda se encontram escondidas no

casulo, mas trago a certeza de que esse quadro pode mudar, assim como estou me transformando.

Quanto ao assunto mudança, sou estimulada a uma resignificação que mexeu com as estruturas levou-me a uma realidade, ao encontro com o meu eu, enquanto fonte. Mas, para esse embate, sou atraída pelos procedimentos técnicos de Souza (2020), que chegam para enaltecer o estudo e me traz respaldo através que representa para este estudo uma investigação científica, vindo a contribuir para novos significados.

Ainda no que se reflete ao processo inovador, enveredei com base nos saberes do pesquisador acima citado, quando expressa que: o historiador é um colecionador que seleciona e organiza o seu material disposto numa determinada ordem ou lugar vindo a ser transferido quando necessário representado por uma nova ordem entre tempo e espaço cabendo-lhe a responsabilidade do eleger novos temas e problemas mediados pelas complexidades das fontes e métodos em caráter transformador.

Mas, para que esta transformação acontecesse, este estudo autobiográfico me expõe a Paul Thompson (1982, p.28), que chamou a minha atenção ao dizer que: a história oral chega para dar visibilidade aos desprestigiados em diversos segmentos, aos sujeitos que estão à margem da sociedade. Instiga pessoas a falarem sobre si, independente de cor de idade, sobretudo incentiva os idosos a contarem suas histórias, dando vez e voz aos esquecidos. E neste interim, sinto que começo a me ver e consequentemente a me dizer.

E perante este estudo, que venho conseguindo construir, assim como, muito bem a professora Passeggi (2016), declara. Nesta fase selo o encontro com a pesquisadora que leva e esclarece sobre as experiências empíricas e até epistêmicas, que mesmo sem dar conta, enfrentei mediante tantos desafios e verdadeiras guerras comigo mesma para galgar uma forma de obter dados como experimento, compor um produto, colocá-lo em prática, conseguir transferi-lo e socializá-lo entre a academia e a sociedade.

O embasamento que consegui com os estudiosos acima citados, significa contar com a contribuição de todos para manter esse encontro nesta trajetória. Momento de descobertas, em que me reconheço e me digo. O que até então, eu não tinha essa percepção nem visão para enxergar, muito menos voz para verbalizar, principalmente, enquanto sujeito empírico.

Para tanto, no meio ao complexo entre a experiência epistêmica, bem como a experiência empírica, Passeggi (2014), revela: “que tanto o sujeito do conhecimento quanto o sujeito empírico envolvidos numa investigação apresenta ao cenário da educação um novo olhar para formação de professores”.

A reflexão vinda da professora chega para reforçar a pesquisa, quando a mesma afirma que: “Os professores que refletem a respeito de suas experiências e sobre suas lições aprendidas na docência, e os que tiveram a possibilidade de refletir sobre elas com os seus pares seriam mais suscetíveis a responder as situações imprevistas com maior segurança, por ter aprendido melhor e se compreender em situação de risco e sair delas”.

Evidentemente desses ensinamentos que entendo como incentivo ao estudo, o que estimula e incentiva quando a autora pronuncia que: “os sujeitos que realizam suas experiências envolvidas por um processo que pode acontecer em meio a respostas positivas ou negativas, entre erros e acertos, terão facilidade de enfrentar imprevistos e sair deles com segurança”. Neste sentido realço critério usado mediante o uso do método praticado a partir do aprender a aprender. Passegi (2014).

Portanto, no que se refere à pesquisa e aos meus aprendizados, tomo por base a ideia da pesquisadora Passeggi (2016), que me faz refletir e que poço tirar proveitos a partir de experimentos realizados nas andanças pelo Campus universitário e que ora começo a enxergar que realizei provas e obtive resultados.

A professora Passeggi (2016), evidencia perspectivas relevantes quanto à condição de autor ao sujeito que traz conhecimentos exercidos mesmo antes da sala de aula em formação do adulto, valoriza o conteúdo prévio do que o aluno apresenta em atividades que já realizava antes mesmo de seu ingresso na Academia.

Neste aspecto, me regozijo e me deixo ser levada pela voz da autora Passeggi (2016), por me sentir parte desse contexto, em volta a movimentações experienciais antes de minha inserção no curso. Por esse entender, não quero ser presunçosa, mas minha identificação com a pesquisadora torna-se bem peculiar, pelas indagações explanadas nesse universo, concernente tanto com a experiência epistêmica quanto a empírica.

5.2 Aprendendo a Me Dizer

Esta narrativa traz para este enfoque ao que vem a assimilar o meu desenvolvimento pessoal, social e acadêmico, enfatizando o que professor Paulo Freire (1987) acredita: a “educação liberta”.

Por este percurso, ressalto trazer algumas informações condizentes com a realidade que traçam esta trajetória, interessante traduzir a importância de um canal sinalizador neste assunto, no caso trata-se da fonte que propõe as pessoas à busca de suas memórias.

Nesta perspectiva, saber que autobiografia de acordo com o Calligaris (1998), está contribuindo com várias informações sobre determinada pessoa, não veio como verdade, porém há a necessidade de entender a fonte como documento, como narrativa dependendo de quem esteja produzindo.

Na sequência, o pesquisador Souza (2019), reforça que a autobiografia pode ser uma construção política, na medida em que você quer conectar com a história, com a trajetória, o que você deseja influenciar e como pretende influenciar a partir dos registros da fala.

Assim sendo, apresento como base os escritos de Barbosa (2021), quando relata que na formação da escrita de si, o narrador se torna autor de sua própria atuação, na vida cotidiana, fundado por novos paradigmas e por olhares diferenciados, o se que faz necessário muita disciplina no entrelace entre referências. Mediante circunstâncias, concordo com o pensamento do pesquisador que sugere a prática de autora de minhas escritas por estar aprendendo a me dizer.

O que aprendi com este estudo? Entender a missão e a importância das relações.

Sendo assim, com este estudo compreendi e aprendi que havia uma missão a cumprir, a de produzir dados científicos, uma ação árdua pela busca do conhecimento e o aprimoramento educacional, porém é a partir deste investimento ao qual faço um retrospecto, consigo enxergar e reconheço como mudanças que ora passo a admirar, valorizar, prestigiar os feitos e renovação em tudo isto que aconteceu a partir da minha transformação.

Trata-se do momento em que inicio às importantes leituras dos diversos pesquisadores, das quais interagi, primeiramente com Thompson (1982), por encontrar em seus escritos proposta de visibilidade às mulheres, aos periféricos, aos negros, assalariados, as crianças, aos idosos, a toda uma sociedade que se encontra descrente de oportunidades e de ações afirmativas que contemplem a todos.

Assim, ao ler as primeiras paginas do livro, *A História Oral na Voz do Passado*, me identifiquei pelas ideias desse autor que trouxe ao entendimento a noção valorativa e qualitativa de que cada pessoa possui. Desde então, começo a entender o quanto trabalhei, e fui capaz de realizar dados significativos perante este percurso dentro desta conceituada instituição o que representa uma resposta de honra e bastante salutar.

Descobri neste estudo autobiográfico o envolvimento com a pesquisa científica, que me oportuniza a realização dessa grande conquista o sentimento de empoderamento em conseguir tornar público a minha história de vida, me sinto gratificada por todo o processo

que enfrentei e conseguindo ultrapassar em todas as expectativas. E tudo isso é lindo demais pra mim!

A saída da invisibilidade é um momento de grande significância e coragem de transmitir o passo a passo de como todo esse estágio acontece. Vivencio momentos valorosos e especiais. Que remeto a seu Nino e dona Cema, a celebração que com certeza estaríamos juntos celebrando esta felicidade e brindando essa grande descoberta.

Aprendi que a partir de toda caminhada chego acreditando que a educação pode lhe encaminhar aos mais altos patamares. Quero acreditar na possibilidade de que outras pessoas consigam o espaço para desempenhar suas capacidades, suas experiências e pôr em prática, assim, como consegui. Mesmo eu sabendo não ser fácil!

Mas, se colocar na posição de valente para assumir que entre erros e acertos, encarar os comentários positivos ou negativos, que nem sempre chegam para lhe esmagar, porém para lhe levar a olhares positivos e dignificantes de acordo com o que se busca. Ter a consciência da luta no propósito de conseguir desenvolver um produto e obter solução para o problema ao qual decidi resolver.

Manter hoje, coragem de revelar e reviver alguns de meus feitos onde desprendi energia, dedicação, preocupação, apreensão, força, o meu carinho para que a confecção de meu objeto viesse se materializar. Sinto que este é o momento da valorização de si para si. É a denúncia de você, dizendo a si mesmo: Eu estou, ou eu estive aqui. Fiz parte desta história. Com isso, alegrar a minha própria alma, por reconhecer o meu dever cumprido nos setores de experiências em que consegui vivenciar saberes e reconhecer como privilégio, o meu brilho.

Com este trabalho, espero modificar o outro.

Sendo assim, por esta perspectiva espero com este estudo vir despertar, aguçar no outro, a busca pela inserção na universidade, independente de quem seja ou esteja a pensar estar na posição de invisibilidade, como estive, mas que neste exato momento, com autoestima elevada compartilho estímulo, principalmente as mulheres, em especial as negras que pela sua cor, atraem os olhares que vagueiam chegam negativando-as sem ao menos perceberem o teor de suas competências.

Mesmo diante de tantas dificuldades e contratempos, ainda na área da educação, mobilizo através destes escritos o ânimo as mulheres negras que se deparam às margens da sociedade e que se encontram encobertas, a tomarem decisão pela busca do saber e acreditarem que mesmo que o estudo do ensino superior para mulheres seja difícil, acreditem que há caminhos capazes em transformar vidas.

Por esta causa nobre, proponho a desprender energias no estímulo ao encorajamento às mulheres negras para que tenham força a saírem do invólucro e dessa invisibilidade, independentemente de sua classe social, e de qual seja o seu poder aquisitivo ou seu intelecto, porque a educação transforma. Segundo Freire (1987, p.78) enfatiza: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Se disser a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens”. Portanto, é através da educação que o sujeito poderá se modificar e galgar a sua visão de mundo.

Por este prisma, estou lutando pelo espaço e por estes termos é necessário frisar que a “educação liberta”, é um ato comum a todos, sendo necessário ressaltar que nunca é tarde para a busca do conhecimento. Precisamos estar atentos à explanação de Freire (1987), ao dizer: “O homem se faz homem através da sua palavra, da sua educação”.

5.3 A Importância da Existência de um Documento

É fato informar que por muito tempo o documento não existia para todos, o que deixou por acaso por muito tempo sem saber sobre muitas informações e notícias, pois não havia registro, por conseguinte não havia documentos. Porém, atualmente o documento pode ser entendido como uma declaração escrita que se reconhece oficialmente como prova de um estado, condição, habilitação, fato ou acontecimento.

Por este sentido, esta prática narrativa vem aguçar e reforçar o olhar sobre a importância desse registro. Hoje, na posição de narradora na necessidade de deixar histórias, timbrar marcas para gerações futuras como um argumento documental que deverá passar pelo processo de arquivamento.

Neste segmento, ressalto que ultrapassei as dificuldades e consegui entender que face ao caminhar da vida teria algo a declarar nessa trajetória, no entanto, Passeggi (2016), em seu artigo: *Narrativa da Experiência na Pesquisa Formação: Do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico*, encoraja a gravar informações que fazem acreditar em registro significativo nesta narração. Ainda assevera que a formação acontece permeada por todos os acontecimentos, todas as circunstâncias ao longo do tempo.

A partir desses argumentos, destaco esta narrativa como um dos mais importantes documentos. O que fez trazer à tona a história de vida da mulher negra, que mesmo enfrentando dificuldades e preconceitos, se sente feliz, iluminada, solidária, perseverante e

verdadeira que ao longo de seu tempo entre muitos sacrifícios, consegue ultrapassar barreiras e obstáculos e acredita que está prestes a conquistar o seu lugar neste espaço educacional tão importante e vir a concretizar mais um sonho.

Consequentemente, um documento que chega para legitimar que a educação é o meio, pelo qual o homem pode adquirir conhecimento, um processo que possibilita a sua inserção na sociedade. A educação é um bem comum a todos. Enfatizo que de acordo com Brandão (2007), a educação informal encontra-se em todo lugar e por isso, acredito que tanto a educação doméstica que recebi, quanto a educação formal recebida na escola, são designadas como importantes e necessárias, ao meu entender se completam em suas peculiaridades.

Deste modo, saliento que este documento, não apenas poderá a vir me apropriar de um título, evidentemente, que traz em si um teor significativo, mas ousar como proposta educativa que venha a valorizar e influenciar outrem que se encontra em situação de vulnerabilidade e invisibilidade na realidade sócio educativa.

A partir deste estudo percebo que a narrativa de si me propôs oportunidades crítico-reflexivas que me fizeram enxergar além da formação profissional, como declara Souza (2019), fora de preconceitos, racismos e desigualdades sociais, e no que se refere à identidade, a certeza de mudança e ascensão levada pela cautela da força da alteridade, que me ajudam a encarar conceitos positivos e negativos, até mesmo pejorativos perante o meu caminhar experimental.

Porém, minha meta é seguir mantendo a paciência e a humildade do saber ouvir, mesmo porque, também faz parte deste aprendizado que tanto tem me ensinado a celebrar este momento e consequentemente, os vindouros, mesmo no enfretamento de possíveis contradições entre o pessoal e o político, o que conflui para a apresentação das várias memórias, o que se pode entender como um dos aspectos importantes na construção de uma narrativa.

Um momento em que evidencio a relevância “deste documento” que venha a se tornar proposta de leituras, guardada no arquivo em prateleiras da Instituição, que é importante ser lido, até relido, ou por outro lado não! Porém, desde já eu digo que este documento vai sempre estar em meu coração.

Agora que estou aprendendo a me dizer, deixo um importante conselho para as mulheres negras, que lutem por sua liberdade, autoconsciência, pela sua dignidade que poderá alcançar através da educação. Pois, de acordo os enunciados de Dussel (1942), relata que a Modernidade chega com a violência e a negação do “outro”.

O outro não foi encoberto por uma cultura de alteridade, mas pela cultura excludente e dominadora, a este pensamento europeu, o pesquisador, chama de Eurocentrismo, o que vem a traduzir-se em um pensamento que denota uma forma de transformação das famílias pobres, periféricas em propriedades do capitalismo europeu.

De posse desta indagação, Dussel (1942), critica o sistema vigente, contra o regime opressor, dominador e controlador de vidas que se escravizaram por muitos séculos. Para o autor é importante lutar pelo princípio de libertação que vai de encontro a esse sistema onde deve prevalecer a ética, o bom senso e a transformação. Por isso, de acordo com o pesquisador, temos que negar a negação, lutar pela consciência étnica crítica da liberdade, outra opção de visão de mundo fora do neoliberal e capitalista hoje ainda tão presente em nossa sociedade.

5.4 O Que Esse Trabalho Representa Para Mim?

Para mim esta pesquisa representa renovo e motivação para essa narrativa que nasce pela sugestão ao uso do método autobiográfico, a partir da ressignificação do tema desta dissertação, algo que jamais antes pensei e até me constrangi só em pensar em não ter nada a dizer sobre mim. E hoje, me surpreendo em trazer a esse universo a capacidade de me anunciar através de minha própria trajetória de história de vida e confessar algumas minúcias da infância aos dias atuais, feliz por estar passando por esse processo.

E hoje, às seis horas da manhã do sábado, dia 21 de maio de 2022, transfiro minha gratidão ao professor José Viera e a professora Aurenéia, quando sugeriram a ressignificação do tema, que me fizeram enveredar por este método autobiográfico. Mas, principalmente ao orientador Edilson Fernandes, por concordar com a ideia do que me fez retroceder no tempo em busca da maravilhosa memória e trazer à tona tantos acontecimentos, que se não por esse método, iriam permanecer no esquecimento, mesmo porque, eu não me interessava nem me dava conta sobre alguns de meus feitos, nem das tentativas experimentais por onde passei em alguns setores nesta Instituição.

Resolvi me aproximar dos princípios de alguns pesquisadores, essencialmente de Souza (2020), quando retrata a sua de vida através da autobiografia e me induz à busca de minha própria fonte ao me transformar em objeto de minha pesquisa. Freire (1987) revela que a “Educação Liberta; Thompson(1982), anuncia que a História Oral propõe visibilidade ao homem, Passeggi (2017), que através de seus escritos vieram a me apoiar, alertar e chamar a minha atenção para que eu olhasse ao meu redor e declara: que a

formação acontece permeada por todos os acontecimentos em todas as circunstâncias ao longo da nossa vida. No que se refere a beleza da cor, a competência na luta pelo respeito a inserção da mulher negra na sociedade, se dar no despertar de França (2020).

E eu só consigo essa compreensão a partir da interação com este método autobiográfico, onde estou aprendendo a me enxergar, me compreender e especialmente me dizer, mediante uma prática que vem sendo essencial e gratificante demais para mim.

Este estudo representa renovação pessoal e intelectual, o qual me possibilitou um reencontro comigo mesma e com as minhas memórias, trata-se de um encontro que me oportunizou realizar um retrospecto que acionou vivências entre o passado e o presente, viabilizando o teor de uma nova visão reflexiva, interativa e artífice nesta caminhada, o que vem contribuir a uma nova identidade.

A pesquisa significa uma renovação em todos os aspectos de minha vida, na área educacional me aproprio dos vários conhecimentos, até de mim mesma, sinto-me preenchida e revigorada por entender que tudo que busquei aprender e me dediquei em conhecer, chego a compreender o que consegui realizar tem sido enaltecido, tem sido tudo de muito lindo.

Enquanto servidora desta instituição, este estudo representa crescimento profissional, por conseguir transitar facilmente pelos corredores e me inserir em alguns setores juntamente com amigos, professores e alunos, interagir por trilhas de experimentos incríveis que vieram a se materializar visto a cada concretização em que arrisquei, me aventurarei e consegui resultados significativos narrados na contação de minha história.

Perante estes aspectos, sinto que a mim foi dada a chance de vivenciar ações que acatei e com coragem, decência e afinho, enfrentei as oportunidades que me foram confiadas dentro dessa conceituada universidade. Ressaltando o instante em que este estudo me dá forças pra verbalizar esta história e me senti muito à vontade para narrar que nada foi à toa nem em vão entre as propostas em que me envolvi.

O que me leva a este momento reflexivo e importante é revelar que como uma pessoa proativa, onde timbro neste cenário um significado impar para mim mesma. Um instante em que me vejo e me deixo enxergar que em pequenos ou grandes feitos sou capaz de me desafiar e me superar envolvida por resultados positivos neste processo de minha trajetória.

Poder caminhar por onde ousei transitar, agora consigo ter percepção da importância de mim para mim e esta pesquisa me revela que **vim, vivi e venci**. Sou preenchida neste exato momento por muita alegria, pois até pouco tempo eu não me dava

conta desse processo produtor, nem noção do pequeno ou grande feito por mim desenvolvido. Tudo porque, em nenhuma empreitada que me engajei sentia significância nos envolvimento experimentais, por acreditar que faziam parte de minhas atividades corriqueiras. O que eu entendia como algo muito comum. Agora, convicta dessa nova realidade, aprendi que tudo que cheguei a realizar vai muito mais além de minhas expectativas.

Quero revelar em minhas perspectivas, a presença de Paul Thompson (1982) como meu maior aliado nesta história, que chegou para dar coordenadas às pessoas que se sentiam invisíveis a se apresentarem, deu autoridade para que elas se tornassem públicas. Neste sentido, estou seguindo a risca esta lição. E a partir de agora, por este entendimento, deixo de ser invisível e torno-me uma mulher negra publicizada. Pois através da voz de Thompson (1982), estou me dizendo sem medo de me expor.

E ao mesmo tempo sou preenchida por todos os requisitos que pude vivenciar no anonimato desta narrativa. Feliz, pela oportunidade e confiança no desenvolver esta autobiografia me apropriando dos saberes de Souza (2020) com base no **Método “EU Fonte”** seguir a gravação sequencial e cronológica, através de observações que me fizeram voltar ao passado e por meio da memória desnudar minha história, que me surpreende a cada descoberta, e deixa a sensação de um grande bem estar.

Vitoriosa. É a palavra que encontro para designar o sentimento de que fiz bonito por onde consegui transitar, ter o sentimento do dever cumprido, e hoje, com a narração deste estudo, onde consegui aprender a me referenciar, posso destacar que pude contribuir com o crescimento da educação nesta instituição, mesmo não sendo professora.

E mais, no momento já começo a espantar a pedagogia oprimida na perspectiva de que estou deixando de ser uma mulher negra invisível, pois consigo vislumbrar o meu próprio brilho, enfrentado por vastos dias de sol ou chuvas, madrugadas frias ou quentes, em momentos sofríveis e angustiantes, alegres, impactantes, e até determinantes. Pois agora aprendi a me ver, me entender e a me dizer.

Sinto-me privilegiada em enxergar o mundo por novo prisma, assim como diz o nosso professor Paulo Freire (1987): “É através da sua própria palavra que você enxerga um novo mundo”. A partir de agora, eu sou uma nova Rizo Trindade, sou plural, sou visível porque a **“Educação Liberta”**. E através deste estudo, **me conheço, me vejo, e me digo**.

A partir dessa força, torço e me empenho no incentivo de instigar outras mulheres negras a ingressarem no curso superior, as que ainda se encontram presas ao casulo da incredulidade a se afastarem do medo e comecem a criar suas próprias asas à um belo voo

pela busca de sua liberdade através da educação e do conhecimento. Principalmente, pensar na diminuição dos indicadores que constata índices irrisórios quanto ao ingresso de mulheres negras na universidade, sendo ela pública ou privada.

Nesta perspectiva, sem exaltação, mas pelo entendimento do me enxergar, valorizar e por estar aprendendo a me dizer, sigo o aconselhamento da pesquisadora Paula Sibília (2008), quando incentiva que “EU” faça marketing de mim mesma, e sendo assim, vale enfatizar que mesmo não tendo o grau de professora tive o prazer de colaborar com esta querida instituição que me deu oportunidade e condição de conseguir ser versátil vindo a desenvolver algumas atividades como: Discotecária da Rádio Universitária, Produzi, dirigi e apresentei alguns programas como: O Programa Brasil Turismo, o Programa Assim Começou a MPB, e o Saber Esportivo: A Sua Conexão Com o Esporte Amador, e o Programa Cabeça de Área, na TVU- Canal 11- UFPE, ambos, projetos de extensão do NEFD.

E o mais importante diante de todo esse processo, é ter o sentimento de que através desta pesquisa já tenho indício de que vou me identificar com outras pessoas. Assim como, aconteceu na minha ida à Biblioteca do Centro de Educação-CE, foi o que me faz pensar desse jeito. Por isso, resolvi trazer uma conversa que denominei como: Um espelho que se Reflete em Minha História no Encontro à Biblioteca do Centro de Educação.

Nesta contação de história, almejo que as informações contidas em meu trajeto cheguem a ser contempladas por todos, mas essencialmente as mulheres negras, crendo que através dessa narrativa eu possa vir a influenciá-las a não desistirem de suas vontades e persistirem em atitudes para ingressarem na graduação. Pensando bem, podendo ainda ir mais longe, até a pós-graduação, porque comigo aconteceu assim e agora repasso para elas.

Necessário registrar que marquei um encontro com Katia Tavares, Coordenadora da Biblioteca Setorial do Centro de Educação- CE, UFPE, para terça-feira, dia em 05 de julho de 2022, às 15h, em busca de informes que retratassem o perfil da biográfica e a autobiografia no setor, e no interim trocamos algumas ideias, falei um pouco sobre o objetivo de ali estar.

No entanto, naquele ambiente cheguei a me empolgar e fui falando sobre o projeto inovador que estou a realizar, revelo que ao ouvir um pouco de minha história, por incrível que pareça algo inédito aconteceu em pouco tempo de conversa, Katia começa a se envolver e a se identificar com minha trajetória e sentir-se parte dela.

Uma ação que me deixou muito feliz e um tanto emocionada. Pois, a impressão que tive é de que neste percurso eu não estava só, nem que as minhas palavras estavam jogadas ao vento, e desse modo, começo a gerar impactos. Neste instante, percebo que houve uma boa afinidade entre ela e eu nesta narrativa.

Entendi que naquele encontro, a história se repetia, após fração de minutos, Kátia revela um pouco de sua história, um tanto parecida com a minha, ao citar que: “Por uma vez tentou vestibular sem sucesso e pensou em desistir, mas retornou oportunamente, obtendo êxito”. Mesmo assim, chegou a balbuciar que: “mesmo estando no ambiente propício à educação, não se sentia à vontade na época. Ela era uma menina tímida vindo da região periférica, se esforçava em sua meta, porém se sentia oprimida pela sensação elitista existente neste espaço acadêmico”.

As palavras da colega Kátia, naquele momento surgem como clarão, e de relance me leva a impressão de estar à frente de um espelho onde consigo visualizar uma cena repetida. Senti que o seu drama se identificava com a minha pedagogia oprimida, assim como tem sido com milhares de mulheres, em especial, as mulheres negras que estão e sentem-se inviabilizadas. Que se amedrontam e terminam se fechando ao casulo da incredulidade de si, se deixam ser levadas pela dura política sócio educacional e governamental do país.

Por este trâmite, apelo neste sentido que não deixem que ninguém venha a mudar seus sonhos, que vão ficando para trás. Porém, neste instante, me vivifico no sentido de que esta pesquisa possa vir a ajudar algumas mulheres, especificamente, a mulher negra, esteja ela onde estiver, a não desistir da valorização de seus sonhos, a não retroceder.

Pois o próprio professor Paulo Freire (1987), em seus escritos repete em vários momentos que só a educação liberta e somente através da educação o homem pode ter visão de mundo, ter visão ampla, preenchida pelo diálogo, reflexão e pela criticidade, e mais, o homem foge da opressão e se torna visível.

Por essa percepção, começo a me convencer de que este encontro só veio a confirmar que devo insistir em levar esta mensagem de incentivo para as mulheres negras que têm um desejo sobre algo, mas se fecham dentro de si, ao pensar que não conseguem e que não existem possibilidades, mas ao contrário. Eu mesma e a colega Kátia, somos prova viva disso.

Nesta circunstância suponho que seja o momento de despertá-las e anunciar que esse é o tempo! O tempo de enfrentar a luta do bom combate, em realizar os seus anseios colocando em prática a sua força, suas habilidades, o seu querer satisfazendo o seu ego e

de revelar a sociedade que você é capaz. É o tempo de **negar a negação**, de acordo com o conselho de Dussel (1942). Assim como, hoje acredito que este é o tempo de incentivá-las e revelar a mi mesma e ao mundo.

Pela perspectiva do encontro, absorvo o pensamento de Peter Burke (2017), ao defender que: “Textos e testemunhos orais são uma das formas importante de evidencia histórica” Evidentemente, com esta fonte textual venho a lacrar o meu entendimento de que a declaração de Kátia veio à fortalecer a perspectiva da minha homenagem as mulheres negras que precisam de uma voz entusiasta.

Desta feita, trago a este círculo a voz incentivadora de Paul Thompson (1998), que chegou forte e ativa para a mim, logo no início de minhas inocentes leituras e ecoou aos meus ouvidos, me fez confiar e me identificar com os seus aconselhamentos ao proferir que: “A história Oral também trata de vidas individuais por que vidas são interessantes”.

Deste modo, Thompson (1982), demonstra que a nossa voz tem força e nos faz voltar à compreensão do passado e sobre essa questão, reviver acontecimentos que ficaram para trás, mas que retorna ao presente, desta feita, bem caracterizado, pelos dados significativos da colega Kátia. Ainda de acordo com o pesquisador (1982), vale acrescentar nesta trajetória o envolvimento de mais vozes no projeto tende a deixar as informações mais ricas e estimulantes.

Desse modo, este capítulo mexe com o meu “eu” e com as minhas estruturas emocionais e sociais em todo o meu ser, enquanto mulher negra que esteve por tanto tempo invisibilizada e por algumas pessoas negadas, mesmo sabendo que havia em mim um potencial, que em determinado momento cheguei a sentir medo. Um medo que nem eu mesma sabia explicar.

Mas, hoje ao acionar os escritos de Dussel (1942), começo a compreender que aquele medo era a voz de negação do outro, pois mesmo sem entender, me deixei retroceder, a ponto de não enxergar meus feitos, não valorizei, nem contemplei a alegria por mim mesma.

Agora, muito emocionada sinto neste exato momento que houve uma transformação em mim, hoje me vejo como uma grande mulher, eu sou um grande sorriso, e não me importo com quem não concordar. Neste instante, me desprendo do casulo, conforme Thompson (1989) tanto aconselha a libertar-me e, sou livre, sou visível, mesmo que venha a enfrentar preconceitos, me, enxergo, me entendo e me digo.

Figura 31 - Comemoração de meu aniversário com colegas de trabalho, Centro de Ciências Jurídicas - CCJ



Fonte: Arquivo Pessoal da autora

Na sequência sobre homenagem, o estudo autobiográfico me fez relembrar e trazer alguns mimos recebidos nessa trajetória, se não por esta pesquisa, jamais seriam lembrados e eu aproveito o momento e fico feliz em partilha-los.

Entendo que cinquenta por cento de meu tempo passo no trabalho, com isso a nossa interação cresce entre os companheiros que estão lado a lado no dia a dia. Assim, sendo, conseguimos partilhar muitos momentos importantes de nossas vidas com eles. Esta cena aconteceu no hall de entrada do Centro de Ciências jurídicas UFPE. (Faculdade de Direito). Onde colocaram uma grande mesa com bastantes guloseimas para adoçar o meu dia.

Esta foto vem traduzir-se em um momento de descontração e confraternização em homenagem ao dia mais especial de minha vida: o dia do meu aniversário! Um momento em que meus amigos agentes de segurança, e de outros setores me ofertaram esta linda festa. Este panorama denota o carinho, o respeito, mas principalmente a consideração dos colegas em me proporcionar este mimo, que realmente me deixou bastante feliz.

Por este prima, concordo com o pensamento de Burke (2017), ao revelar que as imagens podem fornecer valiosos testemunhos, para o autor toda imagem conta sempre uma história, em um ou vários contextos. Através desta imagem pode-se compreender a forma como fui tratada, bem como, a maneira como me relacionei com os amigos naquele período, onde foi muito salutar para mim, chego a imaginar ser um privilégio que nem todos naquele estabelecimento conseguiram receber. Ao fazer um pequeno retrospecto, reflito que as imagens falam por si só. E eu só tenho a agradecer a todos.

Figura 32 – Fotografia na escadaria do CCJ com colegas do trabalho, 1995.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Para reforçar e enriquecer o momento festivo, resolvemos tirar mais uma foto, e desta feita, em frente à escada que dá acesso ao jardim central da faculdade, que tem em seu entorno gramas verdejantes, e diferentes espécies de plantas que ornamentam este belo espaço, por onde com alegria caminhei por dez anos.

São lembranças que deixam saudades e que nesta circunstância me remeto aos ensinamentos de Paul Thompson (1989) quando indaga que, sem memória não há história. E estas imagens veem para asseverar isto.

Figura 33 - Comemoração de aniversário, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esta foto remete ao momento de descontração, na sala da diretoria de Análise e Riscos, encontro em que foi comemorado o meu aniversário.

Figura 34 - Bilhete do aluno Yusuke. NUSP, 2006



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Este bilhete de Yusuke Gabriel é um escrito que traz em si grande significado, algo que representa para mim não só um recado, mas a atenção o carinho, e principalmente, a consideração do aluno que nem me conhecia direito e que há pouco tempo estávamos juntos, mas teve a preocupação de me deixar informada do que se passava com ele naquela manhã, no Núcleo de Saúde Pública. NUSP. Por este ensejo, é salutar lembrar Burke (2017), ao enfatizar que em sua essência a imagem sempre terá algo a retratar, em um ou em vários contextos. Portanto, o quadro demonstra isto.

Figura 35 - Homenagem do prof. Henrique Khol, do Centro de Ciências Médicas - Depto de Educação Física, Universidade Federal de Pernambuco ao reconhecimento do trabalho realizado pelo Programa Cabeça de Área, na TV Universitária, Canal 11, 2011



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Esta homenagem vem retratar o carinho, mas essencialmente a consideração do professor Henrique Khol, ao transferir esta gama de gentileza para comigo e com toda

equipe do Programa Cabeça de Área, pelo reconhecimento do desempenho das atividades que juntos com afincos desenvolvemos. Deste modo, só tenho a agradecer pela atenção dispensada para comigo e toda nossa equipe.

Figura 36 - Reconhecimento no desempenho do Programa Cabeça de Área, pelos professores Roberto Santana e Mestre Josiel Trajano da Escola Amigo do Taekwondo, na 4ª Copa Jaboatão Open Taekwondo, 2012



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Esta homenagem chega para valorizar o desempenho do Programa Cabeça de Área, desenvolvido na TV universitária, Canal 11, em primar pela integração com todas as práticas esportivas e manter sempre um bom relacionamento com seus convidados. Fomos reverenciados pelo professor Roberto Santana e o Mestre Josiel Trajano da Escola Amigo do Taekwondo, ao realizar a 4ª Copa Jaboatão Open Taekwondo, 2012. Agradecemos por esta iniciativa e reconhecimento.

Por este ensejo, trago a ideia de Burke (2017), ao explanar em seus escritos que as imagens podem oferecer um rápido entendimento e compreensão, diferente da forma descritiva de um texto, desse modo as imagens falam mais alto, o momento vem a confirmar as suas palavras desenhadas através destas ações.

6 ENQUETE: COMO VOCÊ ME VÊ?

Esta pergunta tem como objetivo a busca de resposta no processo da construção na historicidade na UFPE, de alguns colegas e familiares, o que represento para cada um deles, perante a minhas vivências nesta caminhada. Assim sendo, seguem em resposta a esta suposição.

Todo tempo nunca me preocupei que poderia estar sendo observada, nesta representatividade entender que: a educação tem sido apresenta bem presente em minha caminhada, de acordo com as leituras que tenho realizado nesta enquete. Vejamos:

1- Wanessa Laurentino

“Tia Rizo, mãe de Ítala e Palloma.

Exemplo de mulher, batalhadora, dedicada, estudiosa, amorosa. Um ser de coração puro, de energia positiva, uma pessoa prestativa que se preocupa com o próximo, busca ajudar quem pode e como pode dentro de suas possibilidades, sempre me incentiva a melhorar e estudar, nunca deixa faltar uma palavra de carinho, de cuidado, eu acho a senhora uma pessoa incrível, uma inspiração para o estudo, para as conquistas, pois sempre mostra que para ter algo precisa batalhar, sua bondade é maravilhosa.

A senhora é espetacular, um orgulho como mãe, mulher, uma inspiração para quem quer estudar. Te amo, tia.” - Wanessa Laurentino.

As palavras de minha sobrinha Wanessa Laurentino, chegam carregadas de carinho e admiração, me fortalece ao dizer que sirvo de inspiração para ela, em vários aspectos, o que me deixa bastante regozijada por poder influencia-la a seguir por novos caminhos, principalmente na área da educação. Te amo Wanessa.

2- Rosa Guimarães

“Quando conheci minha querida amiga Rizo, há muitos anos”.

De imediato senti uma amizade de verdade. Sempre me relacionei com pessoas sinceras e foi exatamente isso que fez nossa amizade ao longo desses anos. Sou muito grata por ter conhecido minha amiga, irmã.

Admiro sua bondade, honestidade, paciência e amabilidade com todos. Peço perdão se algum dia tenha decepcionado, pois somos criaturas imperfeitas necessitando aprender nessa escola que é a terra. Há! já ia esquecendo, também admiro sua fé em Deus e Jesus. Forte abraço amiga!” – Rosa - Dep. Contabilidade UFPE

Entre um e outro espaço neste universo, me envolvi com pessoas boníssimas e Rosa é uma delas, que me traz em seus escritos a questão da sinceridade, um dos ícones que fortalece nossa amizade.

3- Dayse Trindade

“Minha primeira inspiração pra chegar à universidade”. Acredito que quando mais jovem eu não tinha noção da representatividade que minha tia Zal (como a chamamos) teve na minha formação, uma coisa é certa ela era a única na família a ter curso superior e tinha passado num concurso federal, não importava a função, na minha cabeça ela conseguiu, eu também poderia conseguir.

Morando num bairro de periferia e com poucas oportunidades, ela foi um norte, um exemplo a ser seguido, sempre trabalhando, cuidando da família, buscando novas oportunidades. Pois sempre demonstrou pra todos os sobrinhos e sobrinhas que estudando a gente chega onde quiser.

Para mim, em especial, sempre falou e fala até hoje continue estudando, embora eu não estude mais, ela continua estudando em busca de seus sonhos, nos mostrando que não há idade pra estudar, e objetivos a alcançar, isso é um orgulho pra todos nós.

Tia Zal. Calma, determinada, uma pessoa forte, mas doce, hoje mostra a todos da família que nós negros temos e podemos estar onde quisermos a vida não é fácil pra ninguém, mas para nós negros de periferia a batalha é mais árdua, as oportunidades mais escassas, e ver uma mulher negra, trabalhadora, mãe, filha, dedicada e prestes a se aposentar fazendo mestrado, é um lindo exemplo de vida! ”- Daisy Trindade

A redação da sobrinha Dayse Trindade, me emociona ao revelar que tive influencia em sua decisão acadêmica e me anima ao confessar que por meu atual estudo “sonho não tem idade”. Esta frase só me fortalece e alegra pela decisão tomada. Recebo com bastante carinho a alegria suas belas palavras. Grata, beijo no coração.

4- Jaelcio Braz

“Que em momento algum Rizo se envolveu com atos ilícitos ou alguma circunstância que desabonasse sua conduta profissional. Lembro-me que trabalhamos juntos por muitos anos na Rádio Universitária AM, 820, em prédio localizado por trás da Reitoria da UFPE. Ali desfrutamos de bons momentos vividos em atividades prazerosas. Com certeza, Riso é uma profissional zelosa em tudo que faz e desempenha suas funções com pontualidade, eficiência e responsabilidade. Trabalhou como produtora e apresentadora de alguns programas de Rádio, foi discotecária, da emissora AM, produtora e apresentadora do programa "Caminhos do Turismo", exibido nas manhãs dos sábados. E também estive à frente do programa "Saber Esportivo", levado ao ar nas quartas-feiras. Dirigiu o programa “Cabeça de Área”

“Começo dizendo que para falar acerca de outra pessoa, faz-se necessário observar alguns aspectos fundamentais que corroboram para o conhecimento do ser humano. Destaco aqui três importantes dimensões: a humana, a afetiva e a profissional.

Assim sendo, o que eu poderia dizer sobre Risolene ou simplesmente Riso, como os amigos carinhosamente a chamam?

Quanto à dimensão humana, Riso é essa criatura generosa e bondosa que sabe muito bem cativar a gente, pois também é carismática. E se eu pudesse apontar algumas qualidades que a definem, diria que ela é detentora da tranquilidade, espiritualidade e ternura próprias do ser humano. É sincera e está sempre disposta a ajudar seus semelhantes. Na dimensão afetiva, ela é sempre atenciosa, pronta a dá uma palavra amiga e a estender a mão ao próximo; sempre está acompanhada de familiares. Mulher e mãe exemplar preocupada com o bem-estar do outro, se porta de maneira harmoniosa, pacífica e lisonjeira. Gosta de ouvir os problemas do outro no intuito de escutar, aconselhar e ajudar a resolvê-los.

Na dimensão profissional, ou melhor, no mundo do trabalho, Riso é aquela pessoa correta, cumpridora de seus deveres, de boa conduta. Tem idoneidade moral e é muito responsável. Com satisfação atesto que ela é uma servidora voltada para o trabalho e se relaciona muito bem com todos que a cercam. Afirmo também há anos, na TV Universitária, aos sábados de 12:30h às 13h. Para terminar estas considerações, devo dizer que é um prazer enorme poder falar sobre você. Um abraço.” - Jaelcio Braz dos Santos. Servidor da UFPE - SSI.

Essa enquete vem demonstrar que durante o período em que estive a me movimentar pelo campus também estava sendo observada pelo amigo Jaécio Braz, que faz referências a minha passagem pela Rádio Universitária, onde juntos trabalhamos. Além da amabilidade para comigo lindamente comenta sobre alguns feitos que desempenhei na emissora. Sinceros agradecimentos, amigo. Abraço.

5– Guibson Trindade

“Mulher, negra e periférica, minha tia serviu de inspiração para várias gerações da família Trindade, nela compreendemos o real sentido de melhor de nós, esse conceito nos é ensinado dia a dia pelas suas atitudes, dedicação, garra e força de vontade. Segunda de uma família de 10 irmãos, ela foi a primeira de nós a conquistar uma graduação e uma vaga no serviço público. Mesmo enfrentando todas as dificuldades e resistência que o modelo tradicional a impunha, ela nunca deixou de batalhar para o seu desenvolvimento e daqueles que ela acreditava ter potencial. Esse espírito acolhedor e colaborativo sempre a fez estar à frente de diversas atividades, sendo elas: profissionais, familiares ou até mesmo solidárias. Para mim ela é inspiração! Através dela compreendi o sentido de ser relações públicas, profissional me ensinou que sempre teremos uma solução adequada, oferecendo o melhor de nossas capacidades. Não em busca de reconhecimento, mas para satisfação pessoal. Porém acima de tudo, nossa maior inspiração, matriarca dos Trindade, é a condutora de um espírito de união e amorosidade que ultrapassa os ensinamentos de nossa ancestralidade e ao longo dos anos essa comunicadora transmite seus ensinamentos e não nos permite pensar em distanciamento. Mãe, irmã, tia, parceira, essa é minha tia Riso. Uma palavra resume, Amor!”

Essa parada para leitura representa um momento importante, preenchido de leveza em poder desfrutar de palavras agradáveis e convincentes, como as mencionadas pelo meu sobrinho Guibson quando traz a tona, todas as minhas dificuldades enfrentadas e os resultados positivos que consegui almejar. E mais, indica que seguiu sua vida profissional quando através do meu perfil. Por este ato sinto-me envaidecida e agradecida pelo carinho e atenção querido.

6- Tulane Souza

“Da primeira vez que a vi não imaginava que iria de fato conhecê-la mais profundamente. Eu acredito que tinha 18 anos quando comecei a trabalhar com ela. Rizo foi minha chefe durante 4 anos e devido a minha imaturidade demorei a perceber o quão precioso era o laço de amizade que ela nutria por mim. Em muitas ocasiões Rizo foi minha mãe, conselheira, supridora. Pessoa com uma paciência admirável capaz de ouvir coisas terríveis e ainda sim sorrir e dizer. — “Tudo bem!” Com ela não havia tempo ruim. Ela sempre estava disposta a se doar pela equipe, pelo trabalho e com um esforço sem igual. Ela me escutava, e continua escutando. Era impressionante a credibilidade e confiança que ela tinha em mim. Ela me ensinou o sentido de amizade. Apesar de todo trabalho que eu dava, muito trabalho, diga-se de passagem. E minha dificuldade era a de vê-la como chefe, ela estava aprendendo como eu. Eu era birrenta, admito. Mas, ela e Flávio Soares me deram lição de humildade e competência. Eu me refiro a época em que trabalhávamos na TV Universitária. Rizo era diretora do programa Cabeça de Área, onde eu atuava como repórter. A realidade da TVU não era a mesma de emissoras comerciais e eu, estudava em uma faculdade particular. Nossas visões a respeito de pauta, edição de texto e vídeo eram muito distintas. Confesso que foi um processo difícil para ambas, mas, ela venceu em paciência e serenidade. Ela quebrava qualquer argumento quando no meio de uma crítica contundente, parava, respirava fundo, e com uma voz quase inaudível respondia. — “Tula, tenta fazer desse jeito, por favor.” Os motivos sempre giravam em torno dos cortes que eu amava dar nas falas dos entrevistados, enquanto ela desejava que os entrevistados tivessem o protagonismo da reportagem. No geral, ela estava certa. Nosso compromisso era com uma resposta à sociedade sobre o investimento das ações desportivas de Pernambuco, não havia melhor maneira de fazê-lo, se não, dando visibilidade aos agentes atuantes nesse campo. Enfim, após anos de afastamento, quando eu já tinha uma filha e não atuava mais no campo midiático, reencontrei Rizo em outra posição, a posição de amiga mais chegada que irmã. Uma torcedora do time da Tulane Futebol Clube. Incentivadora, leal, compreensiva, ouvinte. Rizo em um dos momentos mais difíceis da minha vida, estava lá, do meu lado, pensando estratégias lado a lado, para que eu tomasse o melhor rumo, o rumo do amor, da compaixão, da serenidade. Ela sim é pacífica. Ao passo que ela me transmitia essa paz, eu a ajudava no processo de ingresso no mestrado. Ela tentou várias vezes, e dentre essas, eu estava presente em algumas, seja na construção da primeira ideia de projeto de dissertação, seja no estudo da bibliografia

exigida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEdu/UFPE. Acredito que a ajuda mútua em processos de vida diferentes consolidou nossa amizade. Hoje, ela está no mestrado e eu no doutorado em educação e nunca havia passado pela minha cabeça estar presente no trabalho dissertativo da colega de pós-graduação. Não dessa forma.

Eu a ajudei no projeto onde o objeto era o programa educativo elaborado por Paulo Freire na década de 1960. Lia seu texto, dava sugestões, debatia sobre o tema, e hoje, aqui estou derramando todo meu apreço e admiração por essa mulher negra, com uma história de vida incrível, exemplo de determinação e superação. Eu também sou uma mulher negra que em vários momentos da vida precisei me espelhar em exemplos como o de Rizo. Ela tem duas filhas, as quais ela criou e educou numa carreira solo. Durante os quase 20 anos de amizade nunca presenciei um momento falho em suas decisões e atitudes frente a dificuldade de conduzir a família, e isso é inspirador. Resiliente, empática, doce e amável, essas são as impressões passadas por Rizo. Eu a via como desatenta, e lenta, mas na realidade ela é cautelosa, tem domínio próprio e é extremamente racional no trato com os outros. Ela não grita, não agride, mas também não chora nem titubeia. É firme, porém, extremamente tranquila. Não há como passar pela vida de Rizo, sem notar que ela supera seus próprios obstáculos, suas dificuldades pessoais e internas, e avança rumo as melhores oportunidades. Ela me representa, seja por sua garra, seja por suas posições no mundo do trabalho, ou por ter na sua história interseções muito similares as minhas, uma mulher negra no mundo acadêmico, com carreira solo na criação dos filhos. “Eu sou Tulane Souza, filha (postiça), amiga, irmã, também ouvinte de uma mulher que inspira delicadeza, mas expira força.”

Nesta jornada são vários pensamentos que se refletem sobre meu passo a passo fico envaidecida por cada descrição que curiosamente leio e acho tudo muito interessante. Tulane Souza, por acaso faz um retrospecto entre os quatro anos em que enfrentamos bons momentos ente concordância e discordâncias, mas no propósito de acertarmos e juntas conseguimos desempenhar um lindo e brilhante trabalho. Hoje vitoriosa, ela desenvolve um belo papel na área da comunicação e em outras áreas. Me alegre pelo seu carinho e nossa amizade. Abraço filha, amiga e irmã.

7-Wandella Jokastra

“O que falar desta mulher guerreira e determinada que aprendi a admirar?”

Tudo começa há mais de dez anos, quando surgiu a oportunidade de estagiar no Programa Cabeça de Área, da TV Universitária de Pernambuco, onde ela exercia o papel de Diretora do Programa.

Desde o início, Rizo, como gostamos de chamá-la, não mediu esforços para me fazer relaxar e usar, na prática, as informações e estudos recebidos na esfera acadêmica, bem como me portar como uma futura jornalista na época. Imagino que ela não tinha ideia de quanto foi importante neste começo, onde tudo parecia obscuro e quase nada fazia sentido naquele momento.

Não esqueço nunca como Rizo se colocou no meu lugar de aprendiz e me fez relaxar na minha primeira matéria que ocorreu no quartel do Exército (14RI). Imaginem como eu me sentia, ainda universitária, em frente a um oficial de alta patente. Mas Rizo com toda paciência me explicou como devia me portar me deu dicas preciosas de como a matéria deveria ser feita. E tudo saiu perfeito.

O tempo foi passando e convivência me fez conhecer da profissional à pessoa maravilhosa e gentil que sempre estava disponível a ajudar cada um de nós no seu momento.

Os dias de gravação sempre eram um momento para um maior aprendizado. Até simples fato de receber o convidado para participar do Programa era um diferencial; pois, a maneira como ela se colocava e atendia fazia uma enorme diferença para todos. Esse período no Programa Cabeça de Área foi de extrema importância para minha formação profissional e pessoal. Naqueles primeiros passos que estava dando na carreira de jornalista, aprendi com Rizo a ter determinação e dedicação naquilo que estava buscando. Como pessoa aprendi a me colocar no lugar do outro e tentar fazer o melhor dentro do que fosse possível. Rizo foi peça-chave nesse momento da minha vida.

O tempo foi passando e a minha admiração por essa mulher admirável só me fez querer estar por perto, mesmo quando saí do Programa Cabeça de Área. Ela se tornou parte da minha família e amiga de vida.

Rizaide Trindade, pessoa especial e que merece distinção por nunca se abalar pelas adversidades da vida e sempre buscar aprimorar e aperfeiçoar o conhecimento em busca de algo melhor para si e para os outros.

Espero ter contribuído um pouco para esse breve relato sobre ‘Rizo’, apenas.”

Maravilhada é o que consigo expressar na expectativa de argumentos entre passado e presente, e Wandela em seus dizeres denota peculiaridades que me leva a reflexões, que me surpreendem, preenchendo lacunas antes não percebidas, isto é gratificante, seu carinho, consideração e amizade.

8- Marcicleide Lopes

“Rizo

Rizo mulher negra;

Rizo mulher linda

Rizo mulher maravilha

Rizo carinhosa

Rizo atenciosa

Rizo cuidadosa.

Rizo resiliente

Rizo de personalidade

Rizo de sorrisos fáceis.

Rizo filha

Rizo irmã

Rizo amiga

Rizo mãe

Rizo servidora

Rizo mestranda

Rizo mulher de muitas qualidades

Rizo mulher de segurança e confiança.

Rizo mulher nordestina;

aguerrida por natureza

Rizo honrada pela conquista.

Rizo mulher de fibra

Rizo leveza

Rizo rio

Rizo mar

Rizo flor

Rizo amor.

Rizo toda mulher e sempre amiga.

Marcicleide.”

Neste interim, a cada instante sou surpreendida por cada gesto que chega para alegrar o meu coração, e perceber a amizade que a mim tem sido ofertada, e só através de cada mensagem consigo dimensionar esse carinho, a exemplo o de Marcicleide ao me lançar em verso neste contexto. Tudo isso é muito lindo!

9- Aline Barbosa

“ ‘Rizo’

O que é um riso (sorriso)? – é um movimento facial que expressa sentimentos vários, sendo o da felicidade o mais comum. Posto que em algumas pessoas representa a pureza da alma. E quando esse Riso se escreve com Z, transformando um ser físico em um ser espiritual, que denota sinceridade, alegria, respeito, pois que são apenas algumas das virtudes vistas, observadas e admiradas em Rizailde.

Falar de Rizo é perceber um ser humano sensível e conhecedor do seu lugar no mundo, buscando deixar um legado de amor e bondade nesta sua passagem etérea.

Não posso resumir essa passagem a esta instituição, pois que o ser humano que ela é, este espaço de trabalho se torna muito pequeno para sua grandeza pessoal ‘já que a vida na Terra é uma incumbência de confiança’.

Partindo do pensamento de que você é uma boa amiga, vai para você ‘Canção da América’:

Amigo é coisa pra se guardar

Debaixo de sete chaves

Dentro do coração

Assim falava a canção que na América ouvi

Mas quem cantava chorou

Ao ver o seu amigo partir

Mas quem ficou, no pensamento voou

Com seu canto que o outro lembrou

*E quem voou, no pensamento ficou
 Com a lembrança que o outro cantou
 Amigo é coisa para se guardar
 No lado esquerdo do peito
 Mesmo que o tempo e a distância digam "não"
 Mesmo esquecendo a canção
 O que importa é ouvir
 A voz que vem do coração
 Pois seja o que vier (seja o que vier)
 Venha o que vier (venha o que vier)
 Qualquer dia, amigo, eu volto
 A te encontrar
 Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar
 Seja o que vier (seja o que vier)
 Venha o que vier (venha o que vier)
 Qualquer dia, amigo, eu volto
 A te encontrar
 Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar*
Compositores: Fernando Rocha Brant / Milton Nascimento"

Ah! Como me sinto bem, a cada mimo vindo das palavras gentis que estou a receber através das mensagens calorosas de cada amigo. Aline Lopes, mexe com minhas estruturas ao trazer o seu entendimento do Rizo com S e Z, no entrelace de gentilezas, bem como traduzidas nas lutas similares por nós enfrentadas e com grandeza conseguimos superá-las. Além de tudo ainda me oferece a Canção da América de Milton Nascimento.

10- Laudiélcio da Silva

“Como eu vejo a pessoa de Rizailde Trindade?”

Em outubro de 2009, eu, sendo servidor técnico administrativo desta universidade, fui desempenhar minhas atividades laborais no Núcleo de Educação Física e Desportos (NEFD). Foi nessa ocasião que eu conhecia a Rizo.

Ela demonstrava ser uma pessoa calma, bastante empenhada nas atribuições que lhe cabia. Demonstrava ainda satisfação com o que fazia. Uma mulher, negra, que já dava sinais de superação das adversidades, pois num ambiente de trabalho onde a maioria dos colegas eram homens, Rizo não se intimidava e se destacava nas atividades de apoio do Programa esportivo ‘Cabeça de Área’ que era veiculado pela TV Universitária, e cuja gravação ocorria parcialmente nas dependências do NEFD.

Poucos anos mais tarde, com uma motivação em comum, nos encontramos no Centro de Educação, nos preparando para ingressar no curso de mestrado em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação. Ali, se foi uma trajetória difícil pra mim,

um homem branco e vindo de família humilde, para Rizo, mulher, negra, aparentemente vinda de família humilde, parece ter sido mais difícil.

De fato, a história nos mostra como é tão árduo os caminhos trilhados pelos pobres e mais ainda quando estes pobres são mulheres e negras, sobretudo no Brasil, um país tão multicultural, mas ao mesmo tempo tão racista, tão preconceituoso, tão excludente.

Sou testemunha de que o caminho trilhado por Rizo até ingressar no curso de mestrado não foi tarefa fácil. Foram várias tentativas. Estudamos juntos para obter a aprovação na seleção; vi amigos e amigas entrando antes da gente; até que veio a minha vez de ser aprovado e selecionado; mas para Rizo ainda não era o momento. Todavia ela não desistiu – embora isto talvez tenha passado pela sua mente em algum momento. Mas ela foi persistente até ser aprovada.

Hoje, 13 anos após ter conhecido Rizo, comemoro com ela sua condição de aluna regularmente matriculada no curso de mestrado em educação do Centro de Educação da UFPE, e espero vê-la defendendo sua dissertação, porque sei que ali ela estará também defendendo o espaço que também é das mulheres, negras e pobres. Espaço que deveria ser ocupado por quem assim desejasse, independente de sua identidade, mas que só alguns e algumas alcançam o êxito em razão de um capital cultural não acessível a todas (os).

Embora este capital cultural não fosse uma realidade em nossas vidas, encontramos um capital humano que foi comum para mim e Rizo, encontramos nas pessoas do professor Edilson Fernandes de Souza e Márcio Eustáquio Lopes Cavalcanti (in memorian).

Siga em frente, Rizo!

Saiba que você pode mais!

Laudiélcio F. M. da Silva”

Encantada estou em receber o “feedback” de pessoas que ao longo do tempo tem acompanhado a minha movimentação no Campus, Lau, é um deles que traz algumas minúncias sobre o meu desempenho nas tarefas do cotidiano no trabalho, e na persistência à busca do mestrado, lembra da minha luta e garra para conquistar o meu espaço. Gratidão amigo, pela disponibilidade em deixar as suas impressões neste contexto.

11- Cemiramys Ramos

“Filha de Severino com Iracema Augusta, era componente de uma família de negros composta, de 11 irmãos, 5 homens e 6 mulheres. Rizailde , (Tia Zal) como é chamada intimamente, Sempre me chamou a minha atenção por sua calma de delicadeza.

Mesmo com uma infância muito limitada de recursos, tinha uma base familiar muito forte. Amor, carinho e uma presença muito determinada de uma mãe muito criativa que fazia de um tudo para complementar no sustento da casa e ao mesmo tempo, muito disciplinadora que serviu de base para sua vida, dando-lhe alicerce e base familiar.

Desde cedo, assumiu com seus irmãos mais velhos a responsabilidade de ajudar no sustento familiar junto com seus pais. Realizou, passou e assumiu seu primeiro concurso público realizado, no órgão Federal, onde foi o marco de sua vida, junto com sua formação e especialização acadêmica! Tornando-se um exemplo e motivo de orgulho. E novos sonhos foram alcançados, casa própria casamento e construção de família, vencendo degrau, por degrau.

Depois veio a maternidade por 2 vezes onde concebeu duas filhas Palloma e Ítala. As quais lhe impulsionaram mais ainda a enfrentar os vários obstáculos que surgiram. Tempos difíceis novamente lhe cercaram, separação, período muito sofrido, ser mãe praticamente solo, depois um período de enfermidade, Perda dos pais, pode ter adiado temporariamente mas nunca foi motivo de desistência de seus objetivos.

Como eu te vejo minha tia querida?

Mulher ímpar, Negra, cristã, guerreira de muita fibra, que não se abateu com as dificuldades, e que é dona de uma fala mansa e uma paciência muitas vezes não entendida, que defende seus ideais, que apesar de ser uma mulher aparentemente frágil carrega dentro de si uma força imensa de querer desbravar tudo que vier lhe desafiar. Como Negra imagino ter passado por algum desconforto em certo momento, causado por essa sociedade que existe uma fala de democratização e igualdade utópica. Todavia confirma-se a sua maestria de ser exemplo a seguir de superação, que não se acomoda diante de uma conquista, que busca sempre mais, quando se trata de executar seu projetos. E que não deixa as oportunidades passarem. Hoje às vésperas dessa nova brilhantura que é a defesa de seu Mestrado. Só tenho que agradecer a você de ser uma fonte de inspiração para nós, da família Trindade e de todos que a rodeiam no âmbito social, trabalhista ou informal. Em saber que não existe um abismo insuperável entre o sonho e sua concretização em realidade, mas a determinação da solidificação do querer, de Ser e Ter depende si mesmo!

Espero que eu tenha conseguido passar, tudo nessa poucas palavras do que a senhora representa para mim. Te amo!

Cheiro no coração.”

Sinto que este encontro representa um arsenal de detalhes, que por algum tempo ficaram guardados e a cada instante vão se destacando, minha sobrinha Cemyrames muito bem desmiúça com carinho minhas fragilidades e méritos. Neste caminhar o que vejo como muito positivo e recebo com bastante alegria e carinho. Beijos, obrigada querida, te amo também.

12- Angela Nascimento

“Rizailde Trindade

Calma como uma manhã de sol, Rizo é uma mulher feita de aproximações pausadas. Nossa amizade começou faz tempo, quando eu era tão alvoroçada que só queria saber do que se agitava em torno da vida. Mas, ela estava ali tão paciente, pronta para falar ou calar. E assim, continuamente, fomos tecendo nossa amizade duradoura.

De repente, em um salto qualitativo no estilo de Piaget, ela começou a expressar saltos de grande autonomia. As escolhas na vida pessoal, feitas de grande coragem e confiança aconteciam. Reflexiva, me trazia sob a forma de curiosidade, vontades de crescer, de aprender, de contribuir na área da comunicação, a qual se dedicava.

Mesmo após uma temporada distante, ao voltarmos a nos ver, Rizo era a mesma e já não era a mesma. Agora dirigia: carro, programa, atividades. O seu olhar passou a ser mais firme. A vontade agora era uma estrada determinada que ela alegremente escolhia. A experiência na TV também a levou a novos lugares antes não pensados.

Como mulheres negras, eu e Rizo compartilhamos os desafios trazidos no plano pessoal, como mães e chefes de família, mas, sobretudo na importância do trabalho como lugar fundamental em nossas vidas. Porém, eu sentia que a sua consciência de si mesma no mundo estava ganhando novos ares, impulsionados por sua inserção na TV. Assumir um cargo de maior responsabilidade lhe levou a um lugar ainda desconhecido, não apenas no campo profissional. No meu entendimento, a visibilidade de Rizo, em ascensão, começava a provocar nela mesma uma espécie de espanto diante de si mesma, provocando a necessidade de buscar novas ferramentas de autoconhecimento além de estudos mais acadêmicos.

As experiências em lugares tradicionalmente marcados pela ausência de mulheres negras pode nos proporcionar refletir sobre o significado que o pertencimento étnico-racial, de gênero e de classe tiveram e ainda tem na estruturação dos padrões sociais e práticas institucionais na sociedade brasileira.

Tomar consciência de sua própria existência apropriar-se de sua história e dos significados de sua condição de mulher passaram a ecoar em suas falas em nossos poucos encontros. Ainda que ela não explicitasse sua condição racial nos mesmos moldes que eu, como ativista política defendia, fui percebendo que aquela Rizo calma estava em ebulição, pronta para novos caminhos de conhecimento, autoridade e atuação. Inevitavelmente, pensava eu, ela iria abrir a sua própria caixa de pandora como mulher negra.

Além disso, contávamos com uma conjuntura nacional bastante propícia à promoção das políticas de igualdade racial que viessem a responder pela superação de padrões de desigualdades entre pessoas brancas e pessoas negras no país. O racismo estrutural passou a ser reconhecido em sua capacidade de articular às condições étnico-raciais, de gênero e de classe, níveis de desigualdades que colocavam e ainda colocam as mulheres negras e indígenas na base da desigualdade nacional, em todos os indicadores sociais.

Após a experiência da TV, constatei que Rizo havia se determinado à fazer a pós-graduação em direitos humanos. Já não havia mais dúvidas de que seguiria crescendo academicamente. E quero agradecer por ter tido a generosidade de produzir seu trabalho de conclusão da especialização tendo como objeto o Serviço Integrado de Saúde, equipamento social de grande importância social, mas, naquela época de seu curso, tão marcadamente invisibilizado pela comunidade acadêmica da UFPE.

Agora, na condição de mestrandia, Rizo me surpreende ao tratar sua própria história de vida como objeto de estudo. E me faz chegar até aqui para compartilhar algumas linhas sobre como eu a vejo.

Rizo, eu a vejo: larga, ousada, determinada, com disciplina e zelo, em movimento, em pausa, em crescimento constante, refletindo sempre, orando e fazendo acontecer.

Você é uma grande mulher! Soube transformar tantos desafios em caminhos novos e iluminados como sua frente!

Só tenho a agradecer a honra de te acompanhar!”

Fico pasma comigo mesma, ao perceber que por meio dessa enquete como interagi com amigos de tantos conhecimentos e que todo tempo vinha sido observada. Neste caso pela amiga Angela Nascimento, ativa, consciente das questões étnico raciais, que chega, e me traz tantos elogios, que mesmo em meio a minha timidez, sinto-me privilegiada por sua mensagem. Gratidão amiga Ângela.

13- Suara Macedo

“Minha experiência no Programa Cabeça de Área foi muito positiva para minha carreira. Aprendi na prática a fazer jornalismo com responsabilidade pensando no público em direto contato com ele. O programa produzido por Rizo Trindade era realizado semanalmente em várias etapas. Começávamos com a reunião de pauta que definia o tema do próximo programa. Além da distribuição de pautas e tarefas que era feita de forma colaborativa, a produtora já buscava e entrava em contato, fazia os agendamentos com os entrevistados e definia os locais de gravação.

Neste momento da reunião de pauta, nós também avaliávamos o programa anterior. Tanto Rizo, quanto o professor Edilson, apresentador do programa, traziam pontos de grande importância para a nossa carreira profissional. Eles conseguiam relacionar nosso trabalho com a relevância social da pauta, elogiavam e apontavam pontos para nosso aprimoramento. Recordo-me da importância dessas avaliações dos programas passados na reunião de pauta. Ali aprendi a sempre respeitar o convidado ou entrevistado independente da sua opinião.

Os próximos passos eram captação de imagens e gravações até o dia da semana reservado para a edição de imagens. Lembro-me de um episódio em que Rizo me acompanhou numa gravação de off. Ela elogiou minha impostação vocal e me deu algumas dicas para melhorar o conjunto respiração e som.

Era Rizo quem produzia o roteiro do programa. No qual eu sempre percebia certo carinho conosco, pois o apresentador anunciava a matéria citando nosso nome: “Veja na reportagem de Suara Macedo”. Tem ensinamentos do Programa Cabeça de Área que levei pra minha vida. Atitudes que foram percebidas e destacadas pelo professor Edilson, por Rizo, pelo cinegrafista Flávio e pelos outros colegas estagiários de jornalismo. Era realmente um trabalho mútuo de uma equipe.

Eu gostava muito das pautas em que havia contato com as pessoas nas ruas e essas pessoas contribuíam com as informações da programação. Isso me deixava feliz. Lembro-me que senti falta disto quando saí do programa de TV e fui trabalhar com assessoria.

Tive a alegria de acompanhar o trabalho de Rizo ao vivo por trás das câmeras, comando e dirigindo o programa que era gravado nas sextas-feiras, para exibição aos sábados. Nesta função em especial, é na qual eu mais a admiro. Fiquei encantada ao vê-la dirigindo e meu respeito pelo profissionalismo dela só aumentou.

Então, pra mim foi uma honra participar desta equipe. Creio que laboratórios como este são fundamentais para a formação em Comunicação Social e é uma pena que hoje o Programa Cabeça de Área não esteja mais no ar, pois era um programa realmente importante para formação profissional sobre vários aspectos. Como já citei, o aprendizado sobre o respeito ao público, aos convidados e aos colegas no âmbito das suas funções e profissões me marcou e me perpassa até hoje.”

As emoções têm sido muitas e nesse interim, Suara em seu relato, aplaude o Programa Cabeça de Área e indaga sobre sua admiração ao ver- me no comando por trás das câmeras, cita nossa união, sente-se feliz em ter feito parte dessa família que lhe ajudou no curso de jornalismo, tudo isto é lindo demais para mim.

14- Artur Silva

“Como vejo tia Rizo?

Descrever a imagem de alguém que conhecemos a mais de trinta anos, se torna uma tarefa difícil e extensa, tendo em vista os muitos ângulos que enxergamos aquela pessoa, por isso irei pontuar apenas as características mais marcantes que vislumbro quanto pessoa.

Resiliência: *Numa conversa com Rizailde, é fácil sentir e identificar a paz que ela transmite em seu discurso, exalando mansidão e tranquilidade, sempre muito paciente e pacífica, tratando de tudo com muita calma, mesmo quando se trata de assuntos difíceis de lhe dar, ou muitas vezes trazidos de forma brusca pelas pessoas ao seu redor. Sempre senti esta paz transmitida por ela em sua maneira de lhe dar com as pessoas e tratar dos mais diversos tipos de assunto.*

Acolhimento: *É uma característica peculiar do seu caráter, um olhar de compreensão, demonstrando sempre se preocupar com a dor do próximo, independente de quem ele seja. Uma capacidade ímpar de ouvir, acalantar e fazer com quem a pessoa se sinta abraçada e acolhida.*

Determinação: *Esta é uma das características mais presentes em sua personalidade desde sempre, basta ouvir a sua história de vida e perceber, que nos momentos em que foi necessário tomar decisões, seguir caminhos e perseguir objetivos, nenhum empecilho foi o suficiente para lhe fazer procrastinar ou desistir do seu objetivo ou decisão. Inclusive já citei alguns exemplos da sua história de vida em alguns momentos*

“decisivos”, em minhas aulas e palestras, usando-a como referência de “mulher de coragem” e empoderamento, ser decisiva e determinada com certeza, é uma das suas maiores “marcas”.

Discrição: *Ela consegue nos deixar confortável na sua presença pela sensibilidade de não ser indiscreta ou invasiva, como muitas pessoas costumam ser. Na vida, muitas vezes uma pergunta feita em um momento inoportuno, uma curiosidade pessoal colocada em questão de forma inadequada, nos coloca num papel extremamente constrangedor. Na sua presença, durante tantos anos, nunca me vi em qualquer situação constrangedora, ou desconfortável, sinto que ela sempre ponderou aquilo que é sadio e o que poderia ser nocivo em nossas conversas, momentos, em família e em outras situações.*

É aquela pessoa que a gente se sente seguro em ter por perto, por saber que o equilíbrio sempre faz parte dos seus discursos e narrativas. Além disso, existe discrição inclusive em seus posicionamentos pessoais. Eu enxergo como uma grande habilidade de verbalizar seus posicionamentos sejam políticos, religiosos ou pessoais, sem agredir, ferir ou atingir de forma indireta ou direta a ninguém a sua volta, isso torna sua presença cada vez mais agradável e prazerosa.

Por fim, gostaria de deixar o registro da minha alegria e satisfação de desfrutar da presença de uma pessoa tão maravilhosa e positiva na minha vida, como Rizailde Trindade. Nosso “laço”, veio do amor maior da minha vida, minha mãe “D.Izanir”. Com tantas qualidades, amor e carinho, tinha que ser uma “herança” de uma mãe mesmo, que soube cativar a oportunidade que Deus concedeu de encontrar e fazer permanecer em sua vida, uma pessoa tão “ímpar” como Rizailde. Sinto-me privilegiado em poder desfrutar de tanto amor, respeito e carinho envolvidos.

Não teria “espaço” aqui para descrever toda memória que construí desde minha infância, desta minha Tia tão querida e preferida. Por isso as características citadas acima, são as evidências do caráter de uma pessoa incrível, que conseguiu influenciar e contagiar uma geração ainda em formação, que tomou como exemplo posturas e atitudes louváveis.

Artur Antônio da Silva/2022”

Impressionante as opiniões ao meu respeito e me deixam admirada, o meu sobrinho Artur eloquente em seu discurso traz elogios em sequencia de minhas características em alto estilo, até chego a ser citada em suas palestras. O momento me transfere a enxergar

tudo novo, o que na minha trajetória desta pesquisa já começo por em prática. Meu coração se alegra com suas palavras.

15- Aldemiro Dantas

“Rizo Trindade, para mim:

É uma mulher guerreira, determinada, humilde, amiga, sempre está disposta para ajudar e acolher o próximo uma pessoa humana formidável e sensacional

Uma servidora, exemplar que veste de verdade a camisa da UFPE!

ALDEMIRO DANTAS MENDES.

Servidor da Superintendência de segurança Institucional- SSI-UFPE/2022”

E nesse processo, tenho facilidade de captar a energia que emana por meio de cada mensagem que aos poucos foram chegando, na ocasião explode a voz do amigo Dantas ao expressar sua opinião ao meu respeito.

16- Célia Rogério

“Carta para Rizo!

Conheci Rizo há muito tempo atrás, precisamente em 1985, quando iniciamos juntas na jornada de servidoras públicas na Universidade Federal de Pernambuco. Rizailde se lançava sem medo dos desafios. A sua força e determinação sempre me chamaram atenção! Era muito interessante como ela conseguia, com muita disciplina, planejar e realizar os seus sonhos, mesmo casada, mãe de duas filhas, cursando uma faculdade concomitantemente a uma jornada de trabalho externo e doméstico.

Tive o privilégio de acompanhar cada etapa da caminhada de Rizo até alcançar os seus objetivos e sonhos. Essa caminhada era detalhadamente planejada e dividida em etapas, tudo da maneira mais organizada que existe.

De início acompanhei todo esforço de Rizo para alcançar o seu apartamento dos sonhos. Ela morava em um apartamento bem pequeno na época e decidiu que não queria permanecer ali. Rizo queria um lugar mais amplo, confortável, melhor localizado, e com muita disciplina, planejamento financeiro e perseverança ela conseguiu. Depois Rizo planejou ter um carro e com a mesma determinação e organização que sempre ministrou em sua vida, agiu e conseguiu.

Não importava o quão distante estava aquele objetivo, ou até mesmo o que acontecia paralelamente aquela meta, pois ela tinha a paciência e a constância necessárias para alcançá-la. É importante ressaltar isso, pois a vida de Rizo era sempre muito corrida e não permitia que ela concentrasse seus planos e esforços em uma única coisa. Um exemplo disso foi quando as suas filhas chegaram à idade de ingressar no ensino superior ao mesmo tempo em que Rizo estava se dedicando para conseguir o seu carro.

Para que suas filhas cursassem a graduação nos cursos que desejavam, Rizo mais uma vez precisou refazer o seu planejamento. Não era só uma questão de recalcular valores, havia toda uma dinâmica de rotina, horários, lugares, que ela precisava organizar para conseguir realizar suas metas. Mas o mais bonito nesse processo organizacional tão complexo era a maneira como ela fazia parecer simples, além da compreensão e obediência dos envolvidos em seguir o plano.

A filha mais velha foi para a faculdade primeira, enquanto a mais nova matriculou-se em um curso técnico na área que pretendia fazer a graduação. A mais velha, conforme orientação da mãe precisava terminar o curso no tempo devido para não atrasar a mais nova. E foi dessa forma, com o esforço de todos os envolvidos e com a graça de Deus, que ela conseguiu formar as duas filhas. Eu particularmente achei essa arrumação, engenharia ou essa forma de buscar esse ideal, fantástica!

Com a chegada do plano de cargos e carreiras, houve um período de grande agitação dos funcionários da Universidade em busca de uma pós-graduação ou um mestrado para melhoria dos seus salários, mas Rizo já estava pronta! Ela já tinha o diploma(s) em mãos e conseqüentemente, com muita rapidez e tranquilidade, teve o seu almejado aumento salarial.

Eu admiro muitas coisas em Rizo e gostaria de ressaltar o seu gosto pelos estudos. Embora a vida não lhe tenha sido muito favorável, Rizo sonhava em progredir, fazer um mestrado. Nunca se importou com o tempo, isso para ela era o de menos! Rizo só precisava de uma oportunidade e com muita paciência, quando a chance bateu à sua porta, Rizo montou no cavalo selado e lá estava ela, aluna do mestrado na área da Educação.

Rizo é uma pessoa bonita por dentro e por fora, muito solidária, está sempre pronta para ajudar qualquer pessoa que precise dela! É uma líder nata! Por ser muita chegada a família, exercia a sua alta capacidade de liderança conduzindo muito bem os conflitos familiares do seu núcleo e os que estavam fora dele também. Cuidava de sua mãe

com muito amor, promovia festas "solidárias" de aniversário e de casamento para aqueles irmãos, sobrinhos, parentes, que sozinhos não poderiam realizar o sonho de um casamento na igreja, uma festa de 15 anos, formaturas, entre outros. Família para Rizo sempre foi algo precioso e sempre teve prioridade.

Rizailde é uma amiga valiosa, cuida de suas amizades com zelo e afinho. Às vezes a distância e as circunstâncias nos impedem de estarmos juntas, mas Rizo constantemente procura saber como estamos, envia palavras gentis e saudosas, tenta adequar um momento para estarmos juntas. Fazemos parte de um grupo de amigas que sobrevivem ao tempo.

Rizailde Trindade é uma pessoa incrível. Tem defeitos como outro qualquer, mas suas virtudes falam muito mais alto! Sonha, deseja, planeja, organiza e consegue! Fonte de determinação e perseverança! "Enxerida" como ela só! Uma mulher admirável que eu tive o privilégio de conhecer.

Com admiração e afeto,

Célia Rogério. Superintendência de Segurança Institucional – UFPE/2022"

Meu Deus! É incrível tudo que está acontecendo, não sabia que meus amigos prestavam tanta atenção em mim, surpreendida e ao mesmo tempo feliz pela carta que recebi da amiga Célia, encantada pelo seu relato tão categórico sobre minha trajetória pessoal e institucional, notável a sua percepção referente a minha movimentação dentro e fora da academia. Já sorrimos muito sobre essa história.

17- Palloma Trindade

"Falar sobre minha mãe é fácil, pois nela encontro tudo que há de positivo. É um exemplo de mulher, mãe, amiga. É maravilhosa e cheia de luz. Com isto; cito aqui diversas características dela: Amorosa, carinhosa, determinada, inteligente, esforçada, educada, bondosa, uma mulher de FÉ com um coração gigante cheio de Amor. Não vê maldade em nada, nem em ninguém, é a pessoa mais pura que conheço. Transmite paz nas palavras e no agir, ela é meu grande AMOR! Minha fonte de vida e inspiração.

É um prazer fazer parte deste processo e ver sua evolução e crescimento pessoal e profissional. Me faz querer ser uma pessoa melhor. É lindo ver a sua pesquisa finalizada onde passou noites e dias pensando, escrevendo, se dedicando e se preocupando com cada detalhe. Parabéns Mãe! A senhora merece. Minha Mestra com muito orgulho.

Deus me presenteou com a melhor mãe do mundo, obrigada por tudo e por tanto. Ontem, hoje e sempre. És merecedora de toda honra. Retratar um pouco de sua trajetória de vida é um presente inesquecível para todos que terão oportunidade de conhecer. Privilégio é ter a senhora em nossas vidas. Conte comigo sempre. TE AMO!!! Beijos de sua filha Pá!

Palloma Trindade Laurentino/2022”

Pela proximidade que une mãe e filha há a facilidade de agregar acontecimentos, e você minha querida Palloma Trindade conseguiu reunir um panorama de informações sobre mim e minha movimentação enquanto dona de casa, profissional e estudante de mestrado e consegui distribuir esse processo de forma tranquila e amável. É assim, que também tem sido em nossos caminhos. Por isso, querida filha agradeço pela ajuda, paciência, zelo e pelos cafunés e amor que à mim tem dedicado. Te amo, querida.

18- Ítala Trindade

“Não é difícil falar de mainha mas ainda assim, todos os adjetivos cabíveis a ela não exprimem nem metade de quem ela é.

Mainha é uma pessoa calma, tranquila... quem não a conhece intimamente imagina que é uma pessoa frágil, mas é totalmente o contrário, ela é mais forte do que se imagina. Desde pequenas eu e minha irmã escutamos a história de vida dela, de resumo era luta e os estudos sempre a frente de tudo.

Nós tivemos as melhores oportunidades, graças a ela. Quando ela chegava do trabalho sentava conosco na mesa e revia as atividades do dia, quando não, era a tabuada que ela perguntava.

Lembro-me que ficava esperando mainha chegar da aula porque não conseguia dormir enquanto ela não chegava, perto de 00h00min.

Ah! Minha Rizinho só quero ser 1/3 do que a senhora representa para mim, uma mulher forte, radiante, cativante, sorridente...tudo que representa luz. Pode ter certeza que quando falam isso sobre a senhora é total realidade.

Há muito que falar sobre a senhora, como disse anteriormente posso escrever um livro sobre e ainda assim, não conseguiria demonstrar todo o meu amor e admiração.

Mãe, que tenhamos mais viagens juntas, que possamos cantarolar as músicas de “The Fevers”, “Trepidantes” e Adilson Ramos, entre outras bandas musicais, por muitos anos. As nossas coreografias e a dancinha da ema, com o famoso pescocinho.

Ah! Rzinho são muitas lembranças e há muitas por vir, mas a senhora é sinônimo de perseverança, determinação, amor e fé. Como a senhora sempre diz: Acreditar que tudo já deu certo! Como esse seu projeto já deu. E vejo como a senhora se empenha todos os dias e noites nele. Todo sucesso mainha e mais histórias para serem compartilhadas. Da sua Lalinha! Te amo imensuravelmente.”

Na intimidade fica mais fácil absorver o tom da conversa, desta feita, vinda da voz da minha querida filha Ítala, que em sua fala traduz em minúcias algo que rotineiramente partilhamos juntas, o que nos faz muito bem e ainda aquece o meu coração. Lalinha, obrigada pelo denginho, preocupação e carinhos a mim dispensados. Te amo de montão.

Ao final desta pesquisa percebo que todo processo acontece como uma colcha de retalhos, um dizer aqui, outro ali, unindo todas as mensagens para uma única direção, vem contemplar a pessoa de Rizo; sinto-me muito feliz e gratificada por essa costura que só me faz bem, agradeço lisonjeada pelas belas observações, carinho e amizade.

PASSEGGI (2016) “Diz que somos teóricos a partir das vivências de nossas próprias histórias”, portanto os relatos que recebi conotam exatamente o pensamento da pesquisadora e ao mesmo tempo me preenche de muita emoção.

Sou contemplada e sinto a honra de conseguir arguições em diversos aspectos sobre mim nesta jornada pessoal e institucional. Através desta enquete estou convicta que sou uma pessoa transparente a partir do olhar de cada personagem que conseguiu narrar meu nome, trouxe um pedaço de mim. Grata a todos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preenchida por tantos significados e ressignificações, finalizo o estudo que trouxe a oportunidade de voltar ao tempo através da memória, obter a real compreensão de quem realmente sou, e de que há em mim valores. Consequentemente, potencializo a identidade fortalecida de que a “educação liberta”. No ensejo me deparo com um cenário preenchido de ações que foram realizadas, mas pela própria descrença, nada tinha sentido nem era valorizado!

Com a significativa volta ao passado consigo descobri e reconheço que sem dar conta trabalhei no campo da experiência e do conhecimento, relativamente me ative nas descobertas no cotidiano institucional, pela oportunidade circunstancial que se apresentou nessa trajetória em que obtive sucesso, por conseguinte ajudou a validar esta pesquisa.

Considero a tomada de consciência dos dados que estavam dispersos, mas com a reunião desta unidade em um só lugar constituo o “eu” que se transforma em fonte. Sendo fonte, posso estar em diversos lugares envolvida por vários feitos. Para Souza (2020), “o método autobiográfico propõe visibilidade”. Assim, ter cumprido a contento o que entendo por conclusivo, o que capacita dizer que entre erros e acertos, consegui êxitos.

Portanto nesta construção, compreendo os ensinamentos alcançados, mas sobretudo o ato de ler a própria realidade através da escrita e da narrativa de textos que neste processo estive envolvida e consegui libertação das próprias opressões.

Haja vista, todo o procedimento de transcrição a partir da leitura aplicada ao próprio respeito e a um grupo social, mediante circunstância em que faço crítica a mim mesma e consigo libertação através do estudo que ajudou a ver o mundo de outra forma.

Porém, tudo o que posso anunciar hoje, entendo como um arsenal de execuções tão especial e de modo totalmente diferente. Feliz, pela oportunidade de reviver, reconhecer e poder publicizar algumas práticas, antes nunca vista em nenhum dos meus feitos!

Para tanto, em resposta a pergunta feita logo após as primeiras páginas iniciais desta pesquisa, e mediante a movimentação analisada, estando ciente de ter cumprido a tarefa, entendo que a educação de fato liberta, porque foi através dela que me reconheço como uma pessoa transformada. Isto de certo serve como mola propulsora para que outras pessoas que se encontrem presas em seus próprios grilhões tenham esta resposta como incentivo.

Contudo, verifico que ao finalizar este trabalho muito ainda pode ser escrito com base nos documentos mencionados nessa autobiografia e como especificidade de trajetória educacional, o foco nas relações de poder dentro da própria instituição, e nas posições políticas, bem como, olhar crítico e reflexivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCENIO, Claudia Rodrigues do Carmo, AZEVEDO Patrícia Batista de UFRRJ. **A Espiral do tempo como dispositivo de Análise para Narrativas (Auto) Biográficas Trajetórias de Vida de História Oral.** *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 06. n 18, p. 668-684, maio /agosto/ (2021). 17.10.21

ASSIS, Ailton. **Um lampião dentro da mala:** O Arquivo pessoal de Octávio Pacheco-memória e autobiografia S. João Del Rei, 2009, 264, p. Dissertação mestrado em Letras. Universidade Federal S.João Del Rei, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance.** São Paulo: Unesp, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que É Educação?** (Coleção Primeiros Passos), Editora e Livraria Brasiliense - São Paulo. (2007).

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov (1994).

BRITO, Augusto César Luiz, CORRADI, Ana Laura. **Considerações Teóricas Conceituais Sobre Arquivos Pessoais.** Ponto de Acesso, Salvador, v.11, n.3, p.148-169, (2017).

BLOCH, Marc. **A história, os homens e o tempo.** In: Apologia da História ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 51-68.

BRUNER, Jerome S. **Atos de significação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 130p., 23cm. (Biblioteca Artes Médicas). Inclui índice.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular o uso de imagens como evidências históricas.** Traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos; São Paulo: Editora Unesp, digital 2017.

CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos.** In: Estudos Históricos. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. **Au sujet de la connotation.** In AA.V.V., Sémiotique et psychanalyse. Paris, U.G.E., 1975

CAMARGO, Ana. GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância:** a abordagem contextual dos arquivos pessoais. São Paulo: Instituto Fernando Henrique (iFHC). 2007. 316 p.

CAMASNIE, A. T. (2007). **Narrativa de histórias pessoais:** um caminho de compreensão de si mesmo a luz do pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica. (Dissertação de mestrado).

CERTAÚ, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forence Universitário, 1982.

CHADAREVIAN, Pedro. **Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)**. Política & Sociedade, Florianópolis, Volume II – Nº20, pp. 255-283, abril de 2012.

CHARTIER, Roger Guglielmo, **História da Leitura no mundo Ocidental**. São Paulo: Editora Ática, 1982. 248p.

DANTAS, Gerbet Santos dos. **História de Vida e Educação: Uma Perspectiva Formadora**.- Canedu - IV Congresso Nacional de Educação.2002.

DELORY- Momberger, Christine. Université Paris 13 Sorbonne Paris Cité- A Pesquisa Biográfica ou a Construção Compartilhada de Um Saber do Singular (2016).

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

DURKHEIM, David Emile (1977) A Família e um Corpo Social- Artigo.

DUSSEL, Enrique D. **1492: o encobrimento do outro : a origem do mito da modernidade : conferências de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 196p., il., 21 cm. ISBN 85-326-1045-5 (broch.).

EAKIN, Paul Jonh. **Vivendo autobiograficamente**: a construção da identidade na narrativa. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

FONTE, C. A. (2006). **A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados**. Psicologia teoria e prática. 8(2). pp. 123.131.

FRANÇA, Tereza Luiza de. Programa Recife Debate, Tema: A Presença da Mulher Negra na Universidade- Universidade Federal de PE, Centro de Ciências da Saúde, Depto.de Educação Física 2021. Recife. PE.

FRANKLIN, Cynthia G. **Ademic lives**: memoir, cultural theory, and the university today. The university of Georgia Press Athens & London, 2009.

FERRAROTTI, F. **Histoire et histoires de vie**. Préface de Georges Balandier, introduction de Antonella de Vicenti et Gaston Pineau. Paris: téraèdre, 2013a [1983].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 218p., 21cm. (O mundo, hoje, v.21).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. 80p., 18cm. (Polêmicas do nosso tempo, 4). ISBN 8524903082 (broch.).

GUNN, Janet Varner. **1982 Autobiography**: towards a poetics of experience. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

GUSDORT, Georges- (1948- 51-56) **La découverte de soi**. Paris, Presses Universitaires de France.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Edições Vértice. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JOSSO, Maria Christine. **Histórias de Vida e Formação: Suas Funcionalidades em Pesquisa, Formação e Práticas Sociais** - Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica, Salvador. v.05, n.13, p.40-54, jan. /abr. (2020).

KARNAL, Leandro, TATSCH Galli, Flavia. **A memória evanescente**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. O Historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2012, pp 9 - 26.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.167- 182.

MARQUES, Valéria, SATRIANO Cecília. **Narrativa Autobiográfica do Próprio Pesquisador como Fonte e Ferramenta da Pesquisa**, Linhas Críticas, vol. 23, num. 53, (2017).

MCKEMMISH, Sue. **Provas de mim... Novas considerações**. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, JoËlle. Heymann, Luciana; Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013. 284p.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Ed. Contexto (2010).

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral: caminhos e descaminhos**. s.n.t. mimeo.

NAKAYAMA, Barbara Cristina Moreira Sicarde. **Diálogos Entrecruzados, Grupos de Pesquisa, Narrativa e Pesquisa Formação: Modos de Narrar a Vida**.

NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Disponível em: >www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf>. Acesso em 24 set. 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. In: Educação. Porto Alegre, RS, V.34, n. 2, p.147- 156, maio/ago.2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição **Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico**. Roteiro, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 15 ago. 2021.

PIAGET, Jean. **Fases de Desenvolvimento Humano** (1999). Artigo- Jeisy Keli Schermann, Neiva Guimaraes Miranda, Valdilea Fabrício Gomes, Evani Luiza Fiori Zarth.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200- 212, 1992.

ROCHA, Gabriel dos Santos. **Os interesses marxistas e o debate sobre a questão racial no Brasil. (1919-1959):** Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista. Chapecó/SC: Ed. dos Autores (Coleção Marxismo 21), 2021, v. , p. 326-353.

SANTOS, Gerbet Dantas dos. **Histórias de Vida e Educação:** Uma Perspectiva Formadora. (2002)- Artigo Conedu- VI Congresso Nacional de Educação. Contato@conedu.com.br- www.conedu.br.

SANTOS, Paulo. **O Arquivo Pessoal, ciência e saúde Pública:** o Arquivo Rostan Soares entre laboratório, o campo e o gabinete. In: SILVA, Maria Celina; SANTOS, Paulo Elian. Arquivos Pessoais: História, preservação e Memória da Ciência. Rio de Janeiro: FAPERJ. 2012.191 p.

SARAIVA, Juracy Ignes Assmann, SCHEMES, Cláudia, ARAÚJO, Denize Castilhos de. **Memória e liminaridade entre discursos biográficos da História, do Jornalismo e da Literatura (2011).** DOI:10.5007/1984-8951v12n100p126. Artigo.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SILVA, Carla; SILVA, Rosani. **Arquivo Pessoal:** Fundo documental Neusa Carson. Revista Fragmentum. Santa Maria. n. 37, p. 31-41, 2013.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Tese Autobiográfica:** A Luz do Candeeiro e o Constructo do “EU” Fonte: Educação pela Arte, Ciência e Política- Recife, (2020).

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Os procedimentos para o Constructo do Eu Fonte A** Artigo. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica, Salvador. (2020).

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Histórias e Memórias da Educação em Pernambuco.** Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

SANTO, Agostinho. **Confissões.** São Paulo: Paulus, 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Luz e papel, realidade e imaginação:** as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Bento (org.) O Biográfico. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCHÜTZ, Alfred. **Der Sinnhafte Aufbau der sozialen Welt** [La construction sensée du monde social]. Frankfurt/ M.: Sunharkamp, 1981.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado:** historia oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 385p.